

ANA PAULA MELLO ALENCASTRO

**A ELISÃO EM DOIS PORTOS: EVIDÊNCIAS PARA A COMPARAÇÃO
ENTRE PB E PE**

Tese apresentada como requisito para a obtenção do título de Doutor, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Profa. Dra. Cláudia Regina Brescancini

Porto Alegre

2013

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Alencastro, Ana Paula Mello

A368e A elisão em dois portos : evidências para a comparação entre PB e PE /
Ana Paula Mello Alencastro. – Porto Alegre, 2013.
229 f. : il.

Ênfase em Linguística.

Orientadora: Cláudia Regina Brescancini.

Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2013.

1. Elisão. 2. Português Brasileiro. 3. Português Europeu. 4. Variação. 5. Prosódia. 6. Comparação. I. Brescancini, Cláudia Regina. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU (2007 / 2. ed.) 801.631.51

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às pessoas que passaram a iluminar a minha vida de outro plano no período em que o escrevi: minha amada avó, Cota; meu querido pai de coração, Zezé; e meu tio amigão, Adelmo. A vocês, que me amaram tanto e aos quais eu tanto amei.

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus por ter concluído este trabalho. Sou grata a Deus por ter colocado em meu caminho as melhores pessoas, com quem pude contar.

Meu agradecimento primeiro, e primeiro significa aqui mais relevante, é dedicado à minha orientadora Cláudia, que foi além de seu papel ao me oferecer conforto nos mais difíceis momentos. Obrigada por tudo que aprendi contigo nos mais de sete anos de convivência! Tens a minha admiração absoluta!

Ao meu pai, meu amigo, meu apoio incondicional, obrigada pelo orgulho que sentes! Foi muito bom descobri-lo neste período. Eu te amo!

À minha mãe meu agradecimento não é só pelo que vivi nestes anos de doutorado. Meu agradecimento é pela história que tua força de vontade me motivou a construir, pela importância que deste para o ensino e que sempre fizeste questão de que eu absorvesse. Sou grata por todos os anos de incentivo.

Minha mãe mais do que de coração, Tetê, e minha irmã Tita, o carinho de vocês é o mais tranquilo e seguro porto da minha vida. É o lugar para onde sei que sempre vou poder correr. Suas palavras e suas orações me ajudaram muito.

Aos meus irmãos, Dayo, Sandro, Rodrigo, Matheus e Lucas, mais uma vez, agradeço pela persistência que me ensinaram a ter durante a infância. Obrigada pela amizade e pelo carinho.

Ao Diogo, agradeço por todos os momentos que vivemos juntos nesse tempo. Por ter ido comigo ao Porto, pelo orgulho que sente, por estar sempre presente, por ter ajudado com os gráficos, por ter me desafiado a provar que minha linguística é tão importante quanto a engenharia que tão bem exerce.

Aos meus padrinhos Dora e Breno, pela presença constante e significativa.

À Paty e à Sandra, minhas amigas, por quem sempre me senti apoiada em um ambiente que, por muitas vezes, pareceu-me totalmente adverso, agradeço por todo o carinho, afago, atenção... A amizade que construímos é um bem de valor incalculável em minha vida.

Aos amigos que fiz em Portugal, agradeço por terem tornado tudo mais simples! Principalmente aos meus “irmãos” Lucas, Gustavo e Nathália, pois a jornada foi mais divertida com eles por perto.

Aos meus grandes amigos Carlos, Camila e Lúcia: que graça teria se não desviassem a minha atenção dos estudos? Que graça teria se, ao mesmo tempo, não me incentivassem tanto?

Ao Professor Hélio e à Katia, agradeço por terem apoiado os afastamentos que possibilitaram a conclusão de meu trabalho.

À minha amiga Susi, que sempre se dispôs a me ouvir e ajudar, que me deu apoio nos piores momentos e ainda ajudou com os testes de significância.

Às amigas e colegas Carla e Iva, muito obrigada pelo carinho e por me ajudarem sempre. À Cintia, por ter auxiliado com os critérios para a análise da taxa de elocução e por dividir as expectativas durante a realização do curso.

À minha pequena afilhada Isadora, que me trouxe os melhores momentos de alegria, que nasceu junto com o meu projeto para a seleção do doutorado e que, por seu desempenho inexplicável, fez com que eu me apaixonasse ainda mais pela ciência que estudo.

À Issa, pelo carinho, apoio, torcida...

Às primeiras parceiras acadêmicas, hoje grandes amigas, Claudia, Cris e Taís, por terem contribuído para que eu não abandonasse o curso de Letras e, conseqüentemente, tivesse tempo de descobrir a linguística. Obrigada, “bolachinhas”!

À professora Leda, por todos os ensinamentos, conversas, sugestões e aulas encantadoras durante minha trajetória acadêmica.

À professora Luciani Tenani, pelas valiosas contribuições durante a qualificação da tese.

Ao Centro de Linguística da Universidade do Porto, pela oportunidade de pesquisa na Instituição. Ao Professor João Veloso, pela acolhida e pelos ensinamentos.

Aos colegas do Porto, principalmente ao Sílvio, João António, Marta, Margarida e Clara, que me ajudaram a contatar informantes. Vocês são muito giros!

Às professoras Denise Hogetop e Valéria Monareto, por terem aceitado fazer parte da banca avaliadora e pela leitura atenciosa de meu trabalho.

Aos informantes que fizeram parte da minha amostra, à CAPES, pela bolsa concedida e ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, pela oportunidade de realizar a minha pesquisa.

RESUMO

O presente estudo trata do fenômeno de elisão das vogais /a/, /e/ e /o/ em fronteira vocabular na fala de Porto Alegre – RS, no Brasil, e do Porto, em Portugal, a partir de amostras coletadas através de entrevistas de experiência pessoal, com 24 informantes de cada uma das regiões supracitadas. Objetivou-se, além de descrever os processos nas duas variedades da língua portuguesa, comparar os resultados, obtidos a partir da mesma metodologia. Para tanto, a análise foi conduzida com o apoio teórico da Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 1986) e da Teoria da Variação (LABOV, 1972, 1994, 2001), possibilitando a investigação acerca da atuação de aspectos prosódicos, como a fronteira prosódica, o ritmo e a taxa de elocução, de aspectos segmentais e de aspectos sociais, como a faixa etária e o gênero. Os resultados oferecidos pelo exame estatístico, realizado através do programa Goldvarb, embora tenham revelado maior frequência de elisão no Porto com relação à frequência em Porto Alegre – destacando-se o processo de epêntese, que até o momento não havia sido descrito como regra de aplicação sistemática na variedade do Porto – apontaram as variáveis Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição, Tipo de Sequência, Fronteira Prosódica e Distância entre os Acentos como condicionadoras aos processos de elisão das vogais /a/, /e/ e /o/ em ambas as variedades. No que diz respeito à Qualidade Fonética da Segunda Posição, concluiu-se que há uma relação de dependência com o papel do acento da vogal em questão e que, quando átonas, todas as vogais constituem contextos favorecedores à aplicação da elisão. Já no que tange à variável Tipo de Sequência, tem-se como relevante a primeira posição, em que palavras funcionais acentuadas e palavras lexicais apresentaram comportamento favorecedor, e clíticos mostraram-se bloqueadores ao processo. A discussão sobre o papel da Fronteira Prosódica, sobre a qual a análise estatística revelou bloqueio quando o contexto ocorre em fronteira de frase entonacional, foi retomada junto ao resultado da verificação acústica, na qual foi possível constatar que, independente da fronteira em que está o contexto, a incidência de pausa é a principal responsável pela não aplicação da elisão. Ainda com relação à fronteira, discutiu-se a aplicação da Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 1986) para a classificação de estruturas provenientes de fala espontânea, visto que foi possível constatar rupturas em todas as fronteiras atestadas. O resultado referente à variável Distância entre os Acentos, a única em que se verificou resultado discordante entre as amostras de Porto Alegre e do Porto, encaminhou à discussão sobre o padrão rítmico do português brasileiro (PB) e do português europeu (PE), oferecendo indícios de que o primeiro apresenta um ritmo com tendência a silábico, enquanto o segundo apresenta um ritmo com tendência a acentual. A Taxa de Elocução, variável investigada a partir de verificação acústica, também ofereceu evidências para o ritmo silábico na variedade de Porto Alegre, por apresentar uma média mais baixa de sílabas por segundo entre seus falantes e a produção mais baixa de elisão, ao passo que à variedade do Porto foi atribuído o padrão acentual, associado à maior frequência de elisão e à taxa de elocução média mais elevada. A verificação da Taxa de Elocução permitiu, ainda, esclarecer a distinção entre os comportamentos das faixas etárias com relação à aplicação da elisão no Porto. Sobre a questão da unidade linguística entre as variedades brasileira e europeia da língua, conclui-se que o estudo oferece indícios para argumentar em favor de um único sistema, visto que o processo fonológico em estudo apresentou os mesmos condicionamentos para as amostras de Porto Alegre e do Porto, destacando-se o ritmo, assim como já sacramentado pela literatura em Linguística, como responsável pela principal distinção entre as duas variedades.

Palavras-chave: Elisão – Português Brasileiro – Português Europeu – Variação – Prosódia – Comparação

ABSTRACT

This study focuses on the process of elision of /a/, /e/ and /o/ at word boundaries in the speech of individuals from Porto Alegre-RS, Brazil and Porto, Portugal based on samples collected through personal experience interviews with 24 subjects from each of the places mentioned. The aim was not only to describe the process in both varieties but also to compare the results obtained with the same methodology. In order to do that, the analysis followed in light of Prosodic Phonology (NESPOR & VOGEL, 1986) and Variation Theory (LABOV, 1972) allowing the investigation of the action of prosodic aspects such as word boundaries, rhythm and speech rate, segmental aspects and social aspects like age and gender. Although the results of the statistical analysis run in Goldvarb have shown a higher frequency of elision in Porto compared to Porto Alegre- highlighting the epenthesis process that haven't been described as a systematic variable rule in Porto up to this moment - they indicated that the Phonetic Quality of the vowel in the Second Position, the Type of Sequence, Word Boundary and Word Stress Distance condition the elision process of vowels /a/, /e/ and /o/ in both varieties. Regarding the Phonetic Quality of the Second Position, we concluded that there is a dependency relation concerning the role of the stress of the target vowel and that, when unstressed, all vowels are favoring contexts for the application of elision. However, considering the variable Type of Sequence, the first position happened to be relevant. In this case, stressed function words as well as content words showed favoring behavior while clitics blocked the process. The statistical analysis revealed that the process is blocked in the context of intonational phrases. The discussion about the role of Prosodic Boundary was resumed taking the result of the acoustic analysis, which evidenced that the incidence of pause is the main cause of elision, regardless of the boundary in the context. Still considering the boundary, we also discussed the application of Prosodic Phonology (NESPOR & VOGEL, 1986) for classifying structures in spontaneous speech, once it was possible to find ruptures in all the boundaries tested. The result for the Word Stress Distance variable - the only one in which discrepancies between Porto Alegre and Porto were verified - led to the discussion on the rhythmic pattern of Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (EP). The evidences showed that the first one tends to a syllabic pattern, and the second one tends to a stress pattern. Speech rate, which was analyzed according to acoustic measures, also suggested a syllabic rhythm in the variety from Porto Alegre for pointing out the subjects' lower average of syllables per second and a lower production of elision. However, a stress pattern was attributed to the variety from Porto due to the higher frequency of elision and higher average rate of speech. Testing Speech Rate also made it possible to establish the distinction between age groups concerning the application of elision in Porto. With regards to the linguistic unity of Brazilian and European varieties, it could be argued that there is one system only, as the phonological process in question demonstrated the same conditioning for both samples, highlighting rhythm, which has already been asserted in literature as responsible for the main differences between those varieties.

Keywords: Elision – Brazilian Portuguese – European Portuguese – Variation – Prosody – Comparison

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Triângulo Acústico das Vogais Orais Tônicas do PE.....	33
Figura 2 – Localização do Rio Grande do Sul no Mapa do Brasil.....	79
Figura 3 – Mapa de Portugal.....	81
Figura 4 – Contagem das Sílabas para a Verificação da Taxa de Elocução.....	102
Figura 5 – Verificação da Pausa em Fronteira Prosódica.....	103

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Elisão da vogal /a/ em Porto Alegre (PB): Frequência Global.....	110
Gráfico 2 – Elisão da Vogal /e/ em Porto Alegre (PB): Frequência Global.....	123
Gráfico 3 – Elisão da Vogal /e/ em Porto Alegre (PB): Amostra (1990) e Amostra (2011).....	124
Gráfico 4 – Elisão da Vogal /o/ Porto Alegre (PB): Frequência Global.....	135
Gráfico 5 – Elisão da Vogal /o/ em Porto Alegre (PB): Amostra (1990) e Amostra (2011).....	136
Gráfico 6 – Elisão da Vogal /a/ no Porto (PE): Frequência Global.....	148
Gráfico 7 – Elisão da Vogal /a/ no Porto (PE): Faixa Etária.....	163
Gráfico 8 – Elisão da Vogal /a/ no Porto (PE): Análise por Indivíduos.....	164
Gráfico 9 – Elisão da Vogal /e/ no Porto (PE): Frequência Global.....	168
Gráfico 10 – Elisão da Vogal /e/ no Porto (PE): Faixa Etária.....	180
Gráfico 11 – Elisão da Vogal /e/ no Porto (PE): Aplicação por Indivíduos.....	181
Gráfico 12 – Elisão da vogal /o/ no Porto (PE): Frequência Global.....	182
Gráfico 13 – Elisão da vogal /o/ no Porto (PE): Faixa Etária.....	195
Gráfico 14 – Elisão da vogal /o/ no Porto (PE): Análise por indivíduo.....	196

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Diferenças lexicais entre PB e PE.....	24
Quadro 2 – Constituição da Amostra da Entrevista de Experiência Pessoal.....	84
Quadro 3 – Constituição da Amostra para a verificação da Taxa de Elocução.....	101
Quadro 4 – Elisão da Vogal /a/ em Porto Alegre (PB): Tipo de Sequência e Distância entre os Acentos.....	112
Quadro 5 – Elisão da Vogal /e/ em Porto Alegre (PB): Tipo de Sequência e Distância entre os Acentos.....	125
Quadro 6 – Elisão da Vogal /o/ em Porto Alegre (PB): Tipo de Sequência e Distância entre os Acentos.....	138
Quadro 7 – Elisão da Vogal /a/ no Porto (PE): Tipo de Sequência e Distância entre os Acentos.....	151
Quadro 8 – Elisão da Vogal /e/ no Porto (PE): Tipo de Sequência e Distância entre os Acentos.....	170
Quadro 9 – Elisão da Vogal /o/ no Porto (PE): Tipo de Sequência e Distância entre os Acentos.....	183

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Elisão da vogal /a/ em Fronteira de Vocábulo em Porto Alegre - RS (PB): Fronteira Prosódica.....	115
Tabela 2 – Elisão da Vogal /a/ Porto Alegre - RS (PB): Qualidade da Vogal em Segunda Posição.....	117
Tabela 3 – Elisão da vogal /a/ em Porto Alegre - RS (PB): Cruzamento entre a variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição e a indicação de Acento da Vogal em Segunda Posição.....	119
Tabela 4 – Elisão da Vogal /a/ em Porto Alegre (PB): Distância entre os Acentos.....	120
Tabela 5 – Elisão da Vogal /a/ em Porto Alegre (PB): Tipo de Sequência.....	121
Tabela 6 – Elisão da Vogal /e/ em Porto Alegre – RS (PB): Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição.....	128
Tabela 7 – Elisão da vogal /e/ em Porto Alegre - RS (PB): Cruzamento entre a variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição e a indicação de Acento da Vogal em Segunda Posição.....	129
Tabela 8 – Elisão da Vogal /o/ em Porto Alegre – RS (PB): Distância entre os Acentos.....	131
Tabela 9 – Elisão da vogal /e/ em Porto Alegre – RS (PB): Fronteira Prosódica.....	132
Tabela 10 – Elisão da Vogal /e/ em Porto Alegre (PB): Tipo de Sequência.....	134
Tabela 11 – Elisão da Vogal /o/ Porto Alegre – RS (PB): Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição.....	140
Tabela 12 – Elisão da vogal /o/ em Porto Alegre - RS (PB): Cruzamento entre a variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição e a indicação de Acento da Vogal em Segunda Posição.....	141
Tabela 13 – Elisão da Vogal /o/ em Porto Alegre - RS (PB): Distância entre os Acentos.....	142
Tabela 14 – Elisão da vogal /o/ em Porto Alegre - RS (PB): Fronteira Prosódica.....	144
Tabela 15 – Elisão da Vogal /o/ em Porto Alegre - RS (PB): Tipo de Sequência.....	146
Tabela 16 – Elisão da Vogal /a/ no Porto (PE): Qualidade da Vogal em Segunda Posição.....	155
Tabela 17 – Elisão da vogal /a/ no Porto (PE): Cruzamento entre as variáveis Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição e Acento da Vogal em Segunda Posição.....	156
Tabela 18 – Elisão da vogal /a/ no Porto (PE): Fronteira Prosódica.....	158
Tabela 19 – Elisão da Vogal /a/ no Porto (PE): Distância entre os Acentos.....	159
Tabela 20 – Elisão da Vogal /a/ no Porto (PE): Tipo de Sequência.....	161

Tabela 21 – Elisão da vogal /a/ no Porto (PE): Faixa Etária.....	162
Tabela 22 – Elisão da Vogal /e/ no Porto (PE): Fronteira Prosódica.....	173
Tabela 23 – Elisão da Vogal /e/ no Porto (PE): Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição.....	174
Tabela 24 – Elisão da vogal /e/ no Porto (PE): Cruzamento entre as variáveis Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição e Acento da Vogal em Segunda Posição.....	175
Tabela 25 – Elisão da Vogal /e/ no Porto (PE): Tipo de Sequência.....	177
Tabela 26 – Elisão da vogal /e/ no Porto (PE): Distância entre os Acentos.....	179
Tabela 27 – Elisão da vogal /e/ no Porto (PE): Faixa Etária.....	180
Tabela 28 – Elisão da Vogal /o/ no Porto (PE): Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição.....	187
Tabela 29 – Elisão da vogal /o/ no Porto (PE): Cruzamento entre as variáveis Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição e Acento da Vogal em Segunda Posição.....	188
Tabela 30 – Apagamento da vogal /o/ em Fronteira de Vocábulo no Porto (PE): Fronteira Prosódica.....	190
Tabela 31 – Elisão da Vogal /o/ no Porto (PE): Tipo de Sequência.....	192
Tabela 32 – Elisão da vogal /o/ no Porto: Distância entre os Acentos.....	194
Tabela 33 – Elisão da vogal /o/ no Porto: Faixa Etária.....	195
Tabela 34 – Taxa de Elocução dos Informantes de Porto Alegre – RS (PB).....	200
Tabela 35 – Taxa de Elocução dos Informantes do Porto (PE).....	201
Tabela 36 – Taxa de Elocução Média por Faixa Etária no Porto (PE).....	201
Tabela 37 – Taxa de Elocução dos Informantes do Porto (PE) com Comportamento Distinto à Faixa Etária.....	204
Tabela 38 – Taxa de Elocução dos Informantes e Taxa de Elocução Média da Faixa Etária – Porto (PE).....	204
Tabela 39 – Teste de Diferenças <i>T</i> para Amostras Independentes.....	205
Tabela 40 – Realização das Fronteiras Prosódicas em Porto Alegre (PB): Incidência de Pausa.....	208
Tabela 41 – Fronteiras, Incidência de Pausa e a Elisão em Porto Alegre (PB).....	209
Tabela 42 – Realização das Fronteiras Prosódicas no Porto (PE): Incidência de Pausa.....	210
Tabela 43 – Fronteiras, Incidência de Pausa e a Elisão no Porto (PE).....	213

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 A HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DO PB.....	16
1.1 AS DIFERENÇAS ENTRE PB E PE: A UNIDADE NA DIVERSIDADE.....	22
1.2.1 Nível Lexical.....	22
1.2.2 Nível sintático.....	24
1.3 O PROCESSO DE ELISÃO E A COMPARAÇÃO ENTRE PB E PE.....	26
2 AS VOGAIS NO PORTUGUÊS: ASPECTOS FONOLÓGICOS E FONÉTICOS	28
2.1 ASPECTOS FONOLÓGICOS DO SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS.....	28
2.2 ASPECTOS FONÉTICOS.....	33
2.2.1 Distinções fonéticas entre PB e PE em posição acentuada.....	33
2.2.2 Distinções fonéticas entre PB e PE em posições átonas.....	34
2.3 A ELISÃO.....	36
2.3.1 Restrições e motivações para a aplicação da Elisão.....	41
3 ASPECTOS PROSÓDICOS E A REGRA DA ELISÃO	44
3.1 FONOLOGIA PROSÓDICA.....	44
3.1.1 Nespor e Vogel (1986): previsão das estruturas prosódicas.....	46
3.2 CONSIDERAÇÕES PROSÓDICAS SOBRE A ELISÃO.....	49
3.2.1 O papel da fronteira prosódica para a aplicação da regra de elisão.....	50
3.2.1.1 Considerações a partir do PB.....	50
3.2.1.2 Considerações a partir do PE.....	54
3.2.2 Previsão e Realização de Fronteiras Prosódicas na Fala Espontânea.....	55
3.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O RITMO EM PB E PE.....	57
3.3.1 Taxa de Elocução e o Ritmo no Português.....	59
4 A VARIAÇÃO E A ELISÃO NO PORTUGUÊS	63
4.1 VARIAÇÃO: HISTÓRIA E PRESSUPOSTOS.....	63
4.2 A ELISÃO À LUZ DA TEORIA DA VARIAÇÃO.....	67
4.2.1 A Elisão de /a/ e Seus Condicionamentos.....	68
4.2.2 A Elisão de /e/ e Seus Condicionamentos.....	73
4.2.3 A Elisão de /o/ e Seus Condicionamentos.....	75
5 METODOLOGIA	78
5.1 REGIÕES.....	79
5.1.1 Porto Alegre.....	79
5.1.2 Porto.....	81
5.2 CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA.....	82
5.2.1 A Entrevista de Experiência Pessoal.....	82
5.3 VARIÁVEIS.....	85
5.3.1 Variáveis Dependentes.....	85
5.3.2 Variáveis Independentes.....	88
5.3.2.1 Variáveis Linguísticas.....	88
5.3.2.2 Variáveis Extralinguísticas.....	98

5.3 TAXA DE ELOCUÇÃO E REALIZAÇÃO DA FRONTEIRA PROSÓDICA PREVISTA.....	100
5.3.1 Taxa de Elocução.....	100
5.3.2 Realização da Fronteira Prosódica Prevista.....	103
5.4 VARIÁVEIS CONTROLE.....	104
5.4.1 Acento da Vogal em Segunda Posição.....	104
5.4.2 Informante.....	105
5.5 INSTRUMENTO DE ANÁLISE.....	106
5.5.1 A Análise Estatística e o GOLDVARB X.....	106
5.5.2 Análise Estatística.....	107
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	109
6.1 DESCRIÇÃO DA ANÁLISE ESTATÍSTICA DE ELISÃO DE /a/ EM PORTO ALEGRE (PB).....	109
6.1.1 Frequência Global.....	109
6.1.2 Seleção de Variáveis.....	111
6.1.2.1 Primeira Rodada.....	113
6.1.2.2 Segunda Rodada.....	114
6.1.3 Condicionamentos à elisão de /a/ em Porto Alegre: resultados estatísticos.....	114
6.1.3.1 Fronteira Prosódica.....	115
6.1.3.2 Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição.....	116
6.1.3.2 Distância entre os Acentos.....	120
6.1.3.4 Tipo de Sequência.....	121
6.2 DESCRIÇÃO DA ANÁLISE ESTATÍSTICA DA ELISÃO DE /e/ EM PORTO ALEGRE (PB).....	123
6.2.1 Frequência Global.....	123
6.2.2 Seleção de Variáveis.....	125
6.2.2.1 Primeira Rodada.....	126
6.2.2.2 Segunda Rodada.....	126
6.2.3 Condicionamentos à Elisão de /e/ em Porto Alegre (PB): resultados estatísticos.....	127
6.2.3.1 Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição.....	127
6.2.3.2 Distância entre os Acentos.....	130
6.2.3.3 Fronteira Prosódica.....	131
6.2.3.4 Tipo de Sequência.....	133
6.3 DESCRIÇÃO DA ANÁLISE ESTATÍSTICA DA ELISÃO DE /o/ EM PORTO ALEGRE (PB).....	135
6.3.1 Frequência Global.....	135
6.3.2 Seleção de Variáveis.....	137
6.3.2.1 Primeira Rodada.....	138
6.3.2.2 Segunda Rodada.....	139
6.3.3 Condicionamentos à Elisão de /o/ em Porto Alegre: resultados estatísticos.....	140
6.3.3.1 Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição.....	140
6.3.3.2 Distância entre os Acentos.....	142
6.3.3.3 Fronteira Prosódica.....	143
6.3.3.4 Tipo de Sequência.....	145
6.3.4 Encaminhamentos à análise final.....	147
6.4 DESCRIÇÃO DA ANÁLISE ESTATÍSTICA DA ELISÃO DE /a/ NO PORTO (PE).....	148
6.4.1 Frequência Global.....	148

6.4.2 Seleção de Variáveis	150
6.4.2.1 Primeira Rodada.....	152
6.4.2.1 Segunda Rodada.....	153
6.4.3 Elisão da vogal /a/ no Porto (PE): apresentação e discussão dos resultados	153
6.4.3.1 Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição.....	154
6.4.3.2 Fronteira Prosódica.....	157
6.4.3.3 Distância entre os Acentos.....	159
6.4.3.4 Tipo de Sequência.....	160
6.4.3.5 Faixa Etária.....	162
6.5 DESCRIÇÃO DA ANÁLISE ESTATÍSTICA DA ELISÃO DA VOGAL /e/ NO PORTO (PE)	168
6.5.1 Frequência Global	168
6.5.2 Seleção de Variáveis	169
6.5.2.1 Primeira Rodada.....	171
6.5.2.2 Segunda Rodada.....	171
6.5.3 Condicionamentos à Elisão de /e/ no Porto (PE): resultados estatísticos	172
6.5.3.1 Fronteira Prosódica.....	172
6.5.3.2 Qualidade da Fonética da Vogal em Segunda Posição.....	173
6.5.3.3 Tipo de Sequência.....	176
6.5.3.4 Distância entre os Acentos.....	178
6.5.3.5 Faixa Etária.....	179
6.6 DESCRIÇÃO DA ANÁLISE ESTATÍSTICA DA ELISÃO DA VOGAL /o/ NO PORTO (PE)	182
6.6.1 Frequência Global.....	182
6.6.2 Seleção de Variáveis	183
6.6.2.1 Primeira Rodada.....	185
6.6.2.1 Segunda Rodada.....	185
6.6.3 Condicionamentos à Elisão de /o/ em Porto Alegre (PB): resultados estatísticos	186
6.6.3.1 Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição.....	186
6.6.3.2 Fronteira Prosódica.....	180
6.6.3.3 Tipo de Sequência.....	191
6.6.3.4 Distância entre os Acentos.....	193
6.6.3.5 Faixa Etária.....	194
6.6.4 Encaminhamentos à Análise Final	197
6.7 CONDICIONAMENTOS: ANÁLISE FINAL	198
6.7.1 Taxa de Elocução	199
6.7.2 Fronteira Prosódica: Previsão e Realização	206
6.7.3 Distância Entre os Acentos: Evidência Rítmica	211
CONCLUSÃO	214
REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS	218
ANEXOS	226

INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende apontar, a partir da análise do fenômeno de elisão de vogais em fronteira de vocábulos, evidências fonológicas para a comparação entre as variedades brasileira e europeia da língua portuguesa - doravante PB e PE -, aqui representadas, respectivamente, por amostras de fala espontânea coletadas em Porto Alegre – RS, no Brasil, e no Porto¹, em Portugal.

A análise do fenômeno de sândi externo de elisão, que considera o apagamento da vogal final de um vocábulo em primeira posição diante de vogal de qualidade fonética distinta inicial do vocábulo subsequente, para a comparação entre as duas variedades supracitadas justifica-se pela relevância do condicionamento de aspectos rítmicos ao processo e, conseqüentemente, à hipótese principal desta tese, fundamentada na literatura (ABAURRE, 1981; VIGÁRIO e FROTA, 2000), de que as principais distinções entre PB e PE estão relacionadas aos aspectos que evidenciam o ritmo da língua.

Os dados coletados serão tratados à luz da Teoria da Variação (LABOV, 1972, 2001), a partir da qual será possível descrever o fenômeno de elisão em uma amostra representativa de PE, preenchendo uma lacuna existente na literatura sobre o assunto, e comparar sistematicamente os resultados obtidos para cada uma das amostras em estudo, não só no que tange à frequência da aplicação de elisão, como também com relação aos condicionamentos. A Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 1986) será tomada como base para a discussão sobre as estruturas e condicionamentos prosódicos envolvidos no processo.

A fim de introduzir a discussão sobre diferenças entre PB e PE, e sua relação com o processo de elisão, a seção 1.1 apresenta as considerações históricas sobre a formação do português brasileiro, a seção 1.2 trata das diferenças entre as variedades em foco e a seção 1.3 introduz a discussão sobre a possível relação entre o estudo da elisão e a comparação entre PB e PE.

1.1 A HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DO PB

É de conhecimento comum que, antes da chegada dos colonizadores portugueses, o Brasil era um país indígena e de línguas indígenas. Os primeiros portugueses que em terras brasileiras ficaram o fizeram, conforme a carta de Pero Vaz de Caminha, para aprender a

¹ Projeto registrado no Comitê de Ética da PUCRS sob o número 12/06757 e aprovado pelo ofício 312/12 do mesmo comitê.

língua do povo que aqui habitava e, assim, convertê-lo. Entretanto, como salienta Mattos e Silva (2004, p. 14), iniciou-se a “trajetória dizimada” dos índios brasileiros e de suas línguas.

Muito diferente da situação em Portugal, onde o português era uma “língua nacional unificada”, no território descoberto havia um grande número de línguas que, apesar da mesma base cultural, eram caracterizadas, cada uma delas, por especificidades provenientes de relações linguísticas e culturais estabelecidas pelos falantes pertencentes a grupos menores (Houaiss, 1985, p. 46 - 47). As línguas identificavam-se, pois, em grupos maiores, relacionados ao tronco comum do qual teriam se originado. Cientes de que a catequese não ocorreria em língua portuguesa, e frente ao que Houaiss (1985, p. 47) denominou como “unidade na diversidade”, jesuítas utilizaram-se de seus conhecimentos linguísticos aprimorados pelo estudo do latim para tomar conhecimento da língua do povo.

Após os jesuítas aprenderem as línguas indígenas como instrumento de catequização e, por conseguinte, de dominação, foi criada uma língua de base Tupi, com o objetivo de unificar os falares da colônia: a *língua geral*. A nova língua foi ensinada aos índios pelos jesuítas, que a consideravam de mais fácil compreensão, e utilizada como principal instrumento de comunicação.

O sucesso da língua geral como possibilidade de interação social atribuía poder aos jesuítas sobre os negros e índios que aprenderam a língua, deixando incomodado o governo português, interessado em subtrair esse poder. Foi a partir de então, no século XVIII, que o povo foi obrigado a aprender a língua portuguesa, fato que mudou a trajetória linguística do país, que poderia ser uma nação de língua majoritária indígena.

Além dos aspectos que refletem o desejo de poder da classe dominadora, há, segundo Mattos e Silva (2004, p. 21), outros fatores que favoreceram o ideal de homogeneização em direção ao português. No século XIX, por exemplo, há dois fatos a se ressaltar dentre os que favoreceram a disseminação da língua portuguesa, a saber: a presença da corte portuguesa no Rio de Janeiro a partir de 1808, e a independência da então colônia, que tornou o ensino universal e obrigatório a partir da Constituição de 1823. Tomando a variedade brasileira da língua, cabe considerar que foi o ensino obrigatório o desencadeador da imposição da norma linguística com tendência à padronização baseada na variedade linguística da “elite brasileira”.

Dados os pressupostos históricos que consideram fatores como as presenças simultâneas de línguas indígenas, africanas e portuguesa no Brasil, as questões envolvidas nesse cenário encaminham à discussão sobre um dos objetivos desta tese, a comparação entre o português brasileiro e o português europeu, doravante PB e PE. Para tanto, deve ser

considerada ainda a colonização do território brasileiro, mais especificamente nas regiões Sul e Sudeste, por imigrantes de países como Itália, Alemanha e Polônia, que trouxeram sua cultura, possibilitando que o PB fosse formado em um meio de contato linguístico. Assim, Mattos e Silva (1986, p. 76) ressalta que a história da diversidade do PB depende da reconstrução de outras histórias, visto que é uma língua nascida não só do encontro da língua de negros, índios e portugueses, como também de outras línguas que aqui chegaram e que, por “razões sócio-históricas e linguísticas, se entrecruzaram e entrecruzam”.

Ao se considerar o panorama descrito, a discussão sobre a história, a difusão e a implementação da língua portuguesa no Brasil depende do conhecimento sobre o processo de contato sócio-histórico e linguístico entre a língua portuguesa e as demais línguas. Ainda na perspectiva da influência, principalmente de línguas indígenas e africanas, tal proposta considera que os traços característicos do PB se definem e emergem da interação entre variantes com marcas indígenas, africanizadas e aportuguesadas.

Ao encontro da proposta acima exposta, Lucchesi (2001, p.101) acredita que a situação de aprendizado do português por índios e escravos tenha sido influente na formação do português brasileiro e motivado o seu distanciamento do PE. Sua posição é de que a aquisição de oitiva, que ocorreu em momentos socialmente críticos, com precariedade de condições e pressão ideológica, tenha sido o modelo referencial para a “nativização” do português entre os descendentes de escravos, sejam eles oriundos de relações entre escravos de etnias diversas ou de relações entre escravos e colonizadores. É esse o argumento para se defender a hipótese de que os primeiros séculos de história do Brasil propiciaram a ocorrência de processos de mudanças sob a influência do crioulo², ou seja, mudanças “crioulizantes”, resultantes de uma nativização da língua baseada em um modelo de português adquirido precariamente como segunda língua por esses escravos.

Ainda que tenha a criouliização como principal argumento para as diferenças entre PB e PE, a proposta de Lucchesi (2001, p.102) apresenta um aspecto interessante mesmo aos estudos sociolinguísticos que não consideram a influência de um crioulo. Conforme o autor, além da criouliização, há outra abordagem que deve ser considerada para a discussão sobre a formação linguística do Brasil, e que cabe às direções pelas quais tem se desenvolvido o PB, a saber: a sociedade brasileira se organizava, como ainda hoje se organiza, em centros urbanos e interior do país.

² O crioulo é um estágio linguístico natural que resulta da mistura de duas línguas distintas. Durante a colonização, o crioulo foi resultado do contato linguístico entre os falantes portugueses e os falantes de línguas indígenas e africanas (HOLM, 1992, p. 40).

Conforme Lucchesi (2001, p. 102), a sociedade brasileira da época já se organizava em comunidades nos pequenos centros urbanos e no interior do país. Nos centros urbanos, em que estavam os órgãos da administração colonial e que se mantinham sob forte influência da metrópole, vivia a “elite colonial”. Zelosa pelos valores europeus e, portanto, preocupada em manter a cultura lusitana, a sociedade desses centros primava pela norma europeia da língua, mantendo, mesmo após a independência, a exigência de que fossem portugueses os professores de Língua Portuguesa nas escolas. Por outro lado, a maior parte da população habitava o interior do país, para onde a língua era levada pelos colonos mais pobres, cuja fala Lucchesi (2001, p.102) denomina como “rude e plebeia”, e onde a língua portuguesa estava em imposição, concorrendo ainda com a língua geral.

Dado o fato apontado pela proposta supracitada, pode-se concluir que, assim como no PB falado na atualidade, no período colonial a variedade falada no interior e a variedade falada na metrópole eram distintas. Além disso, a influência dos padrões linguísticos urbanos a partir dos meios de comunicação, privilégio da elite, demorou a atingir a população menos escolarizada, fato que estabelece um panorama do caminho percorrido pelo padrão europeu do português por territórios brasileiros. Se, para Lucchesi (2001, p. 106), esse é um argumento a favor da influência do crioulo, para o ponto de vista adotado nesta pesquisa, é um argumento que se adapta à situação geral das línguas, que adquirem características específicas a partir dos aspectos culturais e sociais sob os quais se desenvolvem.

Ainda com relação à hipótese da criouliização, a partir dos argumentos oferecidos por Mattos e Silva (2001) e Lucchesi (2001), cabe questionar: estariam, então, as diferenças entre PB e PE diretamente relacionadas às influências das línguas indígenas e africanas? Embora possam ter contribuído para a formação do português no Brasil, não há evidências suficientes para sustentar a afirmação de que a língua portuguesa aqui falada distinga-se do correlato lusitano com relação às influências do contato com línguas indígenas ou africanas. Não há herança aparente em nosso sistema linguístico, visto que, segundo Naro e Scherre (2007), a sintaxe e a fonologia dessas línguas muito se diferem do PB, bem como seus aspectos morfológicos.

Conforme Naro e Scherre (2007, p. 28), são poucas as evidências documentárias sobre o português ou outras línguas quando faladas por africanos no Brasil. Além disso, não são esses documentos transmissores de suspeitas de que a língua portuguesa falada pelos brasileiros descendentes dos primeiros africanos que aqui habitaram apresentasse diferenças com relação à fala de outros brasileiros com origens étnicas diversificadas. Assim, a

perspectiva sob a qual se deve analisar a história linguística do PB é de uma comunidade em que os grupos linguísticos se influenciavam no que diz respeito ao aprendizado da língua.

O posicionamento de Naro e Scherre (2007) corrobora a posição de Silva Neto (1992), que vai além ao afirmar sobre o desejo de reconhecimento de uma língua brasileira:

Tem-se sempre exagerado a influência indígena e africana no Português do Brasil. Razões psicológicas explicam-no parcialmente: ou o desejo de exaltar a riqueza do nosso vocabulário, ou a vontade veemente de demonstrar a diferença extrema que resultaria no reconhecimento de uma língua brasileira. Acrescente-se a isso a falta de preparo linguístico revelado por muitos autores e ter-se-á a explicação de muitas afirmações incompatíveis com os fatos. (SILVA NETO, 1992, p. 593)

Ainda em discussão sobre os caminhos que levaram à variação entre PB e PE, cabe recorrer à proposta de Castilho (2007, p.13), que destaca três teses nas quais se concentraram as pesquisas linguísticas: i) tese da ancianidade de nossa língua, em que o PB é uma continuação do português arcaico, tendo sofrido algumas alterações; ii) tese da emergência de uma nova gramática do português, segundo a qual o PB passou, a partir do século XIX, a construir uma nova gramática; iii) tese crioulista, já defendida por Luchesi (2001), para a qual as características do PB são resultantes de um período de falares crioulos e semicrioulos de base africana.

É com base na primeira tese, a ancianidade, que Naro e Scherre (2007) encaminharam suas pesquisas sobre as origens do PB, afirmando que “não se conseguiu identificar nenhuma característica no português do Brasil que não tenha um ancestral claro em Portugal.” Tal afirmação é corroborada pela discussão do estudo de Leite de Vasconcellos (1970 [1901], p. 92), em que o autor afirma não encontrar em PB formas de elevação de vogais átonas mediais, como em pequeno ~ p[i]queno, recorrentes em registros de PE. A regra variável formada pela competição entre [e] e [i] no mesmo contexto já foi, entretanto, registrada na literatura sobre o PB contemporâneo (KLUNCK, 2007; CRUZ, 2010; BISOL, 2013, entre outros), enquanto em estudos sobre o PE contemporâneo há registros de desvozeamento, supressão e centralização da vogal [i] como concorrentes da elevação (RODRIGUES, 2000). Entende-se, pois, que o surgimento de novas formas em competição no ambiente em que se espera o alçamento da vogal em PE e a elevação no PB atual sejam indícios de que a tese da ancianidade é provável e de que pode esclarecer aspectos que salientam as distinções entre PB e PE.

Seguindo a discussão sobre a variação da concordância a partir da tese da ancianidade, Naro e Scherre (2007) refutam a tese da “africanização”, afirmando que a perda parcial ou total dos mecanismos de concordância no Brasil – cuja ocorrência Coelho (1967) e Guy (1989) relacionam à origem africana - é de origem portuguesa. Conforme os autores, é

possível que a língua portuguesa trazida pelos lusitanos já carregasse o “embrião” de um novo sistema, fato que pode ser explicado pela deriva das línguas românicas, direcionada à padronização da morfologia e caracterizada pela sobrevivência das formas “mais salientes”.

São registrados, por exemplo, casos em que o plural é reduzido de *comem* ([‘komẽj]) para uma produção *come* ([‘komɪ]), processo variável que, conforme a proposta (Naro e Scherre, 2007, p. 32), é puramente fonológico, pois consiste na perda da nasalidade da vogal átona final, também recorrente em formas nominais, como *garagem* ([ga’raʒɪ]), *homem* ([‘omɪ]) e *virgem* ([‘virʒɪ]). Já com relação às formas como *comeram* ([ko’merẽw ~ ko’merũ ~ ko’meru]), quando substituídas por *comeu* ([ko’mew]), há a troca de uma desinência e o fenômeno deixa de ser fonológico.

O fato mais interessante para a discussão acerca da concordância verbal é a hipótese de que realizações variáveis do tipo *comem ~ com[ɪ]* são as mais frequentes na redução da concordância, ao passo que as regras de redução morfológica, associadas à aplicação da redução fonológica, ocorrem com menor frequência e são admitidas pela língua apenas após o surgimento de processos como a desnasalização. Assim, considerando a desnasalização como a primeira etapa da redução da concordância, encontra-se uma origem europeia para o processo, visto que há registro de formas como *virgem* ([‘virʒɪ]) e *vertem* ([‘verti]) (LEITE DE VASCONCELLOS, 1987, p. 87) em variedades do centro e do norte de Portugal.

A origem europeia para as variações do PB foi defendida por Naro e Scherre (2007, p.33) com mais um argumento, relacionado à concordância nominal. Foram encontradas em PE evidências de enfraquecimento do –s final de forma geral e, em casos mais específicos, de supressão da consoante que marca o plural. Tais evidências também foram registradas nas variedades do centro e do norte de Portugal por Leite de Vasconcellos (1987, p. 97-98). Assim:

A língua portuguesa falada em Portugal antes da colonização do Brasil já possuía uma deriva secular que a impulsionava ao longo de um vetor de desenvolvimento....No Brasil, este vetor se encontrou com outras forças que reforçavam e expandiam a direção original (NARO e SCHERRE, 2007: p. 47).

A justificativa oferecida por Naro e Scherre (2007), com base em estudos sobre a concordância, para as diferenças existentes é de que houve, no PB, uma ruptura da norma da comunidade de fala com a nativização da língua, permitindo mais liberdade para a expansão da variação.

O levantamento bibliográfico sobre os estudos de variação no PE não permite a realização de afirmações sobre as questões apontadas por Naro e Scherre (2007) com relação

à concordância no PB. Não é possível refutar a existência de variação na aplicação da concordância na variedade europeia da língua por ausência de estudos sob a mesma perspectiva de análise. A pesquisa neste campo é, pois, uma lacuna existente no que tange à possibilidade de comparação entre as duas variedades.

Por ora, cabe tomar para reflexão a posição de Tarallo (1993, p. 59-60):

“O PB é, pois, o resultado da alteração do PE em contato (e esta palavra é crucial aqui) com diferentes grupos étnicos e diferentes línguas, uma situação que não leva necessariamente à crioulização, mas simplesmente à diferenciação dialetal... A presença contínua e duradoura da tradição literária portuguesa no Brasil e a rigidez da língua escrita padrão têm mantido os dois dialetos muito próximos por todos esses séculos. Temos trabalhado em busca de uma melhor compreensão do grau de diferença entre as duas gramáticas (TARALLO, 1993, p. 59-60)”.

A seção 1.1 aborda as diferenças entre PB e PE levantadas em estudos sintáticos, morfológicos e semânticos. As distinções fonéticas, mais especificamente no que diz respeito às vogais, serão tratadas no Capítulo 2.

1.2 AS DIFERENÇAS ENTRE PB E PE: A UNIDADE NA DIVERSIDADE

É possível identificar entre PB e PE diferenças com relação ao nível fonético, ao nível lexical e ao nível sintático. Além das questões relacionadas à concordância, que estão entre as mais discutidas e já associadas por Naro e Scherre (2000, 2003, 2007) às características do PE não-padrão, há pesquisas direcionadas ao estudo de ênclise e próclise (GALVES, 1994), às distinções do sistema vocálico átono (CÂMARA JR., 1970) e aos contrastes lexicais para o mesmo referente (WITTMANN, PÊGO e SANTOS, 1995). Para introduzir a proposta relacionada à variação, a comparação que segue abordará estudos referentes aos níveis lexical e sintático.

1.2.1 Nível Lexical

Conforme Wittmann, Pêgo e Santos (1995), os contrastes atribuídos ao nível lexical são associados à palavra morfológica e podem abranger desde aspectos meramente ortográficos até sentido e conotações. A realização de pesquisas neste campo considera a linguagem de uso corrente, e a frequência desse uso, para a obtenção de descrição contrastiva fiel à realidade. São considerados, pois, além das formas incomuns entre as variedades da língua, as formas cujo uso é distinto com relação à frequência.

O mais interessante para a análise contrastiva é a abordagem relacionada às palavras diferentes para o mesmo referente. Um exemplo comum é estabelecido pelo uso das formas *autocarro* (PE) e *ônibus* (PB). A distinção entre termos utilizados para o mesmo referente poderia causar um problema de comunicação e ser um indicativo para argumentar que PB e PE estão em direções contrárias de mudança, encaminhando-se para a concretização de sistemas diferentes, visto que a palavra *ônibus* não é utilizada em PE, bem como *autocarro* não ocorre em PB.

Há, entretanto, um contra-argumento para a afirmação de que não há mais unidade linguística entre PB e PE. Os falantes de PE, em contato com a forma distinta, são capazes de identificar a distinção e relacionar os significados, bem como fazem os falantes de PB em contato com um item do tipo *autocarro*³⁴.

A influência do tupi e de línguas africanas sobre as distinções vocabulares é pontuada por Mateus (2002, p. 06). Os exemplos trazidos são os itens *guri* e *pipoca*, de origem tupi, e *moleque*, cuja origem é africana. Apesar dos exemplos, a proposta abordada na análise em questão não considera a influência das línguas indígenas e africanas como principal fator para explicar as distinções entre PB e PE. Conforme Mateus (2002, p.07):

“... Os fenómenos fonéticos desenvolvem-se muitas vezes pelo simples facto de a língua ser falada, usada. De geração para geração as palavras mudam de forma. Mas as palavras também mudam de significado, as frases alteram a sua construção, o léxico acolhe novas entradas e deixa cair outras que já não lhe interessam. É difícil separar estas duas ordens de causas (MATEUS, 2002)”.

É possível ainda verificar o que se optou por chamar de *distinção semântica* entre itens lexicais. Um exemplo contrastivo recorrente é o vocábulo *calhar*. Em português europeu são comuns expressões como *se calhar*, correspondente ao *talvez* utilizado em PB. Apesar de não ser um item lexical desconhecido para o PB, *calhar* pode ser encontrado frequentemente com outras aplicações, como na expressão “*vem a calhar*”, conotando algo positivo. A percepção da distinção entre os itens lexicais pelos falantes de PB e PE ocorre por meio dos contextos em que os vocábulos são utilizados, cuja estrutura sintática respeita o sistema da língua portuguesa e permite a compreensão.

³ Durante as entrevistas de experiência pessoal, realizadas para a formação da amostra da tese, foram registrados depoimentos espontâneos de reflexão do próprio falante de PE acerca das distinções apontadas, como é possível verificar no trecho transcrito em a seguir: “Pego o autocarro para ir ao trabalho. Autocarro é bus...é...como vocês chamam em Brasil?” - Informante 03, Porto (PE).

⁴ Cabe ressaltar que a entrevista não contemplou aspectos relacionados à percepção do falante sobre a língua, portanto o trecho transcrito é resultado de fala espontânea.

Em Noll (2008, p. 101), é possível encontrar uma série de outros itens lexicais que se caracterizam como elementos contrastivos entre PE e PB, sobre os quais o autor afirma ser o PB adepto ao anglicismo, enquanto o PE tende a permanecer com vocabulário autóctone ou preferir empréstimos do francês, conforme os exemplos apresentados no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1- Diferenças lexicais entre PB e PE

Vocábulo utilizado em PB	Vocábulo de significado equivalente em PE
Bonde	Elétrico
Câncer	Cancro
Jeans	Ganga
Suéter	Camisola
Mouse	Rato
Arquivo	ficheiro (<i>francês – fichier</i>)
Concreto	betão (<i>francês – béton</i>)
Trailer	caravana (<i>francês – caravane</i>)

Fonte: Noll (2008, p.101)

1.2.2 Nível sintático

O uso de ênclise e próclise por PE e PB, respectivamente, é um dos aspectos mais citados na bibliografia que contempla o tema da diferença entre ambos. Galves (1994) afirma que PE é enclítico, ao passo que PB é proclítico, conforme o exemplo apresentado em (2), a seguir, extraídos das entrevistas de experiência pessoal que constituem o corpus deste estudo.

(2)

a) “Ela pôs-me na cantina da escola com as funções que eram das empregadas.” – Informante 12, Porto (PE).

b) “O guri me colocou dentro de uma caixa.” – Informante 03, Porto Alegre (PB)

Os exemplos ilustram o argumento a favor do distanciamento entre PE e PB. Entretanto, é possível comprovar que as formas enclíticas e proclíticas não são exclusivas da fala de uma ou outra variedade, conforme expresso na ocorrência em (3).

(3)

a) “Ela me mandava ficar ao final das aulas sozinho.” – Informante 12, Porto (PE)

b) “Fazia-se sempre o mesmo discurso.” – Informante 03, Porto Alegre (PB)

Os exemplos comprovam que o uso de ênclise e próclise pode variar mesmo quando em análise o discurso de apenas um informante. Não se pode, todavia, deixar de corroborar a afirmação de Galves (1994), haja vista que em PE as formas enclíticas são mais recorrentes e que os falantes de PB produzem mais a próclise.

Além de trazer exemplos que corroboram a proposta de Galves (1994), à medida que defende o PE como proclítico e PB como uma variedade enclítica, os estudos de Mateus (2002, p. 06) recorrem a mais uma distinção entre PB e PE: o uso do artigo definido precedente ao pronome possessivo. Assim, enquanto em PE é recorrente a produção de enunciados como “*o meu carro está sujo*”, em PB a produção mais recorrente seria “*meu carro está sujo*”. Cabe ressaltar, ainda que se utilizem os exemplos para ilustrar uma das distinções, o fato de que a descrição não exclui a possibilidade de produção do artigo em PB e da supressão do mesmo em PE.

Com relação aos pronomes de tratamento, embora seja possível encontrar, mesmo que tomando apenas dados da variedade brasileira do português, uma série de usos regionais, é consenso o fato de que são *senhor* e *senhora* os pronomes de tratamento mais utilizados para o contato entre pessoas em relações profissionais e outras situações que exijam maior distanciamento ou que apresentem indícios de respeito entre os interlocutores. Em PE, conforme Mateus (2002, p. 06), são usados o nome próprio, o título, o cargo ou mesmo o grau de parentesco para o tratamento deferente, conforme atesta o exemplo em (4a) a seguir, em comparação a (4b).

(4)

a) Moro perto da Casa da Música. A Ana Paula conhece a Casa da Música? - Informante 03, Porto (PE).

b) Estive muitas vezes na escola. Era um internato em Santa Maria. A senhora conhece lá? – Informante 06, Porto Alegre (PB).

Cabe ressaltar que no exemplo apresentado em 4 (a), ao produzir a sentença interrogativa, o informante está se dirigindo à pesquisadora pelo nome próprio, fato não recorrente em PB. Por outro lado, não há registros em PE do uso de *senhor* e *senhora* em contexto de tratamento como aplicado na sentença transcrita em 4 (b) (MATEUS, 2005, p. 22)

Em defesa da unidade linguística entre PE e PB, buscam-se evidências para afirmar que as diferenças são resultado de variações no sistema do português e que, portanto, PB e PE são variedades de uma mesma língua, cujos sistemas fonológico, sintático e morfológico

permanecem os mesmos. A partir dessa perspectiva, o fenômeno de elisão, apresentado junto aos objetivos em 1.2 a seguir, será investigado.

1.3 O PROCESSO DE ELISÃO E A COMPARAÇÃO ENTRE PB E PE

O assunto que norteia esta tese é o processo variável de elisão, que resulta no apagamento de vogal em fronteira de vocábulos. Duas posições, para efeito de análise, são consideradas: uma ocupada pela vogal átona final do vocábulo em primeira posição, candidata ao apagamento, e outra ocupada pela vogal inicial do vocábulo em segunda posição, de qualidade fonética distinta da vogal inicial do vocábulo em primeira posição. Conforme pode ser verificado nos exemplos apresentados em (5) a seguir, o processo pode ocorrer com as vogais /a/, /e/ e /o/.

(5)

A menina esperta comeu todo o bolo. – [meninis'pɛrtɐ]

O bebê estava sempre alegre. – [sɛ̃pra'legrɪ]

O garoto educado conquistou a todos. – [garotedu'kadu]

O estudo, construído a partir de amostras obtidas através de entrevistas de experiência pessoal realizadas em Porto Alegre – RS, no Brasil, e no Porto, em Portugal, tem por objetivo, à luz da Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 1986) e da Teoria da Variação (LABOV, 1972), realizar a comparação entre resultados sobre o fenômeno de elisão em PB e PE, a fim de oferecer evidências para a discussão sobre as similaridades e distinções entre as duas variedades. Pressupõe-se que a primeira distinção esteja relacionada à frequência da regra de elisão e que essa seja maior na amostra do Porto, se comparada à amostra de Porto Alegre.

A hipótese, baseada em estudos anteriores (BISOL, 1992, 1996; FROTA, 1998 e TENANI, 2002), de que o fenômeno em estudo é condicionado principalmente pelos aspectos prosódicos da língua, justifica a presença das variáveis Fronteira Prosódica e Distância entre os Acentos na análise, e motiva o exame da Taxa de Elocução (BARBOSA, 2000) nas amostras de Porto Alegre e do Porto. Pretende-se, a partir dos resultados obtidos, revelar evidências sobre o aspecto apontado pela literatura (ABAURRE, 1981; VIGÁRIO e FROTA, 2000) como a principal distinção entre a variedade brasileira e a variedade europeia da língua portuguesa, a saber, o ritmo. Com relação à Taxa de Elocução, tem-se ainda o objetivo de verificar a sua influência sobre a frequência de elisão nas amostras consideradas, a partir da hipótese de que a taxa mais rápida favoreça a aplicação da regra.

Os aspectos extralinguísticos, que não apresentaram relevância estatística para o fenômeno em estudos anteriores sobre o PB (BISOL, 1996; BARBOSA, 2005; ALENCASTRO, 2008; LUDWIG-GAYER, 2008; VIANA, 2009), serão investigados com a finalidade de cumprir os dois dos objetivos específicos desta pesquisa: i) comparar as duas variedades a partir de análise realizada à luz de procedimentos idênticos; ii) descrever o processo de elisão em uma variedade do PE a partir dos pressupostos da Teoria da Variação, preenchendo uma lacuna na literatura sobre o tema.

Para contemplar os objetivos e verificar as hipóteses descritas, o estudo aqui apresentado constitui-se de cinco capítulos, além da Introdução, organizados conforme é descrito a seguir. O Capítulo 2 aborda os aspectos fonéticos e fonológicos do vocalismo no português, principalmente os que dizem respeito à posição átona, incluindo a revisão dos estudos sobre elisão. O Capítulo 3 apresenta considerações sobre a prosódia e sua relação com o fenômeno de sândi aqui tratado, ao passo que o Capítulo 4 relaciona os pressupostos da Teoria da Variação e da mudança linguística (LABOV, 1972, 2001) à metodologia empregada para a realização desta pesquisa, além de revisar os estudos sobre elisão no português construídos à luz da mesma proposta teórico-metodológica. O Capítulo 5 descreve a abordagem metodológica empregada, atentando para aspectos como as localidades envolvidas, a constituição da amostra, as variáveis de pesquisa e a descrição do programa computacional Goldvarb (TAGLIAMONTE, 2001), utilizado para a obtenção dos resultados estatísticos. A descrição dos resultados estatísticos e a análise dos resultados mais relevantes para o entendimento do processo em PE e PB, bem como para a discussão sobre os aspectos em comum e sobre os que distinguem as duas variedades em estudo com relação à elisão das vogais /a/, /e/ e /o/ em Porto Alegre e Porto é apresentada no Capítulo 6. Segue a conclusão sobre o estudo.

2 AS VOGAIS NO PORTUGUÊS: ASPECTOS FONOLÓGICOS E FONÉTICOS DAS VARIEDADES EM ESTUDO

Conforme exposto no capítulo inicial, o presente estudo propõe a análise de uma regra variável fonológica que atua sobre o sistema vocálico. Para a realização da proposta, bem como a revisão de estudos já apresentados por outros pesquisadores, é imprescindível a descrição do sistema vocálico da língua portuguesa, além dos aspectos fonéticos particulares de cada uma das variedades aqui consideradas. As seções a seguir pretendem descrever o funcionamento do sistema vocálico em questão, ressaltando características específicas do vocalismo átono e tônico da língua, além de apontar as principais diferenças entre as variedades em estudo. Para tanto, enquanto em 2.1 são apresentados os aspectos fonológicos do sistema vocálico do português, 2.2 aborda os contrastes fonéticos entre as duas variedades, PB e PE, com relação às posições átonas e tônicas. Por fim, em 2.3, é apresentado o processo de elisão, descrito a partir dos principais estudos sobre o funcionamento do processo, suas restrições e condicionamentos.

2.1 ASPECTOS FONOLÓGICOS DO SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS

Conforme Câmara Jr. (1970, p. 31), as vogais do português formam um sistema triangular, cujo vértice mais baixo abriga a vogal /a/. É a partir da elevação da língua, podendo esta estar horizontalmente posicionada na parte anterior, central ou posterior do trato vocal, que se dá a classificação articulatória das vogais. Assim, /a/, articulada sem o movimento de elevação da língua, ou seja, na posição mais baixa do trato, é classificada como vogal baixa. Ainda é possível, conforme o autor, articularmos vogais médias de 1º grau, vogais médias de 2º grau e vogais altas.

A partir das características articulatórias relacionadas anteriormente, o sistema vocálico do português é, pois, formado por sete vogais em posição tônica, a saber: /a/, /ɛ/, /ɔ/, /e/, /o/, /i/ e /u/. Apresentar as vogais supracitadas como representativas do sistema vocálico tônico do português significa dizer que, em contextos de sílabas tônicas, tais sons vocálicos criam distinções como: *s[a]co*, *s[e]co*, *s[ɛ]co*, *s[o]co*, *s[ɔ]co*, *s[i]lo*, *s[u]co*. O sistema triangular de Câmara Jr. (1970, p.33) está representado em (6), em que são apresentadas as sete vogais relacionadas como ocupantes de posição tônica entre os vocábulos oriundos da língua portuguesa.

(6)

Vogais em Posição Tônica

	Não-arredondadas		Arredondadas
Altas	/i/		/u/
Médias	/e/		/o/
Médias		/ɛ/	/ɔ/
Baixa		/a/	
	anterior	central	posterior

Fonte: Câmara Jr. (1970, p. 33)

Ainda que se tenha o triângulo acima como representativo geral do sistema vocálico da língua, cabe ressaltar que a oposição entre vogais médias de 1º e 2º graus não existe quando a sílaba tônica for imediatamente seguida por uma consoante nasal. Em tal contexto tônico, há lugar apenas para vogais médias de 2º grau, como em *pr[e]nda* e *pr[o]nto*. Assim, para contextos tônicos seguidos de consoantes nasais, temos a representação em (7).

(7)

Vogais em posição tônica diante de nasal

Altas	/i/		/u/
Médias		/e/	/o/
Baixa		/a/	

Fonte: Câmara Jr. (1970, p. 33)

Conforme Câmara Jr. (1970), o sistema vocálico composto por sete vogais sofre redução quando consideradas as posições átonas. Tal fato deve-se à supressão de algumas oposições presentes na língua em seu sistema vocálico tônico. A redução referida é, pois, resultado de processo de neutralização.

Em Fonologia, tem-se por neutralização a perda de um traço distintivo, o que transforma dois fonemas em uma só unidade fonológica, ou seja, a perda da distinção entre dois fonemas em determinado ambiente. Em posição pretônica, por exemplo, observamos as seguintes alterações em processos de derivação: *caf[ɛ]→caf[e]teira*, *b[ɛ]lo→b[e]leza*, *p[ɔ]→p[o]eira*. Logo, pode-se perceber que o sistema da pretônica é formado por apenas cinco vogais, em consequência da neutralização entre as vogais médias de 1º e 2º graus, processo no qual são preservadas as vogais médias de 2º grau. O sistema é, pois, formado conforme a representação em (8) a seguir.

(8)

Vogais em posição pretônica

Altas	/i/		/u/
Médias	/e/		/o/
Baixa		/a/	

Fonte: Câmara Jr. (1970, p. 33)

Ainda seguindo a proposta de Câmara Jr. (1970), na posição pretônica, as vogais médias estão sujeitas ao processo de harmonia vocálica, em que assimilam a altura da vogal alta da sílaba seguinte. Através desse processo, nascem formas variáveis, como *m[e]nino* ~ *m[i]nino*, *p[o]lítico* ~ *p[u]lítico*. Há que se ressaltar o fato de que o fenômeno referido não possui caráter fonológico, visto que não altera o sistema vocálico e, em posição pretônica, não ocasiona a distinção entre as vogais [e]/[i] e [o]/[u]. Trata-se de um fenômeno variável, em que o falante faz uma escolha entre duas formas em competição no mesmo contexto, motivada pelo contexto fonológico para que haja a elevação da vogal em posição pretônica.

A posição pretônica está sujeita, ainda, conforme Bisol (2009), à elevação da vogal sem motivação aparente, regra neutralizadora que atua esporadicamente, e sem um condicionamento fonético específico, em vocábulos isolados. São exemplos de alçamento vocálico sem motivação aparente os itens lexicais *acontece* (*[akũ'tesi]*) e *moleque* (*[mu'leki]*) com a vogal /o/, e *pesava* (*[pi'zavɐ]*) e *senhora* (*[si'ɲɔrɐ]*), com a vogal /e/.

Com relação à posição postônica não-final, Câmara Jr. (1970, p.34) destaca o processo de neutralização entre as vogais posteriores /o/ e /u/, sobre as quais diz ser a oposição em tal posição “mera convenção escrita”. Em outras palavras, para o autor, na oralidade não é recorrente a produção de /o/ em posição postônica não-final, resultando em formas como *ép[u]ca*, para *época*, e *símb[u]lo*, para *símbolo*. O mesmo não ocorreria, segundo seu levantamento, com as vogais médias /e/ e /i/. A seguir, em (9), a representação do vocalismo postônico não-final segundo Câmara Jr.

(9)

Vogais em posição postônica não-final

Altas	/i/		/u/
Médias	/e/		---
Baixa		/a/	

Fonte: Câmara Jr. (1970, p. 34)

Apesar de a proposta de Câmara Jr. ser utilizada ainda nos dias atuais, o quadro vocálico apresentado e, principalmente, o caráter categórico da regra de neutralização de /o/ em posição postônica não-final é questionável. Conforme a síntese dos resultados de Vieira (2002, p.128), não só é possível encontrar em PB produções que preservem a vogal /o/ em posição postônica não-final (*fósf[o]ro* e *abób[o]ra*), como também são encontradas ocorrências de neutralização entre as vogais /e/ e /i/ na mesma posição (*prót[i]se* e *núm[i]ro*).

Considerando os processos de neutralização apresentados por Câmara Jr. (1970) para a posição postônica não-final como variáveis em dialetos do Sul do Brasil (VIEIRA, 2002), entende-se que, aqui, o vocalismo postônico não-final deve ser representado como segue em (10).

(10)

Vogais em posição postônica não-final

Altas	/i/		/u/
Médias		/e/	/o/
Baixa			/a/

Fonte: A autora (2013)

Sobre a posição átona final, o foco deste estudo, Câmara Jr. (1970, p.34) afirma ser a de maior atonicidade. Segundo a proposta do autor, as vogais que ocupam tal posição, seguidas ou não de /S/, reduzem-se a três, visto que ocorre neutralização do traço que distingue as vogais médias e vogais altas, isto é, /e/ → /i/ e /o/ → /u/, tal como os exemplos *val[i]* e *val[u]*, para os vocábulos *vale* e *valo*. O vocalismo postônico final na perspectiva de Câmara Jr. é o representado em (11).

(11)

Vogais em posição postônica final

Alta	/i/		/u/
Baixa			/a/

Fonte: Câmara Jr. (1970, p. 34)

O autor afirma ainda, que, em alguns dialetos, há possibilidade de se encontrar a produção de um timbre mais aberto para /e/ e, conseqüentemente, uma oposição sutil entre as vogais /e/ e /i/ átonas finais. Opta, entretanto, por afirmar que a pronúncia padrão declina-se à neutralização.

De encontro à generalidade apontada por Câmara Jr. (1970, p.35) sobre a neutralização das médias em posição átona final, Vieira (2002, p.128) afirma que, no Sul do Brasil, a neutralização entre vogais médias e vogais altas nessa posição não ocorre categoricamente. Conforme a autora, as vogais médias finais tendem a manifestar-se no dialeto sulista ora como vogais médias, ora como vogais altas, como em *fort[e]/fort[i]* e *port[o]/port[u]*. Considerando o estudo de Vieira (2002), a pauta vocálica da posição átona final no português é representada conforme apresentado em (12) a seguir.

(12)

Vogais em posição postônica final

Altas	/i/	/u/
Médias	/e/	/o/
Baixa	/a/	

Fonte: A autora (2013)

Como já citado anteriormente, a posição vocálica mais relevante ao estudo proposto é a posição final, visto que, além de ser a posição em que pode ser encontrada a vogal átona candidata ao apagamento em fronteira de vocábulos (contexto para aplicação da elisão), é a posição com grau de atonicidade máximo, tornando a vogal mais suscetível à aplicação de processos fonológicos como a elisão.

Com relação ao português europeu, embora Andrade e Mateus (2000, p. 17) apresentem a pauta tônica como um aspecto comum entre PB e PE, composta pelas vogais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/, admitem, para a variedade europeia da língua, a existência da vogal [ɐ] em posição tônica no nível fonético, resultante de /a/ e /e/ subjacentes. Tem-se, pois, a relação de alofonia estabelecida pelas produções de /a/ antes de nasal, como em *cama* (*c[ɐ]mɐ*), e de /e/ antes de consoante palatal e de semivogal, como em *cadeira* (*cad[ɐj]ra*) e *texto* (*t[ɐ]to*). Logo, o panorama apresentado em (6) representa completamente a pauta tônica da língua sob o ponto de vista fonológico.

Como pôde ser observado através da revisão das propostas de Câmara Jr.(1970) e Mateus e Andrade (2000), apesar de descrições relatarem um único sistema fonológico, as duas variedades da língua portuguesa em questão apresentam distinções no nível fonético, as quais os próprios falantes de uma e outra variedade do português são capazes de identificar. Tais diferenças citadas são tratadas pelos linguistas como diferenças fônicas segmentáveis, ou seja, realizações fonéticas admitidas pelo sistema (vocálico e consonântico) do português.

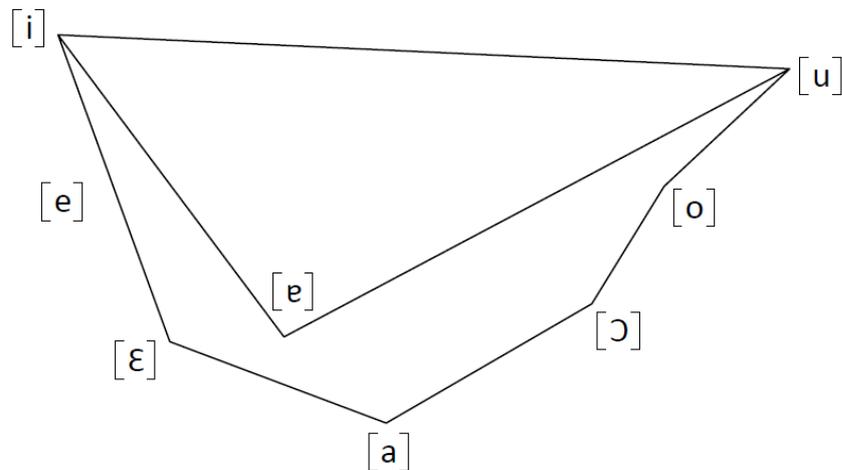
A próxima seção tratará das distinções fonéticas entre as variedades supracitadas.

2.2 ASPECTOS FONÉTICOS

2.2.1 Distinções fonéticas entre PB e PE em posição acentuada

Conforme apresentado na Seção 2.1, assim como proposto por Câmara Jr. (1970, p. 33), para Mateus e Andrade (2000, p.17), o vocalismo tônico do português considera a existência de sete vogais no nível fonológico, a saber: /a/, /e/, /o/, /ɛ/, /ɔ/, /i/, /u/. Em PE há, entretanto, a possibilidade de encontrarmos, no nível fonético, a vogal acentuada [ɐ], afirmação corroborada pelo resultado da análise de espectrogramas obtidos a partir da fala de informantes adultos falantes do português de Lisboa, realizada por Delgado-Martins (2002, p. 50). Conforme a autora, com base nos valores médios de vogais orais tônicas, o PE conta, no nível fonético, com oito vogais que podem ocupar a posição acentuada, a saber: [i, e, ɛ, a, ɐ, ɔ, o, u]. A Figura 1 representa a classificação acústica apresentada pela autora.

Figura 1 – Triângulo Acústico das Vogais Orais Tônicas do PE



Fonte: Delgado-Martins (1973, p.101)

Conforme Matos e Silva (2006), a principal diferença entre português europeu e brasileiro com relação às vogais acentuadas está, exatamente, na oposição entre [a] e [ɐ], isto é, entre a vogal central e a vogal central média, respectivamente. Um exemplo claro do português europeu é, segundo a autora, a produção de p[a]ra, verbo, opondo-se a p[ɐ]ra, preposição, fato não registrado na literatura em linguística sobre o PB.

2.2.2 Distinções fonéticas entre PB e PE em posições átonas

O sistema vocálico não acentuado é o que apresenta as maiores diferenças entre os falares das duas variedades em estudo. Tal fato não é novidade, visto o conhecimento de que são as vogais átonas mais suscetíveis a alterações, enquanto as vogais portadoras de acento tendem a ser preservadas.

Segundo Matos e Silva (2006), em breve síntese sobre as divergências no sistema vocálico de PB e PE, as vogais pretônicas ([i], [e], [ɛ], [a], [ɔ], [o], [u]) e postônicas ([i], [e], [a], [o], [u]) do português brasileiro são mais perceptíveis, enquanto no português europeu são suscetíveis a processos de “enfraquecimento”, como o desvozeamento, ou de apagamento. Entre as vogais relacionadas por Mattos e Silva como possíveis em posições não acentuadas, as vogais [ɛ] e [ɔ], que aparecem apenas em posição pretônica, são variantes encontradas em alguns dialetos do português brasileiro, em que se pode registrar produções como p[ɛ]dido e p[ɔ]ssível.

Enquanto o PB tende à produção “mais perceptiva” das vogais átonas, os falantes do PE aplicam, segundo Mattos e Silva (2006), regras de centralização e alçamento, tornando-as praticamente imperceptíveis ao falante de outra variedade ou outra língua. Conforme a autora, são vogais recorrentes em posições átonas no PE [i], [i̯], [ɐ] e [u].

Ao encontro do que foi proposto por Mattos e Silva (2006), Mateus e Andrade (2000, p. 39) afirmam que as vogais átonas podem ser neutralizadas, reduzidas ou ainda não realizadas foneticamente, mas apontam esse último fenômeno como uma particularidade do PE, visto que em PB apenas ocorrem a neutralização e a redução. Seguindo a mesma proposta com relação às posições não acentuadas, Mateus e Bacelar (2005) afirmam que, no nível fonético em PE, torna-se evidente a redução das vogais átonas e a existência da vogal central alta não-arredondada [i̯]. A vogal mencionada é, também, uma especificidade do PE e, conforme as autoras, frequente alvo de regras de apagamento.

Mateus e Andrade (2000, p. 18) apresentam as vogais possíveis em cada uma das posições não acentuadas no português, ressaltando as distinções entre a variedade brasileira e a variedade europeia. Assim, tem-se que, na pauta pretônica, é possível registrar as vogais [i, o, u, a, e] em PB e [i, u, ə, i̯] em PE, conforme representado em (13) a seguir.

(13)

PB

[i] – mirar [mi'rar]

[o] – morar [mo'rar]

PE

[i̯] [mi'rar]

[u] [um'rar]

[u] – murar [um'rar]	[u] [um'rar]
[a] – pagar [pa'gar]	[ɐ] [pɐ'gar]
[e] – pegar [pe'gar]	[i] [pi'gar]

Com relação à postônica não final, Mateus e Andrade afirmam existir em PB as vogais [i, u, a, e], enquanto para PE apresentam as vogais [i, u, ɐ, i], conforme exemplificado em (14) a seguir.

(14)

PB	PE
[i] – dúvida ['duvidɐ]	[i] ['duvidɐ]
[u] – pérola ['pɛrulɐ]	[u] ['pɛrulɐ]
[u] – báculo ['bakulu]	[u] ['bakulu]
[a] – ágape ['agapi]	[ɐ] ['agɐpi]
[e] – cérebro ['sɛrebru]	[i] ['sɛribru]

Finalmente, Mateus e Andrade (2000, p. 18) atribuem à posição postônica final as vogais [i, u, ɐ], para a variedade brasileira, e [i, i, u, ɐ], para a variedade europeia do português. Os exemplos apresentados em (15), a seguir, representam as ocorrências das vogais supracitadas na posição átona final em cada uma das variedades em estudo.

(15)

PB	PE
[i] júri – ['ʒuri]	[i] – ['ʒuri]
[i] jure – ['ʒuri]	[i] – ['ʒuri]
[u] juro – ['ʒuru]	[u] – ['ʒuru]
[ɐ] jura – ['ʒurɐ]	[ɐ] – ['ʒurɐ]

Conforme salientado na Seção 2.1 deste capítulo, a ausência de [o] na posição postônica não-final e de [e] e [o] na postônica final, segundo proposta de Câmara Jr. (1970) corroborada por Mateus e Andrade (2000), não pode ser tomada como generalidade do PB, visto que o estudo de Vieira (2002), sobre o português falado no estado do Rio Grande do Sul, registra a ocorrência de produções como *pér[o]la* para *pérola*, *jur[o]* para *juro* e *jur[e]* para *jure*. Assim, ressalta-se que, em termos gerais, o PB apresenta as vogais [i, e] e [u, o] nas duas posições supracitadas, enquanto PE apresenta as vogais [i, i] e [u].

Embora, como generalidade, seja apontada a ausência das vogais [e] e [o] em posição átona na variedade europeia da língua em estudo, Mateus (2003, p.1014) revela que a produção da redução das vogais supracitadas poderá ser variável em inícios absolutos de palavras, como nos itens lexicais *obreiro*, *olhar*, *ermida*, *elefante*. Tal posição é corroborada pelo levantamento de ocorrências apresentado pelo Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP), a partir de coleta em entrevistas de experiência pessoal do Arquivo Dialetal do CLUP (2012, p. 03), em que, além das exceções de início absoluto apontadas por Mateus (2003), foram registrados outros casos em que não há a redução da vogal átona, como no item lexical *pequeno* →[pe'kenu]. O registro de produção das vogais átonas [e] e [o] em variedades do PE é relevante para a identificação dos contextos vocálicos possíveis na segunda posição considerada para o estudo do fenômeno que será tratado nesta pesquisa. Espera-se, pois, verificar, na amostra representativa do Porto, ocorrências em que a vogal em posição inicial do segundo vocábulo envolvido no processo de elisão não tenha sofrido a redução apresentada como regra geral.

Considerada uma das principais divergências entre as pautas vocálicas das variedades brasileira e europeia da língua portuguesa, a vogal [ɨ] merece atenção nesta seção, visto que, além de não ser recorrente em produções da variedade brasileira da língua, é frequentemente apagada em PE quando em posição átona final, contexto foco desse estudo. Conforme Delgado-Martins (2002) a partir de referências acústicas, a vogal [ɨ], cuja intensidade e duração variam de acordo com o grau de abertura e tonicidade, sempre poderá ocorrer em posição átona em PE. É o status não fonológico que, segundo Andrade (1987), condiciona as suas características acústicas, estando entre as mais interessantes a tendência ao desvozeamento ou mesmo à elisão. O pesquisador afirma ainda, que os dados existentes indicam que as vogais altas recuadas [ɨ] e [u] tendem ao desvozeamento com maior frequência do que a vogal alta [i]. Delgado-Martins (1983) corrobora a afirmação de Andrade (1987), propondo que vogais em posição átona final, principalmente [ɨ] e [u], tendem a ensurdecer. A autora acrescenta ainda que a precedência de uma consoante oclusiva à vogal é contexto favorecedor à aplicação do referido ensurdecimento.

Abordados os principais aspectos do vocalismo no português, a seção 2.3, a seguir, trata dos aspectos fonológicos do fenômeno em foco neste estudo: o processo de elisão. Além do funcionamento da regra, discutem-se as principais restrições e condicionamentos para a aplicação da regra.

2.3 A ELISÃO

A língua portuguesa apresenta, conforme Coutinho (1970, p. 110), uma forte tendência a evitar o hiato, patenteada desde a fase arcaica, mais especificamente do latim popular ou vulgar. Podem ser exemplos de eliminações do hiato as inserções da vogal *i* junto ao *e*, como em *paretem* → *parietem*, *quetus* → *quietus*, e do *u* junto ao *o*, como em *quattor* → *quattuor*, ainda no latim, e a contração da primeira vogal em encontros vocálicos que ocorrem em fronteiras de vocábulos, como em *vosso amado* → *voss'amado*, registrada em cantigas trovadorescas do português arcaico. As três resoluções caracterizam processos conhecidos na literatura como fenômenos de sândi, palavra do sânscrito que significa, conforme Duboes (1970, p.425), “por junção”.

Conforme Bisol (2002, p. 231), o sândi externo é o processo de ressilabificação motivado pelo choque entre duas vogais que ocupam a posição de núcleo silábico em palavras diferentes. O processo é referido na terminologia clássica em Linguística como um fenômeno de fonética sintática que registra modificações fonéticas ocasionadas pelo contato de duas formas fonológicas independentes, tornando-as formas presas. O sândi vocálico externo pode ocorrer, portanto, quando duas vogais se encontram na fronteira entre duas palavras combinadas na frase. Desse modo, o estudo do fenômeno enfoca duas posições, a saber: a última sílaba da palavra que ocupa a primeira posição, candidata ao apagamento, e a primeira sílaba da palavra que ocupa a segunda posição.

Dentre os processos de sândi externo, os mais recorrentes em língua portuguesa são a degeminação, fusão entre vogais idênticas (*casa amarela* → [kazama'ɾɛɫɐ]), a ditongação, em que uma das vogais é deslocada para a posição de coda, tornando-se um glide ao ocupar a posição de um contóide (*casa escura* → [kazajs'kure]), e a elisão, em que a vogal em primeira posição é apagada (*casa escura* → [kazis'kure]). A presente pesquisa enfoca, entretanto, questões relacionadas à elisão, propondo, principalmente, a comparação entre o comportamento do processo na amostra de Porto Alegre – RS, variedade brasileira da língua portuguesa, e na amostra do Porto, variedade europeia.

A elisão, conforme BISOL (1992, p.94), envolve o apagamento de uma vogal átona final diante de uma vogal de qualidade distinta em fronteira de palavras. Após o choque de picos silábicos, a vogal final do primeiro vocábulo é desassociada da sílaba, tornando-se um elemento sem status silábico, sobre o qual atua a Regra Universal de Apagamento do Elemento Extraviado. Após a elisão da primeira vogal envolvida no processo, o onset da sílaba da qual fazia parte é associado à vogal inicial do vocábulo seguinte, formando uma

nova sílaba. Os exemplos em (16) ilustram a aplicação da regra de apagamento decorrente da elisão, apresentando casos registrados com as vogais /a/, /e/ e /o/ em estudos sobre o fenômeno realizados a partir de amostras das capitais da região Sul do Brasil.

(16)

A menina esperta comeu todo o bolo. → meni[ne]sperta (BISOL, 1992)

O garoto estava sempre alegre. → sem[pra]legre (BARBOSA, 2005)

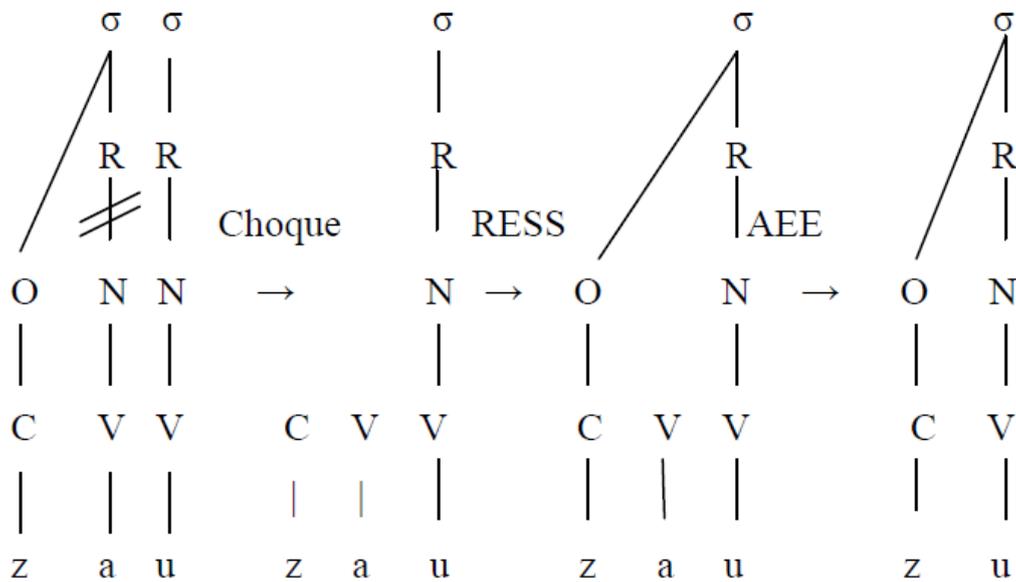
Quando era criança isso acontecia. → quan[dɛ]ra (ALENCASTRO, 2008)

O processo de elisão está, conforme Bisol (1996, p. 60), diretamente relacionado à rejeição da língua a dois picos silábicos de palavras distintas em contato. Segundo a autora:

(...) podemos afirmar que o processo de sândi, por elisão denominado, provém de uma das sensibilidades métricas do português: a rejeição à sequência imediata de dois núcleos silábicos de vocábulos diferentes. O choque de rimas apaga a sílaba final da primeira palavra e a ressilabificação (RESS) é chamada (BISOL, 1996, p.60).

Após o choque de picos silábicos, a vogal final do primeiro vocábulo é desassociada da sílaba, tornando-se um elemento sem status silábico, sobre o qual atua a Regra Universal de Apagamento do Elemento Extraviado (AEE), que determina que o elemento sem status prosódico seja apagado. Resultante do apagamento regido pela regra supracitada, resta uma consoante flutuante, sobre a qual atua o Princípio do Licenciamento Prosódico (ITÔ, 1986, p. 02), o qual determina que todos elementos deverão ser associados à camada prosódica. Ocorre, pois, a ressilabificação, que junta a consoante, outrora flutuante, à primeira sílaba da palavra a seguir, ocupando a posição de ataque em consonância com o Princípio da Sonoridade Sequencial, que determina que a sonoridade dos segmentos deve ser crescente em direção à coda. A estrutura apresentada em (17), a seguir, ilustra o processo descrito, configurando o fenômeno de elisão:

(17) Kamiza uzada > kamizuzada

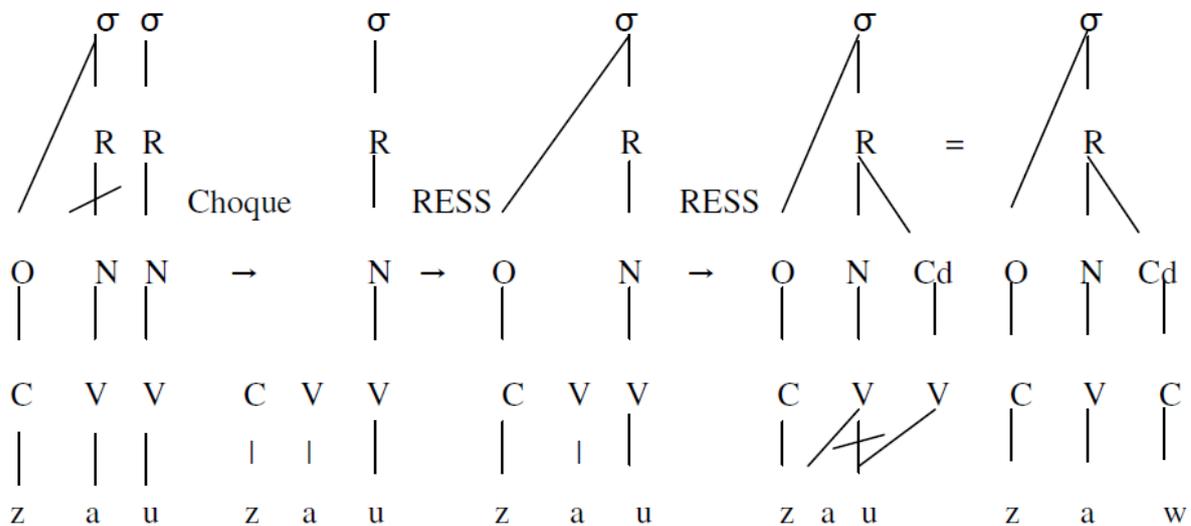


Fonte: Bisol (1996, p.60)

No mesmo contexto de choque acentual ilustrado acima, é possível registrar a ocorrência da ditongação, em que a ressilabificação opera em duas etapas. Na primeira etapa, bem como descrito para o processo anterior, o ataque é formado pela inclusão da consoante extraviada à sílaba remanescente. A segunda etapa ocorre quando, sem o apagamento da vogal da primeira sílaba, a ressilabificação retorna para reintegrá-la ao núcleo da sílaba, posição que já fora ocupada pela vogal inicial do segundo vocábulo. A solução ocorre a partir da atuação do Princípio da Sonoridade Sequencial, que desaloja a segunda vogal para a posição de coda, convertendo-a em um *glide*, enquanto a primeira volta a ocupar a posição de núcleo. A estrutura em (18), a seguir, representa o processo descrito.

(18)

kamiza uzada > kami[zaw]zada



Fonte: Bisol (1996, p.61)

O entendimento sobre o processo de ditongação é relevante para este estudo, visto que, ao considerar a elisão como uma regra variável, as formas em competição neste mesmo contexto devem ser registradas, às quais, além da ditongação, soma-se à elisão o hiato.

Cabe, ainda, registrar a informação obtida em Ellison e Viana (1995) sobre a existência de mais uma forma em PE. Conforme os autores, é possível encontrar, em dialetos do Norte de Portugal, ocorrência de epêntese em contexto no qual poderia ocorrer a elisão. Sua aplicação seria, entretanto, rara ou mesmo inexistente em dialetos do Centro e do Sul do país. A informação é corroborada por Segura (2013, p. 92), cujo texto afirma que a inserção de uma semivogal entre duas vogais centrais de vocábulos distintos é um processo característico da fala do Norte de Portugal e que tem por finalidade evitar o hiato. Conforme a autora, a inserção ocorre em contextos em que a primeira posição é ocupada por uma vogal central átona [ɐ] ou por uma vogal central tônica [a] e a segunda posição é ocupada por vogal tônica [a], como nas sequências “a água” → [ɐ 'jagwɐ] e “não há água” → ['nẽw̃ a 'jagwa].

Ainda que os contextos contemplados por Segura (2013) sejam distintos aos propostos para a delimitação da amostra em estudo, que tratará apenas de sequências de vogais de qualidade distinta, o fato de serem consideradas ocorrências de falantes de uma cidade localizada ao Norte de Portugal motivou a investigação sobre a ocorrência da inserção de uma semivogal em contextos de elisão na amostra em estudo, a partir da metodologia apresentada no Capítulo 5 do presente estudo.

A subseção a seguir, com base nos estudos sobre elisão no português, contempla as restrições e as principais motivações contextuais para a aplicação do processo.

2.3.1 Restrições e motivações para a aplicação da Elisão

Cabe ressaltar que, enquanto o processo de elisão no PB é considerado mais recorrente quando em primeira posição está a vogal /a/ (BISOL, 1992), no PE a vogal /a/ é a menos apagada, ainda que sem gerar sequências de antagonismo acentual, ou seja, mesmo em sequências de atonicidade total. Conforme Ellison e Viana (1995), as vogais [i] e [u] são as que mais sofrem apagamento na variedade europeia da língua.

Com relação às vogais em segunda posição, Bisol (1992, p. 57) afirma que a elisão da vogal /a/ aplica-se com tendência à regra geral quando a vogal subsequente for posterior e, opcionalmente, quando for uma vogal frontal. Não há, entretanto, outras evidências em estudos fonológicos anteriores sobre a relação da vogal inicial do vocábulo em segunda posição sobre o processo de elisão, exceto em estudos realizados à luz da Teoria da Variação⁵. Logo, pretende-se, neste estudo, investigar não só a relação entre o tipo de vogal candidata ao apagamento e a elisão, como também a influência da vogal em segunda posição para a aplicação da regra em PE e PB.

Ainda que tenha apontado a relevância da qualidade das vogais envolvidas no processo, conforme Bisol (1992, p. 95), a principal restrição à aplicação da elisão é de caráter rítmico e diz respeito ao acento da segunda vogal envolvida no processo, visto que a regra é bloqueada quando o acento principal da frase fonológica recai sobre a vogal em segunda posição (mastigava ervas → *[mastʃiga'vervas]).

A relação do processo de elisão com a incidência de acento sobre as vogais que constituem o contexto para a sua aplicação é relatada mesmo em estudos que consideram corpus escrito do português arcaico, como em Massini-Cagliari (1995), em que a autora classifica o processo como um fenômeno rítmico por natureza, em razão do condicionamento acentual referente à segunda vogal.

O caráter rítmico revelado pela influência do acento sobre o processo em variedades do PB foi atestado ainda em Liberato (1978), sobre a variedade falada em Belo Horizonte – MG, em Tenani (2002), sobre o português falado em São José do Rio Preto – SP, além de estudos à Luz da Teoria da Variação. Já com relação ao PE, os estudos de Ellison e Viana

⁵ Os estudos sobre elisão à luz da Teoria da Variação serão discutidos no Capítulo 4.

(1995), Vigário (1997) e Frota (1998) corroboram o bloqueio acentual ao processo de elisão, que parece, pois, o principal condicionamento desde o português arcaico. Bisol (1992, p.96) ressalta, entretanto, que o acento é frequentemente apagado quando pertence a uma palavra funcional ou às conjugações do verbo *ser*, como *era* e *ela*, não caracterizando um choque acentual.

Além da restrição acentual, outros aspectos rítmicos da língua também exerce influência sobre o processo quando considerado o constituinte prosódico em que se estabelece o contexto para a aplicação da elisão. Com relação a esse condicionamento, embora haja consenso sobre a sua relevância na literatura sobre o tema, a divergência sobre o domínio prosódico preferencial de sândi em PB e PE instigou questionamentos durante a realização da pesquisa de que resultou esta tese. Logo, os aspectos prosódicos que caracterizam o processo merecem destaque⁶.

Com relação ao tipo de vocábulo envolvido no processo, a principal restrição ocorre, conforme Bisol (1992), quando a primeira posição é ocupada por um monomorfema, visto que a vogal candidata ao apagamento carrega informações morfológicas relevantes neste tipo de vocábulo. Assim, é comum o bloqueio da elisão em sequências como *na estrada* → **nistrada* em razão da preservação do único segmento contrastivo de vocábulos como *da/do* e *na/no*. O mesmo bloqueio foi encontrado por Veloso (2003), estudo no qual, ao abordar a elisão no dialeto goiano, a autora recorre à Morfologia Distribuída para explicar o bloqueio supracitado. Corroborando a justificativa atribuída por Bisol (1992) à restrição do apagamento em monomorfemas, Veloso (2003) atribui o fato à presença de um determinante que, quando apagado, prejudica informações de concordância de gênero e número. A restrição é, pois, resultado da interação de uma regra morfológica com um processo fonológico, os quais, segundo Poplack (1980), podem ser bloqueados quando sua aplicação pode comprometer informações morfológicas de superfície.

Ao encontro da restrição apresentada por Bisol (1992) e Veloso (2003), Vigário (1997), em estudo sobre a elisão da vogal não-recuada /e/ em PE, afirma que a regra não pode ser classificada como um fenômeno puramente fonológico. Conforme a autora, a queda da vogal em palavras funcionais, dentre as quais estão os monomorfemas, depende de condições de redução específicas desse tipo de vocábulo, como apresentado por Bisol (1992) e Veloso (2003), que determinam a preservação de informações morfológicas. Ainda com relação ao

⁶ Os aspectos prosódicos serão discutidos no Capítulo 3.

tipo de vocábulo, a autora atribui caráter de aplicação obrigatória à regra quando envolve palavras lexicais.

O papel do acento, tomado como a principal restrição ao processo de elisão no português, foi discutido a partir de uma abordagem distinta em Cabré e Prieto (2005), sobre o catalão. Nesse estudo, as autoras investigam a relevância da distância entre acentos de cada um dos vocábulos envolvidos e concluem que a possibilidade de aplicação do processo é maior quando a distância é superior a duas sílabas. Pretende-se verificar o funcionamento da distância entre os acentos no português e obter, assim, mais uma evidência para a discussão sobre o ritmo das variedades brasileira e europeia da língua portuguesa.

Em suma, a restrição acentual configura-se como única afirmação unânime entre os estudos sobre elisão no português. Com relação aos demais aspectos, como a qualidade da vogal em segunda posição e o tipo de vocábulo envolvido na sequência que constrói o contexto para a aplicação do fenômeno, ainda cabe propor investigação. Merece destaque a ocorrência de epêntese em fronteiras de vocábulos demarcadas por vogais, processo abordado por Ellison e Viana (1995) e Segura (2013), sobre o qual se pretende realizar uma descrição sistemática a partir da amostra em estudo. Espera-se que a discussão proposta no Capítulo 3, a seguir, aponte evidências para a construção das demais variáveis linguísticas deste estudo.

3 ASPECTOS PROSÓDICOS E A REGRA DA ELISÃO

Os estudos anteriores que contemplam o fenômeno em foco nesta pesquisa já consagraram os aspectos prosódicos como os mais importantes condicionadores para a aplicação da elisão. A atonicidade da vogal candidata ao processo, por exemplo, é condição elementar para que ocorra o apagamento, conforme constatado na revisão apresentada no Capítulo 2. O presente capítulo tem por objetivo apresentar e embasar a discussão sobre a estrutura prosódica do contexto envolvido no fenômeno de sândi em estudo, a fim de fundamentar a definição das fronteiras prosódicas previstas, características dos contextos considerados. Além disso, pretende-se levantar questões que encaminhem para a discussão acerca das distinções rítmicas entre PB e PE.

Para tanto, a seção 3.1 apresenta as propostas teóricas de Selkirk (1984) e de Nespor e Vogel (1986), a fim de que se justifique o tratamento do fenômeno no presente estudo. Em 3.2 são apresentadas as considerações mais relevantes sobre a relação entre a estrutura prosódica e a ocorrência da elisão, baseadas nos estudos de Bisol (1992, 1996, 2003), Vigário (1997), Frota (1998) e Tenani (2002). A seção 3.3, por fim, tem por objetivo salientar as questões rítmicas que, segundo Abaurre (1981) e Frota e Vigário (2000), diferem PB e PE. Nessa última seção, serão também contempladas considerações sobre a taxa de elocução (BARBOSA, 2006; MEIRELLES, 2009), por sua relação com o ritmo e influência sobre a ocorrência de elisão.

3.1 FONOLOGIA PROSÓDICA

Para dar conta de organizar as estruturas prosódicas que constituem um enunciado fonológico, as abordagens propostas por Selkirk (1984) e Nespor e Vogel (1986) não atuam de forma autônoma, uma vez que é necessário acessar outros níveis gramaticais, como a sintaxe, para que seja possível estabelecer uma definição das estruturas fonológicas relevantes. Ainda que as duas propostas supracitadas sejam consagradas, para o seguimento da análise a que esta tese se propõe, é necessário verificar, entre as duas abordagens, qual a mais adequada à metodologia a ser aplicada no decorrer desta tese.

O modelo de Selkirk (1984) propõe que, para a organização da hierarquia prosódica, a relação entre fonologia e sintaxe seja mínima, em que a fonologia apenas recorra à sintaxe para a obtenção de informações sobre as fronteiras estabelecidas por constituintes sintáticos através da direção direita/esquerda. Assim, a interface seria baseada em limites, ou seja, a relação entre a estrutura sintática e a estrutura prosódica acima do pé e abaixo da frase

entonacional é definida em termos das extremidades dos constituintes sintáticos de tipos designados. O modelo é representado conforme apresentado em (19) a seguir.

(19)

Utt (*Utterance*) Enunciado

IP (*Intonational Phrase*) Sintagma Entoacional

PPh (*Phonological Phrase*) Sintagma Fonológico

PWd (*Prosodic Word*) Palavra Prosódica

Ft (*Foot*) Pé

σ (*Syllable*) Sílaba

É importante salientar que o modelo de Selkirk (1984) não apresenta uma proposta referente ao grupo clítico, classificando todas as estruturas do tipo *na escola* como palavras prosódicas. Ainda que sejam considerados os domínios da frase fonológica e da frase entonacional para a classificação das ocorrências registradas para a presente pesquisa, o grupo clítico é um constituinte relevante para o tratamento do fenômeno em estudo, visto que, sob o domínio de uma mesma frase fonológica, é possível ocorrer uma organização hierárquica entre clítico e seu hospedeiro, a partir da qual pode resultar o apagamento da vogal final em primeira posição. Na proposta de Selkirk (1984) não está, pois, postulada a existência de um constituinte relevante para o fenômeno aqui contemplado.

Diferente de Selkirk (1984), Nespor e Vogel (1986) argumentam que a relação entre sintaxe e fonologia possa ir além das considerações quanto à direção para que seja possível definir a estrutura prosódica de enunciados falados, sejam eles espontâneos ou obtidos a partir de leitura. As autoras consideram o chamado método *relation-based*, caracterizado pelo acesso à informação sobre a relação núcleo/complemento. Cabe ressaltar que não há, em nenhuma das duas abordagens apresentadas (SELKIRK, 1986; NESPOR e VOGEL, 1986), uma relação isomórfica, em que constituintes sintáticos e prosódicos sejam equivalentes.

O fato de não haver em Selkirk (1986) referência à previsão de estruturas geradas a partir de fala espontânea, somado à falta de uma proposta para a classificação de estruturas com a presença do clítico, contribuiu para a decisão de não se trabalhar com base neste modelo para a previsão da estrutura prosódica das ocorrências que constituíram o corpus desta tese. Assim, após considerações sobre as duas propostas mais relevantes dentre os estudos de Fonologia Prosódica e a associação ao tema em estudo nesta pesquisa, conclui-se que o modelo mais adequado para o trabalho proposto é o de Nespor e Vogel (1986), em que, a partir de sentenças hipotéticas, as autoras consideram a relação núcleo/complemento para o

agrupamento prosódico das estruturas e admitem a aplicação à fala espontânea. Os pressupostos fundamentais da teoria serão apresentados na subseção a seguir.

3.1.1 Nespore e Vogel (1986): previsão das estruturas prosódicas

Conforme já esclarecido na introdução do capítulo, os estudos que antecedem a presente pesquisa, os quais serão discutidos na Seção 3.1.2, apontam a estrutura prosódica como relevante condicionamento para a ocorrência do apagamento de vogais em fronteira de vocábulos. O encaminhamento da análise variacionista que levará aos resultados da pesquisa proposta depende, pois, de uma discussão aprofundada não só sobre o modelo teórico considerado como mais adequado ao estudo, como também acerca da aplicação do modelo em ocorrências de fala espontânea. Ainda que construído com base em estruturas sintáticas hipotéticas, o modelo apresentado por Nespore e Vogel (1986) propõe uma estrutura arbórea em que constituintes prosódicos são hierarquicamente organizados em uma relação de cabeça/complemento, sempre possível em ocorrências de fala espontânea.

Considerando a estrutura arbórea já referida, o modelo foi construído com base em uma relação hierárquica que prevê níveis superiores nos quais estão contidas estruturas imediatamente menores. É da organização dos níveis mais baixos da hierarquia para a formação dos níveis mais elevados que resultam as fronteiras prosódicas, sob as quais o processo em estudo revelou sensibilidade em análises propostas pelos estudos anteriores (BISOL, 1996, 2002; FROTA, 1998, TENANI, 2002). A hierarquização dos constituintes prosódicos, assim nomeados os níveis que compõem a hierarquia prosódica proposta, obedece a quatro princípios fundamentais, apresentados em (20).

(20)

P1- XP contém uma ou mais unidades XP^{-1} .

P2- XP^{-1} está contida exaustivamente em XP.

P3- Ramificação n-ária dos constituintes.

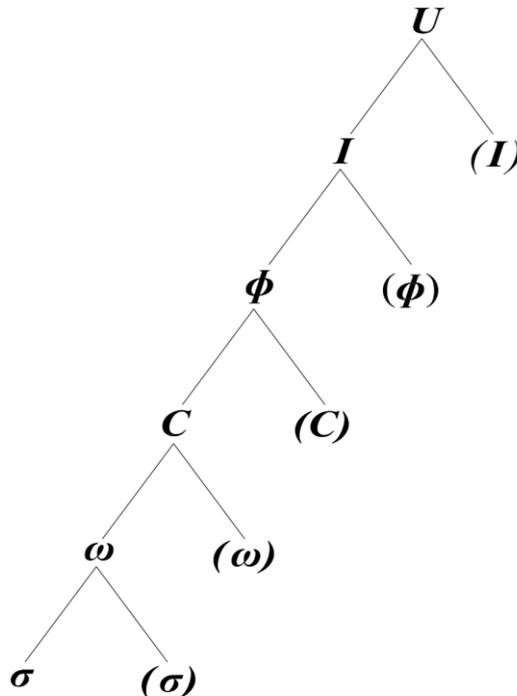
P4- Proeminência: 1 nó é forte e todos os outros são fracos.

Respeitados os princípios estabelecidos em (20), a representação arbórea da fonologia prosódica, apresentada em (21), tem como base a sílaba (σ), menor constituinte presente na hierarquia, seguida pelo pé (Σ), constituinte formado por sílabas, em que uma apresenta maior proeminência ao estabelecer uma relação de dominância sobre a(s) outra(s), considerada(s) mais fraca(s). A seguir está a palavra fonológica (ω), cuja estrutura é formada por um ou mais

pés; caso haja mais de um pé, no português, o domínio está sob o pé mais à direita. É a partir de uma palavra fonológica que se define o constituinte prosódico chamado de grupo clítico (C), caracterizado pela dominância de uma palavra de conteúdo sobre um ou mais clíticos.

Imediatamente acima de (C) na hierarquia representada em (21), a frase fonológica (Φ) é constituída por um ou mais grupos clíticos. Conforme Nespore e Vogel (1986), em línguas como o português, com recursividade à direita, o cabeça da frase fonológica é, também, o mais forte à direita. Por frase entonacional (I) tem-se o constituinte formado por uma ou mais frases fonológicas, cujos finais ocorrem em posições passíveis da inserção de pausas. Já o enunciado (U) é o constituinte mais alto da hierarquia prosódica, formado por uma ou mais frases entonacionais. Sua identificação é mais facilmente relacionada à estrutura sintática, já que tem suas bordas inicial e final diretamente relacionadas ao início e ao fim do constituinte sintático X^n . A estrutura arbórea apresentada em (12), a seguir, adaptada da proposta de Nespore e Vogel (1986), representa a hierarquia prosódica.

(21)



A organização das estruturas a partir de uma relação hierárquica, em que os níveis superiores abrangem estruturas imediatamente menores, e a condição de relevância para o estudo proposto estar principalmente relacionada à sensibilidade do processo às fronteiras prosódicas foram determinantes para se verificar que não há necessidade de considerar

fronteiras prosódicas estabelecidas abaixo da frase fonológica, pois i) o processo deve ocorrer entre dois itens lexicais, o que desconsidera a ocorrência sob o domínio da sílaba e do pé; ii) ainda que possa ocorrer no interior da palavra fonológica, nos casos em que a estrutura em foco é formada a partir da relação de dominância de uma palavra de conteúdo sobre o grupo clítico, não há indícios de que este domínio seja bloqueador ao processo (BISOL, 1996; FROTA, 1998; TENANI, 2002); iii) ao se considerar estruturas em que o contexto esteja dentro da mesma frase fonológica, em fronteira de frases fonológicas e em fronteiras de frases entonacionais, abrange-se todas as possibilidades de ocorrências do fenômeno no que diz respeito ao domínio prosódico, conforme determinam os quatro princípios fundamentais para a configuração dos constituintes.

Associando, pois, o modelo ao presente estudo, os exemplos apresentados em (22) representam a aplicação da teoria para a classificação dos domínios prosódicos em ocorrências das entrevistas de experiência pessoal. Cabe ressaltar, mais uma vez, que a decisão foi a de considerar as fronteiras prosódicas previstas com base na relação entre sintaxe e fonologia, sobre a qual se constrói a proposta de Nespor e Vogel (1996).

(22)

a) Mesma Frase Fonológica

[O carro elétrico] φ [partia cedo]. – Informante 03/PE

b) Fronteira de Frases Fonológicas

[Nossa casaa] φ [era muito pequena]. – Informante 10/PB

c) Fronteira de Frases Entonacionais

[Era uma escola rígidaa] / [onde se aprendia]... – Informante 17/PE

Com base nos exemplos acima expostos, a sentença apresentada em a) representa o tipo de ocorrência em que os dois vocábulos envolvidos foram classificados como pertencentes à mesma frase fonológica. Cabe ressaltar que a cadeia de fala resultante de uma elocução espontânea prevê a consideração de frases fonológicas reestruturadas dentre as ocorrências assim classificadas, bem como a estrutura que a exemplifica em (22). O exemplo apresentado em b) representa as ocorrências em que o contexto para a aplicação do apagamento está em fronteira de frases fonológicas, ou seja, o vocábulo em primeira posição, portador da vogal final candidata ao apagamento, pertence a uma frase fonológica, enquanto o vocábulo em segunda posição pertence à frase fonológica seguinte. Por fim, em c) estão representadas as estruturas em que o contexto para a aplicação do fenômeno em estudo é

formado por um vocábulo em primeira posição ao final de uma frase entonacional, enquanto o segundo vocábulo inicia a frase entonacional imediatamente a seguir. Logo, estão contempladas dentre estas três classificações todos os domínios relevantes para a ocorrência de elisão.

Cabe ressaltar que Nespor e Vogel (1986) consideram o funcionamento da proposta em fala espontânea a partir de uma taxa de elocução normal, ou seja, em que o falante produza sentenças em uma taxa que não seja artificialmente lenta ou artificialmente rápida. Tal proposta teórica embasou as pesquisas de Bisol (1996), Frota (1998) e Tenani (2002), cujos resultados serão abordados em 3.2.

3.2 CONSIDERAÇÕES PROSÓDICAS SOBRE A ELISÃO

Propostas mais recentes, baseadas em resultados fornecidos pela tecnologia da análise acústica, apresentam elementos da própria fonologia que possam dar conta da estruturação da fala em domínios prosódicos. Neste tipo de análise, enquadram-se os estudos de Frota (1998), Tenani (2002) e Serra (2009), em que aspectos como a taxa de elocução, o papel da estruturação fonológica em domínios, o tamanho das estruturas e o próprio *parsing* prosódico são o foco de investigação. Os estudos de Bisol (1996) e Tenani (2002) contribuíram com informações relevantes sobre o domínio prosódico preferencial à aplicação do apagamento de vogais em fronteira de vocábulos no português brasileiro, ao passo que os de Vigário (1997) e Frota (1998) trouxeram as principais considerações sobre o português europeu. Os estudos supracitados são, pois, as referências para a construção da análise e, juntos aos resultados obtidos nesta pesquisa, poderão construir as evidências prosódicas para a comparação entre PB e PE.

A proposta do presente estudo traz, entretanto, algumas questões que vão além da definição do domínio prosódico preferencial à aplicação do apagamento de vogais no contexto supracitado ou mesmo quando considerada a fronteira prosódica que bloqueia o processo. O objetivo da abordagem prosódica está, aqui, relacionado aos parâmetros para a classificação das fronteiras prosódicas em contextos de fala espontânea. Assim, são consideradas as seguintes questões:

- a. Os enunciados produzidos pelos informantes serão classificados, do ponto de vista prosódico, de acordo com a estrutura prosódica prevista ou de acordo com a produção do informante?

- b. Quais os elementos que definem a classificação da fronteira prosódica percebida em fala espontânea?
- c. Qual a relação entre a estrutura prosódica prevista com base na proposta de Nespor e Vogel (1986) e a produção efetiva do informante?

A análise dos resultados (Capítulo 6) terá como objetivo discutir sobre a aplicação de teorias prosódicas em dados espontâneos para o tratamento de fenômenos de sândi. A subseção 3.2.1, a seguir, trata dos resultados obtidos por estudos anteriores a partir da associação da Fonologia Prosódica (NESPOR & VOGEL, 1986) a contextos passíveis à aplicação dos processos supracitados.

3.2.1 O papel da fronteira prosódica para a aplicação da regra de elisão

3.2.1.1 Considerações a partir do PB

Além de considerações rítmicas que dizem respeito ao acento das vogais envolvidas no processo de elisão, conforme a revisão apresentada no Capítulo 2, Bisol (1996) atenta para a relevância da estrutura prosódica em que estão inseridos os vocábulos em foco, apresentando uma questão que conduz à discussão proposta no estudo, a saber: “Qual o domínio prosódico de sândi?”. Tomando o grupo clítico como o nível mais baixo da hierarquia proposta por Nespor e Vogel (1986) em que podem ocorrer fenômenos de sândi, como a elisão, a autora afirma que *“as regras de sândi externo encontram no grupo clítico um contexto favorável de aplicação, como se o clítico fosse uma palavra independente”*(BISOL, 1996, p. 69). Para tanto, o clítico tem de ser interpretado como uma palavra fonológica que, quando submetida à reestruturação silábica provocada pelos fenômenos em questão, perde a sua independência, tornando-se parte da palavra lexical adjacente.

Também na frase fonológica (Φ), segundo Bisol (1996, p. 71), os fenômenos de ressilabificação, como a elisão, encontram seu contexto. Por ser uma unidade prosódica constituída por um cabeça lexical, em cujo lado recursivo podem ser congregados elementos como palavras fonológicas e grupos clíticos, a reestruturação é um recurso disponível neste constiuente. O ambiente é, conforme a autora, contexto para a aplicação de fenômenos de sândi. Assim como na frase fonológica, a frase entonacional (I), nível subsequente, é reconhecida por Bisol (1996, p.72) como área de atuação de fenômenos de sândi.

Ainda foi considerada por Bisol (1996, p.73) a ocorrência de fenômenos de sândi diante da reestruturação de enunciados (Us). Para tanto, dois tipos de condições têm de ser,

obrigatoriamente, atendidas, a saber: condições pragmáticas e condições fonológicas. Conforme Nespôr e Vogel (1986, p.240), as condições pragmáticas das quais dependem a reestruturação de *Us* determinam que: a) as duas sentenças sejam produzidas pelo mesmo falante; b) as duas sentenças sejam proferidas ao mesmo interlocutor. Já as condições fonológicas apontadas determinam que: a) as duas sentenças devem ser relativamente curtas; b) não pode haver pausa entre as duas sentenças.

A fim de ilustrar as possibilidades de reestruturação e a ocorrência de *sândi* entre tais estruturas, Bisol (1996, p.73) ofereceu os exemplos apresentados em (23) a seguir.

(23)

a. Sem *sândi*

[Sim, passar passa] *U* [Agora ocupa a estrada inteira]*U*

b. Com *sândi*

[Sim, passar passa agora ocupa a estrada inteira]*U*

[Sim, passar *pa sa gɔ ro ku pays tra din tey ra*]*U*

Após a verificação em todos os níveis, desde *C* até *U*, a conclusão do estudo de Bisol (1996), a respeito do domínio prosódico de *sândi*, é de que, satisfeitas as condições acentuais, apresentadas no Capítulo 2, e as condições de reestruturação supracitadas, as regras podem ocorrer no interior dos constituintes ou entre eles, em todos os níveis da hierarquia prosódica em que haja uma sequência de palavras fonológicas.

Em seu estudo de 2002, entretanto, ao considerar a variação do processo de elisão em Porto Alegre – RS, a autora admite que, embora os exemplos sejam possíveis em todos os níveis da hierarquia prosódica, *φ* é o contexto relativamente mais acessível ao processo, se comparado ao domínio de *C*. Cabe ressaltar que, como *φ*, Bisol (2002, p.243) considerou todos os constituintes hierarquicamente superiores a *C*. Tal metodologia se difere do que propõe o presente estudo, pois o objetivo aqui é investigar a ocorrência do processo quando o contexto é estabelecido em fronteiras de frase fonológica e de frase entonacional, em comparação à ocorrência no interior da *φ*.

Embora à luz de metodologia distinta, a da Fonologia Laboratorial, Tenani (2002) também investigou o domínio prosódico de *sândi* no português do Brasil. Conforme a autora, a construção das sentenças, posteriormente lidas por informantes orientados a seguir uma

produção mais próxima ao que considerassem uma fala espontânea e fluente, foi baseada na proposta teórica da Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 1986).

Ainda que o estudo de Tenani (2002) tenha contemplado a análise referente ao domínio de outros fenômenos de sândi, como a haplologia e a degeminação, para o presente estudo interessa retomar a abordagem referente aos contextos em que há a possibilidade de aplicação da elisão.

O sândi entre vogais de qualidade distinta foi atestado por Tenani (2002) em todas as fronteiras prosódicas já previstas pelo estudo de Bisol (1996) e considerou dois contextos, a saber: /a+o/ e /o+a/. Os resultados da análise para o primeiro contexto, /a+o/, apontam, conforme a autora, maior tendência à aplicação da elisão, em detrimento da ditongação, menos frequente na amostra. A análise do segundo contexto, /o+a/, entretanto, revelou tendência à aplicação da ditongação. Tais resultados não surpreendem, se considerada a afirmação de Bisol (1996) referente ao fato de que a elisão é mais recorrente em PB quando a vogal candidata ao apagamento é /a/ e a vogal subsequente [+posterior]. Os exemplos em (24) i) e ii) ilustram os contextos considerados por Tenani (2002, p. 178) para as sequências /a+o/ e /o+a/ em todos os níveis prosódicos atestados.

(24)

i) /a+o/

- a) Mesma frase fonológica – [A laranja holandesa] φ ...
- b) Fronteira de frases fonológicas – [A laranja] φ [obteve]...
- c) Fronteira de frases entonacionais – [Somente dando laranja,] I [obtiveram resultados na campanha.]
- d) Fronteira de enunciado – [Fábio chupou laranja.] U [Osvaldo tomou sorvete.]

ii) /o+a/

- a) Mesma frase fonológica – [O pêssego amarelo] φ...
- b) Fronteira de frases fonológicas – [O pêssego] φ [apresentou] boa produtividade.
- c) Fronteira de frases entonacionais – [Somente dando pêssego,] I [apresentaram bons resultados na campanha.]
- d) Fronteira de enunciados – [O Pedro comprou pêssego.] U [Alegaram falta de provas.]

Ainda que o resultado referente à frequência da regra na amostra seja relevante para discussões posteriores, a relação da aplicação com a fronteira prosódica é o que mais interessa para o seguimento do presente estudo. Conforme Tenani (2002, p. 178), o sândi, neste caso,

elisão ou ditongação, ocorreu em todas as fronteiras previstas, sendo bloqueado apenas diante de pausas, as quais foram registradas somente quando o contexto estava em fronteiras de *I* ou de *U*. Tal resultado também não surpreende, visto que a pausa destrói o contexto prosódico para aplicação de processos de sândi, e as fronteiras de *I* e de *U* apresentam como características, conforme Nespor e Vogel (1986), o fato de serem ambientes em que pausas podem ser introduzidas.

Após as considerações sobre os dois estudos que tratam do domínio prosódico de sândi no PB, cabe refletir sobre a condição de relevância das fronteiras previstas para a realização de sândi na fala espontânea. O primeiro estudo, de Bisol (2002), não distingue fronteiras prosódicas acima da frase fonológica, ou seja, não há como discutir, a partir dos resultados obtidos, a relevância das fronteiras de *Is* e *Us*. Além disso, ao se apontar o domínio da ϕ como preferencial em comparação apenas ao domínio de *C*, pode-se estar sujeito ao viés causado pela influência de outro condicionamento do fenômeno discutido por Bisol (1996) e Veloso (2003), conforme apresentado no Capítulo 2, a saber, o bloqueio à elisão quando a primeira posição é ocupada por um monomorfema. Tal influência é possível porque parte dos dados considerados como ocorrência de *C* é constituída por contextos em que a primeira posição é ocupada por um monomorfema.

Com relação ao estudo de Tenani (2002), a reflexão diz respeito ao fato de não se estar tratando de ocorrências obtidas a partir de fala espontânea. Na amostra resultante do instrumento aplicado pela autora através de leitura de sentenças, todas as pausas reconhecidas coincidem com fronteiras de *Is* e *Us* e, ainda que os informantes tenham sido orientados a realizarem uma leitura mais próxima ao que consideram uma fala natural, todas as fronteiras de *Is* e *Us* previstas pela autora (TENANI, 2002, p. 178) foram marcadas por vírgulas ou pontos finais. Assim, o sinal gráfico poderia exercer influência sobre o falante em situação de leitura ao marcar a fronteira existente e ocasionar a pausa.

No presente estudo, será tomada a hipótese de que seja a pausa, apenas a pausa, responsável pela ruptura do contexto prosódico para a aplicação da elisão, visto que, na fala espontânea, ela pode estar associada a fronteiras de *Is* e *Us*, assim como poderá ocorrer em fronteiras de ϕ . O modelo teórico de Nespor e Vogel (1986) seria, de fato, aplicável à fala espontânea? É a fronteira prosódica prevista ou a pausa que determina o ritmo e a aplicação de processos em uma dada língua?

Após as considerações sobre a relação entre o domínio prosódico de sândi em PE, em 3.2.2, as questões acima serão retomadas com base no estudo de Serra (2009).

3.2.1.2 Considerações a partir do PE

Bem como ocorre com relação à pesquisa de Bisol (1996) e Tenani (2002) no que diz respeito ao português brasileiro, o português europeu tem como referência de estudo sobre a relação entre prosódia e fenômenos de sândi a pesquisa de Frota (1998). Em busca de um argumento a favor da gramaticalização fonológica do foco, a autora analisa evidências relacionadas a regras fonológicas que tomam os constituintes prosódicos como domínio de aplicação, dentre as quais está o sândi. Para tanto, conforme Frota (1998, p.05), o estudo que propõe a autora cumpre fundamentalmente dois objetivos, a saber: *i) o exame detalhado dos domínios prosódicos que caracterizam o nível “frásico” no PE; e ii) a descrição dos meios fonológicos na expressão do foco nessa língua.* Tais objetivos foram alcançados através de análise à luz da Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 1986) e de procedimentos de investigação elaborados de acordo com a Fonologia Laboratorial, tal como replicado mais tarde pelo estudo de Tenani (2002) sobre o PB.

Após analisar ocorrências de fenômenos rítmicos, como alongamentos finais de constituintes, presenças de pausa e fenômenos entonacionais, além de regras de sândi, a autora concluiu que a estrutura prosódica que regula o domínio de regras fonológicas no PE é a mesma para i) fenômenos de sândi, ii) fenômenos rítmicos de antagonismo acentual entre palavras, agrupamento resultante de alongamentos finais, distribuição de pausas gramaticais e distribuição de eventos entoacionais. A hierarquia prosódica do PE seria, pois, determinada por uma organização em ϕ s e em *Is*, dentre as quais a autora ressalta *I* como a principal organizadora, visto que os resultados revelam que o domínio da frase entonacional delimita a aplicação de fenômenos de sândi, enquanto a frase fonológica não atua da mesma maneira. Pode-se, portanto, relacionar este resultado ao apresentado por Bisol (1996) e por Tenani (2002), em que as autoras afirmam que o fenômeno de sândi não é sensível a fronteiras de frases fonológicas, enquanto as fronteiras de frases entonacionais, ou as pausas a elas associadas, e, conseqüentemente, as fronteiras de enunciados, são os únicos níveis em que o fenômeno encontra bloqueio.

Diferente do atestado em PB por Bisol (2002) e Tenani (2002), o estudo de Frota (1998) considerou o apagamento da vogal /a/ e da posterior [u] em fronteira de vocábulos com resultados que revelam tendência à elisão em comparação à ditongação em ambos os contextos. Segundo a autora, assim como atestado para as sequências em que /a/ está em primeira posição, com relação à vogal posterior, a sequência V'V só é preservada quando em fronteiras de *Is*, fato ao qual se pode relacionar a incidência de pausa, bem como sugere o

resultado encontrado por Tenani (2002). Assim, também cabe, com relação ao PE, replicar a reflexão realizada ao final da subseção anterior, em que é proposto o questionamento sobre os elementos da prosódia que realmente atuam sobre os processos de sândi. A subseção a seguir, 3.2.3, tem por objetivo discutir as questões propostas a partir dos resultados do estudo de Serra (2009) sobre a realização e a percepção das fronteiras prosódicas previstas.

3.2.2 Previsão e Realização de Fronteiras Prosódicas na Fala Espontânea

Os principais questionamentos apontados nas subseções anteriores dizem respeito à relevância da fronteira prevista a partir do embasamento teórico da Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 1986) para a aplicação da elisão e a relação direta de fronteiras de Is e de Us com a incidência de pausa. A finalidade de trazer à tona neste estudo tais questionamento está vinculada não só à preocupação com relação à produção das estruturas prosódicas em fala espontânea, conforme a relação com a sintaxe prevista pela teoria, como também a relevância dessas fronteiras previstas para a ocorrência da elisão nesse tipo de discurso.

O questionamento quanto à realização das fronteiras em fala espontânea não é exclusividade do presente estudo. Ainda que a sua relação com a elisão não tenha figurado em estudos anteriores cujo foco é o fenômeno de sândi em questão, a preocupação com a percepção e realização das fronteiras prosódicas em fala espontânea no PB foi o tema da tese de Serra (2009).

A fim de verificar se a prosodização prevista a partir dos pressupostos para a construção de frases fonológicas e frases entonacionais (NESPOR e VOGEL, 1986), já utilizados em Frota (1998) e Tenani (2002), dá conta de fatos relacionados à realização e à percepção de fronteiras prosódicas em fala espontânea, o estudo de Serra (2009) considerou o julgamento de ouvintes sobre a localização de rupturas prosódicas em produções obtidas a partir de fala espontânea (FE) e de leitura (LE). Para a obtenção do material de análise, um trecho transcrito de cada entrevista realizada foi submetido à leitura pelo mesmo informante que a concedeu. Após a submissão do material obtido a teste de percepção com 11 juízes, foram classificados como contextos de ruptura aqueles assim considerados por, no mínimo, 8 entre o total de juízes consultados. Os resultados obtidos a partir do levantamento dos contextos votados possibilitou à autora verificar que em LE os contextos receberam uma maior quantidade de votos coincidentes com contextos em que fora prevista uma ruptura prosódica resultante de fronteira; enquanto em FE houve maior dispersão de contextos

votados com relação a fronteiras previstas. Conforme a autora, tal fato pode estar relacionado à existência de pistas menos robustas em FE, o que faz ressaltar aqui que, na leitura, os sinais de pontuação constroem pistas sintáticas para a atribuição de uma fronteira prosódica, o que será, conseqüentemente, uma pista durante a percepção.

No que diz respeito ao tipo de fronteira percebida, o maior número de indicações ocorreu, nos dois estilos de fala, em fronteira de Is, resultando em 95% do total de fronteiras percebidas. Ocorre, entretanto, uma diferença entre os dois estilos quando considerada a relação entre fronteiras de Is percebidas e fronteiras de Is previstas, visto que, entre as previstas em LE, 64% foram reconhecidas como rupturas, enquanto em FE apenas 37% foram assim classificadas pelos juízes. Tal resultado corrobora o questionamento apresentado anteriormente sobre a aplicação do modelo de Nespor e Vogel (1986) à fala espontânea e sobre o resultado obtido por Tenani (2002), em que as fronteiras de frases entonacionais e de enunciados, marcadas por vírgula e ponto final, ao serem lidas, foram as únicas a apresentar pausa e, conseqüentemente, bloqueio à elisão.

Com realização às pistas de produção que ocasionam a percepção da fronteira, Serra (2009, p. 131) aponta a pausa como determinante nos dois estilos de fala, visto que foi observada em 96% das fronteiras percebidas em LE e em 88% das fronteiras percebidas em FE. A autora ressalta, ainda, que as fronteiras de ϕ previstas, quando percebidas, foram marcadas por pausas e produzidas nos moldes do que se espera de fronteiras de Is. A probabilidade de percepção da ruptura prosódica é, pois, significativamente maior em presença de pausa, resultado que levou à verificação dos contextos em que a pausa esteve presente na produção, independentemente da percepção dos juízes sobre esta produção. O resultado desta verificação revelou que em FE há mais produção de pausa no interior de I, recorrentes não só em fronteiras de frases fonológicas, como também entre palavras fonológicas e no seu interior; com relação à LE, entretanto, os informantes da amostra de Serra (2009) apresentaram tendência a eliminar as pausas internas a I. Este resultado é mais um argumento a favor da investigação sobre a relação entre a estrutura prosódica prevista e a fala espontânea.

Assim, pretende-se investigar, no presente estudo, em ocorrências de fala espontânea, evidências de rupturas prosódicas em outras fronteiras e a ocorrência de elisão em fronteiras de Is previstas quando a pausa não ocorre. Cabe ressaltar que, como a pausa é o único contexto em que o sândi não pode ser registrado, a evidência de ruptura que interessa aqui é exclusivamente essa, ou seja, não interessa ao estudo relacionar as fronteiras previstas a eventos tonais ou variação de F0, bem como realizado em Frota (1998), Tenani (2002) e Serra

(2009). Considera-se que tais informações são menos relevantes para esta pesquisa, já que a afirmação da última autora é de que a participação destas pistas para indicação de fronteiras prosódicas previstas não é clara (SERRA, 2009, p. 183).

3.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O RITMO EM PB E PE

A definição sobre o ritmo característico de cada uma das variedades tem sido o foco principal da discussão sobre as distinções entre PB e PE. Para tanto, busca-se classificar o português falado no Brasil e o português falado em Portugal dentro da clássica dicotomia que considera as línguas como de ritmo silábico ou de ritmo acentual.

A previsão de que as línguas se encaixam em uma das categorias supracitadas foi sugerida por Pike (1945), estudo em que o autor estabelece uma relação entre ritmo e tempo, na qual o ritmo silábico é representado por maiores intervalos entre sílabas de duração aproximada, enquanto o ritmo acentual caracteriza-se pela repetição do acento em intervalos aproximados. Posteriormente, ao retomar a dicotomia proposta por Pike (1945), Abercrombie (1967) introduz a isocronia a partir da noção de que em línguas de ritmo silábico a repetição periódica de movimento (ritmo) é obtida a partir da produção de sílabas como marcações que se repetem em iguais intervalos de tempo, ou seja, são isocrônicas; já em línguas de ritmo acentual, esta repetição de movimento ocorre pelo processo de produção do acento, ou seja, a repetição dos intervalos entre os pulsos acentuais, tornando os acentos isocrônicos.

Ainda que não haja uma evidência concreta sobre a classificação do ritmo em PB, a busca pelo enquadramento da língua como pertencente a uma das categorias propostas pela dicotomia de Pike (1945) esteve presente em diversos estudos fonológicos sobre a variedade brasileira da língua portuguesa. Dentre tais estudos está o de Abaurre (1981), considerado como referência no que diz respeito a evidências rítmicas a partir de análises de processos fonológicos, em que a autora relaciona os processos que privilegiam a formação de estruturas silábicas CV, como a epêntese em vocábulos do tipo ad[i]vogado e adap[i]tar, a línguas de ritmo silábico, visto que, por eliminarem a consoante obstruente ao final da sílaba, favorecem a isocronia. Outro processo considerado como evidência de ritmo silábico é a harmonia vocálica, que, conforme a autora, é comum em estilos mais lentos do português, privilegiando a manutenção de estruturas silábicas do tipo CV e a isocronia entre todas as sílabas do enunciado. Aos processos relatados a autora associa a produção em um estilo formal, considerado como mais lento.

Ao associar a velocidade e o estilo em que o informante profere o enunciado aos processos fonológicos estudados, Abaurre (1981, p.37) assume que o levantamento de vogal atua de forma distinta da harmonia vocálica, pois, mesmo que provoque uma similaridade articulatória entre a vogal e os segmentos adjacentes, o primeiro processo citado propicia o enfraquecimento e a possível queda da vogal em questão quando presente em produções mais rápidas de fala. Assim, ao alterar o padrão silábico da língua, quando resultante em enfraquecimento ou perda da vogal, o alçamento vocálico é classificado pela autora como um processo relacionado a ritmos predominantemente acentuais. As afirmações da autora levam, pois, à hipótese de que, diferente do que ocorre com línguas como o espanhol – apontado como exemplo de ritmo silábico –, em PB o ritmo pode estar associado ao estilo de fala, formal ou casual, e à velocidade atribuída a cada um dos estilos, a saber: mais lenta, quando o ritmo é silábico, e mais rápida, quando o ritmo é acentual.

Com relação ao PE, Abaurre (1981) admite que, mesmo em estilos mais lentos, a variedade está próxima aos padrões rítmicos predominantemente mais acentuais. Tal status acentual atribuído ao PE tem sido revisto e confirmado por estudos mais recentes sobre as diferenças rítmicas entre as duas variedades, o que ocorre em Frota e Vigário (2000). Com base em procedimentos acústicos para o tratamento de ocorrências, o estudo realizado pelas duas autoras foi baseado na produção de 20 frases, repetidas 3 vezes por cada um de dois informantes da região de São Paulo – SP, no Brasil, e por cada um dos dois informantes de Lisboa, em Portugal. Após submeterem os dados à análise perceptual por falantes nativos e não nativos, e a exame acústico, as autoras atentaram para a dificuldade em observar pistas ou correlatos para o conceito de isocronia, visto que, apesar de terem suas diferenças rítmicas constatadas a partir da análise perceptual, as durações observadas para os intervalos silábicos e acentuais de PB e PE foram as mesmas.

Em busca de novas evidências para a caracterização das distinções rítmicas entre PB e PE, as autoras mediram as durações dos intervalos vocálicos e consonantais de cada uma das duas variedades a partir de um novo corpus e, corroborando os resultados de Abaurre (1981), verificaram que os intervalos vocálicos na frase são significativamente superiores em PB, enquanto PE apresentou resultados de intervalos consonantais superiores. Tal resultado vai ao encontro das percepções de Abaurre (1981), porque pode ser associado ao fato de que o processo de epêntese é mais recorrente em PB, aumentando a duração do intervalo vocálico ao mesmo tempo em que evidencia uma tendência ao ritmo silábico, enquanto a elisão e as reduções vocálicas, mais recorrentes em PE (BISOL, 1996; FROTA, 1998; TENANI, 2002), justificam a maior duração do intervalo consonantal nesta variedade.

A partir das considerações sobre os estudos de Abaurre (1981) e Frota e Vigário (2000), entende-se que a investigação do processo de elisão em variedades do PB e do PE à luz de uma mesma metodologia possa contribuir com evidências sobre o ritmo a partir dos condicionamentos apontados pela pesquisa. Para tanto, além das fronteiras prosódicas, pretende-se investigar a distância entre os acentos e a velocidade em que as sentenças são proferidas, variável que, com relação à elisão, ainda não foi relatada por estudos quando aplicada à fala espontânea. Para a investigação da relação entre velocidade de produção e o processo, e verificação da hipótese de Abaurre (1981) com relação à influência no ritmo, será medida a taxa de elocução dos informantes, sobre a qual segue a discussão em 3.3.1.

3.3.1 Taxa de Elocução e o Ritmo no Português

A relevância da velocidade com que foi produzido o discurso para a definição do ritmo no português foi já apontada no estudo de Abaurre (1981), em que a autora estabelece a relação entre processos fonológicos, como a epêntese e a elisão, e as falas, respectivamente, mais lentas e mais rápidas. A tendência à ocorrência em ritmos mais rápidos também já foi atribuída à elisão por Vigário (1997); entretanto, não foram atribuídos critérios para caracterizar a fala como mais lenta ou mais rápida, nem argumentos para a explicação sobre a forma como a velocidade pode reestruturar padrões rítmicos em uma língua.

Os estudos de Barbosa (2000), Meireles (2009) e Meireles e Silva (2011) tratam da relação da velocidade da fala com o ritmo a partir da “taxa de elocução”, termo utilizado por Barbosa como tradução da expressão *speech rate*. Conforme Barbosa (2000, p. 388), é um termo mais adequado do que “velocidade de fala”, visto que a grandeza de sílabas por segundo, utilizada para indicá-la, não representa a velocidade real de deslocamento dos articuladores da fala.

O estudo de Barbosa (2000) tem por principal objetivo atestar o isocronismo, sugerido por Pike (1945), a partir de um modelo de produção do ritmo que considera, pelo menos, dois níveis em uma hierarquia, a saber: o acentual e o silábico. Para o autor, é possível mensurar o isocronismo quando a metodologia considera a maneira como ocorre a influência de um nível rítmico sobre o outro. A tese de seu artigo não considera, pois, o conceito mais radical de isocronismo, apresentado por Abercrombie (1967), em que o isocronismo acentual excluiria totalmente a ocorrência de isocronismo silábico e vice-versa, e apresenta um novo padrão, que combina características dos níveis acentual e silábico, negando o isocronismo absoluto ao revelar a combinação entre isocronismo acentual e silábico.

O papel exercido pela taxa de elocução sobre o ritmo no modelo proposto em seu estudo é, segundo Barbosa (2000, p. 388), crucial, visto que pode acelerar ou desacelerar o oscilador silábico e modificar a relação entre o último e o oscilador acentual. A oscilação é a nomenclatura atribuída pelo autor ao movimento de sucessão de vogais, no caso do oscilador silábico, ou de acentos, no caso do oscilador acentual. O modelo com o qual trabalha considera o acoplamento dos dois tipos de osciladores. Como resultado desta associação, de taxa de elocução com osciladores acoplados, o autor confirma a hipótese de Abaurre (1981), ao comprovar a influência da taxa de elocução sobre ritmo atribuído à determinada produção. Diferente de Abaurre (1981), entretanto, Barbosa (2000) encontrou uma associação entre a taxa de elocução mais lenta e a tendência a fenômenos relacionados ao grupo acentual. Já em comparação com outras línguas, a pesquisa aponta que, em taxas de elocução mais rápidas, o PB é mais silábico, se comparado ao thai e ao inglês britânico, línguas mais acentuais; enquanto o PE, em comparação com as taxas restantes (não lentas e não rápidas), apresentou caráter intermediário, caracterizando-se por ser mais acentual do que o espanhol cubano e menos acentual do que o inglês americano e o sueco.

Em conclusão, atribuindo relevância à relação entre a taxa e o estilo de elocução e o ritmo, o autor atenta para a necessidade de cuidados metodológicos, sem os quais não é possível revelar informações relevantes quanto à tipologia rítmica. Cabe, pois, salientar que é arriscado generalizar as informações de tipologia rítmica, obtidas a partir de uma amostra, como característica geral de uma língua com muitas variedades distintas como o português.

Seguindo o Modelo Dinâmico do Ritmo (BARBOSA, 2006), o estudo de Meireles (2009) corrobora a afirmação de Barbosa (2000) de que o aumento da taxa da elocução altera o ritmo de fala da sentença. Os resultados apresentados pelo autor revelam que o desvio-padrão da duração dos grupos acentuais e das unidades vogal-a-vogal, ou unidades VV – medida utilizada para a taxa de elocução em seu estudo –, é menor em taxas de elocução mais rápidas. Assim, as durações do grupo acentual e da unidade VV apresentam tendência a menor variação com o aumento da taxa de elocução. A constatação é, conforme o autor, uma evidência a favor do caráter misto do ritmo de PB, visto que o padrão rítmico identificado dependerá do acoplamento entre osciladores silábico e acentual.

Assim como ocorre em Barbosa (2000) e Meireles (2009), Meireles e Silva (2011) apresentam um estudo que busca relacionar a taxa de elocução com o ritmo. A novidade da pesquisa proposta pelos autores fica por conta da verificação quanto a influência de variáveis sociais, sobre as quais os resultados podem trazer novas informações relevantes para a presente pesquisa. Para embasar a abordagem social do estudo, os autores recorrem à

Sociofonética (FOLKES, 2006) e à Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1972). O objetivo da inserção de variáveis linguísticas em seu estudo é, segundo Meireles e Silva (2011, p. 06), o de verificar até que nível pode chegar a influência do gênero e da faixa etária sobre a modificação da língua, ou seja, se há possibilidade de fatores sociais atingirem aspectos prosódicos como ritmo e taxa de elocução.

A realização da pesquisa contou com corpus obtido a partir da gravação de 11 sentenças, cada uma repetida 10 vezes, por quatro informantes, dentre os quais um homem e uma mulher de idades entre 13 e 17 anos e um homem e uma mulher de idades entre 17 e 22 anos. Foram consideradas três taxas de elocução distintas, a saber: normal, para a qual os informantes foram instruídos a falar de forma confortável; lenta, para a qual foram instruídos a falar o mais devagar possível, preservando a estrutura prosódica da sentença; e rápida, para a qual foram instruídos a falar o mais rápido possível sem introduzir distorções na fala.

Os resultados oferecidos por Meireles e Silva (2011), além de corroborar com Barbosa (2000) e Meireles (2009) sobre a relevância da taxa de elocução para a identificação do ritmo, confirmaram a influência dos fatores sociais na organização rítmica da fala. Com relação à faixa etária, houve um aumento dos valores de VV por grupo acentual, ou seja, taxa de elocução mais alta, entre os informantes da faixa etária entre 17 e 22 anos. Esse resultado foi correlacionado ao fato de que os informantes mais velhos apresentam nível mais avançado de escolaridade e, conseqüentemente, maior proficiência na leitura, o que ocasionaria realizações prosódicas com maior nível de isocronia acentual ou silábica. No que diz respeito ao gênero, constatou-se uma relação de dependência com a variável idade, visto que cada gênero agrupou um informante de cada faixa etária, causando equilíbrio entre os valores de VV por grupo acentual (aumento e diminuição).

Constatada a relevância da taxa de elocução para a organização rítmica da produção de enunciados e, conseqüentemente, para a ocorrência de processos como a elisão, para a qual os estudos revelam relação com o ritmo acentual, propõe-se considerar, no presente estudo, a verificação da taxa de elocução entre os informantes que compõem as amostras de Porto Alegre e do Porto. A proposição da taxa de elocução como variável de pesquisa, bem como os aspectos metodológicos para a sua aplicação, será apontada na descrição da metodologia, Capítulo 5 deste estudo.

Sumariando, a revisão dos estudos que abordam os aspectos prosódicos envolvidos no processo de elisão gera questionamentos, os quais o presente estudo pretende abordar. A relevância do domínio prosódico para a aplicação do fenômeno e sua relação com a produção

espontânea constitui, junto à abordagem da taxa de elocução em fala espontânea, o foco da análise. Os aspectos propostos a partir da Teoria da Variação (LABOV, 1972, 1994, 2001), destacados no Capítulo 4 a seguir, complementam a revisão da literatura a partir da qual serão construídas as variáveis deste estudo.

4 A VARIAÇÃO E A ELISÃO NO PORTUGUÊS

O estudo proposto considera um universo composto por uma língua e muitas diferenças. Trata-se de uma comparação entre duas variedades do português separadas fisicamente por aproximadamente 9.000 km, além de uma formação cultural e social cuja distância parece ainda maior. O processo variável de apagamento das vogais /a/, /o/ e /e/ em contexto de sequência V'V em fronteira de vocábulos - a elisão - é o foco principal do estudo. Adicionalmente, tem-se que a proposta de comparação entre a variedade falada em Porto Alegre- RS, no Brasil, e a variedade falada no Porto, em Portugal, poderá contribuir para futuros estudos sobre a diversidade entre PB e PE.

Cumprir os objetivos supracitados depende de uma análise minuciosa das ocorrências de contextos passíveis à aplicação deste fenômeno variável. Para tanto, cabe a análise à luz da Teoria da Variação (LABOV, 1972, 1994, 2001), pressuposto teórico-metodológico do estudo, cuja abordagem contempla conceitos relevantes para a condução da pesquisa, os quais serão apresentados em 4.1, junto a um breve histórico da teoria. Além de tais pressupostos, é relevante a revisão de pesquisas sobre a elisão, cujo aparato teórico utilizado siga o modelo variacionista, visto que, junto aos estudos à luz de teorias fonológicas, apresentados nos Capítulos 2 e 3, a discussão sobre condicionamentos encontrados em pesquisas anteriores embasa a decisão sobre as variáveis que serão consideradas nesta tese. A revisão dos estudos realizados à luz da Teoria da Variação será, pois, apresentada em 4.2.

4.1 VARIAÇÃO: HISTÓRIA E PRESSUPOSTOS

A partir dos estudos de Labov (1972), foi possível entender como primordial a análise e a descrição de línguas através de dados reais, que permitissem observar os processos de variação por elas aceitos. As variações, segundo essa concepção, são os resultados da ação linguística, que faz da língua um objeto não-estático, portanto passível a mudanças. Para dar conta de analisar ocorrências resultantes dessa interação entre falante e seu ambiente social, além de confirmar que o resultado deste tipo de análise conduz ao caráter heterogêneo da língua (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968), Labov (1972) oferece aos estudos linguísticos um modelo teórico-metodológico que muito se difere do modelo chomskyano (1957,1976, 1986), a Teoria da Variação.

Segundo Labov (1972, p.31), a Teoria da Variação considera as pressões sociais que operam sistematicamente sobre a linguagem. Essa interação entre língua e sociedade provoca

mudanças que devem ser consideradas para que não haja uma descrição negligente dos sistemas linguísticos. São relevantes as informações de que o modelo supracitado trata da descrição de um sistema que é regido por regras e que não desconsidera totalmente o que é tido como norma culta em uma língua. Assim, conforme Sankoff (1988, p.1), a Teoria da Variação, proposta por Labov (1972), considera duas noções referentes às regras que regem um sistema: a noção de regra categórica e a noção de regra variável. Uma regra categórica tem por característica a aplicação de uma única forma para o mesmo contexto. Já a regra variável, objeto de estudo da Teoria da Variação, constitui-se quando existe a aplicação de duas ou mais formas linguísticas ocorrendo em um mesmo contexto. Sua motivação pode ser relacionada a fatores intrínsecos ou extrínsecos ao sistema linguístico, que direcionam a produção do falante. Para tanto, a linguagem é investigada, conforme Camacho (2010, p. 149), dentro de uma comunidade de fala, definida como “*subconjunto de falantes, cujo repertório verbal revela a existência de formas que se correlacionam a diferentes tipos de padrões sociais.*”

A realização do estudo de uma regra variável requer a definição adequada do que compõe a variável dependente. Conforme Tarallo (1986, p. 08), as formas em variação constituem “*diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade*” e são chamadas de variantes linguísticas. O conjunto de variantes linguísticas, ao qual é atribuído o nome de variável linguística, pode ser subdividido em dois grupos, a saber: variável dependente, que é o fenômeno em estudo; e variáveis independentes, que são os grupos de fatores linguísticos ou extralinguísticos que podem exercer influência sobre a aplicação dos processos. A definição de uma variável dependente exige, portanto, investigação sobre quais estruturas podem ser consideradas variantes umas das outras e em quais contextos podem ocorrer.

Além da observação do contexto para identificar as formas, ou variantes, que compõem uma regra variável e da definição da comunidade de fala investigada, o estudo em variação linguística prevê, conforme Tagliamonte (2006, p. 76), a correlação da variável dependente com subsistemas linguísticos e com características sociais presentes na amostra considerada. Logo, para a realização de um estudo sobre determinada regra variável, é necessário estabelecer relações estruturais com o sistema linguístico e com a organização social da comunidade em estudo, a partir das quais são compostas as variáveis independentes, ou seja, possíveis condicionadores para a aplicação de uma ou outra forma em competição. Tais relações, entre aspectos linguísticos e sociais, só passaram a ser consideradas ao mesmo tempo em uma pesquisa a partir dos estudos de Labov (1972).

A Teoria da Variação já foi criticada por autores como Lavandera (1978), para quem a teoria falha com relação à noção da regra variável, questionada quanto à equivalência semântica de variantes sintáticas; ou como Lucchesi (2004), segundo o qual é um método que privilegia os resultados quantitativos e não atenta para a interpretação dos mesmos. Ainda assim, conforme Camacho (2010), a introdução de uma nova alternativa teórica, a partir da proposta de Labov (1972) para solucionar problemas relacionados à estrutura da língua, incluiu a concepção de sistema linguístico como algo intrinsecamente variável, constituído por um conjunto de formas que emergem em uma situação social de falantes em processo real de comunicação. A partir dessa concepção de língua, a pesquisa linguística envolve, obrigatoriamente, a consideração sobre conjuntos de fatores extralinguísticos, dentre os quais estão as características sociais, como sexo, idade, escolaridade e classe social.

São as pressões sociais, identificadas a partir da inclusão de variáveis extralinguísticas nos estudos que, segundo Labov (1972), atuam junto aos elementos linguísticos para a realização de mudanças, assim como ocorre em seu estudo sobre a centralização de [aw] e [ay] em Martha's Vineyard, pesquisa em que o autor encontrou motivação na marcação da identidade como nativo da ilha para que os falantes passassem a produzir a centralização. O resultado foi obtido a partir da observação de que, diante da invasão de turistas no território, quanto mais o indivíduo se sentia capaz de reivindicar e manter seu status como falante nativo da ilha, mais adotava a centralização; enquanto quem não demonstrava o desejo de permanecer no local e de manifestar sua identidade como nativo apresentava menor produção da centralização.

Estudos realizados à luz da Teoria da Variação podem indicar dois estágios de variação, a saber: uma mudança em progresso, que ocorre quando a forma padrão passa a ser menos utilizada, cedendo lugar à nova variante; e a variação estável, em que a produção da nova variante não revela indícios de crescimento na comunidade de fala estudada. Para tanto, a Teoria da Variação propõe, conforme Tarallo (1985, p.65), a análise em dois processos distintos, a saber: a pesquisa em tempo aparente e a pesquisa em tempo real.

A pesquisa em tempo aparente resulta de um estudo sincrônico, que avalia apenas a situação de determinada regra variável em um momento histórico também determinado. Nesse tipo de pesquisa, os informantes são estratificados em faixas etárias, o que possibilita verificar a aplicação da regra para cada uma delas. Quando a aplicação da nova variante em estudo é maior entre jovens, seguidos por adultos e idosos, respectivamente, há indícios de uma mudança em progresso, visto que os jovens poderão levar a produção adiante. Para a confirmação da mudança, entretanto, é necessária a realização de um estudo diacrônico em

tempo real, cuja análise é construída a partir do resultado da comparação entre dados coletados em dois momentos no tempo. A fim de licenciar um estudo em tempo real, as duas coletas de dados deverão ser realizadas na mesma comunidade de fala, com o mesmo número de informantes, com a utilização de métodos semelhantes (tipo de entrevista, duração da entrevista e forma de registro), deverão ocorrer com um intervalo mínimo de 20 anos – no caso de estudos de variação fonológica – e resultar em número de ocorrências aproximado. A comparação entre os resultados poderá confirmar o processo de mudança da variável em estudo ou indicar um processo em variação estável.

No estudo realizado por Labov (1972) em Martha's Vineyard, a constatação de uma mudança em progresso ocorreu a partir da retomada de resultados de levantamentos dialetais anteriores – em que havia poucos vestígios de centralização – e pela consideração de aplicação da nova forma, sobretudo entre as gerações de informantes consideradas: quando a produção é significativamente mais elevada ou significativamente mais baixa entre jovens em comparação aos mais velhos, tem-se indício de mudança em progresso, pois são os jovens que levam adiante as produções; quando não há diferença significativa entre as faixas etárias, considera-se um fenômeno de variação estável.

Como é possível constatar, o tratamento de aspectos extralinguísticos, junto aos aspectos que dizem respeito à organização do sistema linguístico, pode oferecer evidências referentes não só ao estágio de variação da regra, como também sobre o status social da regra variável dentro da comunidade de fala. No exemplo do estudo de Martha's Vineyard (LABOV, 1972), foi o sentimento de identidade com relação à ilha que motivou o progresso da nova forma, mas muitas mudanças são motivadas pelo prestígio que uma nova variante pode carregar em determinada comunidade, seja por ser considerada como produção de uma população mais elitizada, seja por ser marca de um grupo que represente poder.

A importância dos aspectos sociais para os estudos à luz da Teoria da Variação motivou a publicação de Labov (2001), obra dedicada especialmente a tratar desses aspectos a partir da busca pela localização do social para a compreensão das causas e das motivações da mudança linguística. Para tanto, o autor retoma estudos à luz dos pressupostos variacionistas, associando a mudança a variáveis sociais como a classe econômica, a ocupação e a idade dos informantes. A motivação social manifestada nas pesquisas a partir das variáveis extralinguísticas mais recorrentes, às quais, além das supracitadas, acrescenta-se o gênero dos informantes, pode ser associada a aspectos implícitos a tais características sociais, como os interesses comuns a uma determinada faixa etária, ou mesmo a aspectos como a identificação com um grupo dentro da comunidade de fala considerada. Tais características, por vezes, não

são claramente expressas pela identificação básica dos informantes, mas podem ser verificadas a partir do conteúdo expresso em métodos de coleta como a entrevista de experiência pessoal.

Conforme Tagliamonte (2006), a escolha do método de coleta deverá levar em consideração o objetivo da pesquisa e a relevância do controle sobre as ocorrências obtidas. Para estudos que consideram processos recorrentes em frases e que independem da produção de contextos pré-determinados, como é o caso da elisão, a entrevista de experiência pessoal é bastante adequada, ao passo que possibilita a aproximação à fala vernacular. Entretanto, para que isso ocorra, Tagliamonte (2006, p. 40) sugere que o entrevistador desenvolva algumas técnicas, dentre as quais se destacam o uso mais vernacular possível durante as perguntas; a elaboração de um roteiro com questões de acordo com a faixa etária, ocupação, gênero do informante e, principalmente, a liberdade para que o informante fale sem interferência do entrevistador.

A apresentação referente à Teoria da Variação realizada nesta seção privilegiou o esclarecimento sobre os pressupostos metodológicos a partir dos quais foi realizada esta pesquisa. A análise aqui proposta considera, além dos pressupostos da Teoria da Variação, os pressupostos teóricos discutidos nos Capítulos 2 e 3, da mesma forma como foram construídos os estudos sobre elisão apresentados na Seção 4.2 a seguir.

4.2 A ELISÃO À LUZ DA TEORIA DA VARIAÇÃO

À luz da metodologia proposta pela Teoria da Variação, a elisão já foi objeto de estudo em Bisol (1996, 2002), Ludwig-Gayer (2008) e Vianna (2009), no que diz respeito à vogal final /a/ seguida de vogal de qualidade fonética distinta; em Barbosa (2005), no que diz respeito a vogal /e/ na primeira posição em fronteira de vocábulos; e para Vargas (2006) e Alencastro (2008), em que se considerou a vogal final /o/ em primeira posição.

A revisão da literatura sobre o assunto é que embasa a decisão sobre as variáveis que constituirão a pesquisa. Para tanto, além dos estudos discutidos nos Capítulos 2 e 3 desta tese, a decisão sobre as variáveis necessita da discussão sobre as pesquisas realizadas à luz da Teoria da Variação a partir de fala espontânea, como os supracitados. Os estudos serão, pois, retomados a seguir, subdivididos conforme a vogal em foco, ou seja, a elisão da vogal /a/, a elisão da vogal /e/ e a elisão da vogal /o/.

4.2.1 A Elisão de /a/ e Seus Condicionamentos

O primeiro estudo à luz da Teoria da Variação sobre a regra variável da elisão foi realizado por Bisol (1996) a partir de um corpus constituído por um total de 15 entrevistas do Projeto NURC (Norma Urbana Culta), realizadas com 03 informantes de cada uma das cinco capitais brasileiras consideradas, a saber: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Após realizar a análise estatística das 615 ocorrências, considerando o mesmo arquivo para todas as capitais supracitadas, foi revelada uma frequência global de 11% para a regra de elisão.

Os resultados obtidos a partir da análise estatística revelaram apenas um condicionamento linguístico para o estudo de elisão na amostra em questão: o papel do acento. Sobre essa variável tem-se que há o favorecimento de sequências de vogais átonas, como em “...alguma *figura humana*...” e “você pode aproveitar *cada instante*.” (BISOL, 1996, p. 79), enquanto os contextos de vogal átona seguida de vogal tônica apresentam rejeição ao processo, como em “...*ela usa* também fazer aqui em casa” e “...*fora isso*...” (BISOL, 1996, p. 80).

A hipótese de Bisol (1996, p.57), de que a elisão aplica-se com tendência à regra geral quando a vogal seguinte for posterior arredondada e, opcionalmente, quando a segunda posição for ocupada por uma vogal frontal, não pôde ser confirmada a partir dos resultados estatísticos obtidos após a análise das ocorrências, visto que, contrariando as expectativas, a variável Categoria da Vogal Seguinte não foi apontada pelo programa como condicionadora. Como possibilidade para justificar a não seleção da variável, foi apontada a necessidade de aumentar a amostra em consideração. Ainda que não tenha sido selecionada como estatisticamente relevante, a autora defende a sua hipótese a partir de um resultado de uma das iterações da rodada estatística, em que a aplicação é mais elevada quando as vogais em segunda posição são posteriores se comparada à aplicação quando há uma vogal coronal em segunda posição. O favorecimento exercido pela vogal posterior arredondada em segunda posição não foi, pois, refutado pelo estudo em questão, embora a autora admita a necessidade de testar a hipótese em amostra maior. A não seleção da variável relacionada ao fato de, em uma das iterações, o resultado favorecer a aplicação do processo quando a fronteira é formada com a vogal seguinte posterior arredondada pode ser uma evidência de influência não só do tamanho da amostra, que ocasiona a relação pouco ortogonal entre os fatores de variáveis, ou seja, má distribuição das ocorrências entre as células formadas pelo cruzamento de variáveis. A questão da ortogonalidade não foi, entretanto, investigada pela autora.

Dentre as variáveis extralinguísticas foram selecionadas como relevantes a região geográfica, o tipo de entrevista e o sexo do informante. Rio de Janeiro e Porto Alegre são as regiões em que há maior aplicação da regra em estudo, enquanto em Recife, São Paulo e Salvador a aplicação é considerada baixa. Com relação ao tipo de entrevista, a elisão é favorecida quando considerada a fala livre e evitada no estilo formal de elocução, como em aulas expositivas e palestras. A análise da variável sexo do informante revelou que há maior condicionamento quando a fala é produzida por mulheres e, ainda que o estudo de Bisol (1996) não considerasse uma hipótese para esta variável, o resultado foi associado às considerações de Oliveira e Silva (Bisol, 1996, p. 81), em que as mulheres que constituíram a amostra do NURC apresentaram uma taxa de elocução mais rápida com relação aos homens desta mesma amostra.

Após a descrição do estudo realizado por Bisol (1996), cabe realizar algumas considerações relevantes para que os resultados obtidos sejam tomados por base. A primeira constatação é de que considerar regiões geográficas distintas em uma análise conjunta de ocorrências pode comprometer a análise total dos resultados, se o comportamento de cada uma das regiões, quando individualizadas, não for semelhante. Na amostra de Bisol (1996), por exemplo, os resultados obtidos para a aplicação de elisão da vogal /a/ no Rio de Janeiro e em Porto Alegre são elevados, se comparados aos resultados das demais capitais. Assim, não só há a influência na frequência global da amostra, como pode ocorrer influência na seleção de outra variável, ou seja, considerando-se o comportamento distinto de cada uma das regiões com relação à aplicação, pode-se considerar a existência de uma distinção também com relação aos condicionadores. Para a análise da regra de elisão em PE e PB, a hipótese é de que haja diferença significativa com relação à frequência global, mais alta em PE, o que encaminha para a realização de análises estatísticas individuais.

Outra constatação relevante está relacionada à taxa de elocução. Além de investigar a relação do sexo do informante com o processo em estudo, pretende-se verificar, como evidência para o tratamento das distinções rítmicas entre PE e PB, a relevância da taxa de elocução, conforme discussão apresentada na Seção 3.3. A associação dos resultados de Bisol (1996) com as considerações sobre a taxa de elocução, apontadas por Oliveira e Silva (BISOL, 1996, p. 81), são indícios para a influência deste aspecto prosódico sobre o fenômeno.

Após o estudo a partir de amostras do NURC, Bisol (2002) realizou nova pesquisa sobre a elisão da vogal /a/, desta vez com ocorrências extraídas de 12 entrevistas da amostra representativa de Porto Alegre, parte do banco de dados do Varsul (Variação Linguística na

Região Sul). A seguir à apresentação da frequência global de 32% para a regra de elisão em Porto Alegre, foi contemplado o resultado para a variável Qualidade da Vogal em Segunda Posição. Diferente do que havia ocorrido com relação à amostra do NURC (BISOL, 1996), houve a seleção da variável supracitada, confirmando não só a expectativa da autora com relação ao condicionamento da segunda posição, como também com relação ao favorecimento da vogal posterior. O resultado é justificado pelo fato de as vogais envolvidas, /a/ em primeira posição e [o, õ, u, û] na segunda, compartilharem o traço [+ posterior].

No que diz respeito ao acento, a variável referente foi selecionada e confirmou o maior favorecimento em contexto de atonicidade total. Os fatores, entretanto, foram organizados de forma distinta à proposta de Bisol (1996), porquanto o acento da segunda vogal foi classificado como primário ou principal. Esta diferença metodológica esclareceu que a incidência do acento primário não bloqueia o processo, ainda que apresente aplicação neutra, ao contrário do que ocorre com o acento principal incidente sobre a vogal em segunda posição, cuja ocorrência é bloqueadora. Tal restrição rítmica está associada à mudança do último pé métrico, portanto o mais proeminente, para que se acrescente uma sub-sílaba resultante da associação do elemento extraviado consequente da sílaba perdida no choque entre picos silábicos, conforme apresentado na Seção.

A variável Constituintes Prosódicos, também considerada por Bisol (1996), embora não tenha sido selecionada como de relevância estatística para o processo, foi apontada como condicionadora à elisão de /a/ pela análise de Bisol (2002). O resultado revelou que o maior favorecimento à regra ocorre quando o contexto compõe uma frase fonológica, considerada por Bisol (2002) como todos os constituintes hierarquicamente superiores ao grupo clítico. Após descrever o resultado, a autora questiona o privilégio da frase fonológica com relação ao grupo clítico, mas não encaminha uma solução para a questão. Cabe ressaltar que não foi considerada pela autora a influência da fronteira prosódica entre os itens lexicais que constituem a ocorrência sobre o processo, pressuposto pelo qual se pretende organizar a variável que tratará dos constituintes prosódicos no presente estudo (FROTA, 1998; TENANI, 2002).

Dentre as variáveis linguísticas, ainda foi selecionada como estatisticamente relevante a relação do Monomorfema com a elisão. Os resultados revelam que, quando ocupa a segunda posição, o monomorfema favorece o apagamento da vogal em primeira posição, embora na segunda posição seja desfavorecedor. Conforme Bisol (2002), a restrição ocorre em monomorfemas de um segmento apenas, como em *na esquina* (* [nes]quina), por conta da falta de vestígios resultantes do apagamento, ao passo que é possível em monomorfemas de

mais segmentos, como em *pra Elisa* ([pre]lisa), em que o monomorfema tem mais de um segmento. Corroborando a proposta de Bisol (2002), Veloso (2003), em estudo à luz da Morfologia Distribuída, atribui essa restrição à perda da informação morfológica contida na vogal.

A única variável extralinguística selecionada em Bisol (2002) foi escolaridade, para a qual o resultado revelou serem os mais escolarizados a aplicarem a elisão com maior frequência. O resultado é, segundo a autora, um indício de que o processo de elisão não apresenta marcas sociais, ou seja, ao não confirmar a aplicação mais frequente entre pessoas de menor escolaridade, corrobora a tendência histórica do fenômeno no sistema do português, atribuindo-lhe um caráter natural. Apesar da seleção das variáveis sexo (BISOL, 1996) e escolaridade (BISOL, 2002) como estatisticamente relevantes, não há, conforme a autora, indícios para acreditar no papel social do fenômeno em estudo, visto que o condicionamento linguístico mostrou-se mais expressivo.

A elisão da vogal /a/ também foi objeto de análise nos estudos de Ludwig-Gayer (2008) e Vianna (2009) em outras regiões abrangidas pelo Banco de Dados do Projeto VARSUL. As variáveis propostas por Bisol (2002) foram as principais referências para a investigação nos estudos posteriores.

No estudo em que considera a amostra representativa de São Borja, cidade do interior do Rio Grande do Sul, Ludwig-Gayer (2008) utilizou-se de verificação acústica de 784 ocorrências, com o programa *Wavesurfer*, para detectar o apagamento da vogal nos contextos e descrever a regra de elisão da vogal /a/. A frequência global resultante da análise revelou em São Borja uma frequência da regra em estudo em 55% das ocorrências, superior à encontrada por Bisol (2002) em Porto Alegre.

Os condicionamentos revelados pelo estudo em questão não se diferem significativamente daqueles encontrados por Bisol (2002), bem como os fatores favorecedores, visto que o domínio prosódico preferencial à aplicação da regra de elisão de /a/ em São Borja é, assim como em Porto Alegre (BISOL, 2002), a *frase fonológica*. Os resultados para a variável Acento confirmam que seja, também em São Borja, o contexto de atonicidade total o mais favorecedor, repetindo o bloqueio do acento principal, ainda que o acento primário não bloqueie o processo.

A análise da variável Categoria da V2, entretanto, não corrobora a regra formulada por Bisol (1996, 2002), que determina tendência à aplicação geral quando a posição seguinte for ocupada pela vogal posterior, visto que os resultados para São Borja apontam o favorecimento

quando há uma vogal média anterior como contexto seguinte à vogal candidata ao apagamento, bem como em *agora espero*.

A variável Extensão do Vocábulo, baseada no estudo de Bisol (2002) sobre o monomorfema, revelou que sequências de vocábulos classificados como de *qualquer extensão* são mais favorecedores do que aquelas que envolvem uma *palavra seguida de vogal* ou *vogal seguida de palavra*, como em *fazenda e* e *a eles* (LUDWIG-GAYER, 2008), respectivamente.

O bloqueio com relação à vogal em primeira posição está de acordo com os resultados de Bisol (2002) que apontam restrição à elisão de /a/ em Porto Alegre quando a primeira posição é ocupada por um monomorfema. Cabe ressaltar, entretanto, que o tipo de ocorrência considerada por Ludwig-Gayer (2008), em que a primeira posição pode ser ocupada por uma sílaba formada apenas por vogal, ou seja, sem preenchimento de onset, não será considerado para a realização da presente pesquisa, visto que a presença de onset na sílaba portadora da vogal candidata ao apagamento é uma condição essencial para a ocorrência do processo (BISOL, 1992).

O estudo de Ludwig-Gayer (2008) propõe ainda duas variáveis que não foram consideradas por Bisol (1996, 2002), a saber: Combinação de Palavras e Distância entre os Acentos. Quando considerada a variável Combinação de Palavras, os resultados revelaram que as palavras *não-funcionais* são favorecedoras em primeira posição, enquanto as *funcionais* não favorecem a aplicação da regra. O resultado para Distância entre os Acentos aponta como mais favorecedores os contextos em que há uma distância de duas sílabas ou mais entre os acentos dos vocábulos envolvidos. As duas variáveis analisadas por Ludwig-Gayer (2008), e que serão aplicadas à presente pesquisa, foram baseadas, respectivamente, em Cabré e Prieto (2005), sobre o catalão (cf. Seção 2.3), e em Vigário (1997), sobre a elisão da vogal não-recuada no PE.

Também construído com base na proposta de Bisol (2002), o estudo de Vianna (2009) apresenta resultados sobre a elisão da vogal /a/ em Florianópolis - SC, processo para o qual revela 33% de frequência global e três condicionadores, a saber: Acento, Monomorfema e Domínio Prosódico. A investigação da variável Acento corrobora a hipótese de que o contexto de atonicidade máxima seja, também em Florianópolis, o mais favorecedor à aplicação da regra de elisão da vogal /a/. A hipótese construída a partir dos resultados de Bisol (2002) é também confirmada quando considerado o monomorfema, visto que a presença deste tipo de vocábulo em primeira posição é bloqueadora da aplicação de elisão da vogal /a/ em Florianópolis -SC. O resultado encontrado para o domínio prosódico, porém, não corrobora os demais estudos sobre apagamento da vogal /a/, visto que a análise estatística apontou o

grupo clítico como favorecedor ao processo, enquanto em Bisol (2002) e Ludwig-Gayer (2009) foi a frase fonológica o domínio preferencial. Há que se considerar, entretanto, que os resultados divergentes possam estar relacionados à metodologia adotada pelas autoras durante a classificação das ocorrências como representativas de um ou outro domínio prosódico. A ausência de detalhamento metodológico não possibilita, entretanto, identificar os elementos que ocasionaram tal divergência.

Após a revisão dos estudos sobre elisão da vogal /a/ no português à luz da Teoria da Variação, é possível identificar semelhanças entre os condicionamentos encontrados, sendo unânime: i) o fato de que a elisão da vogal /a/ apresenta condicionamento preferencialmente linguístico; ii) o fato de que o acento da vogal em segunda posição e o domínio prosódico sob o qual está o contexto em foco, ainda que não haja consenso sobre o domínio preferencial, são os principais condicionadores do processo.

4.2.2 A Elisão de /e/ e Seus Condicionamentos

O processo de elisão da vogal /e/ foi discutido, à luz da Teoria da Variação, em duas etapas: inicialmente por Barbosa (2005), em seu trabalho de dissertação, e, mais tarde, quando os dados foram reorganizados e apresentados por Barbosa e Brescancini (2005) em forma de artigo. As ocorrências que compuseram a amostra do estudo foram coletadas em entrevistas do banco de dados do Projeto VARSUL, correspondentes às três capitais da região Sul do Brasil, a saber: Porto Alegre – RS, Florianópolis – SC e Curitiba – PR. Os dados receberam tratamento estatístico em um mesmo arquivo, do qual resultou a frequência global de 14% para a elisão da vogal /e/ nas três capitais.

Ainda que se trate do processo de elisão com uma vogal diferente de /a/, as variáveis abordadas por Barbosa (2005) foram baseadas nos estudos de Bisol (1996, 2002). Os condicionamentos linguísticos encontrados dizem respeito à Qualidade da Vogal Seguinte, ao Tipo de Clítico na Primeira e na Segunda Posição, ao Acento da Vogal em Segunda Posição, à variável Léxico, em que se considera o tipo de vocábulo envolvido, e à Consoante Anterior à Vogal Elidida.

Com relação à Qualidade da Vogal Seguinte foi atribuído à vogal coronal [ɛ] o status de mais favorecedora ao processo. Assim, contextos como “*ele era grosso*” (BARBOSA, 2005, p.107) são aqueles em que o processo é mais recorrente. Cabe observar que, mesmo sendo a vogal coronal [ɛ] portadora do acento da palavra, o contexto não sofre o bloqueio da restrição acentual por se tratar de uma sequência em que o acento principal da frase

fonológica recai sobre o item lexical imediatamente a seguir (*grosso*), confirmando a proeminência do elemento mais à direita e evitando o bloqueio ao processo (BISOL, 2002). Os resultados para as variáveis Tipo de Clítico na Posição 1 e Tipo de Clítico na Posição 2 apontaram os vocábulos *que/de* e *um* como mais favorecedores, respectivamente. A elisão de /e/ é, pois, mais frequente em sequências como *que_era* → [kɛ]ra e *de_um* → [dũ].

O acento, que até o momento era a unanimidade entre os estudos sobre a regra variável de elisão aqui apresentados, revelou um resultado divergente quando considerada a amostra de Barbosa (2005), visto que o favorecimento ocorre quando a segunda posição é ocupada por uma vogal portadora do acento primário, enquanto a vogal átona e a vogal portadora do acento principal não favorecem o processo. Retomando o resultado obtido para a Qualidade da Vogal Seguinte, fica clara a influência da alta aplicação quando em contexto de vogal coronal [ɛ] sobre este resultado. A justificativa para a maior aplicação da regra neste contexto é, entretanto, encontrada na literatura sobre o assunto, porquanto Bisol (1992) afirma que a vogal coronal tende a perder o acento em processos fonológicos quando pertence a palavras funcionais acentuadas (ele, ela) ou formas do verbo ser (era, é). Tal informação, acrescida do fato de que a vogal coronal [ɛ] compartilha traços com a vogal candidata ao apagamento /e/, torna compreensível o favorecimento de vogais portadoras do acento primário. Embora este caminho para a justificativa não seja tomado por Barbosa (2005), o fato é investigado por Barbosa e Brescancini (2005), estudo em que as autoras confirmam, a partir de um cruzamento entre Contexto Vocálico Seguinte e Acento da Vogal Seguinte, a hipótese de que o favorecimento atribuído ao acento primário está diretamente relacionado à alta aplicação da regra em contexto seguinte de vogal coronal [ɛ].

Conforme mencionado anteriormente, foram ainda selecionadas como condicionadoras as variáveis Léxico, cujo resultado aponta favorecimento de sequências de palavras funcionais; Número de Sílabas, em que, ao considerar a distância entre os acentos dos vocábulos em primeira e segunda posição, foi revelado favorecimento em sequências sem distância entre os acentos, resultado coerente com o obtido para o acento da vogal seguinte, já que o processo é favorecido quando a vogal recebe acento primário; e Consoante Anterior à Vogal Elidida, para a qual foi revelado favorecimento ao processo quando há uma consoante coronal.

Ao final da revisão dos estudos de Barbosa (2005) e Barbosa e Brescancini (2005), é possível realizar uma comparação entre os principais condicionamentos para o processo de elisão da vogal /e/ e os condicionamentos atribuídos à regra de elisão de /a/ por Bisol (2002), Ludwig-Gayer (2008) e Vianna (2009). Ainda que não seja adequado tomar os estudos como

generalizáveis, pois as metodologias não são idênticas e as vogais candidatas ao apagamento são distintas, cabe apontar como aspectos em comum a relevância da categoria da vogal em segunda posição e do acento, visto que não foram considerados os constituintes prosódicos em ambos os estudos sobre a vogal /e/. Outra consideração relevante está relacionada ao caráter primordialmente linguístico da regra, visto que variáveis extralinguísticas não apresentaram, ainda, papel.

A seguir, os estudos sobre a elisão da vogal /o/ em Florianópolis (VARGAS, 2006) e em Porto Alegre e Curitiba (ALENCASTRO, 2008) complementam a revisão dos estudos variacionistas sobre a regra de elisão, realizados a partir de corpus de língua portuguesa.

4.2.3 A Elisão de /o/ e Seus Condicionamentos

A elisão da vogal /o/ a partir de dados do Varsul para as três capitais da região Sul foi investigada à luz da Teoria da Variação em dois momentos distintos: Vargas (2006), com amostra representativa de Florianópolis – SC, e Alencastro (2008), com amostras representativas de Porto Alegre – RS e Curitiba – PR. Assim como os demais estudos (BARBOSA, 2005; LUDWIG-GAYER, 2008 e VIANNA, 2009), as principais variáveis propostas pelas duas pesquisas foram construídas a partir dos estudos de Bisol (1996, 2002). Enquanto o resultado de Vargas (2006) revelou aplicação de 21% para a regra de elisão da vogal /o/ em Florianópolis, Alencastro (2008) obteve a frequência global de 18% para Porto Alegre e 21% para Curitiba. Tais resultados confirmam o comportamento semelhante dos falantes da região Sul do Brasil com relação à regra.

A seleção de variáveis apontou semelhança entre os estudos também no que diz respeito aos condicionamentos, já que apresentaram relevância, em ambos os estudos, as variáveis Classificação Morfossintática da Posição 1 e 2, Tipo de Item Lexical na Posição 1 e 2, Número de sílabas na posição 1 e Qualidade da Vogal em Segunda Posição. Em Alencastro (2008) foi selecionada ainda a variável Constituintes Prosódicos, que não foi considerada por Vargas (2006).

Com relação às variáveis Classificação Morfossintática da Posição 1 e 2, não é possível realizar uma comparação adequada entre os resultados de Vargas (2006) e Alencastro (2008), porquanto foram constatadas divergências entre as duas metodologias para a classificação. Os resultados de ambos os estudos apontam, entretanto, que o favorecimento está totalmente relacionado ao Tipo de Item Lexical recorrente nas duas posições, cujos resultados obtidos em ambos os estudos atribuíram favorecimento aos itens *como* e *quando* na

primeira posição e *ele*, *ela*, *é* e *era* na segunda posição. Assim, há favorecimento significativo à aplicação de elisão da vogal /o/ em contextos como *quando era criança*, *como é feito* e *como ela diria*.

Ainda que não tenha sido selecionada como variável de relevância estatística ao processo de elisão da vogal /o/, a discussão referente à variável Qualidade da Vogal Seguinte foi instigada, em Alencastro (2008), a partir dos resultados obtidos para Tipo de Item Lexical na Posição 2, que revelaram como principais favorecedores os itens lexicais cuja vogal inicial é uma coronal. A verificação da rodada de análise estatística da qual a variável fez parte, junto aos resultados mencionados para a variável Tipo de Item Lexical na Posição 2, encaminharam para a conclusão de que a vogal coronal é mais favorecedora ao processo de elisão da vogal /o/. A não seleção da variável durante a análise foi relacionada, em Alencastro (2008), à iteração com a variável Tipo de Item lexical na Posição 1, em que os fatores não coocorrem livremente. Corroborando os resultados obtidos por Vargas (2006), a elisão de /o/ em Porto Alegre e Curitiba é, também, favorecida quando a segunda posição é ocupada pela vogal coronal.

Bem como ocorreu na pesquisa de Barbosa (2005), o favorecimento da vogal coronal [ɛ] ao fenômeno em estudo ocasiona o favorecimento de contextos em que a vogal em segunda posição é portadora de acento. É relevante ressaltar, porém, que se tratam de casos em que a vogal não é portadora do acento principal, mas de sequências em que há reestruturação da frase fonológica e o acento principal passa a incidir sobre o vocábulo mais à direita da frase. Assim, tem-se elisão em casos como “*não sei como era → não sei como era feito*”. Associado ao fato de não se tratarem de ocorrências em que a vogal é portadora do acento principal, está a exceção apontada por Bisol (1992) sobre a perda do acento em vogais coronais que iniciam palavras funcionais ou formas do verbo ser.

A variável Constituintes Prosódicos, não considerada na investigação de Vargas (2006), foi selecionada como relevante para o estudo de Alencastro (2008) e apontou, de encontro às considerações de Bisol (2002), como favorecedores os contextos formados sob o domínio do grupo clítico, resultado também encontrado por Vianna (2009) sobre a elisão da vogal /a/ em Florianópolis.

Após a revisão de ambos os estudos, cabe ressaltar novamente a relevância dos condicionamentos que dizem respeito à qualidade da vogal em segunda posição, do acento da vogal em segunda posição e dos constituintes prosódicos, visto que exerceram papel sobre o fenômeno em todos os estudos nos quais foram considerados. Corroborando o caráter

linguístico do fenômeno em estudo, as pesquisas sobre a elisão da vogal /o/ não apresentaram relevância com relação às variáveis extralinguísticas.

Sumariando, após a revisão dos pressupostos da Teoria da Variação Linguística e a discussão sobre estudos que contemplam a regra variável da elisão, pressupõe-se que a análise do fenômeno em estudo e a comparação dos resultados para as duas variedades aqui tratadas necessitam da realização de uma pesquisa à luz da Teoria da Variação, com a adoção dos mesmos procedimentos. Assim, além de preencher a lacuna ocasionada pela falta de um estudo nesses moldes sobre a elisão no Porto, licenciar-se-á a comparação dos resultados com a consideração de contextos idênticos e mesmas variáveis.

Cabe ainda destacar o caráter principalmente linguístico esperado para os condicionamentos ao processo, visto que as variáveis sociais não revelaram, até o presente momento, importância para a aplicação do fenômeno. Não obstante, como estão sendo consideradas duas variedades distintas da língua, em uma amostra inédita, é importante verificar a relevância de variáveis sociais para a presente pesquisa.

5 METODOLOGIA

Como explicitado na Introdução do estudo, pretende-se aqui comparar o processo de apagamento da vogal átona final em encontros vocálicos realizados em fronteira de vocábulos em duas variedades do português, de Porto Alegre – RS, no Brasil, e do Porto, em Portugal, a partir de uma amostra tratada à luz dos pressupostos teóricos e metodológicos da Teoria da Variação (LABOV, 1972, 1994, 2001). Na impossibilidade de uma abordagem completa das variedades de PB e PE, foram escolhidas as duas regiões para a constituição da amostra, uma representativa da variedade brasileira e outra da variedade europeia da língua portuguesa.

Conforme pôde ser constatado nos Capítulos 2, 3 e 4 deste estudo, o processo de apagamento de vogais em fronteira de vocábulos foi bastante estudado na variedade brasileira da língua, sobretudo a partir dos pressupostos teóricos da Teoria da Variação (LABOV, 1972). Os resultados apontam comportamento semelhante da regra variável nas variedades do português brasileiro cujas pesquisas foram relatadas na Seção 4.2. Conforme os pesquisadores, o apagamento em questão é um fenômeno de motivação linguística, cujo principal condicionamento está, até o momento, relacionado à restrição acentual e ao domínio prosódico.

A escolha de Porto Alegre para a coleta de uma amostra que possa representar a variedade brasileira da língua em estudo considerou, além da constatação de ser o processo um fenômeno de aplicação semelhante nas variedades do PB estudadas, o fato de ser a cidade em que está situada a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, instituição que abriga o Programa de Pós-Graduação para o qual foi proposta a presente tese. Com relação à escolha do Porto, justifica-se pelo convênio⁷ estabelecido entre Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Universidade do Porto, através do qual foi realizado pela pesquisadora o estágio em caráter de Doutorado sanduíche, no período de setembro de 2010 a fevereiro de 2011, quando se deu a realização das entrevistas de experiência pessoal que constituem a amostra do Porto. Ainda que os estudos anteriores forneçam evidências para conclusões de que o fenômeno ocorre de maneira regular entre as variedades do PB, é importante ressaltar que os resultados aqui obtidos não deverão ser generalizados e que, apesar de falar-se em uma comparação entre PB e PE, trata-se de uma comparação entre as variedades de Porto Alegre e do Porto, que poderá oferecer argumentos para a discussão sobre as divergências e similaridades entre a variedade brasileira e europeia da língua portuguesa.

⁷ 2º Termo aditivo celebrado entre Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Universidade do Porto em 09/10/2008, dentro dos termos do Convênio de Cooperação celebrado entre as partes em 29/09/2006.

Na seção 5.1, a seguir, as duas regiões consideradas são apresentadas a partir de aspectos como história, população e economia. A seção 5.2 revela os detalhes da constituição da amostra a partir da qual foram coletadas as ocorrências para a realização da pesquisa, enquanto 5.3 contempla as variáveis dependentes e independentes consideradas. Em 5.4 são apresentados os instrumentos utilizados para a realização da análise estatística e para a verificação acústica das ocorrências, o GOLDVARB e o PRAAT versão 5.3.56, respectivamente.

5.1 REGIÕES

As subseções a seguir comprometem-se em descrever brevemente as regiões nas quais foram realizadas as coletas que compõem a amostra utilizada para a realização do estudo. Questões como localização, população e fontes de renda serão destacadas.

5.1.1 Porto Alegre

Parte da região metropolitana de Porto Alegre, a cidade homônima é a capital do estado mais ao sul do Brasil, o Rio Grande do Sul (FIGURA 2). A cidade tem um território de 500 km² e uma população de 1.409.939 habitantes (IBGE, 2010). Fundada em 26 de março de 1772, foi constituída a partir da chegada de casais açorianos em meados do século XVIII. Antes de ser nomeada Porto Alegre, porém, a cidade teve diversos nomes, dentre os quais o mais famoso é Porto dos Casais, atribuído em razão da colonização de casais açorianos no século XVII. Segundo Spalding (1940), Porto dos Casais passou a se chamar Porto Alegre por uma inspiração religiosa e patriótica de D. Frei Antônio do Desterro, responsável pela assinatura do ato de criação da freguesia. Conforme o autor, o fato se deve ao período pelo qual passava a cidade de Portalegre, em Portugal, que se destacou na luta entre portugueses e espanhóis por territórios.

Figura 2 – Localização do Rio Grande do Sul no Mapa do Brasil



Fonte: www.mapas-brasil.com⁸

Considerada pela ONU (2009) uma das melhores capitais brasileiras para morar, trabalhar, estudar e divertir-se, Porto Alegre é também relacionada entre as cidades mais arborizadas e alfabetizadas do país, sediando as primeiras edições do Fórum Social Mundial, nos anos de 2001, 2002 e 2003. Além do Fórum Social Mundial, a capacidade turística de Porto Alegre – já afirmada por historiadores – tem maior parte de seu crescimento associado ao fato de ser ponto de partida para a Serra Gaúcha, para o litoral e para a região histórica das Missões. Seus principais pontos turísticos são o Mercado Público, o Theatro São Pedro, o Cais do Porto e o Lago Guaíba.

Com relação à economia, a região metropolitana de Porto Alegre é movimentada não só pelo grande potencial industrial, como também pela agricultura e pecuária. Na agricultura, há destaque para a produção do arroz e cana de açúcar, enquanto na pecuária, a produção do leite é a mais expressiva. Apesar da queda de participação da indústria no PIB municipal, há a constatação de que as empresas passaram a investir nas demais cidades da região metropolitana.

⁸ Acessado em 22/04/2013.

5.1.2 Porto

O Porto é uma cidade litorânea localizada ao noroeste de Portugal (FIGURA 3). Com área de 41,66 km² e população de 216.080 habitantes (CÂMARA DO PORTO, 2008), a cidade é a capital do Distrito do Porto, da Área Metropolitana do Porto e da Região do Grande Porto. A região do Porto, constituída pela cidade do Porto e municípios adjacentes, tem uma população aproximada de 1.394.046 habitantes e é a segunda maior de Portugal, atrás apenas da Região de Lisboa, capital de Portugal. Os municípios que constituem a região são: Arouca, Espinho, Gondomar, Maia, Matosinhos, Oliveira de Azeméis, Póvoa do Varzim, Santa Maria de Feira, Santo Tirso, São João da Madeira, Trofa, Vale de Cambra, Valongo, Vila do Conde e Vila Nova de Gaia⁹. O mapa de Portugal, apresentado como Figura 3, a seguir, ilustra a localização exata da Região do Porto dentro do país.

Figura 3 – Mapa de Portugal



Fonte: Câmara Municipal do Porto (<http://www.cm-porto.pt>)¹⁰

Conforme Duarte (2001), a cidade do Porto teve origem em um povoado pré-romano, com o nome de Portus Cale, que deu origem ao nome Portugal. Durante as batalhas pela

⁹ Informações extraídas da página da Câmara do Porto em 22 de junho de 2011.

¹⁰ Site acessado em 22 de Julho de 2011.

conquista dos ideais liberalistas do século XIX e o confronto com as tropas miguelistas entre 1832 e 1834, os portuenses mostraram coragem e bravura, o que rendeu à cidade o título de Invicta Cidade do Porto, atribuído pela rainha D. Maria II. Nos dias atuais, a Invicta Cidade do Porto tem sua economia impulsionada pelas relações comerciais inter-regionais e internacionais, estabelecidas pela indústria do vinho do Porto. Mundialmente conhecido pela qualidade e pelo sabor fortificado, o vinho do porto é produzido na região do Alto Douro e envelhecido e comercializado em caves localizadas à margem Sul do Douro, em um município chamado Vila Nova de Gaia, cujo limite com o município do Porto é estabelecido pelo Rio D'ouro. A travessia entre uma cidade e outra é realizada a pé em um curto percurso pela ponte Luís I. Além do turismo em torno do vinho do porto, a economia da região é movimentada pelo Jornal de Notícias, um dos veículos de maior tiragem do país; pela Porto Editora, a maior empresa do ramo em Portugal, cujo foco é a produção de dicionários e livros escolares; e por grupos de diversos setores, como bancos e indústrias de alimentos.

O turismo gerado pelo comércio do vinho do Porto movimenta a cidade, mas não é o único responsável pelas visitas à região. O Centro Histórico do Porto conserva construções centenárias e foi declarado Patrimônio Mundial pela UNESCO. No centro histórico, estão a Torre dos Clérigos, a Catedral da Sé e o Mercado do Bolhão, alguns dos pontos turísticos mais conhecidos da cidade. As Ribeiras do Porto e de Gaia também são pontos turísticos valorizados, com destaque à Ponte Luís I que, além de possibilitar a travessia entre as duas cidades, chama a atenção pela imponência arquitetônica de suas estruturas de ferro (GIL, 2009).

5.2 CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA

Uma vez que se trata de um estudo com metodologia baseada na Teoria da Variação Linguística, a pesquisa requer o trabalho com dados de fala representativos das duas variedades em estudo, ou seja, dados coletados a partir das falas de informantes de Porto Alegre e do Porto. Para tanto, efetuaram-se coletas para constituir as amostras representativas das duas variedades da língua portuguesa, as quais foram realizadas a partir do método da entrevista de experiência pessoal, descrita a seguir, em 5.2.1.

5.2.1 A Entrevista de Experiência Pessoal

Conforme Tagliamonte (2007), a entrevista de experiência pessoal vai ao encontro dos objetivos de estudos sociolinguísticos, visto que permite aproximar o conteúdo obtido à fala vernacular do informante e observar, portanto, a atuação dos fatores sociais. As questões

devem, pois, ser elaboradas de acordo com a realidade da comunidade do informante e com o seu perfil. Assim, segundo a autora, é importante construir um roteiro que sirva como guia e que forneça recursos para resgatar a conversa.

O pesquisador, ou responsável pela realização da entrevista, não deve, entretanto, estar preso ao questionário, mas aproveitar as evidências oferecidas pelo entrevistado durante a conversa para instigar uma fala fluente e natural. Com esse objetivo, durante a coleta baseada em entrevista de experiencial pessoal do presente estudo, foram utilizados seis roteiros base distintos, cada um associado ao cruzamento de faixa etária com gênero do informante, prevendo o interesse dos informantes a partir dessas características básicas. Ainda que com a utilização do roteiro previamente elaborado para dar início à entrevista de experiência pessoal, procurou-se dar atenção aos interesses particulares demonstrados por cada informante durante a abordagem dos assuntos, sem a limitação de cumprir um roteiro.

Além dos roteiros, foram utilizados como instrumentos um gravador digital da marca Sony, modelo ICD-PX e microfone externo acoplado da mesma marca, com captação em frequência de amostragem de 22khz.

Em Porto Alegre, as entrevistas foram realizadas sempre na casa dos informantes e no Porto, parte das entrevistas foi realizada em uma sala do Centro de Linguística da Universidade do Porto, parte na casa dos informantes que não se dispuseram ao deslocamento. A orientação foi sempre de que a entrevista ocorresse em local silencioso, sem interferência de ruídos causados por eletrodomésticos, trânsito, animais ou mesmo por sobreposição de voz humana, ocasionada pela presença de terceiros. Cabe ressaltar, porém, que nem sempre esse tipo de abordagem encontra o melhor ambiente para que a qualidade do som seja ideal para a aplicação das análises posteriores, pois é impossível controle total sobre a interferência de ruídos ou de terceiros que cheguem inesperadamente ao ambiente. A interferência de familiares, que por um lado pode prejudicar a qualidade do áudio, é positiva do ponto de vista sociolinguístico, pois, ao captar a interlocução entre familiares, por exemplo, pode-se registrar uma produção ainda mais aproximada à fala vernacular.

A amostra resultante da realização das entrevistas de experiência pessoal foi constituída por 24 informantes de cada uma das regiões consideradas. Trata-se de uma amostra aleatória estratificada, ou seja, com o mesmo número, de 4 informantes por célula composta pelas características sociais. Assim, seguindo o método proposto pela Teoria da Variação, os informantes entrevistados nasceram na região de Porto Alegre e do Porto, viveram na respectiva localidade por 2/3 (dois terços) de suas vidas, não residiram fora da região por mais de um ano durante o período de aquisição da língua, não possuem alterações

no aparelho fonador e não apresentam distúrbios de fala. Foram consideradas três faixas etárias, a saber: 20 a 35 anos, 36 a 50 anos e mais de 50 anos. Além da idade, as células que formam a amostra consideraram apenas o gênero do informante e a região em que nasceu, e foram preenchidas por quatro informantes cada. O Quadro 2, a seguir, ilustra a constituição da amostra em estudo.

Quadro 2 - Constituição da Amostra da Entrevista de Experiência Pessoal¹¹

Idade	Gênero Feminino		Gênero Masculino	
	Porto Alegre	Porto	Porto Alegre	Porto
20 – 35	(4)	(4)	(4)	(4)
	(4)	(4)	(4)	(4)
36 – 50	(4)	(4)	(4)	(4)
Mais de 50	(4)	(4)	(4)	(4)

Fonte: A autora (2013)

As faixas etárias consideradas para a estratificação da amostra foram definidas a partir do critério de estabilização do vernáculo, ou seja, foram considerados para a constituição da amostra apenas informantes adultos, considerados como falantes com o sistema da língua adquirido e estável. Os intervalos entre as faixas etárias foram considerados a fim de verificar indícios de mudança em progresso em tempo aparente, conforme os pressupostos que foram apresentados na seção 4.1.

Esclarecidos os aspectos metodológicos referentes à constituição da amostra, a Seção 5.3, a seguir, diz respeito à metodologia para a organização e tratamento estatístico dos dados recolhidos, tomando por referência os contextos passíveis à aplicação da regra de elisão.

¹¹ Cabe ressaltar que o projeto do qual resultou a presente foi registrado no Comitê de Ética da PUCRS, sob o número 12/05757, e aprovado pelo ofício 312/12 do mesmo comitê. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, cujo modelo consta no Anexo A, foi entregue a cada um dos informantes para a autorização da utilização do material obtido a partir da entrevista.

5.3 VARIÁVEIS

O trabalho realizado a partir de metodologia proposta pela Teoria da Variação Linguística tem por objetivo identificar as dimensões linguísticas e extra-linguísticas que atuam na escolha de determinada forma dentre as possíveis em um mesmo contexto de uso linguístico. O primeiro passo envolve o levantamento das formas em competição que, em conjunto, definem a variável dependente da pesquisa.

5.3.1 Variáveis Dependentes

A regra variável aqui proposta considera o apagamento de vogal em fronteira de vocábulos, cujo primeiro termina em vogal e o segundo inicia em vogal de qualidade fonética distinta, ou seja, o fenômeno de sândi conhecido como elisão. A fim de revelar o funcionamento da regra na língua portuguesa a partir da amostra composta por ocorrências de Porto Alegre e do Porto, respectivamente, representantes de PB e PE, fez-se necessário o levantamento de todas as possibilidades de produção. Para tanto, foram considerados como contextos vocábulos terminados em /a/, /o/ e /e/ átonos seguidos de vocábulos iniciados por vogais de qualidade fonética distinta¹². É importante esclarecer que as ocorrências referentes ao apagamento das três vogais foram consideradas como variáveis dependentes distintas porque os contextos são distintos e geram, pois, variáveis independentes com fatores distintos. Proposta a variável qualidade da vogal em segunda posição, por exemplo, a vogal [a] inicial do vocábulo em segunda posição não será contexto para o estudo da regra de apagamento de /a/ em primeira posição, enquanto poderá o ser quando considerado o apagamento da vogal /e/.

O estudo em questão considera, pois, três variáveis dependentes, a saber: a elisão de /a/, a elisão de /o/ e a elisão de /e/. A hipótese é de que cada uma das variáveis dependentes apresente quatro formas em competição, ou seja, quatro variantes, as quais são apresentadas e exemplificadas, a seguir, a partir da vogal final em exame.

Cabe ressaltar que, embora não haja descrição da ocorrência de epêntese no contexto em análise em estudos sobre a elisão no PB e que a regra de elisão ainda não tenha sido descrita à luz da Teoria da Variação no PE (cf. Seção 4.2), considerar-se-ão as referências de Ellison e Viana (1995) e de Segura (2013), além da percepção da pesquisadora a partir de sua

¹² Foram desconsideradas ocorrências em que não foi possível identificar, através da análise oitiva, a presença da vogal em segunda posição. É relevante destacar este procedimento em razão dos processos de enfraquecimento ou perda da vogal inicial, frequentes em PE.

imersão no português do Porto, em que constatou a existência da inserção de uma vogal, para incluir a epêntese entre as formas em competição e, assim, descrever o funcionamento desta variante à luz da Teoria da Variação.

São variantes de cada variável dependente em exame:

Elisão

A variante elisão considera ocorrências em que ocorre o processo de ressilabificação após o apagamento da vogal em primeira posição, conforme proposto por Bisol (1992) (cf. Seção 2.3). Considera-se a hipótese de que essa variante seja mais produtiva no discurso de informantes do Porto (PE), ao contrário do que ocorre em Porto Alegre (PB), sobre a qual os estudos de Bisol (1992), Barbosa (2005) e Alencastro (2008) (cf. Seção 4.2) apresentam resultados em que a ditongação é a variante mais produtiva. Os exemplos de ocorrências, em (25), a seguir, ilustram a aplicação da elisão com cada uma das vogais finais em foco.

(25)

/a/ - “Passava o Natal em casa de amigos, de familiares, da minha irmã também.” – Informante 04/Porto – [mijnir'mã]

/o/ - “Por isso lembro-me dela com recordações extraordinárias. Como pessoa, como amiga, como formadora.” Informante 07/Porto – [komã'migə]

/e/ - “Minhas coisas estão sempre organizadas”. – Informante 17/Porto Alegre – [sẽprorgani'zadas]

Ditongação

Segundo Bisol (1996, cf. 3.3), a ditongação é o processo de ressilabificação em que a vogal átona final em primeira posição é reassociada ao núcleo, provocando o enfraquecimento da segunda vogal. Considera-se, com base nos resultados de estudos anteriores, revistos na Seção 4.2, que a variante ditongação, exemplificada em (26), seja a de maior produtividade entre os informantes de Porto Alegre (PB). Embora não se tenham resultados comparáveis com relação ao PE, a maior tendência aos apagamentos vocálicos revelada por esta variedade na literatura sobre o tema sustenta a hipótese de que a ditongação seja menos recorrente no Porto (PE).

(26)

/a/ - “Nossa infância era um bocado dura.” – Informante 02/Porto - [nɔsaj'fãnsjɐ]/o/ - “Como ele sempre diz, somos muito parecidos.” – Informante 07/Porto Alegre – [ˈkomweli]/e/ - “E a família dele também foi para a América, também mestre alfaiate.” – Informante 03/PE – [mɛʃtrjalʃɛj'at]**Hiato**

O hiato ocorre quando a vogal candidata ao apagamento é produzida sem sofrer o processo de ressilabificação, conforme expresso nos exemplos em (27). A hipótese é de que, nas duas variedades em estudo, esta seja a variante menos produzida.

(27)

/a/ - “Naquela ocasião era muito dinheiro.” – Informante 01/Porto – [na'kela okasi'ãw]/o/ - “Como isso aconteceu cedo, fomos morar na praia.” – Informante 05/Porto Alegre – [ˈkomɔ 'isɔ]/e/ - “Antigamente unia todo mundo.” – Informante 12/Porto Alegre – [ˈãtʃĩgamẽtʃI a'viɐ]**Epêntese**

Conforme Ellison e Viana (1996, p.174), os encontros vocálicos em PE podem ser resolvidos de formas variadas, sendo possível encontrar ocorrências de “epêntese” em dialetos do Norte do país (cf. Seção 2.4). Segundo os autores, essa variante é rara e inexistente nas variedades do Centro e Sul de Portugal, informação corroborada por Segura (2013). Embora Segura (2013) afirme que tal processo só é possível em fronteiras formadas por uma vogal final átona [ɐ] ou tônica [a], seguida de vogal tônica [a], a partir de audições de arquivos de áudio do Arquivo Dialectal do Centro de Linguística da Universidade do Porto, foi possível detectar a ocorrência desse fenômeno na variedade do Porto em contextos de vogais de qualidades distintas e considerar a nova variante apenas para a amostra referente a essa localidade.

Para a análise dessa variante serão consideradas três hipóteses, a saber: i) a sua ocorrência é motivada não só pela qualidade da vogal fonológica candidata ao apagamento,

como também pela qualidade fonética da vogal em segunda posição; ii) embora a produção ocorra em fronteira vocálica, em contexto de sândi vocálico externo, apresenta características que indicam compor uma nova regra variável.

Os períodos em (28) a seguir exemplificam a possibilidade de ocorrências na variedade portuense.

(28)

/a/ - “Em termos de...pronto, era ela ...meu pai era um bocado ausente.” – Informante 03/Porto – [ɛrɛjɛlɐ]

/o/ - “O curso era quatro anos, sendo que nos primeiros três fazíamos o bacharelado e fazendo o quarto nós tínhamos a licenciatura.” – Informante 06/Porto – [kwatrojãnoʃ]*

/e/ - “Casei aos dezenove anos.” – Informante 01/Porto – [dezenovejãnoʃ]*

5.3.2 Variáveis Independentes

As variáveis independentes são constituídas pelos grupos de fatores que podem condicionar a aplicação de uma regra variável. Os aspectos considerados como possíveis reguladores de uma regra variável podem estar presentes no próprio sistema linguístico ou como parte de aspectos externos, representando as características sociais da comunidade foco que influenciam o sistema linguístico.

5.3.2.1 Variáveis Linguísticas

Entre as variáveis que serão apresentadas e exemplificadas a seguir para cada vogal em exame, seis serão consideradas na análise estatística de todas as ocorrências obtidas a partir das entrevistas de experiência pessoal, a saber: Traço Voz da Consoante Precedente, Qualidade da Vogal Seguinte, Distância entre os Acentos, Tipo de Sequência, Posição do Contexto no Período e Fronteira Prosódica. Em momento posterior, a partir de uma metodologia distinta, descrita em 5.4.2, serão verificadas a taxa de elocução e a incidência de pausa nas fronteiras prosódicas previstas.

Traço Voz da Consoante Precedente

Conforme Stevens (1954, p.15), as vogais do português podem ser parcial ou completamente desvozeadas quando precedidas de consoantes desvozeadas. Já Company's (1954, p.113), sobre o PE, afirma que, após consoante surda, [i] e [u] apagam variavelmente,

enquanto [a] é conservado. Ao encontro destas afirmações, Rodrigues (2000, p.86), com relação ao português de Lisboa e Braga, afirma ser o apagamento de [i] favorecido pela presença de uma consoante surda precedente. As evidências apontadas pelos estudos referidos não foram, ainda, tratadas à luz da Teoria da Variação Linguística. A hipótese é de que a consoante precedente surda favoreça o apagamento da vogal átona final em fronteira de vocábulos nas duas variedades em estudo.

(29)

[- voz]

/a/ - Esta é uma edição de aniversário – Informante 02/PE – [‘ɛftɛ]

/e/ - “Eram sete amigos que viviam juntos.” – Informante 04/Porto Alegre – [setã’migus]

/o/ - “Pouco importa a maneira como foi construído.” – Informante 01/Porto Alegre – [pokĩpɔrtɛ]

[+ voz]

/a/ - “Estuda artes, estuda interpretação...” – Informante 07/PE – [ĩftudĩterpra’sãw̃]

/e/ - “A partir dos onze anos, até os vinte e cinco.” – Informante 04/PE – [‘õzãnoʃ]

/o/ - “Era um caso aberto.” – Informante 22/Porto Alegre – [kaza’bertu]

Qualidade da Vogal Seguinte

Esta variável se refere à qualidade fonética da vogal que inicia o item lexical subsequente à vogal candidata ao apagamento. A variável que considera a qualidade da vogal seguinte foi relevante para estudos anteriores sobre a elisão de vogais no Sul do Brasil, a saber: Bisol (1996), Barbosa (2005), Vargas (2006), Alencastro (2008), Ludwig-Gayer (2008) e Viana (2009). Em Bisol (2002), a vogal subsequente que mais favorece a aplicação da elisão do /a/ é a vogal posterior [u], já em Barbosa (2005), a vogal mais favorecedora ao processo de elisão do /e/ é a coronal [ɛ], enquanto em Vargas (2006), para a elisão de /o/ em Florianópolis, a vogal posterior nasal [ũ] é a mais favorecedora e, em Alencastro (2008), o apagamento da vogal /o/ em Porto Alegre e Curitiba parece favorecido pela presença de vogal coronal em posição subsequente. No estudo de Ludwig-Gayer (2008), a vogal apontada como mais favorecedora ao processo de apagamento da vogal /a/ em fronteira de vocábulo em São Borja-

RS foi a vogal [e]. Sobre os dialetos falados em Lisboa e Braga, Portugal, Rodrigues (2004, p. 86) afirma que o apagamento de vogais finais é condicionado pela natureza do segmento seguinte.

Com base nos resultados de estudos anteriores, considerou-se a possibilidade de a qualidade da vogal seguinte ser, também para o estudo comparativo do apagamento de vogais em Porto Alegre e Porto, um condicionador do processo. Logo, a hipótese para essa variável é que as vogais que compartilham traços com as vogais candidatas ao apagamento revelem-se mais favorecedoras, conforme afirma Bisol (1996).

(30)

a) Vogal /a/ como candidata ao apagamento seguida de:

[e] – “Isso foi muito bom também para a minha educação e acho que para o meu crescimento.” – Informante 07/Porto – [mĩpeduka'sãw]

[ɛ] – “Agora é mais fácil para mim, respondendo a tua pergunta.” – Informante 07/Porto – [a'gɔrɛ]

[ẽ] – “Havia outros que lavavam a roupa em casa.” – Informante 04/Porto – [ˈxowpẽ]

[o] – “Naquela ocasião não pude argumentar.” – Informante 10/Porto Alegre – [nakɛlokasi'ãw]

[õ] – “A casa onde ela nasceu ficava em um sítio.” – Informante 09/Porto Alegre – [ka'zõdʒi]

[ɔ] – “A casa era ótima.” – Informante 14/Porto Alegre – [ɛ'rɔtʃimɐ]

[u] – “A minha amiga utilizava tudo.” – Informante 23/Porto Alegre – [amigtʃĩli'zavɐ]

[ũ] – “Era uma cidade muito complicada.” – Informante 03/Porto – [ˈerũmɐ]

[i] – “É aquela história de não falar tudo sempre” – Informante 12/Porto Alegre – [akɛlis'tɔrja]

[ĩ] – “Eu moro ao pé de uma zona industrial.” – Informante 07/Porto – [zõnĩduʃtri'aʃ]

b) Vogal /e/ como candidata ao apagamento seguida de:

[a] – “Ele acompanhava a guria até o serviço.” – Informante 04/Porto Alegre – [ɛlakõpã'ɲavɐ]

[ɛ] – “Sempre era a escolhida.” – Informante 12/Porto Alegre – [sẽprɛrɛ]

[ɔ] – “Era uma universidade ótima para o curso que ele queria.” – [universda'dõtɪmɐ]

[o] – “O aluno mais alegre olhava para ela e chorava.” – Informante 21/Porto – [alɛgro'ʎavɐ]

[õ] – “Que fizesse onde ela indicou.” – Informante 15/ Porto Alegre – [fizɛsõdzɪ]

[u] – “Gostava imenso quando ele usava aquele chapéu.” – Informante 05/Porto – [elɹ'zavɐ]

[ũ] – “Era praticamente um menino ainda.” – Informante 09/Porto Alegre – [pratʃɪka'mẽtũ]

c) Vogal /o/ candidata ao apagamento seguida de:

[a] – “Quando amanheceu ela já tinha fugido.” – Informante 01/Porto – [kwãdamãɲisɛw]

[ã] – Ela estava cursando antes de mim.” – Informante 23/Porto Alegre – [kur'sãdãtʃɪs]

[e] – “Como eu disse, foi tudo tranquilo.” – Informante 07/ Porto – [kumɛw]

[ɛ] – “Quando era miúda gostava de cantar.” – Informante 07/ Porto – [kwãdɛrɛ]

[ɔ] – “Faço horas a mais para compensar.” – Informante 05/ Porto Alegre – [ˈfasɔrɛs]

[i] – “Não se sabe quando isso pode atrapalhar.” – Informante 04/ Porto – [ˈkwãdisu]

[ĩ] – “Foi em um momento íntimo.” – Informante 10/Porto – [mumãtĩtimu]

Cabe ressaltar que, corroborando a proposta de Mateus (2003, p.1014) e o levantamento do Arquivo Dialetal do CLUP (2012, p.03), foram registradas ocorrências das vogais átonas [o] e [e] na amostra coletada na cidade do Porto, conforme pode ser verificado nos exemplos (30) a) [e] – minha educação → [mĩɲɛduka'sãw̃] e b) alegre olhava → [alɛgro'ʎavɐ].

Distância entre os Acentos

O acento tem sido mencionado como principal condicionador dos processos de apagamento vocálico, não só nos estudos relacionados ao português falado na Região Sul do Brasil (BISOL, 1996; BARBOSA, 2005; VARGAS, 2006; ALENCASTRO, 2008; LUDWIG-GAYER, 2008), como também nos estudos de Liberato (1978) e Veloso (2003), sobre o português falado em Minas Gerais e em Goiás, respectivamente; e Tenani (2002), sobre a variedade de São José do Rio Preto, em São Paulo. Prevalece, nos estudos citados, que

o contexto favorecedor à aplicação da regra é o da vogal seguinte átona. Entende-se, pois, o bloqueio do acento da vogal subsequente ao apagamento da vogal átona final como um dos principais condicionadores do processo.

Interessa aqui investigar a influência da distância, em número de sílabas, existente entre a sílaba acentuada do vocábulo portador da vogal candidata ao apagamento e o acento do vocábulo seguinte. Conforme Cabré e Prieto (2005) sobre o Catalão, a distância entre os acentos é relevante para o processo, sendo a regra mais frequente quando há maior distância silábica entre os acentos. A hipótese para as variedades em estudo é de que o processo seja favorecido quando há mais de duas sílabas entre os acentos dos vocábulos envolvidos.

(31)

Uma Sílaba ou Duas Sílabas

/a/ - “Na altura estava na escola.” – Informante 03/Porto – [aʎturiʃˈtavɐ]

/e/ - “Minha mãe tinha vinte e sete anos quando eu nasci.” – Informante 05/Porto Alegre – [setãnuʃ]

/o/ - “Eles quando eram crianças vieram para cá.” – Informante 01/Porto – [kwãderãw]

Mais de Duas Sílabas

/a/ - “Por que isso não faz parte da minha identidade.” – Informante 08/Porto – [mĩɲidẽtʃiˈdadʒɪ]

/e/ - “O meu pai era...nesse orfanato tirou a profissão de alfaiate.” – Informante 03/Porto – [nesorfɐˈnato]

/o/ - “Meu outro irmão ficou com meu pai.” – Informante 01/Porto Alegre – [otrirˈmãw]

Presença de Clítico

/a/ - “Quando não estava na escola, ajudava minha mãe a cuidar dos menores. “ – Informante 03/Porto Alegre – [niskɔlə]

/e/ - “Preocupava-me com tudo que acontecia em casa.” – Informante 15/Porto – [kəkũtˈsiɐ]

/o/ - “Eu sempre estive aberto ao diálogo.” – Informante 23/Porto Alegre – [aˈbertaw]

A presença de clítico foi considerada como um fator da variável Distância entre os Acentos a fim de registrar os contextos em que, devido à falta de acento em uma das posições, não é possível medir a distância entre os acentos dos vocábulos envolvidos no processo, ou seja, ao registrar-se um clítico, tanto em primeira quanto em segunda posição, haverá apenas um acento no contexto.

Tipo de Sequência

A variável Tipo de Sequência foi apresentada por Barbosa e Brescancini (2005) como condicionador relevante ao processo de elisão da vogal média /e/ nas três capitais da região Sul do Brasil. Conforme os resultados das autoras, as sequências envolvendo clíticos em uma das posições foram as mais favorecedoras ao processo de elisão. Sobre o PE, Vigário (1997, p.364) afirma ser o apagamento mais frequente quando a vogal finaliza palavras lexicais, enquanto com palavras funcionais, portadoras ou não de acento, a autora afirma ser um processo dependente das condições de redução da vogal candidata ao apagamento.

Pretende-se, aqui, analisar o tipo de sequência preferencial à aplicação do apagamento e, ainda, se os resultados encontrados para as duas variedades representadas são divergentes, ou seja, se PE e PB, aqui representados por Porto (PE) e Porto Alegre (PB), comportam-se de maneira distinta com relação à variável proposta. A hipótese é de que o favorecimento dos fatores dessa variável ao processo em estudo depende da vogal candidata ao apagamento, ou seja, enquanto o apagamento envolvendo /a/ e /o/ finais é favorecido por sequências de palavras lexicais (VIGÁRIO, 1997), os clíticos em sequência são favorecedores ao apagamento da vogal /e/ (BARBOSA E BRESCANCINI, 2005). Cabe ressaltar que as ocorrências de sequências de clíticos são, em razão do sistema da língua portuguesa, mais recorrentes quando a vogal /e/ está em primeira posição.

A seguir, em (32), são apresentados os fatores que compõem a variável Tipo de Sequência, acompanhados de exemplos extraídos da amostra.

(32)

Clítico + palavra lexical

/a/ - “E muitos dos meus amigos de infância, da primeira à quarta classe, na escola onde eu fiz o primeiro nível de ensino, eram crianças extremamente *carenciadas*.” – Informante 07/Porto – [niʃkɔlə].

/e/ - “O menino que havia contado a história sumiu.” – Informante 03/Porto Alegre – [kɐ'viɐ]

/o/ - “Por que o Porto tem uma característica no estado novo, por volta de 1952.” - Informante 03/Porto – [nwɨj̃ˈtadu]

Clítico + palavra funcional acentuada

/a/ - Não foram registradas ocorrências.

/e/- “Tem regras muito rígidas, que faz com que gente que até precisa não tenha acesso.” – Informante 04/PE – [katɛ]

/o/ - Não foram registradas ocorrências.

Clítico + clítico

/a/ - Não foram registradas ocorrências.

/e/ - “A verdade é que os portuenses, com isso, querem dizer que deram tanto de si para ajudar o país.” – Informante 14/PE

/o/ - Não foram registradas ocorrências

Palavra lexical + clítico

/a/ - “Era o que levava a pasta.” – Informante 08/Porto – [ɛrɐw]

/e/ - “Era alegre a menina.” – Informante 10/Porto Alegre – [aˈlɛgrɐ]

/o/ - “Foi feito a partir de um desenho.” – Informante 08/Porto Alegre – [ˈfɛjtɐ]

Palavra Lexical + palavra funcional acentuada

/a/ - “Era ela quem fazia tudo.” – Informante 09/Porto Alegre – [ˈɛrɛlɐ]

/e/ - “Assim, deixou livre outro carro.” – Informante 15/Porto – [ˈlivrowtru]

/o/ - “No meu registro, ela não aparece.” – Informante 04/Porto Alegre – [xeˈzistrɛlɐ]

Palavra lexical + palavra lexical

/a/ - “Depois assim, quando o pessoal já começou a ter carta, já com dezoito, dezenove anitos, ali íamos para a discoteca.” – Informante 05/Porto – [dizenɔvãˈnitoj̃]

/e/ - “E o Crime do Padre Amaro era passado de mão em mão.” – Informante 03/Porto – [padrẽ'maru]

/o/ - “Eu tenho quatro irmãos.” – Informante 04/Porto – [kwatrimãw̃j]

Palavra funcional acentuada + clítico

/a/ - “Agora e depois também.” – Informante 19/Porto Alegre – [a'gõri]

/e/- “Eu sempre ao cinema.” – Informante 13/Porto Alegre – [‘sẽpraw]

/o/- Era como a guria chamava o amigo.” – Informante 05/Porto Alegre – [‘komɐ]

Palavra funcional acentuada + palavra lexical

/a/ - “Esta escola é recente.” – Informante 04/Porto – [ɛstɛʃkolɛ]

/e/ - “Era aquele amigo de sempre, sabe?” – Informante 12/Porto Alegre – [akela'migõ]

/o/ - “Quando acontecia, era organizado um mês antes.” – Informante 07/ Porto Alegre – [kwãdakõte'siɐ]

Palavra funcional acentuada + palavra funcional acentuada

/a/ - “O vestido foi feito para ela naquele dia.” – Informante 01/Porto Alegre – [parɛlɐ]

/o/ - “As raparigas faziam muito isso aí” – Informante 15/Porto – [mũjtisu]

/e/ - “Esse outro guri sabia que eu não fazia bagunça.” – Informante 08/Porto Alegre – [‘esowtro]

Fronteira Prosódica

O domínio prosódico tem sido um dos principais focos de discussão sobre apagamento de vogais à luz da fonologia. Os estudos de Bisol (1996), Alencastro (2008) e Ludwig-Gayer (2008), sobre variedades da região Sul do Brasil, apontam a frase fonológica como domínio preferencial à aplicação de fenômenos de sândi vocálico externo, ou seja, o processo é sensível à fronteira de frase fonológica. Para Tenani (2002), apenas a pausa entre fronteiras é bloqueadora do processo, visto que em todos os outros casos há ocorrência de apagamento. Diferente do que ocorre para o PB, conforme Frota (1998), para o PE, o apagamento de vogais é sensível à fronteira de frase entonacional.

A fim de comparar os resultados referentes às duas variedades em estudo, propõe-se, a partir dos dados do Porto (PE) e Porto Alegre (PB), a análise da variável Fronteira Prosódica, a partir da hipótese de que o apagamento de vogais sofre o bloqueio quando em fronteira de frase entonacional em ambas as variedades em estudo e que é favorecido quando os vocábulos envolvidos estão na mesma frase fonológica. Seguem os exemplos em (33).

(33)

Mesma Frase Fonológica

/a/ - “[A minha irmã]φ[também começou a trabalhar com doze anos.” – Informante 03/ Porto – [mĩɲirmã]

/o/ - “[Era]φ[um carro elétrico]φ[para Rio Tinto.” – Informante 04/Porto – [kaxe’lɛtriku]

/e/ - “[O crime do Padre Amaro]φ[era passado de mão em mão.” – Informante 03/Porto – [padrã’məɾu]

Fronteira de Frase Fonológica

/a/- “[A escola]φ[era pobre.” – Informante 14/Porto – [iʃ’kɔləɾɐ]

/o/- “[O carro]φ[estava estragado há meses.” – Informante 13/Porto Alegre – [kahis’tavɐ]

/e/- “[Ele]φ[apareceu só no final.” – Informante 14/Porto Alegre – [elapare’sew]

Fronteira de Frase Entonacional

/a/- “[Era uma escola rígida,]I [onde se aprendia ainda com métodos pouco pedagógicos.” – Informante 17/ Porto – [‘xizidõdi]

/o/- “[Por outro lado,]I [a qualidade de ensino era indiscutivelmente superior.” – Informante 17/Porto – [‘lada]

/e/- “[Quando a família soube,]I[apesar de estar feliz, ela fugiu.” – Informante 16/Porto – [sowbapzar]

Posição do Contexto no Período

Conforme Vigário (1997, p. 361), a posição do contexto candidato ao apagamento dentro do sintagma entoacional é um condicionador ao processo de apagamento vocálico.

Segundo a autora, a posição de interior do sintagma entoacional (I) favorece em 21% a queda da vogal com relação à posição inicial. Para o estudo do apagamento de vogais átonas em sequência V-V em fronteira de vocábulos, com base na afirmação de Vigário (1997), é proposta uma variável que controle o comportamento da regra quando o contexto foco estiver localizado em posição inicial, medial ou final de períodos. A hipótese é de que a aplicação seja favorecida em posição medial e final, enquanto a posição inicial desfavoreça a aplicação da regra em estudo. Os exemplos em (34), a seguir, exemplificam os fatores que compõem a variável.

(34)

Inicial

/a/ - “Ela era amiga da minha mãe.” Informante 10/Porto Alegre – [ɛˈlɛɾɐ]

/o/ - “Quando entrou para a escola, a professora viu-se grega.” – Informante 09/Porto – [kwãdẽˈtrow]

/e/ - “Naquele ano eu tinha idade para entrar.” - Informante 09/Porto – [nakelãno]

Medial

/a/ - “Ainda hoje ela é uma pessoa um bocado revoltada.” – Informante 08/Porto – [ɛˈlɛ]

/o/ - “No décimo segundo ano foi quando eu comecei a ser realmente boa.” – Informante 11/Porto – [ˈkwãdew]

/e/ - “É natural que tivesse uma nota mais baixa na participação.” – Informante 09/Porto Alegre – [tiˈvɛsuma]

Final

/a/ - “Fazíamos dois exames, que eram ao Liceu e à escola industrial.” – Informante 13/Porto – [iʃkolĩduʃtriˈaɫ]

/o/ - “Era muito bem comportada como adolescente.” – Informante 11/Porto Alegre – [komaduliˈʃɛt]

/e/ - “Fui ao lugar e um casal pediu para me dizer onde era.” – Informante 16/Porto – [õdɛɾɐ]

Os critérios para a classificação do contexto como posição inicial, medial ou final foram estabelecidos, após a transcrição do áudio, com base na sintaxe.

5.3.2.2 Variáveis Extralinguísticas

Variedade do Português

A revisão da literatura, realizada no presente estudo nos Capítulos 2, 3 e 4, apresenta o apagamento de vogais em fronteira de vocábulos como um fenômeno de condicionamento principalmente prosódico em ambas as variedades em análise, PE e PB. O domínio prosódico e o acento da vogal em segunda posição são condicionadores apontados pela maioria dos estudos revistos. Há, entretanto, de se considerar a falta de estudos sobre o fenômeno de elisão à luz da Teoria da Variação no PE, e o fato de os estudos sobre outros processos de apagamento (ELISON e VIANNA, 1997; RODRIGUES, 2000; FERNANDES, 2006) revelarem condicionamentos distintos para as duas variedades. As vogais mais suscetíveis ao apagamento, o condicionamento de consoante precedente e as variantes no contexto foco, por exemplo, revelam diferenças entre as duas variedades em estudo.

Considerando tais diferenças, as ocorrências do Porto (PE) e Porto Alegre (PB) receberão tratamento estatístico através de arquivos separados, a fim de que se possa comprovar o comportamento distinto com relação à regra em estudo.

Faixa Etária

A variável Faixa Etária permite verificar se a regra variável em estudo caracteriza uma mudança em progresso ou uma variação estável na comunidade linguística analisada. Em Silva (1997), sobre o português falado em São Miguel dos Açores, o apagamento de vogais átonas finais é mais recorrente entre os informantes com idade superior a 65 anos, enquanto apresenta baixa aplicação entre os mais jovens. Já com relação ao PB, entre os estudos sobre elisão realizados na região Sul do Brasil, tal variável foi relevante para a análise de Barbosa (2004) e Vargas (2006). Em Barbosa (2005), os resultados revelaram que a aplicação da regra de elisão da vogal média /e/ é maior entre os adultos, apresentando leve declínio com relação a jovens e idosos, fato que oferece indícios para a configuração de um fenômeno de variação estável. Já no estudo de Vargas (2006), são os jovens que apresentam maior aplicação da regra de elisão da vogal /o/ em Florianópolis e, ainda que os resultados revelem um fenômeno de variação estável, tal resultado pode configurar uma possibilidade de crescimento da

aplicação da regra, seguindo a definição de mudança em progresso em pesquisa em tempo aparente, conforme apresentado na Seção 4.1 do Capítulo 4.

Ainda que existam poucas evidências da relação de condicionamento da faixa etária sobre a elisão, a variável será, a partir dos intervalos apresentados em (35) considerada nesta pesquisa a fim de se verificar a hipótese de que a regra em estudo apresenta indícios de variação estável nas duas variedades aqui consideradas.

(35)

20 – 35 anos

36 a 50 anos

Mais de 50 anos

Gênero

As variáveis que consideram o Gênero do informante não apresentaram, na maioria dos estudos sobre apagamento de vogais em fronteira de vocábulos à luz da Teoria da Variação (BISOL, 1996; BARBOSA, 2005; VARGAS, 2006; ALENCASTRO, 2008, LUDWIG-GAYER, 2008 e VIANNA, 2009), condicionamento à regra em estudo. Em Silva (1997), sobre o português falado na ilha de Faial, o apagamento de vogais átonas finais é mais frequente no discurso de informantes mulheres, resultado semelhante ao encontrado por Ludwig-Gayer (2008), em amostra de São Borja – RS, sobre outro fenômeno de sândi vocálico, a ditongação. Nesse caso, cabe ressaltar que os contextos de análise do estudo de Ludwig-Gayer (2008) para a ditongação são os mesmos para os quais se considera, aqui, a possibilidade de apagamento, não registrado pela autora para os contextos envolvendo as vogais /e/ e /o/ em posição final, sob a justificativa de a elisão não ocorrer com vogais diferentes de /a/.

A hipótese que justifica a presença da variável gênero no presente estudo, baseada nos resultados de Silva (1997) e Ludwig-Gayer (2008), é de que as mulheres são, nas duas variedades (PE e PB), os informantes entre os quais a regra apresenta maior aplicação. Os fatores dessa variável são, portanto, *masculino* e *feminino*.

5.4 TAXA DE ELOCUÇÃO E REALIZAÇÃO DA FRONTEIRA PROSÓDICA PREVISTA

A intenção de medir a taxa de elocução nas produções consideradas para a coleta de ocorrências, assim como verificar a real influência da fronteira prosódica prevista e da incidência de pausa nesses contextos, foi apontada no Capítulo 3 desta tese. Inicialmente, a proposta era investigar os dois aspectos supracitados a partir de um material obtido através da leitura de uma lista de frases por 12 informantes de cada uma das amostras. No decorrer do trabalho, entretanto, resultados da análise estatística instigaram a verificação da taxa de elocução em fala espontânea (Seção 6.7) e encaminharam à decisão de que tanto a taxa de elocução quanto a incidência de pausa em fronteiras prosódicas previstas e sua influência sobre o processo seriam tratadas a partir de uma amostra extraída das entrevistas de experiência pessoal. Assim, será possível constatar o comportamento do falante em uma situação de fala espontânea, em que os aspectos rítmicos são produzidos de acordo com a realidade de produção de cada informante, além de viabilizar a comparação ou associação dos resultados obtidos pela análise da taxa de elocução e da incidência de pausa em fronteiras prosódicas previstas com os resultados obtidos a partir da análise estatística das demais variáveis. Em 5.3.1 e 5.3.2, a seguir, são descritos os processos pelos quais foram tratadas cada uma desses aspectos na pesquisa.

5.4.1 Taxa de Elocução

Conforme Vigário (1997, p. 316), a queda da vogal final é favorecida quando a velocidade de elocução é mais rápida. Segundo a autora, a aplicação da regra de apagamento da vogal átona final em fronteira de palavra seguida de vogal de qualidade fonética distinta apresenta um aumento de 17 % em relação à velocidade mais lenta. Não há, entretanto, uma medida padrão para classificar a taxa de elocução como rápida ou lenta. Conforme Barbosa (2004), a taxa de elocução é expressa por um número médio de produção de sílabas por segundo. A partir desse conceito, pode-se inferir que, além da variação individual, a taxa de elocução pode apresentar medidas muito divergentes quando comparada a média de falantes do Porto e de Porto Alegre, respectivamente, PE e PB. Além de confirmar a influência da taxa de elocução sobre a aplicação da elisão, pretende-se investigar aspectos referentes ao ritmo, discutidos na Seção 3.3 do presente estudo, e verificar duas hipóteses, a saber: a de Abaurre (1981), que afirma serem processos como a elisão mais recorrentes em línguas de ritmo acentual, que seriam, ainda, caracterizadas por uma velocidade mais rápida de produção; e a

de Barbosa (2000), em que há associação entre taxa de elocução mais lenta e fenômenos relacionados ao grupo acentual.

Para a análise desse aspecto, apresentam-se duas hipóteses, a saber: i) as taxas médias de elocução de informantes de Porto Alegre (PB) e do Porto (PE) apresentam diferenças significativas; ii) a taxa de elocução mais rápida favorece a aplicação do apagamento de vogais em fronteira de vocábulos com encontros vocálicos, com tendência ao ritmo acentual. Para verificar a taxa de elocução, será analisada uma amostra constituída por 12 do total de 24 informantes de cada região, conforme apresentado no Quadro 3 a seguir.

Quadro 3 – Constituição da Amostra para a verificação da Taxa de Elocução

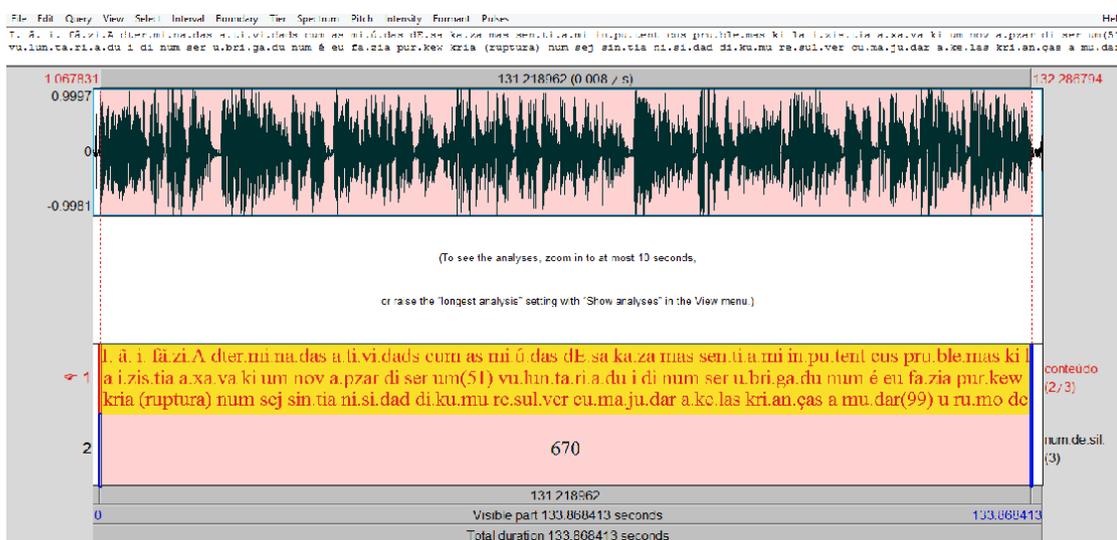
Idade	Gênero Feminino		Gênero Masculino	
	Porto Alegre	Porto	Porto Alegre	Porto
20 – 35	(2)	(2)	(2)	(2)
36 – 50	(2)	(2)	(2)	(2)
Mais de 50	(2)	(2)	(2)	(2)

Fonte: A autora (2013)

Os critérios para a análise da taxa de elocução seguem a proposta de Gonçalves (2013), em que é considerado o cálculo de sílabas fonéticas por segundo, ou seja, as sílabas são contadas a partir da verificação acústica sobre presença da vogal núcleo no espectrograma. Para tanto, foi extraído de cada uma das 48 entrevistas que constituem a amostra desta tese um trecho de aproximadamente 120 segundos, mesmo tempo de fala utilizado por Gonçalves (2013), que contemplasse apenas a fala do informante, sem tomadas de turnos ou interferência da pesquisadora. Para fins de associação, já que o estudo que se tomou como referência foi realizado a partir de trechos divididos em turnos, a taxa obtida a partir do método aqui aplicado é a medida global do período considerado, ou seja, considerando toda a duração do trecho selecionado. Além da fala contínua do informante, a seleção do trecho considerou a qualidade do áudio e privilegiou períodos que fossem iniciados e concluídos com a produção de vogais, visto que são mais facilmente identificadas para a marcação da duração exata do trecho.

Para a realização da contagem das sílabas, os arquivos de áudio foram submetidos ao programa Praat, no qual, a partir dos recursos “Annotate” e “To TextGrid”, o registro sonoro foi vinculado a uma grade de texto. Para o registro das informações depreendidas a partir do arquivo de áudio, foram utilizadas duas camadas de etiquetagem, a saber: a primeira, em que foi realizada uma transcrição ortográfica representativa dos sons produzidos, como no exemplo *casa escura* → [kaza is'kura], e registrados os apagamentos verificados a partir do sinal acústico e as produções de intervalos pausais; e a segunda, em que foi registrado o número de sílabas produzidas no trecho selecionado. A Figura 4, a seguir, ilustra a metodologia descrita.

Figura 4 – Contagem das Sílabas para a Verificação da Taxa de Elocução



Fonte: A autora (2013)

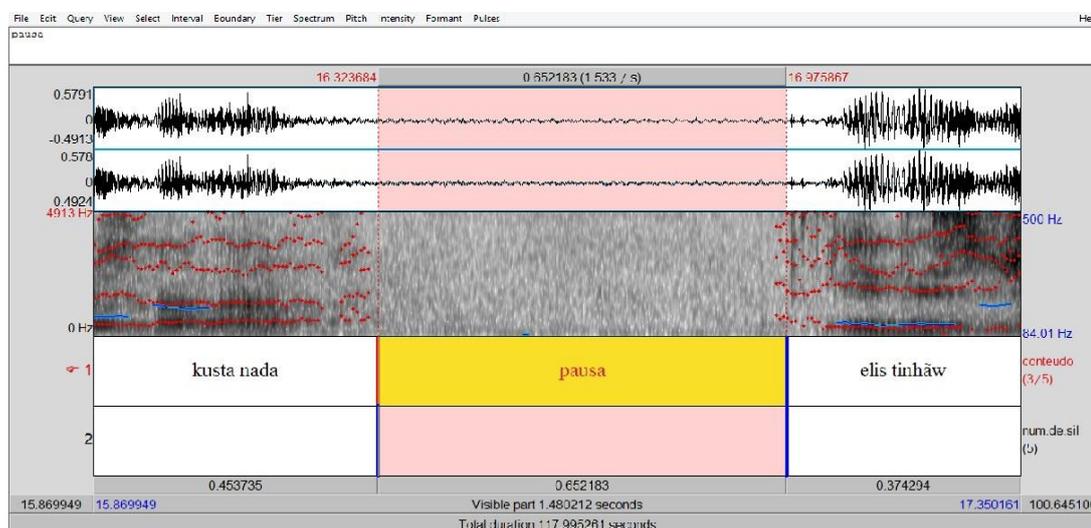
Ainda de acordo com parâmetros estabelecidos por Gonçalves (2013, p. 97), o local exato do início do primeiro e do último segmento do intervalo de fala considerado foi marcado a partir da identificação do início do vestígio acústico da primeira entre a(s) fonte(s) que compõe(m) o fone. Em casos de plosivas e africadas sonoras nas posições iniciais ou finais, não sendo possível tal identificação pelo fato de ser a barra de plosão o primeiro vestígio acústico, foi considerado o início da soltura dos segmentos; com relação a fricativas foi considerada a zona de ruído visualizada, enquanto para as nasais o vestígio acústico referencial foi o vozeamento e para as líquidas aplicou-se o critério de soltura ou fricção. Para a marcação em inícios e finais cujo primeiro segmento era uma vogal, o que ocorreu na maioria dos trechos selecionados, a principal referência foi a regularidade da forma da onda.

Cabe ressaltar que foram contadas como sílabas fonéticas todas aquelas registradas durante a audição e transcrição do trecho em que, durante a verificação acústica, foi identificado qualquer um dos sinais relacionados como vestígios vocálicos, ou seja, o apagamento do núcleo vocálico, e a conseqüente ausência da sílaba, só foram considerados quando não houve qualquer vestígio acústico da presença de vogal.

5.4.2 Realização da Fronteira Prosódica Prevista

A fim de responder aos questionamentos construídos a partir da discussão apresentada na Seção 3.2, em que o papel da fronteira prosódica prevista a partir da proposta de Nespor e Vogel (2013) sobre o estudo de elisão em fala espontânea é relacionado à incidência da pausa nesses contextos, a mesma amostra em que foi verificada da Taxa de Elocução foi utilizada para a verificação de pausas em contextos passíveis à aplicação do fenômeno em estudo. O registro das pausas durante a verificação acústica no Praat foi realizado no mesmo arquivo em que foram registradas as transcrições de conteúdo e a contagem de sílabas, conforme descrito na subseção 5.4.1. Como pausas, foram considerados quaisquer períodos de tempo sem o vestígio acústico de produção de fala, conforme ilustra a Figura 5 a seguir.

Figura 5 – Verificação da Pausa em Fronteira Prosódica



Fonte: A autora (2013)

Os resultados da análise da incidência de pausa em cada uma das fronteiras prosódicas previstas serão confrontados com o resultado estatístico obtido para a variável Fronteira Prosódica, a fim de se discutir tanto o funcionamento da proposta de Nespor e Vogel (1986) em estruturas de fala espontânea, como a relevância da fronteira para a aplicação da elisão. A

hipótese é de que seja a incidência da pausa e não o tipo de fronteira em que ocorre o contexto condicionador do processo em estudo.

5.5 VARIÁVEIS CONTROLE ¹³

5.5.1 Acento da Vogal em Segunda Posição

O fato de que processos fonológicos sejam inibidos pela presença de acento nos contextos envolvidos é conhecido na literatura. Em seus estudos sobre elisão, Bisol (1992, 1996, 2002) afirma que o fenômeno de sândi em questão, cuja aplicação só ocorre quando a vogal candidata ao apagamento é átona, tem por contexto ideal a atonicidade das duas vogais envolvidas, apresenta maior resistência quando a vogal em segunda posição é portadora do acento de palavra e é bloqueado quando a mesma é portadora do acento principal da frase fonológica.

Conforme é possível verificar na Seção 4.2, os estudos anteriores realizados à luz da Teoria da Variação (BARBOSA, 2005; VARGAS, 2006; ALENCASTRO, 2008; LUWIG-GAYER, 2008) corroboram a posição de Bisol (1992, 1996 e 2002) ao comprovarem, a partir de resultados estatísticos, a relevância do acento da vogal em segunda posição para o processo, fato também abordado em Tenani (2002). Por tal razão, tomando o condicionamento acentual como verdade absoluta para a aplicação da regra em estudo, a variável Acento da Vogal em Segunda Posição não foi aqui considerada para ser rediscutida, mas foi classificada entre as ocorrências para a possibilidade de um cruzamento em uma situação de dúvida durante a análise estatística. Seguem, em (36), os exemplos de ocorrências classificadas como representativas de cada um dos fatores que compõem esta variável controle.

(36)

Átona

“Mas tinha coisas muito engraçadas.” – Informante 09/Porto [mũjtẽgrã’sadẽ]

Acento da Palavra

¹³ As variáveis controle são grupos de fatores que não fazem parte da análise estatística, mas que são registrados no arquivo de dados para a possibilidade de consulta ou cruzamentos em momento posterior.

“Portanto, aquilo era antigo.” – Informante 18/Porto Alegre [aki'lerɐ]

Acento da Frase Fonológica

“Em Porto, faz-se muito isso.” – Informante 08/Porto [‘mũjtu ‘isu]

Ressalta-se a possibilidade de que a variável controle Acento da Vogal em Segunda Posição não seja utilizada no decorrer da análise.

5.5.2 Informante

A variável informante foi registrada em cada um dos arquivos de dados deste estudo para que fosse possível considerá-la em caso de necessidade de verificação da variação individual da regra diante de indícios revelados pela análise estatística. Com isso, antes de afirmar que um determinado comportamento é característico do grupo, foi possível investigar a possibilidade de influência da produção individual desviante de um ou mais informantes e, em caso afirmativo, analisar a relação com as suas características sociais.

Os informantes que constituíram a amostra representativa de Porto Alegre foram contatados a partir de pessoas com quem a pesquisadora se relaciona, tanto em caráter pessoal quanto profissional. Como não havia restrição de escolaridade ou atividade profissional, o perfil social dos informantes que preencheram as células consideradas foi diversificado. Entre os informantes do gênero masculino, estão cinco funcionários públicos da área de educação, um empresário, três aposentados, um motorista, um estudante do curso de Engenharia Mecânica e um estudante do curso de Administração. Já o gênero feminino é representado por duas pedagogas, três donas de casa, uma nutricionista, uma servente escolar, uma educadora física, uma estudante do curso de Educação Física, uma estudante do curso de Ciências Econômicas, uma técnica em enfermagem e uma estudante de psicologia.

A maior parte dos informantes que compôs a amostra do Porto foi contatada a partir de relações estabelecidas pela pesquisadora dentro do Centro de Linguística da Universidade do Porto. As características sociais dos informantes são diversificadas, assim como suas atividades profissionais e nível de instrução formal. Entre os informantes do gênero masculino, há dois zeladores, um comerciante, um técnico industrial, um professor universitário, um estudante do curso de Educação Social, um jornalista, dois advogados, um massoterapeuta, um técnico em farmácia e um técnico em informática. O grupo de informantes do gênero feminino foi composto por uma advogada, duas donas de casa, uma

médica, uma auxiliar de limpeza, cinco acadêmicas do curso de Educação Social, uma professora universitária e uma bancária.

5.6 INSTRUMENTO DE ANÁLISE

5.6.1 A Análise Estatística e o GOLDVARB X

O GOLDVARB é um aplicativo para análise multivariada desenvolvido especialmente para o uso linguístico por Helen Lawrence e Sali Tagliamonte (Departamento de Linguística e Ciências da Linguagem da Universidade de York - EUA).

A elaboração do aplicativo reflete, conforme Lawrence e Tagliamonte (2001), a necessidade de um programa compatível com o Windows nos mesmos moldes do GoldVarb 2.0, versão executada em computadores Macintosh. Segundo as autoras, o programa, compatível com o Windows e que prescinde da instalação de software especializado, foi desenvolvido como um projeto colaborativo entre o Departamento de Linguística e Ciência da Linguagem e o Departamento de Serviços de Informática da Universidade de York (EUA).

O primeiro passo para a análise estatística através do Goldvarb X é a criação de um arquivo de *tokens*, ou seja, o registro das ocorrências individuais de uma regra variável. No arquivo de tokens é realizada a codificação, que define a ocorrência através da informação dos fatores que a caracterizam dentro de cada uma das variáveis. No presente estudo, a codificação das ocorrências para a submissão ao programa Goldvarb ocorreu com base nas variáveis apresentadas na Seção 5.2 e os arquivos consideram as três variáveis dependentes para cada uma das variedades em análise. Assim, a análise contou inicialmente com seis arquivos de dados distintos, um correspondente a cada vogal final analisada por amostra.

O exemplo, em (37) a seguir ilustra a possibilidade de codificação de uma ocorrência. Na primeira coluna do quadro está a transcrição fonética da ocorrência, enquanto na segunda coluna pode ser verificada a codificação.

(37)

Ocorrência	Codificação
Eu tinha dezenove a anos - [deze'nɔvãũʃ]	1vnmpmf5fp2

A orientação metodológica para a análise através do programa estatístico utilizado é de que o primeiro código seja referente à variável dependente. Na ocorrência apresentada, há a

elisão da vogal /e/ (1), precedida por uma consoante vozeada (v). A qualidade fonética da vogal em segunda posição é [ã] (n), a distância entre os acentos das palavras é de uma sílaba (m) e a sequência de vocábulos é formada por palavra lexical + palavra lexical (p). O (m) indica que a ocorrência está sob o domínio da mesma frase fonológica e a posição do contexto no período é final (f). As variáveis extralinguísticas caracterizam um informante da faixa etária a partir de 50 (5), do gênero feminino (f), nascido no Porto, Portugal (p) e cuja identificação entre os informantes é o número 2.

5.6.2 Análise Estatística

Após a criação do arquivo de *tokens*, os símbolos utilizados foram especificados para posterior conferência, ou seja, houve uma verificação da utilização adequada dos símbolos de acordo com a previsão de codificação de cada variável. Nesse momento, foi possível realizar a correção da codificação, a qual diz respeito apenas a símbolos não previstos para determinado grupo de fator, visto que não aponta, por exemplo, erros de classificação linguística cometidos pelo pesquisador durante a classificação de um contexto, como, por exemplo, o registro de fronteira de frase fonológica no lugar de fronteira de frase entonacional.

Realizada a revisão da codificação das ocorrências, é necessário informar as variáveis que serão consideradas em cada rodada em um arquivo de condições, onde também serão informados os knockouts, fatores excluídos por não apresentarem aplicação variável, isto é, fatores que apresentam 0 ou 100% de aplicação. Concluída a etapa de preparação dos arquivos, é possível realizar a análise estatística dos resultados.

O arquivo final, que revela os resultados em peso relativo, é gerado a partir da iteração entre as variáveis de, a partir de uma análise progressiva logarítmica, o programa seleciona as variáveis que exercem condicionamento estatístico ao processo. Após a seleção de todas as variáveis estatisticamente relevantes, o próprio programa aponta o melhor nível para extração de resultados, aquele em que a significância é mais próxima a .000.

Em suma, este Capítulo apresentou a metodologia a partir da qual ocorreu a construção deste estudo. Destaca-se, pois, a organização das variáveis, fundamentadas em resultados dos estudos discutidos no decorrer dos capítulos anteriores. O Capítulo 6, a seguir, apresentará os resultados obtidos a partir de análise estatística e a discussão destes resultados em busca de evidências sobre o funcionamento das variedades do português em estudo, suas

semelhanças e suas divergências reveladas a partir do processo de elisão das vogais /a/, /e/ e /o/.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O objetivo deste capítulo é apresentar os resultados obtidos a partir da análise estatística das ocorrências, conduzida a partir da metodologia apresentada no Capítulo 5, e analisar os principais condicionadores ao processo de elisão, em consonância com as hipóteses e objetivos associados a cada um. Para tanto, as Seções 6.1, 6.2 e 6.3 apresentarão os resultados estatísticos obtidos a partir da análise das ocorrências de elisão de /a/, /e/ e /o/, respectivamente, em Porto Alegre, enquanto as Seções 6.4, 6.5 e 6.6 apresentarão os resultados referentes à amostra do Porto.

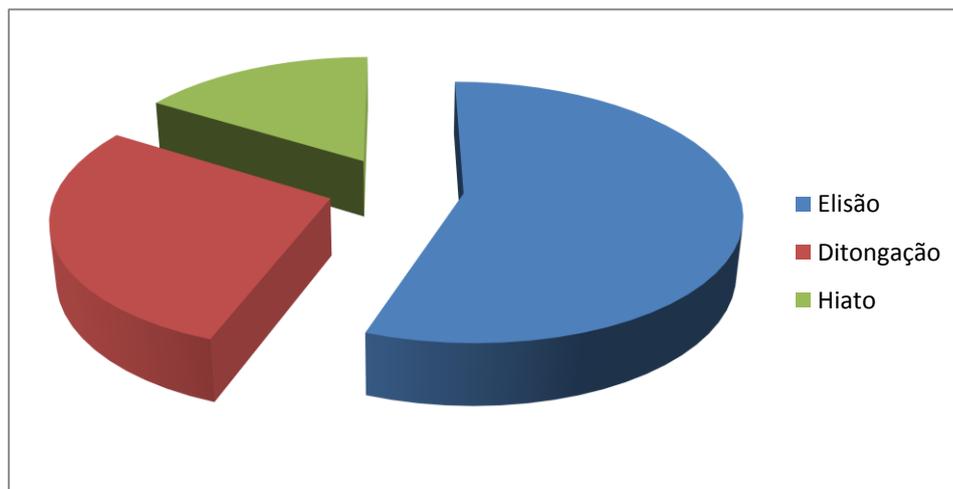
As variáveis que, após a análise estatística e associação entre as hipóteses e resultados, foram consideradas como relevantes ao estudo do processo e à discussão sobre as diferenças entre as duas variedades em estudo serão discutidas na Seção 6.7. A Seção 6.8 terá por objetivo retomar os aspectos que, durante a análise, despontaram como evidências relevantes para a discussão sobre as diferenças entre as variedades do PB e do PE.

6.1 DESCRIÇÃO DA ANÁLISE ESTATÍSTICA DE ELISÃO DE /a/ EM PORTO ALEGRE (PB)

6.1.1 Frequência Global

Dentre as 1.617 ocorrências de contextos para o apagamento da vogal /a/ em fronteira de vocábulos coletadas na amostra representativa do PB, foram registradas três formas em competição, a saber: apagamento, ditongação e hiato. Já era previsto que a variável fosse assim composta em PB, embora se tenha considerado a inserção de um glide no mesmo contexto quando analisadas ocorrências da amostra representativa de PE (cf. Seção 5.2.1). Contrariando a hipótese inicial, que considerava a ditongação como a forma mais recorrente em PB para todas as variáveis em estudo, os resultados revelaram que o apagamento é a variante de maior produção entre os falantes porto-alegrenses, com 55% de frequência na amostra. A ditongação é a segunda forma mais produtiva, com 28,8%, seguida do hiato, cuja frequência é de 16,2%. O Gráfico 1, a seguir, ilustra os resultados obtidos.

Gráfico 1 – Elisão da vogal /a/ em Porto Alegre (PB)



Fonte: A autora (2013)

Conforme previsto na hipótese para o estudo da regra variável (cf. Seção 5.3), a tendência do português para evitar o hiato (COUTINHO, 1970) foi confirmada, ao passo que esta configura como a variante de menor produção. A análise dos dados e a frequência mais elevada de elisão com relação à ditongação, entretanto, motivou a reflexão sobre uma especificidade da regra de elisão quando a vogal candidata ao apagamento é /a/: a falta de contexto para a aplicação de ditongação quando a vogal seguinte não sofre o processo de elevação, ou seja, quando na posição subsequente estão as vogais [ɔ] ou [ɛ], as quais não podem ocupar a posição de glide em um ditongo. Além disso, o processo de ditongação não é possível nesses contextos pelo fato de que, diferente de /e/ e /o/ átonos finais – que podem elevar a [i] e [u] (cf. Seção 2.2), respectivamente, e formar um ditongo junto à vogal seguinte – a vogal /a/ não poderá ocupar a posição de glide em um ditongo. Assim, a ditongação, em contextos cuja vogal candidata à elisão é /a/, depende da vogal que ocupará a posição seguinte, e considerar a ditongação como forma em competição em todos os contextos de elisão de /a/ constitui, pois, um problema metodológico, visto que não se tem o mesmo “valor de verdade” apontado por Tagliamonte (2006), conforme a discussão proposta na Seção 4.1, Capítulo 4. Os estudos anteriores sobre a elisão da vogal /a/ consideraram a formação da regra variável com as variantes elisão e não aplicação, o que também constitui um problema metodológico, pois desconsidera a possibilidade de ditongação, que poderá ocorrer com todas as vogais em segunda posição, exceto [ɔ] e [ɛ].

A fim de encontrar uma solução metodológica coerente para dar sequência à análise, foram realizadas mais duas rodadas, a saber: a primeira, considerando as variantes elisão, ditongação e hiato, em que foram excluídas as ocorrências de [ɔ] e [ɛ] subsequentes; e a

segunda, considerando a aplicação e a não aplicação de elisão, em que as vogais subsequentes foram apenas [ɔ] e [ɛ]. O objetivo era verificar se o funcionamento da elisão, com relação à frequência na amostra e seleção de variáveis, mantinha-se semelhante em ambos os procedimentos. O resultado revelou que, enquanto a primeira rodada apresenta 53,7% de elisão, 33,9% de ditongação e 12,4% de hiato, a segunda rodada é composta por uma amostra em que há 65,9% de elisão e 34,1% de hiato. É provável que a frequência mais alta de hiato na segunda rodada esteja relacionada ao fato de não haver alternativas de resolução do choque entre picos silábicos (cf. Seção 2.3) em contexto em que há restrições para a aplicação da elisão, fato solucionado pela ditongação na amostra que compôs a primeira rodada. Cabe ressaltar a importância do fato de a elisão continuar a configurar como a variante mais recorrente nas duas amostras.

No que diz respeito à seleção de variáveis, foram verificadas, nas duas análises, os mesmos condicionadores, seja quando comparadas as duas rodadas supracitadas, seja quando comparadas as duas rodadas com a rodada que envolveu a amostra da tese em sua integralidade. Os resultados, acrescidos do fato de que a análise de condicionadores considera apenas a variante elisão, encaminharam à decisão de prosseguir a análise com tratamento conjunto para todos os contextos. A partir da constatação aqui destacada foi possível, por exemplo, verificar que os resultados obtidos para a frequência global nesta análise não são passíveis de generalização com relação aos de Bisol (2002) para Porto Alegre, em que os contextos foram classificados apenas como de aplicação de elisão ou de não aplicação de elisão.

Ainda que se tenha revelado uma aplicação superior à esperada com base na bibliografia, espera-se que a comparação entre os resultados obtidos a partir da amostra do Porto e de Porto Alegre corrobore a hipótese de que o apagamento de vogais em fronteira de vocábulos é mais produtivo na variedade lusitana da língua. A análise das variáveis independentes, apresentadas a seguir, tem como objetivo verificar os condicionamentos da regra e a forma como atuam no sistema linguístico, além de licenciar a verificação da hipótese de que há a influência dos mesmos aspectos linguísticos sobre ocorrência de elisão tanto em Porto Alegre (PB), quanto no Porto (PE).

6.1.2 Seleção de Variáveis

Conforme explicitado na Seção 5.6, Capítulo 5, para que o programa de análise estatística opere adequadamente, a amostra deve ser ortogonal, isto é, as ocorrências devem estar bem distribuídas entre as células geradas pelo cruzamento entre duas variáveis. A partir

do exame das ocorrências, surgiu a previsão de uma relação pouco ortogonal entre os fatores das variáveis Distância entre os Acentos e Tipo de Sequência, visto que, devido à composição do sistema da língua, não é possível preencher células formadas pelo fator *presença de clítico*, que compõe a variável Distância entre os Acentos, e um fator da variável Tipo de Sequência que não considere a presença de um clítico em uma das posições consideradas. Logo, todas as vezes que a ocorrência for classificada como representativa do fator *presença de clítico* quanto à variável Distância entre os Acentos, só poderá coocorrer com cinco entre os nove fatores possíveis da variável Tipo de Sequência, a saber: *clítico+palavra funcional acentuada*, *clítico+palavra lexical*, *clítico+clítico*, *palavra lexical+clítico* e *palavra funcional acentuada+ clítico*.

Ainda que seja uma constatação óbvia, prevista pelo sistema da língua, o recurso *Cross Tabulation* do GOLDVARB foi utilizado para confirmar a relação entre as duas variáveis supracitadas. O Quadro 4 apresenta o resultado do cruzamento.

Quadro 4 – Elisão da Vogal /a/ em Porto Alegre (PB): Tipo de Sequência e Distância entre os Acentos

Tipo de Sequência	Distância entre os Acentos			
	Presença de clítico	Uma ou duas sílabas	Mais de duas sílabas	Total
Clítico+palavra lexical	133	0	0	133
Palavra lexical+clítico	262	0	0	262
Palavra lexical+palavra funcional	0	172	8	180
Palavra lexical+palavra lexical	0	149	351	500
Palavra funcional+clítico	49	0	0	49
Palavra funcional+palavra lexical	0	178	262	440
Palavra funcional+palavra funcional	0	50	3	53
Total	444	549	624	1617

Fonte: A autora (2013)

O resultado da tabulação, apresentado no Quadro 4, corrobora a existência de relação pouco ortogonal entre as variáveis em questão e ilustra a situação ao apresentar 10 células vazias entre as 21 formadas pelas ocorrências coletadas na amostra. Para que o programa opere adequadamente, as variáveis supracitadas não poderão ser consideradas em um mesmo arquivo de condições, ou seja, não há como realizar uma rodada de análise estatística em que as duas variáveis estejam em iteração, visto que há possibilidade de *no convergence*¹⁴, quando o programa não pode operar adequadamente.

Após a realização do mesmo procedimento entre todas as variáveis consideradas, a fim de se verificar a existência de outras relações pouco ortogonais, os resultados revelaram uma distribuição mais adequada entre as células formadas, não havendo risco de problemas com a iteração entre as demais variáveis. Logo, foram necessárias duas rodadas para tratar a amostra que considera a elisão da vogal /a/ em Porto Alegre- RS; a primeira considerando a variável Distância entre os Acentos em detrimento da variável Tipo de Sequência, e a segunda de maneira inversa, com um arquivo de condições que contemplou a variável Tipo de Sequência e desconsiderou Distância entre os Acentos. As demais variáveis apresentadas na Seção 5.4 foram contempladas em ambas as rodadas de análise.

6.1.2.1 Primeira Rodada

A partir do exame de questões de ortogonalidade apontadas na Seção 6.1.1.2, a primeira rodada foi realizada considerando as variáveis linguísticas Traço Voz da Consoante Precedente, Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição, Distância entre os Acentos, Fronteira Prosódica e Posição do Contexto no Período. Foram consideradas, ainda, as variáveis extralinguísticas Faixa Etária e Gênero do Informante.

Os grupos de fatores a seguir foram selecionados como estatisticamente relevantes pela análise progressiva step-up na mesma ordem em que serão apresentados a seguir:

- Fronteira Prosódica;
- Qualidade da Vogal em Segunda Posição;
- Distância entre os Acentos.

As variáveis linguísticas Traço Voz da Consoante Precedente e Posição do Contexto no Período, assim como as extralinguísticas Faixa Etária e Gênero do Informante, foram

¹⁴ Os casos de *no convergence* são identificados quando o programa não opera adequadamente em razão da não convergência entre as variáveis até a 20ª iteração.

selecionadas pela análise regressiva step-down, indício de que não apresentam relevância estatística para o processo.

6.1.2.2 Segunda Rodada

A segunda rodada de análise realizada apresentou uma diferença com relação à primeira, visto que não foi possível considerar a iteração entre as variáveis Distância entre os Acentos e Tipo de Sequência devido à questão ortogonal revelada anteriormente. Assim, foram contempladas, nesta segunda etapa de análise, as variáveis linguísticas Traço Voz do Contexto Precedente, Qualidade da Vogal em Segunda Posição, Tipo de Sequência, Fronteira Prosódica e Posição do Contexto no período. As variáveis extralinguísticas Faixa Etária e Gênero do Informante também foram consideradas.

A seleção da análise progressiva step-up foi coerente com a seleção de variáveis apresentada na primeira rodada, já que a diferença entre as duas se restringe às duas variáveis que apresentam relação pouco ortogonal e não puderam ser consideradas em um mesmo arquivo de condições. Assim, serão apresentadas a seguir, por ordem de seleção, as variáveis que revelaram relevância estatística nesta rodada:

- Qualidade da Vogal em Segunda Posição;
- Fronteira Prosódica;
- Tipo de Sequência.

Há coerência entre as duas rodadas também com relação à seleção na análise regressiva step-down, pois foram consideradas como variáveis sem relevância estatística as linguísticas Traço voz do Contexto Precedente e Posição do Contexto no Período, além das extralinguísticas Faixa Etária e Gênero do Informante.

A subseção a seguir apresenta a descrição dos resultados encontrados e a associação com as hipóteses que embasaram a consideração das variáveis na pesquisa. Cabe ressaltar que não ocorreram casos de *knockout* nas rodadas realizadas.

6.1.3 Condicionamentos à elisão de /a/ em Porto Alegre: resultados estatísticos

A apresentação e a discussão dos resultados contemplam apenas as variáveis para as quais a análise quantitativa revelou relevância estatística para o processo de apagamento da vogal /a/ em fronteira de vocábulos em Porto Alegre. Para tanto, os pesos relativos foram extraídos da *run* com significância de valor mais próximo a 0.000 entre aquelas que constituem o último nível do *step-up*. A discussão é construída a partir da apresentação dos

resultados estatísticos e da relação estabelecida entre estes e as hipóteses correspondentes às variáveis.

6.1.3.1 Fronteira Prosódica

A prosódia é apontada pelos estudos precedentes como elemento mais relevante para o aprofundamento de pesquisas referentes à regra de apagamento aqui considerada. Nesse âmbito, destacam-se os aspectos referentes ao acento, sobre o qual é consenso o favorecimento da atonicidade total (BISOL, 1992,1996; TENANI, 2002), e o bloqueio quando a vogal em segunda posição é portadora do acento da frase fonológica. Ainda há divergência quanto à sensibilidade da regra às fronteiras prosódicas (cf. Seção 3.2).

Os resultados estatísticos apontam que há maior favorecimento ao processo em estudo quando o contexto está em *fronteira de frase fonológica*, em que a aplicação foi de 0,65. A aplicação é favorecida ainda quando o contexto considerado está na *mesma frase fonológica*, fator cujo peso relativo encontrado foi de 0,55. Em *fronteira de frases entonacionais*, entretanto, há o bloqueio do processo, visto que o peso relativo revelado é de 0,13, conforme ilustra a Tabela 1.

Tabela 1 – Elisão da vogal /a/ em Porto Alegre - RS (PB): Fronteira Prosódica

FATORES	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Fronteira de Frase Fonológica <i>[A menina] φ [era estudiosa]</i>	312/486	64,3	0,65
Mesma Frase Fonológica <i>[A menina estudiosa] φ [era alegre]</i>	568/1067	53,3	0,55
Fronteira de Frase Entonacional <i>[A menina.] I [obedecendo aos pais.] estudava muito.</i>	10/64	15,6	0,13
Total	890/1617	55	

Input 0, 57

Fonte: A autora (2013)

Significância 0,002

O resultado mais relevante para a análise desta variável não se refere ao esperado favorecimento quando as estruturas que constituem o contexto estão sob o domínio da frase fonológica, seja em seu interior ou em fronteira. Não há, nos estudos anteriores que abordam

o aspecto prosódico, indícios para acreditar em um bloqueio em tais contextos, nos quais o processo é sempre favorecido. O resultado mais polêmico diz respeito, pois, à frase entonacional, visto que, retomando a discussão apresentada na Seção 3.2, tem-se em Bisol (1992,1996), sobre o PB, e Frota (1998), sobre o PE, que a fronteira de frase entonacional é a única fronteira bloqueadora ao processo de elisão, enquanto em Tenani (2002) os resultados revelam que o bloqueio se dá apenas diante da ocorrência de pausa.

Há, entretanto, uma possível associação entre os posicionamentos supracitados, visto que, a partir dos resultados aqui obtidos, é possível aplicar a proposta de Serra (2009), para a qual a produção da pausa está diretamente associada a estruturas em que a Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 1986) prevê a existência de uma fronteira de frases entonacionais. Para confirmar tal hipótese, conforme previsto pela variável Realização da Fronteira Prosódica, apresentada na Seção 5.3, Capítulo 5, arquivos de áudio de fala espontânea foram submetidos à verificação acústica, a fim de se identificar a incidência de pausa em fronteiras previstas e oferecer evidências sobre o real condicionamento da estrutura prosódica em fala espontânea para a elisão.

Antes, porém, cabe verificar os resultados para a elisão das vogais /o/ e /e/ na amostra de Porto Alegre – RS, representativa de PB neste estudo, e os resultados obtidos para as três vogais na amostra do Porto, aqui representativa de PE. Caso sejam encontrados os mesmos resultados, além de fornecer uma evidência para a discussão sobre a heterogeneidade dos sistemas de PB e PE, será possível submetê-las a uma mesma proposta de análise na Seção 6.7 deste Capítulo.

6.1.3.2 Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição

Os resultados obtidos para a variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição revelaram maior favorecimento à elisão quando a segunda posição é ocupada pela posterior nasal [ũ], contexto em que aplicação é de 0,83 em peso relativo. As vogais [ẽ], [o], [u] e [ε], com pesos relativos de 0,64, 0,62, 0,59 e 0,57, respectivamente, também figuram como favorecedoras ao processo. Quanto às vogais [e] e [õ], cujos pesos relativos obtidos foram 0,51 e 0,44, caracterizam-se como pouco influentes para a aplicação do fenômeno. Já as vogais [ĩ], com peso relativo de 0,31, [i], com peso relativo de 0,28, e [ɔ], com peso relativo de 0,21, figuram como não favorecedoras ao apagamento. Os resultados descritos são os apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 – Elisão da Vogal /a/ Porto Alegre - RS (PB): Qualidade da Vogal em Segunda Posição

FATORES	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
[ũ] <i>cada um</i>	201/233	86%	0,83
[ẽ] <i>menina engraçada</i>	41/58	70,7%	0,64
[u] <i>fala humilde</i>	61/94	65%	0,59
[o] <i>nota obtida</i>	77/121	63,6%	0,62
[ɛ] <i>ela era</i>	184/291	63,2%	0,57
[õ] <i>feita ontem</i>	14/24	58,3%	0,44
[e] <i>maneira eficaz</i>	107/197	54,3%	0,51
[ĩ] <i>roupa inteira</i>	61/153	39,9%	0,31
[i] <i>minha ideia</i>	136/405	33,6%	0,28
[ɔ] <i>aquela hora</i>	8/33	23,2%	0,21
Total	890/1617	55%	

Input 0,57

Fonte: A autora (2013)

Significância 0.002

O favorecimento da regra em ocorrências de vogal alta posterior nasal [ũ], de vogal alta posterior oral [u] e de posterior média [o] em contextos subsequentes à vogal candidata ao apagamento é um resultado relevante, visto que corrobora o estudo de Bisol (1992, p.95), segundo o qual a regra variável de elisão: “aplica-se com tendência à regra categórica quando a vogal seguinte for posterior.” Não se pode afirmar sobre uma tendência à aplicação categórica em contextos de vogais posteriores, pois, ainda que a aplicação da elisão seja bastante elevada em contextos de [ũ] e que as vogais [u] e [o] também favoreçam o processo, [õ] é pouco favorecedor e [ɔ] não favorece a aplicação.

Ainda de acordo com Bisol (1992, p.95), a elisão da vogal /a/ é opcional quando a vogal seguinte é frontal. Apesar do favorecimento de [ẽ] e [ɛ], o fato de não haver tendência à aplicação categórica em tais contextos e o fato de que há comportamento pouco favorecedor nos demais contextos de vogais frontais, ou seja, com relação às vogais [e], [ĩ] e [i], estão de acordo com a proposta de Bisol (2002).

Como é possível perceber a partir dos resultados expostos na Tabela 2, não há regularidade quanto ao comportamento de vogais frontais e posteriores. A observação dos contextos presentes na amostra possibilita um encaminhamento à investigação sobre a relevância da qualidade da vogal seguinte, pois é possível considerar que a variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição esteja em uma relação de dependência com a incidência de acento na vogal em segunda posição. A fim de testar a hipótese levantada, foi realizado um cruzamento entre os fatores da variável em questão e os fatores que indicam a classificação da vogal quanto à tonicidade, a saber: átona, acento da palavra e acento da frase fonológica. Os últimos, embora não constituam uma variável da pesquisa, foram codificados para fins de controle, fato que possibilitou a investigação da sua relação com a qualidade da vogal em segunda posição, cujos resultados estão expostos na Tabela 3 a seguir.

Tabela 3 – Elisão da vogal /a/ em Porto Alegre - RS (PB): Cruzamento entre a variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição e a indicação de Acento da Vogal em Segunda Posição

Qualidade da Vogal em Segunda Posição	Acento da Vogal em Segunda Posição								
	Átona			Acento da Palavra			Acento da Frase Fonológica		
	A/T	%	P.R.	A/T	%	P.R.	A/T	%	P.R.
[ū]	103/185	89	0,87	83/151	55	0,51	-	-	-
[o]	55/67	82	0,80	22/42	52	0,46	0/12	0	-
[ē]	37/54	68	0,66	4/4	100	-	-	-	-
[u]	59/88	67	0,60	5/5	100	-	0/4	0	-
[õ]	12/15	63	0,57	2/5	40	0,46	-	-	-
[i]	161/201	63	0,59	40/110	57	0,51	10/80	14	0,15
[ī]	59/100	59	0,54	12/53	22	0,14	-	-	-
[e]	114/207	55	0,53	4/10	40	0,34	3/19	18	0,15
[ɔ]	-	-	-	½	50	0,50	0/10	0	-
[ɛ]	-	-	-	173/225	76	0,65	11/66	17	0,13

Input 0,57

Significância 0,002

Fonte: A autora (2013)

Os resultados apresentados na Tabela 3 confirmam a relação de dependência entre a Variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição e a incidência de acento sobre a vogal em questão. Conforme os resultados, quando em posição átona, todas as vogais são favorecedoras em contexto subsequente à vogal candidata ao apagamento. Cabe ressaltar que a ausência de [ɔ] e [ɛ] átonos nesta posição já era prevista devido ao funcionamento das duas variedades em estudo.

O *acento da palavra*, assim como previsto com base nas regras estabelecidas por Bisol (1992), não apresenta bloqueio à regra, ao passo que também não pode ser considerado favorecedor, exceto com relação ao resultado obtido para a vogal coronal [ɛ] em tal posição, cujo comportamento é favorecedor. Este fato, entretanto, está de acordo com Bisol (1996), em que a autora afirma ser possível a perda do acento de vogais iniciais de palavras funcionais ou de formas do verbo *ser*, dentre as quais se enquadram os itens lexicais *ela*, exemplo de palavra funcional, e os verbos *é* e *era*.

Os resultados obtidos a partir do cruzamento entre a variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda posição e a variável controle que considera o Acento da Vogal em Segunda Posição confirmam o bloqueio à regra de elisão provocado pela incidência do acento da frase fonológica sobre a vogal em segunda posição, corroborando a relação de interdependência entre as duas variáveis.

6.1.3.3 Distância entre os Acentos

A variável Distância entre os Acentos foi considerada estatisticamente relevante na primeira rodada de análise, a única em que esteve presente no arquivo de condições. Os resultados revelaram que o processo de elisão é favorecido quando a distância entre o acento do vocábulo em primeira posição e o acento do vocábulo em segunda posição é de *uma ou duas sílabas*, contexto em que o peso relativo é 0,59. Com relação à *presença de clítico*, o peso relativo de 0,50 está no ponto neutro, e à distância de *mais de duas sílabas*, o peso relativo de 0,45 não é favorecedor à regra. A Tabela 4, a seguir, apresenta os resultados obtidos a partir da análise estatística das ocorrências.

Tabela 4 - Elisão da Vogal /a/ em Porto Alegre (PB): Distância entre os Acentos

FATORES	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Uma ou duas sílabas <i>aquela essência</i>	351/549	64%	0,59
Presença de clítico <i>da história</i>	251/444	56%	0,50
Mais de Duas Sílabas <i>ela aprovava</i>	288/624	46%	0,45
Total	890/1617	55%	

Com base em Cabré e Prieto (2005) sobre o Catalão, a hipótese para a variável Distância entre os acentos é de que o processo de elisão seja favorecido por uma distância de *mais de duas sílabas* entre o acento do vocábulo em primeira posição e o acento do vocábulo subsequente. Com relação ao PB, entretanto, a hipótese está parcialmente refutada, visto que a elisão de /a/ é favorecida por uma distância acentual inferior, de uma ou duas sílabas.

Ainda que seja necessário apresentar os resultados referentes ao processo de apagamento das vogais /e/ e /o/ em Porto Alegre – RS para estabelecer um panorama sobre esta variedade representativa do PB, a hipótese a ser investigada diz respeito ao padrão rítmico, sobre o qual a literatura (ABAURRE, 1981, MORAIS, 1997, FROTA e VIGÁRIO, 2000), ainda sem um consenso, revela indícios de ser acentual em PB, por conta da presença de acentos secundários, e silábico em PB. O resultado obtido para esta variável na amostra do Porto possibilitará investigar a relação do padrão acentual com o padrão rítmico das duas variedades, análise proposta na Seção 6.7, Capítulo 6.

6.1.3.4 Tipo de Sequência

Os resultados da análise estatística apontam que, com relação ao Tipo de Sequência em que se encontra o contexto para aplicação da elisão, o favorecimento ocorre, principalmente, quando há uma sequência de *palavra lexical+clítico*, com peso relativo de 0,70. O favorecimento ainda é mantido quando a sequência é formada por *palavra lexical+palavra funcional acentuada* e *palavra funcional acentuada+palavra funcional acentuada*, com pesos relativos de 0,62 e 0,61, respectivamente. As sequências de *palavra funcional acentuada+palavra lexical*, cujo peso relativo é 0,47, *palavra lexical+palavra lexical*, com peso relativo de 0,46 e *palavra funcional acentuada+clítico*, com aplicação de 0,41 em peso relativo, são pouco favorecedoras ao processo. Os contextos de *clítico+palavra lexical* tendem a bloquear a elisão, visto que a aplicação foi de 0,14 em peso relativo. A Tabela 5 apresenta os resultados obtidos.

Tabela 5 – Elisão da Vogal /a/ em Porto Alegre (PB): Tipo de Sequência

FATORES	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Palavra Lexical+Clítico <i>cinquenta e</i>	208/272	76,5	0,70
Palavras Lexical+Palavra Funcional Acentuada <i>era ela</i>	138/188	73,4	0,62
Palavra Funcional Acentuada+Palavra Funcional Acentuada <i>para ela</i>	38/58	65,5	0,61
Palavra Funcional Acentuada+Clítico <i>ela e</i>	16/26	61,5	0,41
Palavra Lexical+Palavra Lexical <i>escola espetacular</i>	257/500	51,4	0,49
Palavra Funcional Acentuada+Palavra Lexical <i>essa história</i>	217/440	49,3	0,47
Clítico+Palavra Lexical <i>na escola</i>	16/133	12	0,14
Total	890/1617	55	

Input 0,57

Significância 0,002

Fonte: A autora (2013)

A hipótese para a variável Tipo de Sequência era de que houvesse favorecimento em sequências de palavras lexicais (VIGÁRIO, 1997). Os resultados aqui apresentados não corroboram esta afirmação, pois a sequência formada por *palavra lexical+palavra lexical*, visto que a aplicação neste contexto está ao redor do ponto neutro, 0,49. Ainda assim, as duas sequências mais favorecedoras têm a primeira posição ocupada pela palavra lexical, indício de que a relevância para o processo está no tipo de item que ocupa a primeira posição e, principalmente, na informação morfológica contida na vogal candidata ao apagamento. O bloqueio revelado pela sequência de *clítico+palavra lexical* corrobora essa posição, além de

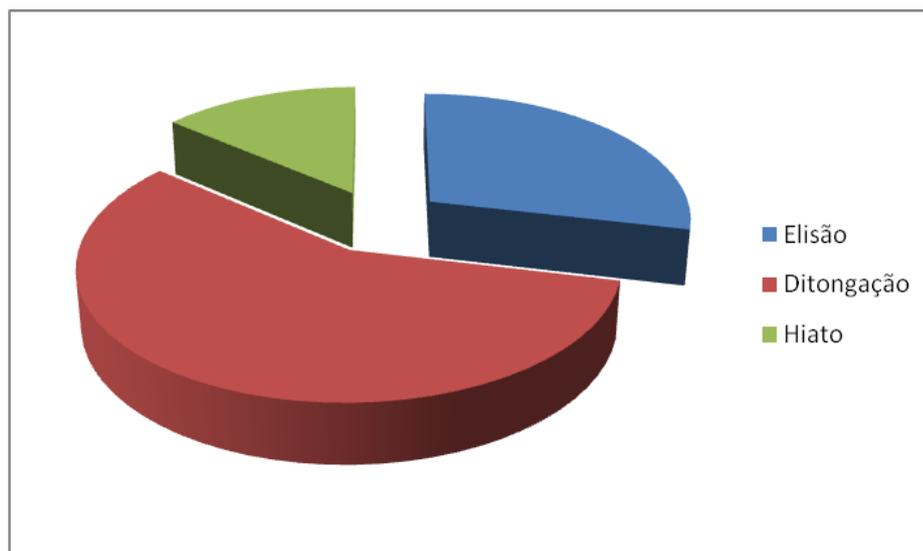
reforçar as afirmações de Bisol (1992, 1996) e Veloso (2003) sobre o bloqueio à elisão em monomorfemas na primeira posição (cf. Seção 2.3).

6.2 DESCRIÇÃO DA ANÁLISE ESTATÍSTICA DA ELISÃO DE /e/ EM PORTO ALEGRE (PB)

6.2.1 Frequência Global

A amostra representativa do português falado em Porto Alegre (PB) para a análise do apagamento da vogal /e/ em fronteira de vocábulos foi constituída por 1704 ocorrências, dentre as quais a ditongação é a mais frequente, em 57,5% dos dados, o apagamento é a segunda opção entre os falantes, em 28,6% da amostra, e o hiato ocorre em 13,3%. O Gráfico 2 ilustra as informações sobre a frequência global.

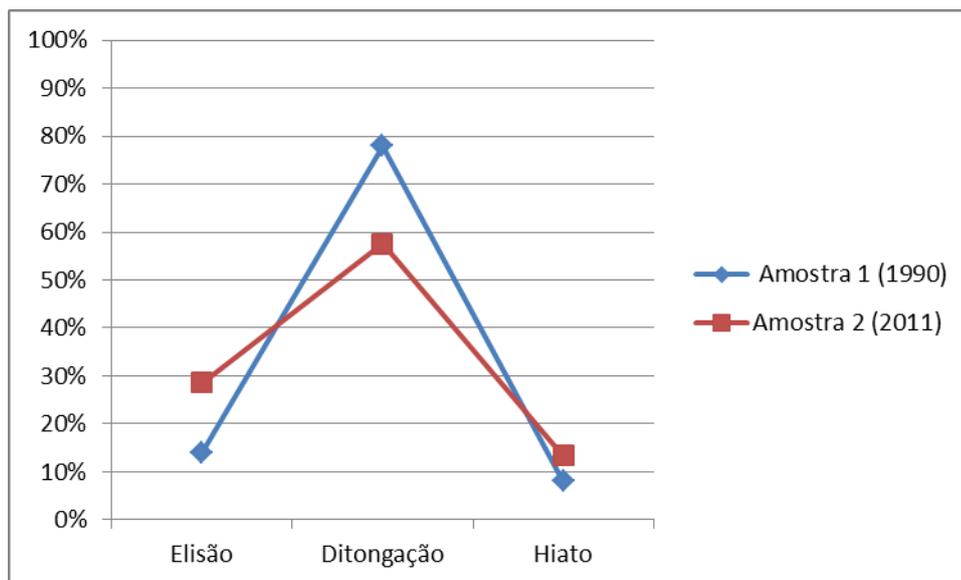
Gráfico 2 – Elisão da Vogal /e/ em Porto Alegre (PB): Frequência Global



Fonte: A autora (2013)

A hipótese inicial para a variável dependente que considera o apagamento da vogal /e/ em Porto Alegre (PB) foi confirmada pelos resultados apresentados, visto que a ditongação é a forma mais produtiva na amostra utilizada e o hiato a forma que tende a ser evitada. Há que se considerar, entretanto, o crescimento da frequência de elisão na amostra com relação ao estudo de Barbosa (2005), em que as ocorrências de apagamento somavam 14% do total. O Gráfico 3, a seguir, ilustra a evolução da regra quando comparados os resultados do presente estudo e os de Barbosa (2005).

Gráfico 3 - Elisão da Vogal /e/ em Porto Alegre (PB): Amostra (1990) e Amostra (2011)



Fonte: A autora (2013)

Bem como ocorre com relação ao estudo anterior sobre a vogal /a/ (BISOL, 2002), a pesquisa que resultou no trabalho de Barbosa (2005) foi realizada a partir de ocorrências coletadas em entrevistas de experiência pessoal que compõem o banco de dados do Projeto Varsul. Portanto, ainda que o estudo seja recente, as ocorrências analisadas têm origem em produções de falantes em um período decorrente entre o final da década de 80 e o início dos anos 90, ou seja, uma amostra constituída há, no mínimo, 20 anos. Além do intervalo de 20 anos entre as duas amostras, a comparação entre os resultados como estudos em tempo real (LABOV, 1972) é licenciada pela metodologia utilizada pelas autoras, visto que foram consideradas as mesmas vogais seguintes e os mesmos tipos de sequência.

Ainda que haja um crescimento na frequência de elisão, a constituição da frequência global da regra continua a apresentar a maioria absoluta das ocorrências de ditongação, seguidas por elisão e hiato, bem como em Barbosa (2005). Não há, pois, indícios de mudança em progresso. Os resultados permitem concluir apenas que houve aumento do apagamento de /e/ em Porto Alegre.

As subseções a seguir descrevem os procedimentos para a organização do arquivo de condições e os resultados obtidos para cada variável selecionada como estatisticamente relevante.

6.2.2 Seleção de Variáveis

Apesar de a análise estatística da amostra da elisão vogal /a/ em Porto Alegre já ter confirmado a relação pouco ortogonal entre as variáveis Distância entre os Acentos e Tipo de Sequência, as ocorrências da amostra referente à elisão da vogal /o/ em Porto Alegre foram submetidas a uma tabulação cruzada, cujos resultados são apresentados no Quadro 5 a seguir.

Quadro 5 – Elisão da Vogal /e/ em Porto Alegre (PB): Tipo de Sequência e Distância entre os acentos

Tipo de Sequência	Distância entre os Acentos			
	Presença de clítico	Uma ou duas sílabas	Mais de duas sílabas	Total
Clítico+palavra lexical	583	0	0	583
Clítico+ Palavra Funcional Acentuada	139	0	0	139
Clítico+ Clítico	168	0	0	168
Palavra lexical+clítico	175	0	0	175
Palavra lexical+palavra funcional	0	50	28	78
Palavra lexical+palavra lexical	0	239	122	361
Palavra funcional+clítico	50	0	0	50
Palavra funcional+palavra lexical	0	95	35	130
Palavra funcional+palavra funcional	0	12	8	20
Total	1115	396	193	1704

Fonte: A autora (2013)

O resultado da tabulação cruzada, apresentado no Quadro 5, confirmou a relação pouco ortogonal entre as variáveis Distância entre os Acentos e Tipo de Sequência ao revelar 14 células vazias entre as 27 formadas pelo cruzamento das duas variáveis. Foi adotada, bem como já realizado com relação ao /a/, a opção metodológica de realizar duas rodadas de

análise com arquivos de condições distintos, a saber: o primeiro considerando a variável Distância entre os Acentos em detrimento da variável Tipo de Sequência; e o segundo privilegiando a análise da variável Tipo de Sequência em detrimento da Distância entre os Acentos.

6.2.2.1 Primeira Rodada

O arquivo de condições que gerou a primeira rodada referente à análise estatística considerou as variáveis linguísticas Traço Voz da Consoante Precedente, Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição, Distância entre os Acentos, Fronteira Prosódica e Posição do Contexto no Período, além das variáveis extralinguísticas Faixa Etária e Gênero do Informante.

A análise progressiva step-up selecionou como estatisticamente relevantes as variáveis a seguir apresentadas.

- Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição;
- Distância Entre os Acentos;
- Fronteira Prosódica.

As variáveis linguísticas Traço Voz da Consoante Precedente e Posição do Contexto no Período e as extralinguísticas Faixa Etária e Gênero não apresentaram relevância estatística para o processo e foram selecionadas pela análise regressiva step-down.

6.2.2.2 Segunda Rodada

Diferente do que ocorreu na primeira rodada de análise, em que a variável Distância entre os Acentos foi contemplada pelo arquivo de condições, a segunda rodada privilegiou a análise da variável Tipo de Sequência. Para tanto, além da referida variável, o arquivo de condições que gerou os resultados foi composto pelas variáveis linguísticas Traço Voz da Consoante Precedente, Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição, Fronteira Prosódica e Posição do Contexto no Período, além das variáveis extralinguísticas Faixa Etária e Gênero do Informante.

As variáveis a seguir foram selecionadas pela análise progressiva step-up como estatisticamente relevantes para o processo em estudo.

- Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição;

- Tipo de Sequência;
- Fronteira Prosódica.

As variáveis linguísticas Traço Voz da Consoante Precedente e Posição do Contexto no Período, assim como ocorreu com as extralinguísticas Faixa Etária e Gênero do Informante, foram selecionadas pela análise regressiva step-down, o que indica sua irrelevância estatística. Com exceção às variáveis Distância entre os Acentos e Tipo de Sequência, que não fizeram parte do mesmo arquivo de condições, as rodadas são coerentes quanto à seleção de variáveis, visto que os mesmos grupos de fatores são selecionados pelo nível step-up em ambas as rodadas. O mesmo ocorre com relação às variáveis igualmente descartadas pela análise regressiva step-down em ambas as rodadas.

As variáveis selecionadas serão apresentadas a seguir por ordem de seleção.

6.2.3 Condicionamentos à Elisão de /e/ em Porto Alegre (PB): resultados estatísticos

6.2.3.1 Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição

A variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição foi a primeira selecionada como estatisticamente relevante nas duas computações estatísticas realizadas. O fator indicado como de maior favorecimento ao processo em estudo foi a vogal [ɛ], com peso relativo de 0,74. Ainda há favorecimento quando estão em segunda posição as vogais [õ] e [ũ], com pesos de 0,55 e 0,54, respectivamente. As vogais [ã], [a], [u], [o] e [ɔ], para as quais os pesos relativos obtidos foram 0,41, 0,38, 0,34, 0,32 e 0,23, respectivamente, não favorecem o processo. Os números obtidos a partir da análise estatística podem ser observados na Tabela 6 a seguir.

Tabela 6 - Elisão da Vogal /e/ em Porto Alegre – RS (PB): Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição

FATORES	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
[ɛ] <i>ele era</i>	237/494	48%	0,74
[õ] <i>alegre ontem</i>	2/5	40%	0,55
[ũ] <i>houve um</i>	49/192	25%	0,54
[ã] <i>este ano</i>	65/241	27%	0,41
[a] <i>aquele arranjo</i>	101/531	19%	0,38
[u] <i>parece útil</i>	9/69	13%	0,34
[o] <i>come ovo</i>	23/160	14%	0,32
[ɔ] <i>aquele hóspede</i>	1/12	8,3%	0,23
Total	487/1704	28,6%	

Input 0, 258

Fonte: A autora (2013)

Significância 0.000

O favorecimento de [ɛ] – única vogal coronal considerada, visto que o processo de ressilabificação com outras coronais como contextos seguintes poderia ser resultado de uma degeminação – corrobora o resultado encontrado por Barbosa (2005) em seu estudo sobre a elisão da vogal /e/ nas três capitais da região Sul do Brasil. Os demais resultados apresentados na Tabela 6, entretanto, permitem concluir que não há regularidade no comportamento das vogais em segunda posição, se for considerado um agrupamento a partir dos aspectos articulatórios que as caracterizam, o que leva ao questionamento sobre a influência da vogal seguinte no processo, assim como ocorrido com relação aos resultados apresentados para a elisão de /a/ na seção anterior.

Surge, igualmente, a hipótese de que haja uma forte relação entre a variável em questão e o bloqueio quando a vogal em segunda posição recebe o acento principal, aspecto tomado como uma determinação sobre a regra devido às discussões em estudos anteriores,

que tem o favorecimento do contexto de atonicidade total como unânime (cf. BISOL, 1992, 1996, 2002; FROTA, 1998; TENANI, 2002), e sobre o qual não foi proposta a investigação no presente estudo. Ainda assim, bem como ocorreu com os demais arquivos de dados, o aspecto referente ao acento foi controlado nos arquivos que contêm os dados referentes à vogal final /e/ em Porto Alegre, fato que possibilitou o cruzamento com a variável independente Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição. A Tabela 7 apresenta os resultados obtidos a partir do cruzamento que tem por objetivo investigar a influência da incidência do acento sobre o comportamento da vogal em segunda posição, ou seja, identificar se há indício de dependência entre a qualidade fonética da vogal e a incidência de acento sobre a segunda posição.

Tabela 7 - Elisão da vogal /e/ em Porto Alegre - RS (PB): Cruzamento entre a variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição e a indicação de Acento da Vogal em Segunda Posição

Qualidade da Vogal em Segunda Posição	Acento da Vogal em Segunda Posição								
	Átona			Acento da Palavra			Acento da Frase Fonológica		
	A/T	%	P.R.	A/T	%	P.R.	A/T	%	P.R.
[ɛ]	-	-	-	224/354	63,2	0,76	13/132	9,8	0,09
[õ]	½	50	0,65	1/3	33,3	0,48	-	-	-
[ũ]	32/114	28,4	0,59	17/62	27,4	0,47	0/16	0	-
[ã]	42/122	34,4	0,60	21/76	27,6	0,49	2/43	4,7	0,18
[a]	80/401	19,9	0,54	19/96	19,8	0,48	2/43	6,2	0,20
[u]	8/64	12,5	0,54	¼	25	0,34	0/2	0	-
[o]	17/119	14,3	0,53	6/29	20,7	0,30	0/12	0	-
[ɔ]	-	-	-	½	50	0,28	0/10	0	-

Input 0,258

Significância 0,000

Fonte: A autora (2013)

Os resultados obtidos a partir do cruzamento confirmam a relação de dependência entre a variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição e a incidência de acento sobre a vogal em questão. Conforme pode ser percebido na Tabela 7, a atonicidade é favorecedora ao processo independente da vogal que está na segunda posição, visto que,

quando átonas, todas as vogais possíveis nessa posição são favorecedoras ao processo. Já a incidência do acento principal sobre a vogal em segunda posição é bloqueadora ao processo de elisão da vogal /e/, conforme pode ser verificado a partir dos números expressos na coluna de resultados correspondentes ao acento da frase fonológica. Com relação ao acento da palavra, embora algumas vogais apresentem aplicação ao redor do ponto neutro, a única favorecedora é a vogal [ɛ], sobre a qual se tem indícios de perda do acento em formas do verbo ser e palavras funcionais acentuadas, ou seja, em itens como [ɛ]ra e [ɛ]la, frequentes na amostra.

Tomando como verdadeira a afirmação de que há influência da incidência do acento sobre os fatores da variável Qualidade da Vogal em Segunda Posição, os resultados aqui obtidos corroboram a regra apresentada por Bisol (1992), que determina ser o acento principal bloqueador ao processo de elisão. Assim, o condicionamento não estaria relacionado diretamente à qualidade fonética da vogal, mas ao amplamente discutido (BISOL, 1992, 1996, 2002; FROTA, 1998; TENANI, 2002) contexto acentual em que ocorre o encontro de vogais de qualidades distintas em fronteira de vocábulos.

6.2.3.2 Distância entre os Acentos

A variável Distância entre os Acentos foi selecionada na primeira rodada de análise, única da qual fez parte em razão da relação pouco ortogonal com a variável Tipo de Sequência (cf. Seção 6.2). Corroborando os resultados obtidos com relação à vogal /a/, o maior favorecimento ao processo se dá quando há distância de *uma ou duas sílabas* entre os acentos dos vocábulos, comportamento esse diferente do que ocorre com relação ao processo com a vogal /a/ em Porto Alegre, pois a distância de *mais de duas sílabas* também favorece o processo. Os pesos relativos são, respectivamente, 0,72 e 0,65. A *presença de clítico*, cujo peso relativo foi 0,40, é pouco favorecedora ao processo em estudo. A Tabela 8 a seguir apresenta todos os números referentes ao resultado descrito.

Tabela 8 - Elisão da Vogal /o/ em Porto Alegre – RS (PB): Distância entre os Acentos

FATORES	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Uma ou duas sílabas <i>aquele aspecto</i>	166/296	41,9%	0,72
Presença de clítico <i>de arrendar</i>	68/196	34,7%	0,65
Mais de Duas Sílabas <i>ambiente escolar</i>	253/1112	22,8%	0,40
Total	487/1704	28,6%	

Input 0,258

Significância 0.000

Fonte: A autora (2013)

A partir dos resultados obtidos até aqui para a amostra de Porto Alegre, há indícios para refutar a hipótese, baseada em Cabré e Prieto (2005) sobre o catalão, de que a distância maior do que duas sílabas seja a mais favorecedora à aplicação da elisão, visto que o processo ocorre preferencialmente quando há distância de *uma ou duas sílabas* entre os acentos dos vocábulos, tanto com relação ao processo recorrente com a vogal /a/, quanto com a vogal /e/. Após a análise referente à vogal /o/, entretanto, é que os resultados poderão levar a uma conclusão.

Devido às diferenças rítmicas entre PB e PE, apontadas pela literatura (Seção 3.2), espera-se que as duas variedades aqui estudadas apresentem comportamentos distintos com relação à variável em questão. Os resultados serão retomados na Seção 6.7, em busca por um argumento para a discussão sobre as diferenças rítmicas entre as duas variedades. A hipótese é de que, na amostra do Porto, seja possível confirmar a hipótese de Cabré e Prieto (2005), ou seja, que o processo seja favorecido pela distância superior a duas sílabas.

6.2.3.3 Fronteira Prosódica

A variável Fronteira Prosódica foi selecionada como relevante nas duas rodadas de análise realizadas, apresentando resultados segundo os quais não há diferença relevante quanto à aplicação de elisão de /e/, seja em contextos dentro de uma *mesma frase fonológica* ou em *fronteira de frases fonológicas*, cujos pesos relativos encontrados foram 0,53 e 0,51, respectivamente. Novamente, o resultado mais interessante para esta variável está relacionado ao bloqueio do processo em estudo em contextos formados em *fronteira de frases*

entonacionais, nos quais a aplicação é 0,08 em peso relativo. A Tabela 9 apresenta os resultados descritos.

Tabela 9 – Elisão da vogal /e/ em Porto Alegre - RS (PB): Fronteira Prosódica

FATORES	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Fronteira de Frase Fonológica <i>[Ele]φ[acompanhava a mãe]</i>	152/434	35,2	0,51
Mesma Frase Fonológica <i>[Este ano]φ[será feito diferente]</i>	324/1057	30,7	0,53
Fronteira de Frase Entonacional <i>[Acontece,][agora que estamos perto]</i>	11/255	4,4	0,08
Total	487/1704	28,6	

Input 0, 258

Fonte: A autora (2013)

Significância 0,000

O resultado encontrado a partir da análise de ocorrências da vogal /e/ em Porto Alegre – RS corrobora o resultado encontrado para a elisão da vogal /a/. De fato, a regra parece sensível a uma única fronteira prosódica, a fronteira de frases entonacionais. O resultado corrobora as afirmações de Bisol (1992, 1996) sobre o PB e de Frota (1998) sobre o PE, ao passo que confronta os resultados de Tenani (2002), em que a pausa é o único bloqueio enfrentado pelo processo.

Cabe, pois, investigar a hipótese, baseada em Serra (2009) (cf. Seção 3.2), de que as fronteiras de frase entonacionais estejam diretamente associadas às ocorrências de pausas, o que corroboraria os resultados de todos os estudos anteriores. Ao comparar os resultados, entretanto, é importante lembrar que os estudos de Frota (1998) e Tenani (2002) apresentam resultados da análise de leitura de sentenças elaboradas com contextos prosódicos preestabelecidos e que a comparação com os resultados de fala espontânea exige considerações sobre as escolhas metodológicas durante a classificação das ocorrências de fala espontânea que constituem esta amostra (Seção 5.3).

Após a descrição da análise estatística da elisão da vogal /o/ em Porto Alegre e dos processos referentes às três vogais no Porto, a análise proposta na Seção 6.7 trará os pressupostos da Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 1986) e a abordagem metodológica de Serra (2009) a fim de se conduzir a discussão sobre os efeitos da fronteira de frase entonacional sobre o processo em estudo e sua relação com a incidência da pausa.

6.2.3.4 Tipo de Sequência

A seleção da variável Tipo de Sequência corrobora o favorecimento à elisão em Porto Alegre já verificada com relação à vogal /a/. Com relação à elisão da vogal /e/, os fatores que apresentaram maior favorecimento foram as sequências de *palavra funcional acentuada+palavra funcional acentuada*, com peso relativo de 0,72, e *palavra lexical+palavra lexical*, com peso relativo de 0,71. Ainda são favorecedoras as sequências formadas por *palavra lexical+palavra funcional acentuada* e por *palavra funcional acentuada+palavra lexical*, com pesos relativos de 0,65 e 0,64, respectivamente. As sequências formadas por *palavra lexical+clítico* e *palavra funcional+clítico*, ambas com peso relativo 0,54, apresentam leve favorecimento ao processo, enquanto a sequência de *clítico+palavra funcional acentuada* apresenta aplicação ao redor do ponto neutro, com peso relativo de 0,48, e as sequências de *clítico+palavra lexical* e *clítico+clítico* não favorecem o processo, com pesos relativos de 0,39 e 0,20, respectivamente. Os números referentes a esta variável são apresentados na Tabela 10 a seguir.

Tabela 10 – Elisão da Vogal /e/ em Porto Alegre (PB): Tipo de Sequência

FATORES	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Palavra funcional acentuada+palavra funcional acentuada <i>sobre ela</i>	8/20	40	0,72
Palavra lexical+palavra lexical <i>soube aproveitar</i>	144/361	39,9	0,71
Palavra lexical+palavra funcional acentuada <i>move isso</i>	30/78	38,5	0,65
Palavra funcional acentuada+palavra funcional lexical <i>ele abriu</i>	52/130	40	0,64
Palavra Lexical+Clítico <i>alegre a</i>	46/175	26,3	0,54
Palavra funcional acentuada+clítico <i>sobre um</i>	10/50	20	0,54
Clítico+palavra funcional acentuada <i>que ela</i>	43/139	30,9	0,48
Clítico+palavra lexical <i>de amizade</i>	144/583	24,7	0,39
Clítico+clítico <i>de um</i>	10/168	6	0,20
Total	487/1704	28	

Input 0,258

Fonte: A autora (2013)

Significância 0,000

Os resultados aqui apresentados refletem as hipóteses ressaltadas em 6.2.3.3, a saber:

a) não há diferença significativa entre palavra lexical e palavra funcional acentuada para a aplicação do processo em estudo; b) ainda que aqui haja favorecimento de sequência de palavras lexicais, o resultado igualmente favorecedor para a sequência de palavras funcionais não corrobora a hipótese de Vigário (1997), segundo a qual sequências de palavras lexicais favorecem a elisão; c) o tipo de sequência não é tão relevante quanto o tipo de vocábulo que

ocupa a primeira posição, ou seja, há tendência ao bloqueio quando o clítico carrega a vogal candidata ao apagamento (BISOL, 1996; VELOSO, 2003).

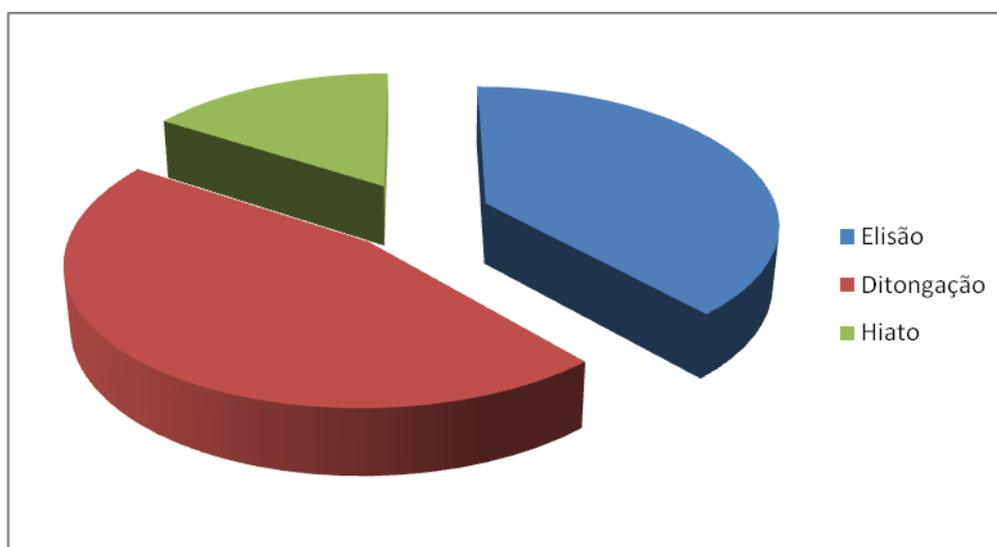
Cabe ressaltar que os resultados apresentados na Tabela 10 refletem uma amostra diferente da encontrada para as demais vogais em Porto Alegre, visto que há ocorrências de *clítico+palavra funcional acentuada* e *clítico+clítico*. Conforme já fora explicitado na apresentação da metodologia, no Capítulo 5, a ausência deste tipo de sequência nas amostras cujas vogais finais são /a/ e /o/ se deve à constituição do próprio sistema do português.

6.3 DESCRIÇÃO DA ANÁLISE ESTATÍSTICA DA ELISÃO DE /o/ EM PORTO ALEGRE (PB)

6.3.1 Frequência Global

A análise estatística do processo de elisão da vogal /o/ em Porto Alegre – RS foi realizada a partir de 1518 ocorrências, dentre as quais a forma mais frequente é a ditongação, com 45,7%. Em 38,5% das ocorrências a forma escolhida pelos falantes é a elisão, enquanto o hiato representa 15,8% do total. O Gráfico 4 ilustra a frequência global da regra.

Gráfico 4 – Elisão da Vogal /o/ Porto Alegre (PB): Frequência Global

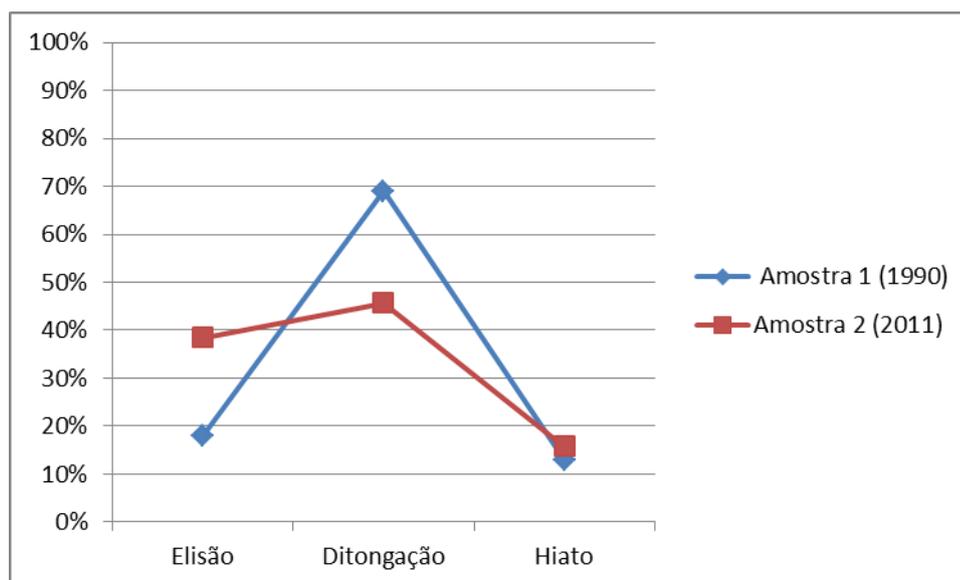


Fonte: A autora (2013)

O resultado obtido confirmou a hipótese de que o hiato é a variante menos produtiva no português devido à histórica tendência a evitar o choque entre picos silábicos (COUTINHO, 1970). Com relação à forma mais frequente na amostra, a maior produção de ditongação entre os falantes confirmou a hipótese inicial prevista a partir do estudo de Alencastro (2008) sobre a mesma regra em Porto Alegre.

Ainda que a variante mais frequente na amostra seja a ditongação, houve crescimento na aplicação de elisão se comparado ao estudo de 2008, em que se obteve frequência de 18% de elisão, enquanto a ditongação representava 69% das ocorrências e o hiato 13%. O Gráfico 5 ilustra a evolução da aplicação da regra no período decorrente entre as duas pesquisas.

Gráfico 5 – Elisão da Vogal /o/ em Porto Alegre (PB): Amostra (1990) e Amostra (2011)



Fonte: A autora (2013)

O crescimento de aproximadamente da frequência de elisão, somado ao decréscimo da produção de ditongação, provoca uma notável alteração na configuração das linhas que representam a aplicação da regra de elisão. Assim como constatado com relação à regra de elisão da vogal /e/ em Porto Alegre (Seção 6.2), ainda que não haja um espaço tão relevante de tempo entre a realização das duas pesquisas, as amostras utilizadas para a coleta de ocorrências foram obtidas a partir de entrevistas de experiência pessoal realizadas a partir da mesma metodologia e com um intervalo aproximado de 20 anos entre a primeira e última. Enquanto o estudo de 2008 contou com amostra constituída a partir de 24 entrevistas do banco de dados do Projeto Varsul, realizadas entre o final dos anos 80 e o início dos anos 90, a presente pesquisa contou com ocorrências coletadas em 24 entrevistas de experiência pessoal realizadas nos anos de 2011 e 2012, fato que, conforme Labov (1983), licencia o estudo em tempo real.

O tipo de dado, o tempo e os métodos de entrevista também têm de ser considerados para que seja possível constatar uma mudança a partir dos resultados dos estudos supracitados. É importante ressaltar, pois, que ambos os estudos consideram os mesmos

contextos precedentes, incluem quaisquer tipos de vocábulos - desde que haja, em primeira posição, o preenchimento do onset na sílaba que porta a vogal candidata ao apagamento - e que as entrevistas de experiência pessoal consideradas em ambos os estudos apresentam aproximadamente uma hora de duração e foram realizadas de acordo com a metodologia variacionista (LABOV, 1974).

A aproximação entre as taxas de produção de elisão e ditongação com relação à vogal /o/ é apenas um indício de que o comportamento da regra possa mudar no decorrer dos anos, não há como afirmar sobre uma mudança em progresso, visto que a ditongação ainda é a variante de maior produção.

A subseção a seguir apresenta as considerações sobre a seleção de variáveis.

6.3.2 Seleção de Variáveis

De acordo com o procedimento realizado com relação à análise da elisão das vogais /a/ e /e/, antes de realizar as rodadas de análise estatística das ocorrências, o arquivo de ocorrências referente à vogal /o/ foi submetido a uma tabulação cruzada para se verificar a existência de relação pouco ortogonal entre os fatores das variáveis independentes.

Conforme esperado, muitas células formadas a partir do cruzamento entre as variáveis Distância entre os Acentos e Tipo de Sequência não estão preenchidas, fato ocasionado pela presença de clíticos entre os dados registrados. Assim, uma sequência como *do arquivo*, formada por *clítico+palavra lexical*, nunca ocupará a célula que considera o cruzamento com o fator *mais de duas sílabas*, da variável Distância entre os Acentos. O Quadro 6, a seguir, apresenta os resultados obtidos a partir da tabulação cruzada entre os fatores.

Quadro 6 – Elisão da Vogal /o/ em Porto Alegre (PB): Tipo de Sequência e Distância entre os acentos

Tipo de Sequência	Distância entre os Acentos			
	Presença de clítico	Uma ou duas sílabas	Mais de duas sílabas	Total
Clítico+palavra lexical	73	0	0	73
Palavra lexical+clítico	148	0	0	148
Palavra lexical+palavra funcional	0	46	47	93
Palavra lexical+palavra lexical	0	296	264	560
Palavra funcional+clítico	133	0	0	133
Palavra funcional+palavra lexical	0	237	143	380
Palavra funcional+palavra funcional	0	71	60	131
Total	354	650	514	1518

Fonte: A autora (2013)

A ausência de ocorrências em 10 das 21 células geradas a partir do cruzamento entre as duas variáveis confirmou que os fatores não coocorrem livremente, gerando uma relação pouco ortogonal, representando um problema para a análise. A solução foi, pois, realizar duas rodadas como o programa GOLDVARB, a fim de contemplar os dois grupos de fatores em iterações com outras variáveis.

6.3.2.1 Primeira Rodada

O arquivo de condições que gerou a primeira rodada de análise da regra de apagamento da vogal /o/ em fronteira de vocábulos a partir de amostra representativa de PB considerou a presença das variáveis linguísticas Traço Voz da Consoante Precedente, Qualidade Fonética da Vogal em Primeira Posição, Distância entre os Acentos, Fronteira

Prosódica e Posição do Contexto no Período, além das variáveis extralinguísticas Gênero do Informante e Faixa Etária.

Durante a análise progressiva step-up, foram selecionadas como estatisticamente relevantes para o processo em estudo as variáveis a seguir:

- Qualidade da Fonética da Vogal em Segunda Posição;
- Distância entre os Acentos;
- Fronteira Prosódica

As variáveis linguísticas Traço Voz da Consoante Precedente e Posição do Contexto no Período não apresentaram relevância estatística e foram descartadas pela análise regressiva step-down, assim como ocorreu com as extralinguísticas Gênero e Faixa Etária.

6.3.2.2 Segunda Rodada

A segunda rodada de análise foi realizada a partir de um arquivo de condições em que foram consideradas as variáveis linguísticas Traço Voz do Contexto Precedente, Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição, Tipo de Sequência, Fronteira Prosódica e Posição do Contexto no Período, além das duas variáveis extralinguísticas investigadas, Gênero do Informante e Faixa Etária.

A análise progressiva step-up considerou que exercem influência sobre a regra as variáveis a seguir:

- Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição;
- Tipo de Sequência;
- Fronteira Prosódica

As variáveis Traço Voz da Consoante Precedente, Posição do Contexto no Período, Gênero do Informante e Faixa Etária, não selecionadas como relevantes, foram descartadas pela análise regressiva step-down. Ao final das duas rodadas, foi possível perceber uma concordância na seleção das variáveis, já que aquelas que fizeram parte das duas rodadas foram igualmente selecionadas pela análise progressiva step-up e pela análise progressiva step-down, respectivamente.

A seguir, serão apresentados, por ordem de seleção das variáveis, os resultados referentes aos condicionadores ao processo de elisão da vogal /o/ e a associação com as respectivas hipóteses teóricas.

6.3.3 Condicionamentos à elisão de /o/ em Porto Alegre: resultados estatísticos

6.3.3.1 Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição

A variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição foi selecionada como estatisticamente relevante nas duas rodadas de análise realizadas com a amostra representativa de PB. Os resultados apontam a vogal coronal [ɛ] como o contexto seguinte mais favorecedor ao processo de elisão da vogal /o/ nesta variedade do português, com peso relativo de 0,74. São favorecedoras, ainda, as vogais [ẽ] e [e], cujos pesos relativos são, respectivamente, 0,65 e 0,62. A vogal [a] apresenta comportamento neutro com relação à aplicação da regra variável, com peso relativo de 0,50, enquanto os contextos seguintes iniciados por [ĩ],[ã], [i] e [ɔ], para os quais os valores obtidos foram 0,40, 0,27, 0,24 e 0,24, respectivamente, não favorecem o processo em estudo. Tais resultados são apresentados na Tabela 11 a seguir.

Tabela 11 - Elisão da Vogal /o/ Porto Alegre – RS (PB): Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição

FATORES	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
[ɛ] <i>como era</i>	186/332	56	0,74
[ẽ] <i>muito engraçado</i>	37/65	56	0,65
[e] <i>exemplo escolar</i>	118/217	54,4	0,62
[a] <i>frequente assiduamente</i>	150/381	39,4	0,50
[ĩ] <i>estudo interpretação</i>	30/98	30,6	0,40
[i] <i>faço isso</i>	33/198	16,7	0,24
[ɔ] <i>muito óbvio</i>	1/7	14,3	0,24
[ã] <i>como antigamente</i>	29/220	13,2	0,27
Total	584/1518	38,5	

Input 0,35

Fonte: A autora (2013)

Significância 0.000

Os resultados da Tabela 11 revelam que os três contextos seguintes que favorecem o processo em estudo apresentam um aspecto linguístico em comum, a saber: são vogais coronais. Este resultado corrobora o encaminhamento da discussão em Alencastro (2008) sobre o status da qualidade da vogal seguinte para o fenômeno, em que a vogal coronal [ɛ] é

apontada como favorecedora tanto em Porto Alegre e Curitiba, a partir da análise estatística realizada no estudo, quanto em Florianópolis, em uma releitura dos resultados de Vargas (2006).

Diante desse quadro, pode-se constatar o favorecimento do grupo formado pelas vogais coronais e analisar o resultado do ponto de vista articulatório, estabelecendo uma relação com os traços que compõem cada vogal. Há, entretanto, que se considerar o fato de não haver favorecimento quando a segunda posição é ocupada pelas vogais [i] e [ĩ], também coronais. Neste caso, investiga-se, assim como nas Seções 6.1 e 6.2, a relação de dependência entre a variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição e o acento, o que indica o favorecimento de todas as vogais, desde que átonas ou portadoras de acento primário. Para tanto, foi realizado o cruzamento entre a variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição e o acento da vogal em segunda posição. Na Tabela 12 é possível verificar os resultados obtidos.

Tabela 12 - Elisão da vogal /o/ em Porto Alegre - RS (PB): Cruzamento entre a variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição e a indicação de Acento da Vogal em Segunda Posição

Qualidade da Vogal em Segunda Posição	Acento da Vogal em Segunda Posição								
	Átona			Acento da Palavra			Acento da Frase Fonológica		
	A/T	%	P.R.	A/T	%	P.R.	A/T	%	P.R.
[ɛ]	-	-	-	185/318	56	0,68	1/14	8	0,10
[ẽ]	37/61	56	0,72	0/4	-	-	-	-	-
[e]	91/167	55	0,69	26/47	55	0,68	1/13	7	0,10
[a]	148/359	41	0,59	2/15	13	0,22	0/7	0	-
[ĩ]	29/90	32	0,55	1/8	13	0,20	-	-	-
[i]	48/147	32	0,55	4/34	11	0,19	0/17	0	-
[ɔ]	-	-	-	1/7	17	0,26	-	-	-
[ã]	24/49	49	0,69	3/109	3	0,05	2/62	3	0,11

Input 0,35

Significância 0,000

Fonte: A autora (2013)

Os resultados obtidos a partir do cruzamento revelaram que, mesmo as vogais que não apresentaram favorecimento na análise da Variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição, são ambientes favorecedores ao processo quando em posição átona. Associados a esse fato, os números obtidos pela análise de contextos em que as vogais ocupam posição de acento da palavra e acento da frase fonológica confirmam a hipótese de dependência entre a

variável Qualidade Fonética da Segunda Posição e a incidência de acento sobre ela. Tal resultado só vem a corroborar a relevância do aspecto prosódico para a elisão, assim como já fora descrito por Bisol (1992, 1996) e corroborado pelas pesquisas subsequentes (Seção 2.4).

O favorecimento de vogais coronais [ɛ] e [e], que ocorre mesmo quando portadoras do acento da palavra, pode ser explicado pela mesma regra apresentada nas Seções 6.1 e 6.2 sobre o favorecimento da vogal [ɛ] à elisão de /a/ e de /e/. Apesar de não terem sido registrados os itens lexicais mais recorrentes na amostra, o trabalho prévio com as ocorrências permite perceber que os vocábulos iniciados pela vogal [ɛ] são, em sua maioria, palavras funcionais acentuadas, como *ela*, ou formas do verbo ser, como *era* e *é*. Com relação à vogal [e], o item lexical *ele*, classificado como palavra funcional acentuada, é bastante recorrente. A alta aplicação do processo em estudo nos contextos citados não surpreende, se tomada a afirmação de Bisol (1996) sobre a possibilidade da perda do acento da vogal inicial durante o processo de elisão envolvendo estes vocábulos na segunda posição.

As considerações realizadas permitem concluir que não há maior influência da qualidade fonética da vogal em segunda posição sobre o apagamento da vogal /o/ em fronteira de vocábulos na amostra de Porto Alegre, mas uma relação de interdependência da variável supracitada com o acento, aspecto prosódico cujo condicionamento sobre o fenômeno de elisão foi amplamente discutido na literatura (Seção 2.4). Espera-se encontrar a mesma generalidade com relação à amostra do Porto (PE).

6.3.3.2 Distância entre os Acentos

O resultado para a variável Distância entre os Acentos, selecionada na primeira rodada da análise estatística, única da qual fez parte, revelou que o apagamento da vogal /o/ é favorecido na amostra representativa de Porto Alegre quando há distância de *uma ou duas sílabas* entre o acento do vocábulo em primeira posição e o vocábulo subsequente, contexto em que o peso relativo foi 0,62. A *presença de clítico*, com peso relativo de 0,51, apresenta aplicação ao redor do ponto neutro, e a distância de *mais de duas sílabas*, com peso relativo de 0,43, apresentam comportamento pouco favorecedor. A Tabela 13 a seguir apresenta os resultados obtidos a partir da análise.

Tabela 13 - Elisão da Vogal /o/ em Porto Alegre - RS (PB): Distância entre os Acentos

FATORES	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Uma ou duas sílabas <i>como agora</i>	278/622	45%	0,62
Presença de clítico <i>aberto ao</i>	160/413	39%	0,51
Mais de duas Sílabas <i>amigo extraordinário</i>	146/483	30,2%	0,40
Total	584/1518	38,5%	

Input 0,35

Significância 0.000

Fonte: A autora (2013)

Assim como ocorreu com relação à análise estatística da elisão das vogais /a/ e /e/, a hipótese de que a distância de *mais de duas sílabas* entre os acentos dos vocábulos envolvidos no processo favorece sua aplicação foi refutada, visto que o favorecimento ocorre apenas quando a distância é de *uma ou duas sílabas*. Conforme já fora previsto na seção anterior, tal resultado corrobora o indício de que se esteja tratando da primeira generalidade entre os processos com as três vogais e refutando completamente, para a amostra de Porto Alegre, a hipótese de Cabré e Prieto (2005), que prevê o favorecimento à elisão quando há maior distância entre os acentos.

Com a expectativa de que o resultado seja distinto para a análise da amostra do Porto, ressalta-se a hipótese de que este resultado diz respeito ao padrão rítmico, sobre o qual a literatura (Seção 3.2), ainda sem um consenso, revela indícios de ser acentual em PB, por conta da presença de acentos secundários, e silábico em PE. Após a discussão dos resultados referentes à amostra do Porto, a análise desta variável será retomada na Seção 6.7 em associação aos pressupostos teóricos discutidos na Seção 3.2 deste estudo.

6.3.3.3 Fronteira Prosódica

A variável Fronteira Prosódica foi selecionada nas duas rodadas de análise estatística, confirmando a relevância já esperada pela hipótese inicial da pesquisa e corroborada pelos resultados referentes às vogais /a/ e /e/ em Porto Alegre (PB). Quando em *fronteira de frase fonológica* e na *mesma frase fonológica*, o peso relativo é de 0,53 e 0,51, apresentando, respectivamente, comportamento levemente favorecedor e comportamento neutro com relação

ao processo. Em fronteira de *frase entonacional*, porém, o peso relativo é de 0,10, confirmando o bloqueio ao processo. A Tabela 14 a seguir apresenta os resultados obtidos.

Tabela 14 – Elisão da vogal /o/ em Porto Alegre - RS (PB): Fronteira Prosódica

FATORES	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Fronteira de Frase Fonológica <i>[Tenho]φ[amigos especiais]</i>	244/545	36	0,53
Mesma Frase Fonológica <i>[Muito estranho]φ[aquilo]</i>	303/845	44	0,51
Fronteira de Frase Entonacional <i>[Apesar disso,]φ[entendo os motivos.]</i>	37/128	28	0,10
Total	584/1518	38,5	

Input 0,35

Fonte: A autora (2013)

Significância 0,002

Além de confirmar a relevância da fronteira prosódica, os resultados apresentados na Tabela 13 corroboram a hipótese de que o processo não é sensível a fronteiras de frases fonológicas em PB (BISOL, 1992, 1996), visto que a aplicação é similar quando o contexto está no interior da frase fonológica e em fronteiras, ao passo que é bloqueado quando ocorre em *fronteiras de frases entonacionais*. Conforme exposto nas Seções 6.1 e 6.2 e 5.3, pretende-se investigar a hipótese de que a maior incidência de pausas em fronteiras previstas como de frases entonacionais seja responsável por este bloqueio. Por outro lado, os contextos em que não há uma ruptura prosódica atribuída à pausa (SERRA, 2009) e a elisão é aplicada seriam resultado de reestruturação na fala espontânea. Assim, supõe-se que as ocorrências de elisão em *fronteiras de frases entonacionais* previstas estejam relacionadas a sequências em que o falante realiza uma reestruturação prosódica e a produção ocorra como uma fronteira de frase fonológica.

Cabe ressaltar que os estudos de Bisol (1992, 1996), sobre o PB, e Frota (1998), sobre o PE, afirmam que a regra de elisão é sensível a fronteiras de frases entonacionais, enquanto Tenani (2002) atribui o bloqueio exclusivamente à pausa. Considerando a hipótese aqui tomada, não haveria divergência entre os apontamentos das pesquisas anteriores, já que pausas estariam diretamente relacionadas a produções de fronteiras de frases entonacionais. Após a apresentação dos resultados estatísticos sobre a elisão das vogais /a/, /e/ e /o/ no Porto (PE), seguirá a análise sobre este aspecto prosódico, na Seção 6.7.

6.3.3.4 Tipo de Sequência

Selecionada na segunda rodada da análise estatística, única da qual fez parte em razão da relação pouco ortogonal com a variável Distância entre os Acentos, a variável Tipo de Sequência revelou o maior favorecimento ao fenômeno em estudo quando há uma sequência de *palavra funcional acentuada+clítico*, com peso relativo de 0,74. As sequências formadas por *palavra lexical+clítico*, *palavra lexical acentuada+palavra lexical* e *palavra funcional acentuada+palavra funcional acentuada* também revelaram favorecimento ao processo, com pesos relativos de 0,60, 0,57 e 0,55, respectivamente. Quando a ocorrência é construída por *palavra lexical+palavra funcional acentuada* e *palavra lexical+palavra lexical*, cujos pesos relativos são 0,43 e 0,36, respectivamente, não há favorecimento ao processo. A sequência de *clítico+palavra lexical*, única em que há clítico em primeira posição na amostra referente à vogal /o/ em Porto Alegre, revelou-se bloqueadora ao processo, com peso relativo de 0,11. A Tabela 15, a seguir, apresenta os resultados descritos.

Tabela 15 – Elisão da Vogal /o/ em Porto Alegre - RS (PB): Tipo de Sequência

FATORES	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Palavra Funcional Acentuada+Clítico <i>isso e</i>	91/133	68	0,74
Palavra Funcional Acentuada+ Palavra Lexical <i>isso aconteceu</i>	197/380	52	0,57
Palavra Funcional Acentuada+Palavra Funcional Acentuada <i>muito isso</i>	59/133	45	0,55
Palavra Lexical+Clítico <i>aproveitando as</i>	65/148	44	0,60
Palavra Lexical+Palavra Lexical <i>carro escuro</i>	143/560	26	0,43
Palavra Lexical+Palavra Funcional Acentuada <i>feito aqui</i>	23/93	25	0,36
Clítico+Palavra Lexical <i>do aluno</i>	6/73	8,2	0,11
Total	584/1518	38,5	

Input 0,35

Significância 0,000

Fonte: A autora (2013)

A hipótese inicial para a variável Tipo de Sequência, baseada em Vigário (1997), considera que o processo em estudo seja favorecido por sequências de palavras lexicais, em que as informações morfológicas contidas no vocábulo preservam o significado quando ocorre a perda da vogal final. Os resultados apresentados na Tabela 15, entretanto, corroboram o que já havia sido levantando como indício a partir dos resultados apresentados com relação às vogais /a/ e /e/ em Porto Alegre (PB), ou seja, de que a relevância para o processo está na primeira posição. Assim, com relação à vogal /o/, há indícios de favorecimento da palavra funcional acentuada na primeira posição, considerando os três primeiros resultados apresentados na Tabela 15, ainda que a sequência de *palavra lexical+clítico* também favoreça o processo.

O resultado mais significativo, porém, está relacionado ao bloqueio da aplicação quando a primeira posição é ocupada por um clítico. Tal resultado não só corrobora os estudos de Bisol (1992, 1996) e Veloso (2003) sobre bloqueio do apagamento da vogal final do monomorfema em primeira posição, como também encaminha para a conclusão sobre uma regra comum ao apagamento de todas as vogais finais em Porto Alegre, visto que foi um resultado replicado em todos os resultados estatísticos descritos até aqui. O esperado é que a análise estatística da elisão das vogais /a/, /e/ e /o/ no Porto confirme este indício.

6.3.4 Encaminhamentos à análise final

Após a apresentação dos resultados estatísticos referentes à amostra de Porto Alegre para as três variáveis dependentes em estudo, pode-se verificar generalidade quanto aos condicionamentos, visto que as variáveis selecionadas como estatisticamente foram as mesmas para a elisão de /a/, /e/ e /o/. Com relação ao resultado obtido para a variável Qualidade Fonética da Vogal Seguinte, foi possível observar a relação de independência com a incidência de acento nessa posição e concluir que a qualidade fonética da vogal não apresenta relevância para a aplicação do processo.

Os resultados referentes à variável que considera a fronteira prosódica em que o contexto está inserido confirmaram a hipótese inicial que, além do condicionamento desse aspecto prosódico, previa que a fronteira de frases entonacionais representasse uma restrição à aplicação da elisão. A confirmação da hipótese encaminha a variável para a análise final da tese, em que, a partir de parte selecionada da entrevista pessoal (Seção 5.3), serão confrontadas as fronteiras previstas pela aplicação dos pressupostos da Fonologia Prosódica, com a incidência de pausa em tais contextos (SERRA, 2009), a fim de se verificar a real relevância da fronteira para o processo.

Ainda será encaminhado à análise final o resultado referente à variável Distância entre os Acentos, pois acredita-se que possa fornecer evidências para a discussão sobre o ritmo das duas variedades em estudo. Com relação ao Tipo de Sequência, os resultados fornecem suficientes evidências para afirmar que, na amostra de Porto Alegre, a relevância esteja no tipo de vocábulo em primeira posição, em que o clítico representa uma restrição, enquanto palavras funcionais acentuadas e palavras lexicais não apresentam distinção. O resultado já encontra explicação na literatura sobre o tema, a qual atribui à preservação de informações morfológicas o bloqueio quando há um clítico (monomorfema) na primeira posição, enquanto palavras funcionais acentuadas e palavras lexicais podem ter suas informações recuperadas pela maior quantidade de segmentos.

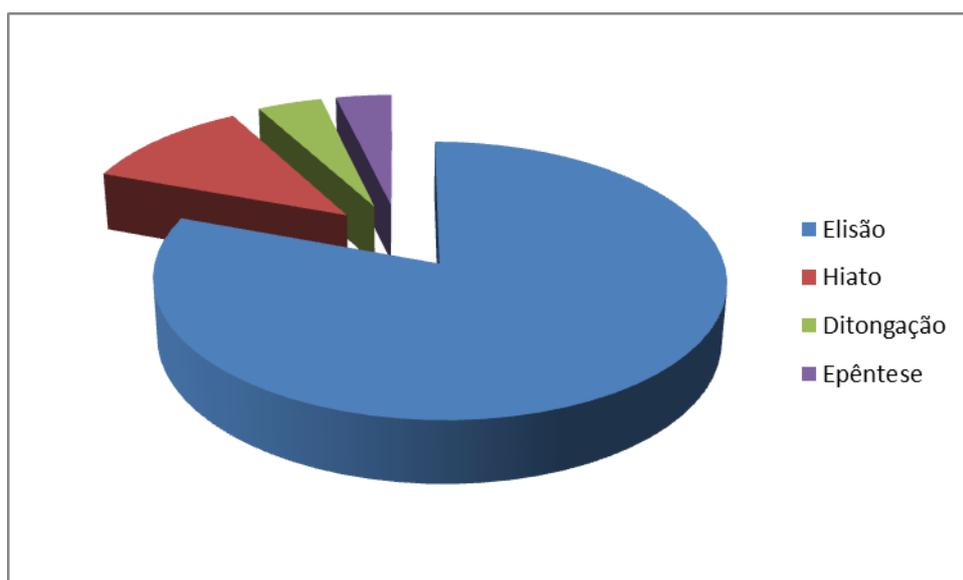
Além dos condicionadores mais relevantes supracitados, para os quais a discussão dos resultados estatísticos aponta evidências de análise, a Taxa de Elocução terá seu resultado apresentado e será analisada na Seção 6.7 como argumento para a discussão sobre o ritmo da variedade em estudo, a partir dos pressupostos apresentados na Seção 3.3 desta tese (ABAURRE, 1981; BARBOSA, 2000 e MEIRELES, 2009)

6.4 DESCRIÇÃO DA ANÁLISE ESTATÍSTICA DA ELISÃO DE /a/ NO PORTO (PE)

6.4.1 Frequência Global

A amostra utilizada para a realização da análise estatística do processo de elisão da vogal /a/ no Porto contabilizou 1533 ocorrências de vogal /a/ átona em final de palavra seguida de vogal de qualidade fonética distinta no início do vocábulo em segunda posição. O resultado revelou que a variante de maior frequência é a elisão, presente em 80,6% das ocorrências registradas. O hiato, encontrado em 11,4% dos registros coletados entre os informantes do Porto (PE), foi a segunda variante mais recorrente, enquanto a ditongação, diferente do que ocorre em Porto Alegre (cf. Seção 6.1), representa 4,3% do total de ocorrências. Com relação à amostra do Porto, os contextos cuja vogal final é /a/ apresentam, ainda, outra forma em competição, a epêntese, recorrente em 3,7% das ocorrências. Os resultados descritos estão expressos no Gráfico 6 a seguir.

Gráfico 6 – Elisão da Vogal /a/ no Porto (PE): Frequência Global



Fonte: A autora (2013)

O resultado obtido corrobora a hipótese inicial de que a elisão é a variante mais produtiva entre os informantes do Porto (PE) e a hipótese de que a frequência da regra na variedade supracitada é maior se comparada a sua aplicação na amostra de Porto Alegre (cf. Seção 5.1). Contudo, o fato de apresentar frequência de 80,6% na amostra considerada, número elevado para um estudo de regra variável, causa surpresa, visto que, conforme Andrade e Mateus (2000, p.32) (cf. Seção 2.2), a vogal /a/ é a menos suscetível ao apagamento na variedade europeia da língua. Para confirmar a afirmação dos autores, os valores encontrados para a aplicação de elisão das vogais /e/ e /o/, que serão nas Seções 6.5 e 6.7 do Capítulo 6, deverão ser superiores aos 80,6% de elisão de /a/ na amostra do Porto.

Antes de seguir com a análise das variáveis independentes selecionadas como condicionadoras ao processo, cabe salientar que a reflexão sobre a constituição da regra variável de elisão da vogal /a/ no que diz respeito às formas em competição em todos os ambientes, já apresentada quando descritos os resultados referentes à amostra de Porto Alegre (Seção 6.1), foi aplicada à amostra representativa do Porto (PE). Ocorre que a ditongação, em razão da impossibilidade de semivocalização da vogal /a/, processo recorrente com /e/ e /o/ átonos finais, não é aplicável em todos os contextos passíveis ao processo de elisão da vogal em questão. Quando a fronteira de palavras é formada por /a/ seguida das vogais [ɛ] e [ɔ], que não estão à mercê de processos de elevação no português, a ditongação não ocorre e torna questionável a sua presença na constituição da regra variável segundo o conceito apresentado por Tagliamonte (2006) (Seção 4.1).

A fim de se verificar o impacto da ditongação como forma em competição na variável em estudo, a mesma metodologia aplicada à amostra de Porto Alegre (PB) (Seção 6.1) foi utilizada. Foram, pois, realizadas duas novas rodadas com o programa Goldvarb, a saber: uma considerando apenas as ocorrências cujo contexto seguinte fosse formado pelas vogais [ɛ] e [ɔ]; e outra considerando todas as outras vogais em segunda posição, a partir das quais a ditongação é possível. Assim como o resultado encontrado em Porto Alegre, a elisão continua a ser a variante mais aplicada em ambas as rodadas, embora tenha apresentado uma frequência mais baixa na primeira rodada, com 67,5% e 84,5%, respectivamente. As variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes também se mantiveram.

Assim como a decisão tomada com relação à amostra de Porto Alegre, manteve-se a análise com todas as ocorrências em virtude de a seleção de variáveis e o cálculo do peso relativo considerar apenas a aplicação e a não aplicação da elisão (todas as outras formas). A reflexão sobre a constituição da regra variável no Porto (PE) e a realização de novas rodadas revelaram, entretanto, outra particularidade da amostra em questão. Todas as ocorrências de

epêntese ficaram concentradas na rodada em que as vogais seguintes eram apenas [ɛ] e [ɔ], um indício de que a inserção de um glide entre as vogais em fronteira de vocábulos tem aplicação em um contexto mais específico e de que se trata de uma regra distinta.

Para verificar o tipo de ocorrência em que houve a inserção de glide e explicar o funcionamento da regra, foi realizada uma busca a partir do recurso Tsort do Varbrul 2 S¹⁵. Após a análise das 57 ocorrências de epêntese presentes na amostra representativa do Porto, é possível afirmar duas generalidades sobre o funcionamento deste processo, sobre o qual a Segura afirmava ser exclusivo de fronteiras formadas por vogais [ɐ] átona ou [a] tônica, em primeira posição, e [a] tônica em segunda posição. Entretanto, de encontro ao descrito por Segura (2013), o tratamento das ocorrências do Porto permite afirmar que, pelo menos no que diz respeito à amostra aqui considerada, a epêntese ocorre em fronteira entre dois vocábulos quando: a) a vogal átona final do vocábulo em primeira posição é /a/; b) a vogal inicial do vocábulo em segunda posição é [ɛ] e porta o acento da frase fonológica¹⁶.

Após a discussão referente à constituição da regra variável da elisão na amostra do Porto, a subseção a seguir apresenta a descrição dos procedimentos realizados para a constituição do arquivo de condições e a descrição dos resultados.

6.4.2 Seleção de Variáveis

Assim como ocorreu com relação à análise da elisão das três vogais em Porto Alegre - RS, foi considerada a hipótese de uma relação pouco ortogonal entre os fatores das variáveis Distância entre os Acentos e Tipo de Sequência. A hipótese não é aleatória, visto que não se podem encontrar sequências de palavra *lexical+palavra lexical*, por exemplo, quando para a variável Distância Entre os Acentos a ocorrência for classificada com o fator *presença de clítico*. Apesar de ser uma relação pouco ortogonal já prevista pela composição das duas variáveis, um recurso do programa GoldVarb, o *Cross Tabulation*, permite observar o cruzamento entre os fatores de duas variáveis e verificar a presença de células não preenchidas por ocorrências.

¹⁵ Pacote de programas para a análise de regras variáveis anterior ao Goldvarb, a partir do qual é possível filtrar apenas as ocorrências de determinada variante.

¹⁶ Cabe ressaltar que as afirmações aqui realizadas foram construídas com base na amostra de 24 entrevistas de experiência pessoal realizadas no Porto (PE), em que não foram encontradas ocorrências de epêntese quando a vogal final do vocábulo em primeira posição é /e/ ou /o/, e que não é descartada a hipótese de epêntese em outros contextos em amostras de outras regiões de Portugal ou mesmo a partir da ampliação da amostra do Porto.

O Quadro 7 a seguir confirma tal hipótese ao apresentar a relação pouco ortogonal entre os fatores das variáveis supracitadas através de resultados obtidos em um cruzamento realizado no *Cross Tabulation*.

Quadro 7 – Elisão da Vogal /a/ no Porto (PE): Tipo de Sequência e Distância entre os Acentos

Tipo de Sequência	Distância entre os Acentos			
	Presença de clítico	Uma ou duas sílabas	Mais de duas sílabas	Total
Clítico+palavra lexical	121	0	0	121
Palavra lexical+clítico	256	0	0	256
Palavra lexical+palavra funcional	0	155	24	179
Palavra lexical+palavra lexical	0	145	330	475
Palavra funcional+clítico	23	0	0	23
Palavra funcional+palavra lexical	0	173	250	423
Palavra funcional+palavra funcional	0	48	08	56
Total	400	521	612	1533

Fonte: A autora (2013)

A tabulação comprovou a existência de uma relação pouco ortogonal entre as duas variáveis analisadas. Conforme pode ser observado no Quadro 7, dentre as 21 células criadas pela combinação de fatores, 10 não apresentam ocorrências. Tal resultado apenas comprova numericamente uma condição pré-estabelecida pelo sistema linguístico, visto que não há como preencher uma célula cujo fator que considera a Distância entre os Acentos registra a presença de um clítico sem que o fator de combinação com Tipo de Sequência não tenha um clítico em sua composição. Além das células vazias, nota-se a concentração de ocorrências em

algumas células, o que também contribui para a impossibilidade de se realizar uma rodada com as duas variáveis em iteração.

Após a realização de combinações que permitissem a tabulação cruzada entre todas as variáveis consideradas, concluiu-se que não há outras questões de ortogonalidade que possam gerar casos de *no convergence*, ou seja, ainda que não haja uma distribuição perfeita das ocorrências entre as células, visto que se tratam de registros reais de fala espontânea, as demais iterações revelaram distribuição adequada de ocorrências entre as células formadas. A decisão foi, portanto, de realizar duas rodadas, a saber: a primeira, contemplando a variável Distância entre os Acentos em detrimento da variável Tipo de Sequência, e a segunda, privilegiando a análise da variável Tipo de Sequência. Todas as demais variáveis independentes apresentadas na Seção 5.2 serão consideradas em ambas as rodadas.

6.4.2.1 Primeira Rodada

Para a realização da primeira rodada, foram contempladas as variáveis linguísticas Traço Voz da Consoante Precedente, Qualidade da Vogal em Segunda Posição, Distância entre os Acentos, Fronteira Prosódica e Posição do Contexto no Período, além das variáveis extralinguísticas Faixa Etária e Gênero do Informante.

O arquivo gerado com porcentagens apresentou um caso de *knockout* para a variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda posição, ou seja, a elisão aconteceu em 100% das 28 ocorrências quando a segunda posição foi ocupada por um vocábulo iniciado pela vogal [ə]. Como o programa não opera a análise que gera os pesos relativos quando há casos de knockouts e ao estudo de regra variável não interessa considerações sobre aplicações categóricas, o fator foi excluído do arquivo de condições a partir do qual serão gerados os resultados.

Seguem, apresentadas por ordem de seleção, as variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes pela análise progressiva step-up nesta primeira rodada:

- Qualidade da Vogal em Segunda Posição;
- Fronteira Prosódica;
- Distância entre os Acentos;
- Faixa Etária;

As variáveis Traço Voz da Consoante Precedente, Posição do Contexto no Período e Gênero do Informante, as únicas entre as contempladas no arquivo de condições a não serem

selecionadas pela análise progressiva, foram selecionadas pela análise regressiva step-down, ou seja, não apresentam relevância estatística para a regra variável em estudo.

6.4.2.2 Segunda Rodada

Para a realização da segunda rodada, o arquivo de condições considerou as variáveis linguísticas Traço Voz da Consoante Precedente, Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição, Tipo de Sequência, Fronteira Prosódica, Posição do Contexto no Período e as extralinguísticas Faixa Etária e Gênero do Informante. Cabe lembrar que, como a variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição também foi considerada para a realização desta rodada, o caso de *knockout* relatado em 6.4.3 tornou a ocorrer e o fator [ə] foi extraído. As variáveis a seguir foram selecionadas, na mesma ordem em que serão apresentadas, como estatisticamente relevantes para o fenômeno elisão da vogal /a/ em fronteira de vocábulo no Porto (PE):

- Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição;
- Fronteira Prosódica;
- Tipo de Sequência;
- Faixa Etária.

Assim como ocorreu na primeira rodada, as variáveis Traço Voz da Consoante Precedente, Posição do Contexto no Período e Gênero do Informante não foram selecionadas como estatisticamente relevantes na segunda rodada. A comparação entre as duas rodadas realizadas revela que as análises são coerentes, visto que a seleção aponta como estatisticamente relevantes as mesmas variáveis em ambas as rodadas, inclusas em cada uma das rodadas as variáveis que realizam rodízio por apresentarem relação pouco ortogonal. Também a análise regressiva step-down revela, em ambos os casos, resultado idêntico, visto que as mesmas variáveis são classificadas como sem relevância estatística para o processo em estudo.

6.4.3 Condicionamentos à Elisão da vogal /a/ no Porto (PE): resultados estatísticos

Os resultados a seguir apresentados são correspondentes às variáveis selecionadas como relevantes para a análise estatística do apagamento da vogal /a/ em fronteira de vocábulos no Porto (PE). Os pesos relativos foram extraídos da *run* com significância de

valor mais aproximado a 0.000 entre aquelas que constituem o último nível do *step up*. Por ordem de seleção, o resultado obtido para cada variável será descrito e relacionado às hipóteses correspondentes.

6.4.3.1 Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição

A variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição, primeira a ser selecionada nas duas rodadas, revelou o maior favorecimento à regra de elisão quando em segunda posição está um vocábulo iniciado com a vogal [ũ], para a qual o peso relativo obtido foi 0,71. A vogal posterior [u], com peso relativo de 0,67, também apresenta favorecimento à regra em estudo. O fenômeno é favorecido, ainda, quando em segunda posição estão as vogais [ĩ], [ẽ] e [i], com pesos relativos de 0,59, 0,55 e 0,54, respectivamente. As demais vogais presentes entre as ocorrências na segunda posição do contexto não revelaram favorecimento ao apagamento da vogal /a/, conforme pode ser verificado na Tabela 16 a seguir.

Tabela 16 – Elisão da Vogal /a/ no Porto (PE): Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição

FATORES	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
[ũ] <i>cada uma</i>	203/221	91,9%	0,71
[u] <i>para usar</i>	84/93	90,3%	0,67
[ĩ] <i>amiga íntima</i>	127/146	87%	0,59
[ẽ] <i>aquela empresa</i>	46/54	85,2%	0,55
[i] <i>mesma ideia</i>	317/376	84,3%	0,54
[e] <i>pela estrada</i>	153/190	80,5%	0,47
[o] <i>escola horrível</i>	75/110	68,2%	0,32
[ɛ] <i>agora é</i>	188/281	67%	0,30
[õ] <i>estava onde</i>	14/23	60,9%	0,30
[ɔ] <i>cada hora</i>	1/10	9,1%	0,02
Total	1208/1505	80,6%	

Input 0,86

Significância 0.000

Fonte: A autora (2013)

A partir da Tabela 16, em que [ũ] apresenta peso relativo de 0,71 e [u] apresenta peso relativo de 0,67, é possível constatar que a vogal alta posterior, portadora ou não do traço nasal, é o contexto subsequente que mais favorece a aplicação do fenômeno em estudo, resultado que corrobora a afirmação de Bisol (1992) sobre a elisão da vogal /a/ e, por conseguinte, é mais um argumento favorável à hipótese de que o apagamento de vogais em fronteira de vocábulos sofre os mesmo condicionamentos em PE e em PB, ainda que a frequência global seja maior em PE.

Também são favorecedoras as vogais coronais [ĩ], [ẽ] e [i], cujos pesos relativos são 0,59, 0,55 e 0,54, respectivamente. As vogais [e] e [ɛ], diferente do que ocorre com as demais

coronais, não favorecem o processo em estudo, com pesos relativos de 0,47 e 0,30. A hipótese para a diferença de comportamento é de que, assim como ocorre na amostra de Porto Alegre (cf. Seção 6.1), a variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição estabeleça uma relação de interdependência com o acento da vogal em segunda posição, ou seja, a baixa aplicação para a vogal [ɛ], por exemplo, é resultado da incidência do acento, seja da palavra ou da frase fonológica, sobre a vogal. Ainda sem favorecimento à regra estão as vogais [o] e [õ], ambas com peso relativo de 0,30, e a vogal [ɔ], com peso relativo de 0,02.

O acento da vogal em segunda posição foi, assim como realizado nos arquivos de ocorrências de Porto Alegre, registrado para fins de controle no arquivo que considerou as ocorrências de elisão da vogal /a/ no Porto (PE). Foi esse registro que possibilitou a realização de um cruzamento entre Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição e Acento da Vogal em Segunda Posição, a fim de confirmar a hipótese de que as variáveis estabelecem uma relação de dependência. A Tabela 17, a seguir, apresenta os resultados obtidos.

Tabela 17- Elisão da vogal /a/ no Porto (PE): Cruzamento entre as variáveis Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição e Acento da Vogal em Segunda Posição

Qualidade da Vogal em Segunda Posição	Acento da Vogal em Segunda Posição								
	Átona			Acento da Palavra			Acento da Frase Fonológica		
	A/T	%	P.R.	A/T	%	P.R.	A/T	%	P.R.
[u]	82/84	94,3	0,73	2/2	100	-	0/4	0	-
[ũ]	99/106	93,4	0,71	100/110	91,2	0,63	0/5	0	-
[o]	50/56	89,3	0,65	25/42	59,5	0,20	0/12	0	-
[ĩ]	124/143	86,7	0,58	3/3	100	-	-	-	-
[i]	313/362	86,5	0,59	4/7	57,1	0,23	0/7	0	-
[ẽ]	43/50	86,0	0,62	3/3	100	-	-	-	-
[e]	145/172	84,3	0,54	7/10	70,0	0,51	1/8	12,5	0,03
[õ]	2/5	40,0	0,08	12/18	66,7	0,26	-	-	-
[ɔ]	-	-	-	34/68	50,0	0,17	0/9	0	-
[ɛ]	-	-	-	177/214	82,0	0,48	8/63	12,7	0,02

Input 0,86

Fonte: A autora (2013)

Significância 0,000

Os resultados expressos na Tabela 17 confirmam a hipótese de que há uma relação de dependência entre a variável Qualidade da Vogal em Segunda Posição e a incidência de acento sobre a vogal em questão, visto que, dentre todas as vogais átonas que ocupam a segunda posição, apenas a vogal [õ] não favorece o processo em análise. Cabe, entretanto, ressaltar o baixo número de ocorrências de [õ] neste contexto, fato que deve ser associado ao próprio sistema da língua, considerando o número elevado de ocorrências e o número de entrevistas de que foram extraídos os contextos.

Há dois resultados a serem destacados como os mais relevantes obtidos a partir do cruzamento, a saber: o favorecimento da vogal posterior nasal [ũ], ainda que portadora do acento da palavra, visto que corrobora o estudo de Bisol (1992), em que a autora afirma ser o bloqueio à elisão mais recorrente quando o acento da vogal em segunda posição coincide com o acento do último pé da frase fonológica e não o acento da palavra; e o favorecimento de [e] e [o] – para as quais o resultado inicial da variável não revelou favorecimento – quando em posição átona, pois confirma a hipótese de que o condicionamento da vogal seguinte ao processo está muito mais associado à restrição acentual, amplamente discutida em estudos anteriores (BISOL, 1992, 1996; TENANI, 202), do que aos traços que compõem a vogal. Tais resultados são o primeiro indício de que os condicionamentos ao processo de elisão são semelhantes nas duas variedades em estudo, visto que a mesma relação de dependência foi confirmada em Porto Alegre no que diz respeito às vogais /a/, /e/ e /o/.

6.4.3.2 Fronteira Prosódica

Conforme já fora discutido no Capítulo 3 deste estudo e salientado nas Seções 6.1, 6.2 e 6.3, o domínio prosódico tem sido apontado na literatura sobre o tema como o principal condicionamento à elisão, e a comparação dos resultados obtidos para a amostra de Porto Alegre e do Porto com relação a este aspecto pode trazer contribuições relevantes para a discussão sobre as diferenças rítmicas entre as variedades brasileira e europeia do português.

As análises quantitativas dos processos de elisão das vogais /a/, /e/ e /o/, apresentadas nas Seções 6.1, 6.2 e 6.3, confirmaram a sensibilidade da regra em estudo às *fronteiras de frases entonacionais*, sobre as quais a hipótese é de que, em ambas as variedades, estejam diretamente relacionadas às pausas ou rupturas rítmicas na fala (cf. SERRA, 2009). Os resultados apresentados na Tabela 18 a seguir corroboram os resultados até então apresentados, à medida que revelam ser a *fronteira de frase entonacional* a única a bloquear o apagamento da vogal /a/ no Porto (PE), com aplicação de 0,062. *Fronteiras de Frases*

fonológicas e contextos em *mesma frase fonológica* são favorecedores, com pesos relativos de 0,68 e 0,56, respectivamente.

Tabela 18 – Elisão da vogal /a/ no Porto (PE): Fronteira Prosódica

FATORES	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Fronteira de Frase Fonológica <i>[Ela era]ϕ [estranha com todos]</i>	413/464	89	0,68
Mesma Frase Fonológica <i>[A mesma história]ϕ [foi contada]</i>	773/981	79	0,56
Fronteira de Frase Entonacional <i>[Minha amiga,]I [estranhado aquilo,]I [foi embora]</i>	20/60	33,3	0,062
Total	1208/1505	80,6	

Input 0,86

Fonte: A autora (2013)

Significância 0,000

Assim como verificado a partir dos resultados referentes à amostra de Porto Alegre (PB), o resultado estatístico obtido para a elisão da vogal /a/ no Porto (PE) confirma a hipótese de que a frase fonológica é o domínio preferencial para a aplicação de fenômenos de sândi como a elisão. Conforme já explicitado no parágrafo anterior, o bloqueio se dá principalmente quando o contexto em foco está em *fronteira de frases entonacionais*.

Recorrendo, mais uma vez, à proposta do estudo de Serra (2009), retoma-se a hipótese de que a *fronteira de frase entonacional*, quando produzida como tal, seja indício de ruptura prosódica e, por conseguinte, desfaça o contexto para o fenômeno em estudo. Em casos de ocorrência de apagamento em *fronteira de frase entonacional*, a hipótese é de que haja uma reestruturação e que seja produzida como uma fronteira de frase fonológica. As propostas de Bisol (1992, 1996) e Frota (1998) afirmam ser a *fronteira de frase entonacional* o único contexto em que não ocorre o fenômeno; já Tenani (2002) afirma que a pausa é o único contexto bloqueador ao processo. Conforme já exposto anteriormente, os resultados propostos pelos estudos supracitados não são contraditórios, visto que, entendendo a pausa como resultado da produção efetiva de fronteiras de frases entonacionais, o bloqueio ao processo seria o mesmo.

A fim de confirmar que a pausa como realização efetiva da fronteira de frases entonacionais seja a única ruptura prosódica capaz de destruir o contexto para a aplicação da

elisão, a amostra proposta em 5.3.2 será submetida à verificação acústica. Como os contextos previamente elaborados já preveem fronteiras prosódicas consideradas como fatores de análise das ocorrências da entrevista, a proposta é avaliar o comportamento das fronteiras previstas e as ocorrências de pausa em tais contextos. O resultado fornecerá evidências para discutir, além da relação entre as fronteiras previstas e a produção em fala espontânea, a real influência das fronteiras e das pausas sobre a elisão.

Cabe ressaltar que a *fronteira de frase entonacional*, fator com número de ocorrências menor nesta amostra, envolve contextos que, além das referidas rupturas prosódicas ou pausas mais curtas não perceptíveis na análise oitiva, são passíveis de pausas prolongadas e hesitações, que não foram consideradas para a constituição da amostra, visto que destroem o contexto para aplicação do fenômeno em estudo.

6.4.3.3 Distância entre os Acentos

Baseada no estudo de Cabré e Prieto (2005) sobre o Catalão, a variável Distância entre os Acentos justifica-se pela hipótese de que o apagamento é mais frequente quando a distância entre o acento da palavra em primeira posição e o acento da palavra subsequente é de *mais de duas sílabas*. Os resultados obtidos a partir da análise estatística e apresentados na Tabela 19 a seguir, corroboram a hipótese inicial, visto que o fator que considera a distância supracitada apresentou maior favorecimento à regra, com peso relativo de 0,79.

Não há favorecimento ao processo em estudo quando há *presença de clítico* no contexto ou quando a distância é de *uma ou duas sílabas*, pois os pesos relativos foram de 0,40 e 0,25, respectivamente.

Tabela 19 – Elisão da Vogal /a/ no Porto (PE): Distância entre os Acentos

FATORES	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Mais de duas sílabas <i>era esperado</i>	522/569	91,7%	0,79
Presença de clítico <i>da hipótese</i>	324/406	79,8%	0,40
Uma ou duas sílabas <i>agora evito</i>	362/530	68,3%	0,24
Total	1208/1505	80,3%	

Input 0,80

Fonte: A autora (2013)

Significância 0.000

Ainda que corrobore a hipótese inicial de favorecimento, o resultado suscita outra questão relevante para o entendimento do processo, a saber: Qual a justificativa fonológica para que haja favorecimento do processo quando há maior distância entre as sílabas tônicas dos vocábulos envolvidos? A hipótese é de que este condicionamento esteja relacionado ao padrão rítmico do PE e PB, visto que é o primeiro resultado que não corrobora os resultados encontrados para a elisão das três vogais em Porto Alegre (PB), em que há favorecimento com a distância acentual menor.

A análise apresentada na Seção 6.7 retomará os resultados obtidos para esta variável com relação às duas amostras em estudo, a fim de oferecer evidências para a discussão sobre o padrão rítmico de PB e PE, apontado como a diferença mais relevante entre as duas variedades.

6.4.3.4 Tipo de Sequência

A variável Tipo de Sequência foi selecionada como estatisticamente relevante na segunda rodada de análise, única rodada em que foi considerada no arquivo de condições, devido a sua relação pouco ortogonal com a variável Distância entre os Acentos. Os resultados da análise estatística indicam o favorecimento do processo de elisão, principalmente, quando há uma sequência de *palavra lexical + clítico*, para qual o peso relativo obtido foi de 0,59. Ainda apresentaram-se com peso relativo acima do ponto neutro as sequências formadas por *palavra lexical + palavra lexical*, com 0,55 de peso relativo. As sequências de *palavra funcional acentuada + palavra lexical*, com peso relativo de 0,53, e *palavra lexical + palavra funcional acentuada*, com 0,52, apresentam aplicação ao redor do ponto neutro. Para as sequências formadas por *palavra funcional acentuada+clítico* e *palavra funcional acentuada+palavra funcional acentuada* não foi encontrado favorecimento, visto que os pesos relativos foram 0,46 e 0,40, respectivamente. Quando o contexto é formado por *clítico+palavra lexical*, único tipo de ocorrência envolvendo clítico em primeira posição encontrada na amostra, a aplicação tende a ser bloqueada, com peso relativo de 0,13. A Tabela 20 a seguir apresenta os resultados descritos.

Tabela 20 – Elisão da Vogal /a/ no Porto (PE): Tipo de Sequência

FATORES	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Palavra Lexical + Clítico <i>feita em</i>	215/226	91,8	0,59
Palavra Lexical +Palavra Lexical <i>observa intervalos</i>	386/465	83,4	0,55
Palavra Funcional Acentuada+Palavra Lexical <i>ela escolheu</i>	320/398	80,6	0,53
Palavra Lexical+ Palavra Funcional Acentuada <i>apontava isso</i>	140/179	78	0,52
Palavra Funcional Acentuada+ Clítico <i>cada um</i>	40/58	65,2	0,46
Palavra Funcional Acentuada+ Palavra Funcional Acentuada <i>agora ela</i>	34/55	61,8	0,40
Clítico+ Palavra Lexical <i>da escola</i>	61/114	53,5	0,13
Total	1208/1505	80,6	

Input 0,80

Significância 0,000

Fonte: A autora (2013)

A hipótese que sustenta esta variável na presente pesquisa, baseada em Vigário (1997), é de que a sequência de palavras lexicais favorece a aplicação do processo aqui investigado, quando as vogais em primeira posição são /a/ e /o/. Ainda que não figure como mais favorecedora, visto que a análise estatística aponta como tal *palavra lexical+clítico*, a sequência de palavras lexicais também favorece a aplicação do processo em estudo. Ainda assim, tal como ocorre com relação à amostra de Porto Alegre, há como constatar que a definição sobre a aplicação do fenômeno fonológico em estudo não está diretamente associada ao tipo de sequência que constitui o contexto, e sim ao tipo de vocábulo que ocupa a primeira posição, ou seja, o vocábulo em que está a vogal candidata ao apagamento. Além do notável favorecimento ao processo em sequências em que há uma palavra lexical em primeira posição, a confirmação do bloqueio ao apagamento quando a primeira posição é ocupada por um clítico corrobora esta afirmação. Retomando Bisol (1992, 1996) e Veloso (2003), o referido bloqueio justifica-se pela preservação de informações morfológicas presentes na vogal, que seria o único segmento contrastivo deste tipo de vocábulo.

6.4.3.5 Faixa Etária

A variável extralinguística Faixa Etária foi selecionada nas duas rodadas de análise estatística realizadas para a descrição e discussão sobre o processo de elisão da vogal /a/ no Porto. Os resultados estatísticos revelam que a aplicação do apagamento da vogal /a/ é mais recorrente no discurso de informantes adultos jovens e adultos, ambos com peso relativo de 0,60. Já entre os jovens a aplicação é de 0,31. Os resultados podem ser observados na Tabela 21 a seguir.

Tabela 21 – Elisão da vogal /a/ no Porto (PE):Faixa Etária

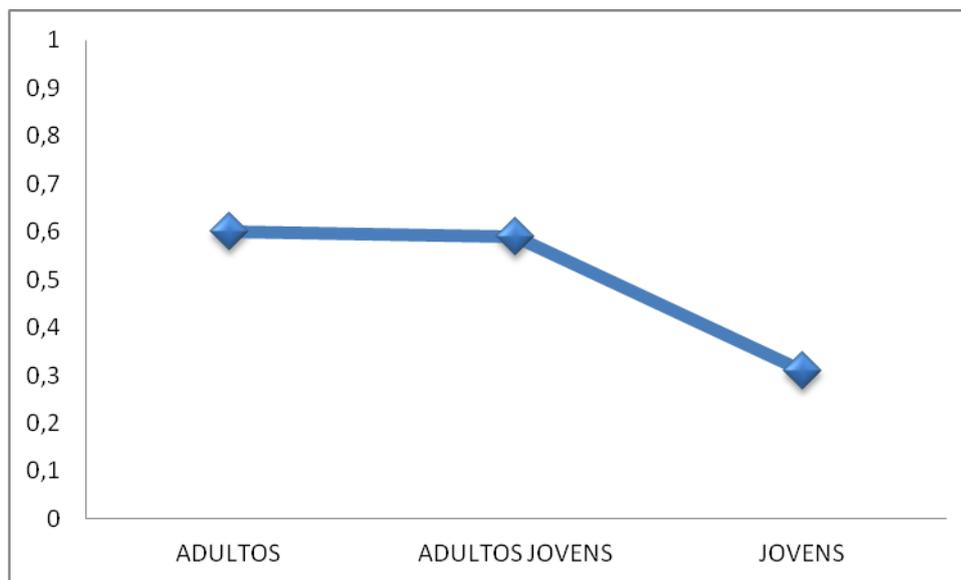
FATORES	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Adultos Jovens	421/489	86,1%	0,60
Adultos	409/499	82,1%	0,60
Jovens	372/517	72,7%	0,31
Total	1206/1505	80,6%	

Input 0,80

Fonte: A autora (2013)

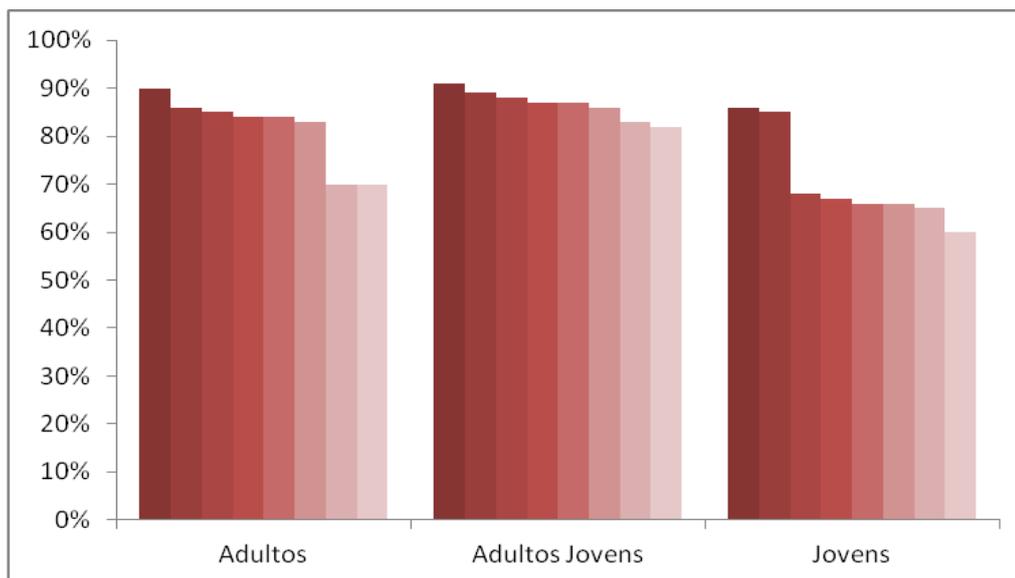
Significância 0.000

Ainda que as variáveis extralinguísticas não tenham revelado relevância estatística ao fenômeno em estudo nas pesquisas realizadas anteriormente, a variável Faixa Etária foi considerada na presente pesquisa com a perspectiva de se confirmar a estabilidade do fenômeno, ou seja, de comprovar que não há indícios de mudança em progresso com relação ao uso das variantes que constituem a regra variável em estudo. Para que seja possível verificar a evolução da regra entre as faixas etárias consideradas, o Gráfico 7 ilustra os resultados já apresentados na Tabela 21.

Gráfico 7 – Elisão da Vogal /a/ no Porto (PE): Faixa Etária

Fonte: A autora (2013)

A configuração da linha que indica a aplicação da regra entre as faixas etárias consideradas evidencia o declínio da ocorrência do apagamento da vogal /a/ entre os jovens, o que, claramente, refuta a hipótese de variação estável, apresentando indícios de mudança em progresso. Para confirmar que os resultados por faixa etária não sofrem a influência do comportamento de determinados informantes, foi realizada uma análise por informante, cujos resultados serão apresentados no Gráfico 8 a seguir.

Gráfico 8 – Elisão da Vogal /a/ no Porto (PE): Análise por Indivíduos

Fonte: A autora (2013)

A análise por informante confirma o comportamento regular do grupo no que tange à aplicação da regra, visto que a maioria dos informantes apresentou semelhança quantitativa na produção da elisão. Pode-se observar, entretanto, que há dois informantes adultos com percentual de aplicação abaixo dos valores apresentados pelo grupo, mais aproximado à média encontrada entre os jovens, ao passo que dois informantes jovens apresentaram aplicação superior ao padrão de sua faixa etária. Tal constatação motivou a identificação dos informantes supracitados, a fim de se verificar, no perfil de cada um, evidências sociais (cf. Seção 4.1) que possam esclarecer tais distinções. Para tanto, foram utilizados elementos revelados pela ficha social do informante (Anexo B) e por questões abordadas durante a entrevista de experiência pessoal.

Entre os dois informantes adultos que apresentaram aplicação inferior ao grupo estão uma mulher, que será identificada como Informante J, e um homem, identificado como Informante C. Igualmente, entre os informantes mais jovens que apresentaram comportamento distinto ao seu grupo estão uma mulher, que será identificada como Informante O, e um homem, identificado como Informante F. Baseadas nas informações presentes na ficha social e na entrevista de experiência pessoal, seguem as considerações sobre o papel social de cada informante como argumento para o comportamento divergente.

Informante J

A informante J tem 78 anos, é casada e teve dois filhos. A escolaridade de J é uma das primeiras relevantes distinções com relação aos demais informantes de sua faixa etária. Ainda jovem, formou-se em Medicina e especializou-se em Terapia da Fala pela Universidade do Porto, grau de escolaridade não alcançado pelos demais informantes. Filha de uma professora e de um comerciante do Porto, foi sempre incentivada ao gosto pela literatura e pelas artes. A informante mostrou-se bastante comunicativa e relatou sobre sua participação em um grupo, que se reúne em um espaço cultural e no qual convive com jovens interessados por artes plásticas e literatura.

É compreensível que o comportamento da Informante J com relação à regra variável em estudo seja semelhante ao apresentado pela faixa etária mais jovem, visto que há maior identificação com o grupo do que com a faixa etária a qual pertence. O trecho em (49) a seguir, proferido pela informante ao perceber a chegada de seu esposo em sua residência durante a entrevista, ilustra tal afirmação.

(49) “Meu esposo chegou. Ele não gosta que receba pessoas em casa. Não gosta de conversas. É um velho.” – Informante J /Porto.

É esperado que o comportamento de J com relação ao apagamento de /a/ e de /e/ também esteja de acordo com a faixa etária formada por jovens, confirmando, assim, sua identificação com o grupo.

Informante C

O Informante C tem 54 anos, é casado e tem dois filhos. Entre os homens da faixa etária da qual faz parte, é o que apresenta maior grau de escolaridade, tendo formação como Técnico Industrial, profissão na qual ainda atua, e nível superior incompleto. Durante a entrevista, relatou o envolvimento de sua família com o Partido Comunista Português e as dificuldades enfrentadas durante o período da Ditadura de Salazar, cujo marco final foi 25 de abril de 1975. No trecho a seguir, o relato que demonstra a relevância do movimento comunista na vida do informante.

(50) “A vida em Portugal divide-se em antes e depois de 25 de abril. Quando criança tinha medo de que invadissem a casa a levar meu pai. E adolescente que estivessem a minha procura, pois estava sempre a entregar os jornais do movimento.” – Informante C/PE

Além da participação em movimentos políticos cujos membros são jovens, em sua maioria, o informante relatou um bom relacionamento com os filhos e seus amigos. Assim como a Informante J, o Informante C apresenta um comportamento inovador e identificação com a faixa etária mais jovem. É esperado que, com relação ao /a/ e ao /e/, o mesmo comportamento seja refletido na aplicação da regra variável.

Informante O

A Informante O tem 25 anos, é solteira, mora com os pais e estuda Educação Social na Escola de Educação do Instituto Politécnico do Porto. Além de estudar, a informante trabalha em uma empresa de turismo como Técnica em Contabilidade. Conforme seus relatos, deixou de estudar na adolescência para auxiliar a família quando a mãe apresentou um diagnóstico de câncer. Neste período, assumiu atividades domésticas e não conviveu com pessoas de sua idade.

Durante a entrevista, a Informante O relatou etapas íntimas de sua vida, chegando a se emocionar em alguns momentos, nos quais falou sobre o sentimento de não ter vivido a juventude. Conforme suas declarações, apesar de conviver com colegas de trabalho e da Graduação, ainda não tem vontade de sair à noite e fazer outras atividades associadas às pessoas de sua faixa etária. O trecho a seguir ilustra parte do conteúdo abordado com a informante.

(51) “Pronto, então foi complicado, porque eu tomei o comando da casa, digamos assim. De todas as tarefas que uma mulher cuida, fi-las todas, pois meu pai ficou muito estático. (...) A aluna excelente passou a ser uma péssima aluna.” – Informante O/ PE

A conclusão é de que o comportamento linguístico conservador da informante está relacionado às características que apresenta. Foi uma jovem que não conviveu com pessoas de sua faixa etária e precisou assumir responsabilidades da vida adulta muito cedo. Além disso, mesmo com mais liberdade, continua a não demonstrar preferência pela rotina dos jovens em geral. A expectativa é de que o mesmo comportamento seja verificado com relação às vogais /a/ e /e/.

Informante F

O informante F tem 27 anos, no momento da entrevista havia passado a morar sozinho há três anos e era solteiro. O jovem é graduado em Educação Física pelo Instituto Politécnico do Porto, instituição em que atua como docente nos cursos de graduação desde a sua

formatura. Conforme relato durante a entrevista de experiência pessoal, suas principais atividades de lazer são a prática de esportes e passeios em shoppings da região, visto que não se interessa pela vida noturna.

Outro aspecto relevante é que, antes de ingressar no ensino superior, o Informante F vivia em uma área rural em que, além do convívio com os pais, contava com poucos amigos de sua idade. A escola que frequentava também se localizava nas proximidades. Segundo ele, passou a frequentar regularmente o centro da cidade apenas após o ingresso no curso superior, como ilustra o trecho a seguir.

(52) “Portanto, eu não tinha contato direto com a cidade.” - Informante F/PE

Assim como ocorre com a Informante O, o comportamento social conservador do jovem Informante F é refletido em seu comportamento linguístico. Espera-se, pois, que o mesmo reflexo linguístico seja percebido com relação às demais vogais em estudo.

Após a análise do perfil social dos quatro informantes cujos discursos apontaram menos apagamento, pode-se concluir que há um condicionamento social importante para o fenômeno em estudo. Tal conclusão, entretanto, encaminha a outra questão: A que condicionamento linguístico está relacionada esta mudança? Ou seja, qual aspecto da fala dos jovens que ocasiona menor incidência de apagamento?

Para responder a questão proposta no parágrafo anterior, será realizada a investigação a partir do aspecto que tem se mostrado mais relevante para o fenômeno de elisão nas pesquisas discutidas na Seção 3.3, a prosódia. Então, surge uma nova questão, ou uma abordagem mais direcionada nas questões já expostas: Que aspecto prosódico pode variar entre informantes da mesma variedade linguística?

A questão, automaticamente, remeteu a dois momentos distintos da pesquisa, a saber: o primeiro em que, durante a decisão sobre as variáveis, foi proposto que a taxa de elocução fosse relevante para a regra variável em estudo, a partir da hipótese de que, quanto maior a taxa de elocução, maior a aplicação da regra de elisão (ABAURRE, 1981), e que a taxa de elocução possa revelar evidências sobre o padrão rítmico (BARBOSA, 2000; MEIRELES, 2009); o segundo momento a que o resultado remeteu está relacionado à experiência da pesquisadora durante o período em que viveu no Porto. A partir da observação e conversa sobre o contato linguístico entre portugueses e brasileiros durante a estada na cidade, uma mesma percepção é compartilhada pelos últimos: é mais fácil compreender aos jovens cidadãos portugueses do que aos seus conterrâneos de idade mais avançada. Os jovens parecem falar mais devagar.

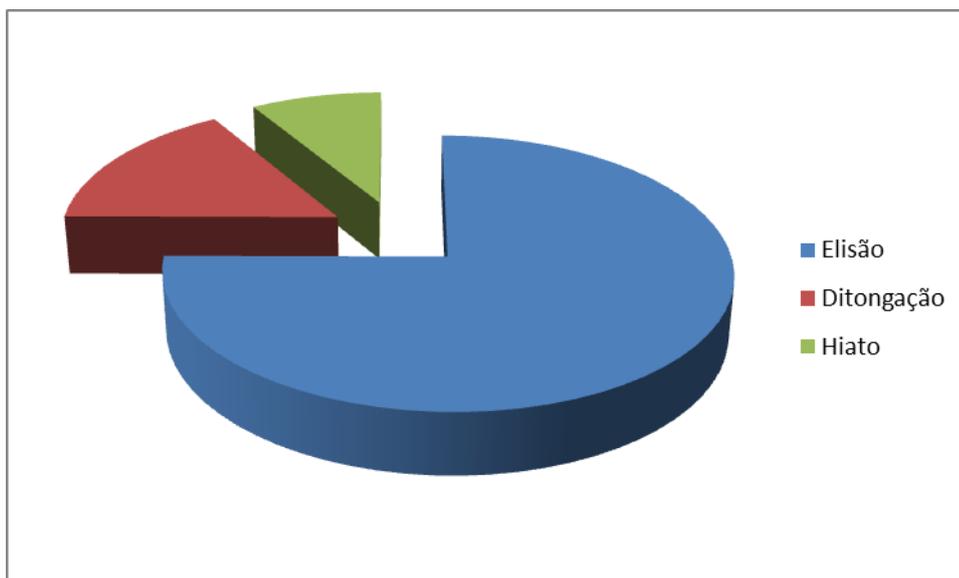
A hipótese que motivou a consideração da Taxa de Elocução para a análise dos dados não considerava um cruzamento com a variável social, ou seja, não foi considerado que a taxa de elocução pudesse estar condicionada pela faixa etária. Porém, o resultado obtido para a variável faixa etária, junto às percepções relatadas, motivou a elaboração de uma nova hipótese para a tese, a saber: a queda da aplicação da elisão entre os jovens falantes do Porto está associada à taxa de elocução mais lenta com relação a adultos e idosos. Todavia, entre os adultos e idosos não há distinção significativa. Será considerado, ainda, que os informantes cujo comportamento com relação à elisão é distinto de sua faixa etária apresentem, também, diferenças quanto à taxa de elocução.

6.5 DESCRIÇÃO DA ANÁLISE ESTATÍSTICA DA ELISÃO DA VOGAL /e/ NO PORTO (PE)

6.5.1 Frequência Global

Para a análise estatística do fenômeno de elisão da vogal /e/ no Porto (PE), a amostra representativa utilizada nesta tese foi constituída por 1660 ocorrências de vogal /e/ em posição átona final, seguida de vocábulo iniciado por vogal de qualidade fonética distinta. Dentre as ocorrências, a variante mais frequente é a elisão, presente em 75,1% de dados computados, seguida da ditongação, preferência dos informantes em 16,2% das ocorrências. O hiato foi a variante menos frequente, em 8,7% da amostra. O Gráfico 9 a seguir ilustra a composição da regra na amostra do Porto (PE).

Gráfico 9 – Elisão da Vogal /e/ no Porto (PE): Frequência Global



Fonte: A autora (2013)

O resultado acima descrito confirma a hipótese inicial para a regra de elisão da vogal /e/ no Porto (PE) de que a variante de maior aplicação é a elisão, e corrobora a hipótese geral desta tese, de que a aplicação da elisão é mais frequente no Porto (PE) em comparação à frequência em Porto Alegre (PB). Confirma-se, ainda, que a ditongação é a segunda opção entre os falantes do Porto e o hiato a variante de menor aplicação, corroborando a tendência da língua portuguesa em evitar o hiato (COUTINHO, 1968). Cabe lembrar que o mesmo resultado não foi encontrado com relação à vogal /a/, visto que há menos contextos possíveis para a ditongação com a vogal supracitada em primeira posição (cf. Seções 6.1 e 6.4).

A subseção 6.5.2 a seguir apresenta a seleção das variáveis e a descrições dos procedimentos para a organização das rodadas.

6.5.2 Seleção de Variáveis

A organização das rodadas de análise estatística das ocorrências de elisão da vogal /e/ no Porto (PE) seguiu os mesmo pressupostos das análises apresentadas nas Seções anteriores. Assim, a partir da suspeita de uma relação pouco ortogonal entre os fatores das variáveis Distância entre os Acentos e Tipo de Sequência, foram realizadas tabulações cruzadas entre todas as variáveis, para verificar a livre distribuição de fatores entre as células criadas pelos cruzamentos. O Quadro 8 a seguir apresenta o resultado da tabulação cruzada realizada.

Quadro 8 – Elisão da Vogal /e/ no Porto (PE): Tipo de Sequência e Distância entre os acentos

Tipo de Sequência	Distância entre os Acentos			
	Presença de clítico	Uma ou duas sílabas	Mais de duas sílabas	Total
Clítico+palavra lexical	563	0	0	563
Clítico+ Palavra Funcional Acentuada	139	0	0	139
Clítico+ Clítico	167	0	0	167
Palavra lexical+clítico	170	0	0	170
Palavra lexical+palavra funcional	0	48	30	78
Palavra lexical+palavra lexical	0	238	121	359
Palavra funcional+clítico	45	0	0	45
Palavra funcional+palavra lexical	0	85	35	120
Palavra funcional+palavra funcional	0	11	8	19
Total	382	194	1084	1660

Fonte: A autora (2013)

Como pode ser verificado no Quadro 8, dentre as 28 células formadas pelo cruzamento, 14 células não estão preenchidas por ocorrências. Conforme o esperado, a relação pouco ortogonal foi confirmada e justifica-se por uma questão do sistema da língua, visto que é impossível atribuir a uma sequência de *clítico + palavra lexical*, como *de arame*, outra classificação dentro da variável Distância entre os Acentos que não seja a *presença de clítico*.

Após a realização do mesmo procedimento com todas as variáveis consideradas neste estudo, não foi encontrada outra relação pouco ortogonal e a análise foi realizada em duas rodadas, a saber: a primeira considerando a variável Tipo de Sequência em iteração com as demais variáveis, exceto Distância entre os Acentos; e a segunda, inversamente, considerando

a variável Distância entre os Acentos em iteração com as demais, em detrimento da variável Tipo de Sequência.

6.5.2.1 Primeira Rodada

A elaboração do arquivo de condições utilizado para a realização da primeira rodada, a partir das verificações sobre o caso de pouca ortogonalidade relatado na subseção 6.2.2, considerou sete variáveis independentes, a saber: Traço Voz da Consoante Precedente, Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição, Tipo de Sequência, Fronteira Prosódica, Posição do Contexto no Período, Gênero e Faixa Etária.

Foram selecionadas como estatisticamente relevantes durante os níveis da análise progressiva step-up as variáveis listadas a seguir por ordem de seleção:

- Fronteira Prosódica;
- Qualidade da Vogal em Segunda Posição;
- Tipo de Sequência;
- Faixa Etária.

Entre os níveis da análise regressiva step-down, foram selecionadas como sem relevância estatística as variáveis Traço Voz da Consoante Precedente, Posição do Contexto no Período e Gênero. A seleção apresentada revela que as variáveis estão em distribuição complementar, ou seja, todas as variáveis que não foram selecionadas pela análise step-up foram selecionadas pela análise regressiva step-down, sem haver variáveis selecionadas pelos dois tipos de análise.

6.5.2.2 Segunda Rodada

Para a realização da segunda rodada do programa estatístico, o arquivo de condições privilegiou a análise da variável Distância entre os Acentos. Foi necessário, pois, excluir a variável Tipo de Sequência, cuja iteração com a variável contemplada não ocorre adequadamente, conforme explicitado na subseção 6.5.2.

Na ordem em que foram selecionadas pela análise progressiva step-up, seguem as variáveis consideradas estatisticamente relevantes para a elisão da vogal /e/ no Porto (PE) nesta rodada.

- Fronteira Prosódica;

- Qualidade da Vogal em Segunda Posição;
- Distância entre os Acentos;
- Faixa Etária.

Bem como ocorreu na primeira rodada, as variáveis Traço Voz da Consoante Precedente, Posição do Contexto no Período e Gênero, não selecionadas como estatisticamente relevantes, foram selecionadas pela análise regressiva step-down como não relevantes para o processo.

A comparação entre as duas rodadas revela regularidade na seleção de variáveis, visto que aquelas que participam das duas rodadas se mantiveram na seleção da análise progressiva step-up ou da análise regressiva step-down em ambas, e as variáveis que fizeram parte de apenas uma das rodadas foram selecionadas como estatisticamente relevantes. Na subseção 6.5.5 a seguir são apresentados os resultados obtidos para cada uma das variáveis apontadas como condicionadoras, relacionando-os com as hipóteses que conduziram a pesquisa.

6.5.3 Condicionamentos à Elisão /e/ no Porto (PE): resultados estatísticos

Os resultados a seguir apresentados se referem às variáveis independentes selecionadas como estatisticamente relevantes para o processo de elisão da vogal /e/ no Porto e foram extraídos da iteração do último nível do step-up com significância mais próxima a 0.000. Serão primeiro apresentados, por ordem de seleção, todos os condicionadores linguísticos do processo, para, só então ser apresentado o resultado obtido a partir da análise estatística para a variável extralinguística Faixa Etária.

Cabe ressaltar que foram registrados dois casos de knockout na amostra, com os quais o programa não opera, pois tratam-se de aplicações categóricas. Assim, entre os fatores da variável Tipo de Sequência, o fator *palavra funcional acentuada + palavra funcional acentuada*, cuja aplicação é de 100% em 19 ocorrências, e, entre os fatores da variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição, o fator [õ], com nenhuma aplicação entre as 5 ocorrências registradas, foram extraídos da amostra.

6.5.3.1 Fronteira Prosódica

A variável Fronteira Prosódica foi a primeira selecionada nas duas rodadas de análise estatística realizadas. Os resultados apresentados na Tabela 22 a seguir revelam que a regra de elisão da vogal /e/ é favorecida quando o contexto está na mesma frase fonológica ou em

fronteira de frases fonológicas, com aplicação de 0,57 e 0,54 em peso relativo, respectivamente. O contexto em fronteira de frases entonacionais é desfavorecedor à aplicação da regra, com peso relativo de 0,12.

Tabela 22 – Elisão da Vogal /e/ no Porto (PE): Fronteira Prosódica

FATORES	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Mesma Frase Fonológica <i>[Foi]ϕ [uma <u>noite alegre</u>]</i>	820/979	83,7	0,57
Fronteira de Frase Fonológica <i>[<u>Ele</u>]ϕ [estava lá]</i>	363/512	71	0,52
Fronteira de Frase Entonacional <i>[Foi <u>esse</u>.][<u>ainda</u> que não soubesse]</i>	39/145	27	0,12
Total	1222/1636	74,7	

Input 0, 74

Fonte: A autora (2013)

Significância 0,000

Os resultados encontrados para a variável Fronteira Prosódica no que diz respeito à regra de elisão da vogal /e/ no Porto (PE) corroboram, assim como ocorre com relação à vogal /a/ (cf. Seção 6.4), a hipótese de que a regra em estudo não é sensível à fronteira de frase fonológica e de que encontra bloqueio em fronteira de frase entonacional (cf. Seção 3.3). Além disso, é mais um argumento a favor da hipótese de que as duas variáveis aqui consideradas apresentam os mesmos condicionamentos à regra de elisão e de que isso se dá independentemente da vogal candidata ao apagamento (cf. Seções 6.1, 6.2 e 6.3).

Conforme já abordado nas seções anteriores e na Seção 3.3 deste estudo, confirmado o condicionamento da fronteira prosódica, pretende-se investigar, considerando a incidência de pausas, qual a relação entre a fronteira prosódica prevista e a realização de fronteiras prosódicas em fala espontânea. A análise final do estudo, na Seção 6.7, confrontará o resultado aqui obtido com o resultado da verificação acústica de amostra de fala espontânea (cf. Seção 5.4).

6.5.3.2 Qualidade da Fonética da Vogal em Segunda Posição

A variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição foi a segunda variável selecionada como estatisticamente relevante nas duas rodadas das quais fez parte. O resultado obtido, apresentado na Tabela 23 a seguir, revela que o maior favorecimento ao processo ocorre quando a segunda posição é ocupada pela vogal [ũ], cujo peso relativo é 0,77. São

ainda favorecedoras em segunda posição as vogais [ã], [a] e [o], com pesos relativos de 0,65, 0,58 e 0,55, respectivamente. A vogal [ɛ] apresenta aplicação ao redor do ponto neutro, com 0,51 de peso relativo, enquanto [u] não favorece o processo, com peso relativo de 0,33, e [ɔ] revela-se bloqueadora, com 0,10. Cabe lembrar que, em razão de apresentar knockout, a vogal seguinte [õ] teve suas 19 ocorrências extraídas da amostra.

Tabela 23 - Elisão da Vogal /e/ no Porto (PE): Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição

FATORES	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
[ũ] <i>houve um</i>	159/186	85,5%	0,77
[ã] <i>este ano</i>	192/236	81,4%	0,65
[a] <i>aquele amor</i>	409/524	78,1%	0,58
[o] <i>que ofereceu</i>	114/150	76%	0,55
[ɛ] <i>entre épocas</i>	325/478	68%	0,51
[u] <i>sete urnas</i>	42/69	60,9%	0,33
[ɔ] <i>sete horas</i>	1/12	8,3%	0,10
Total	1241/1655	75%	

Input 0,75

Fonte: A autora (2013)

Significância 0.000

Os resultados apresentados na Tabela 23 não permitem a confirmação de favorecimento quando a vogal em segunda posição compartilha traços com a vogal candidata ao apagamento, assim como não permitem concluir sobre o favorecimento de um determinado grupo de vogais sobre o processo. São exemplos para as afirmações anteriores o comportamento neutro da vogal [ɛ], que compartilha o traço [+ coronal] com a vogal /e/, e o fato de vogais como [ũ] e [u], ambas altas, posteriores e arredondadas, apresentarem comportamentos tão distintos com relação à elisão da vogal /e/.

Assim como ocorreu com relação à variável Qualidade da Vogal em Segunda Posição durante a apresentação dos resultados referentes à elisão da vogal /a/ no Porto, os resultados apresentados na Tabela 23 também encaminharam para a investigação sobre a relação entre a variável em questão e a incidência de acento sobre a vogal em segunda posição, ou seja, a hipótese é de que o favorecimento ou bloqueio ao processo ocorra, principalmente, em virtude de a vogal ser átona ou portadora de acento. Para confirmar a relação de dependência supracitada, foi realizado um cruzamento, cujos resultados serão apresentados na Tabela 24 a seguir.

Tabela 24 - Elisão da vogal /e/ no Porto (PE): Cruzamento entre as variáveis Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição e Acento da Vogal em Segunda Posição

Qualidade da Vogal em Segunda Posição	Acento da Vogal em Segunda Posição								
	Átona			Acento da Palavra			Acento da Frase Fonológica		
	A/T	%	P.R.	A/T	%	P.R.	A/T	%	P.R.
[ũ]	106/110	96,4	0,87	53/60	88,3	0,66	2/18	11,1	0,03
[ã]	116/122	95,1	0,84	63/73	86,3	0,62	15/43	34,9	0,12
[o]	90/109	82,3	0,74	23/29	79,3	0,50	1/12	8,3	0,02
[a]	320/395	81	0,70	79/95	83,2	0,56	10/34	29,4	0,10
[u]	44/64	70	0,61	-	-	-	2/8	25	0,07
[ɛ]	-	-	-	299/352	84,7	0,59	15/126	11,9	0,03
[ɔ]	-	-	-	13/30	44,5	0,29	-	-	-

Input 0,75

Significância 0,000

Fonte: A autora (2013)

Como se pode perceber ao observar a primeira coluna de resultados em peso relativo da Tabela 25, o cruzamento realizado confirma o favorecimento à aplicação da elisão em todos os contextos vocálicos seguintes quando átonos, assim como apresentado com relação à amostra de Porto Alegre (PB), nas Seções 6.1, 6.2 e 6.3, e no que diz respeito à elisão da vogal /a/ no Porto, na Seção 6.4. Quando as vogais subsequentes são portadoras do acento da palavra, entretanto, não é possível atestar o favorecimento em todos os contextos, visto que não há favorecimento da vogal [ɔ], mas os demais contextos apresentam aplicações favorecedoras, confirmando que não há restrição quanto ao acento da palavra fonológica (BISOL, 1996). No que tange ao acento da frase fonológica, mais uma vez (cf. Seções 6.1, 6.2, 6.3 e 6.4), confirma-se o bloqueador ao processo.

A comprovada relação de dependência entre a variável Qualidade Fonética da Segunda Posição e a incidência de acento sobre a vogal corrobora os estudos de Bisol (1992) e Tenani (2002) (cf. Seção 2.4), a partir dos quais se tem como consagrado o papel do acento para o processo e o favorecimento da elisão em contextos de atonicidade máxima, fato que se espera confirmar, ainda, com os resultados referentes à elisão da vogal /o/ no Porto, na Seção 6.6.

6.5.3.3 Tipo de Sequência

A variável Tipo de Sequência foi a terceira selecionada como estatisticamente relevante na primeira rodada de análise, a única da qual fez parte em razão da relação pouco ortogonal com a variável Distância entre os Acentos. Conforme relatado no início desta seção, houve um caso de knockout, visto que o fator *palavra funcional acentuada + palavra funcional acentuada* apresentou 100% de aplicação em 19 ocorrências. Além de não ser interessante para o estudo de regra variável contar com um fator com 0 ou 100% de aplicação, o programa não opera adequadamente com aplicações categóricas e as ocorrências deste fator foram extraídas da amostra.

Após o procedimento de exclusão das ocorrências com aplicação categórica, os resultados obtidos, apresentados na Tabela 25 a seguir, revelaram que há maior aplicação de elisão quando a sequência de vocábulos é formada por *palavra lexical + clítico*, para a qual o peso relativo obtido foi 0,69, seguida de *palavra funcional acentuada + palavra lexical*, *palavra lexical + palavra lexical* e *palavra funcional acentuada + clítico*, com pesos relativos de 0,62, 0,61 e 0,60, respectivamente. O processo é favorecido, ainda, quando há uma sequência de *palavra lexical + palavra funcional acentuada*, cujo peso relativo na amostra foi de 0,58. As sequências formadas por *clítico + palavra funcional acentuada*, *clítico + palavra lexical* e *clítico + clítico* não favorecem a aplicação de elisão, com pesos relativos de 0,47, 0,39 e 0,32, respectivamente.

Tabela 25 – Elisão da Vogal /e/ no Porto (PE): Tipo de Sequência

FATORES	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Palavra lexical+clítico <i>alegre as</i>	154/170	90	0,69
Palavra funcional acentuada+palavra lexical <i>ele aprendeu</i>	97/120	80,8	0,62
Palavra lexical+palavra lexical <i>grande espera</i>	298/357	83,5	0,61
Palavra funcional acentuada+clítico <i>sobre as</i>	39/45	86,7	0,60
Palavra lexical+palavra funcional acentuada <i>soube aqui</i>	63/78	80,8	0,58
Clítico+palavra funcional acentuada <i>que ela</i>	104/139	74,8	0,47
Clítico+palavra lexical <i>de amigos</i>	365/560	65,2	0,39
Clítico+clítico <i>de um</i>	102/167	61	0,32
Total	1222/1636	74,1	

Input 0,74

Fonte: A autora (2013)

Significância 0,000

Os resultados apresentados na Tabela 25 são argumentos em favor do proposto nas seções anteriores, visto que não revelam diferenças significativas entre tipos de sequência, mas com relação ao tipo de item lexical que ocupa a primeira posição. Como se pode verificar, todos os contextos são favorecedores, exceto aqueles compostos pelo clítico na primeira posição. A hipótese inicial para esta variável, de que a elisão é favorecida por sequências de palavras lexicais (VIGÁRIO, 1997), não pode ser refutada, visto que há aplicação favorecedora no contexto supracitado, mas há, igualmente, favorecimento em outros contextos e a única generalidade com relação ao exposto na Tabela 25 é o desfavorecimento quando a primeira posição é ocupada por um clítico.

Conforme já abordado nas Seções 6.1, 6.2, 6.3 e 6.4, o fato de sequências formadas por clíticos em primeira posição desfavorecerem o processo pode ser associado às afirmações de Bisol (1996) e Veloso (2003), segundos as quais o monomorfema portador da vogal candidata ao apagamento apresenta restrições à elisão em razão da preservação de informações morfológicas. A amostra referente à vogal /e/ apresenta, entretanto, uma particularidade com relação às vogais /a/ e /o/, visto que, além de ser a única em que é possível registrar o clítico na primeira posição em sequência com outro clítico e com palavras funcionais, o resultado para os fatores com clítico em primeira posição com vogal final /e/ são desfavorecedores, mas não são bloqueadores como nos casos de vogal final /a/ e /o/, em que as aplicações para Porto Alegre e Porto registradas até aqui revelam peso relativo sempre abaixo de 0,10. A distinção de aplicação pode estar relacionada ao fato de que, enquanto as vogais /a/ e /o/ possivelmente carregam informações sobre o gênero, a vogal /e/ se faz neutra, sem causar prejuízo na condução da informação.

Caso seja confirmada a relevância do tipo de vocábulo em primeira posição para o processo de elisão da vogal /o/ no Porto, estará esclarecida a relação do contexto em questão ao processo e refutada a hipótese de que sejam as sequências de palavras lexicais mais favorecedoras ao processo. Além disso, será possível afirmar que há uma generalidade quanto ao tipo de vocábulo em primeira posição nas duas amostras analisadas.

6.5.3.4 Distância entre os Acentos

Selecionada como estatisticamente relevante na segunda rodada de análise, a única da qual fez parte em razão da relação pouco ortogonal com a variável Tipo de Sequência, a variável Distância entre os Acentos apresentou como mais favorecedor ao processo de elisão da vogal /e/ os contextos em que a distância entre o acento do vocábulo em primeira posição e o acento do vocábulo subsequente é de *mais de duas sílabas*, com peso relativo de 0,74. Os fatores que consideram a distância de *uma ou duas sílabas* e a *presença de clítico* revelaram-se igualmente não favorecedores, com o peso relativo de 0,46. Os resultados podem ser verificados na Tabela 26 a seguir.

Tabela 26 – Elisão da vogal /e/ no Porto (PE): Distância entre os Acentos

FATORES	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Mais de Duas Sílabas <i>sete aprendizes</i>	177/195	90,8%	0,74
Uma ou duas Sílabas <i>esse abraço</i>	299/382	78,3%	0,46
Presença de Clítico <i>de aprender</i>	765/1078	71%	0,46
Total	1241/1655	75%	

Input 0,75

Fonte: A autora (2013)

Significância 0.000

O resultado apresentado corrobora a hipótese inicial, baseada em Cabré e Prieto (2005) sobre o catalão, e vai ao encontro do que já foi apresentado na Seção 6.4 para a elisão da vogal /a/ no Porto (PE). Cabe ressaltar que, até esta etapa da análise estatística, a Distância entre os Acentos constitui a principal diferença entre as duas variedades da língua aqui contempladas, visto que em Porto Alegre (PB) o favorecimento ocorre, com relação à elisão das três vogais analisadas, quando a distância entre os acentos é de *uma ou duas sílabas*.

A fim de confirmar a hipótese de que a referida distinção esteja relacionada aos padrões rítmicos das duas variedades consideradas, após a confirmação do mesmo favorecimento para a elisão da vogal /o/ no Porto (PE), a Seção 6.7 retomará a discussão sobre este condicionamento.

6.6.3.5 Faixa Etária

Assim como ocorreu com relação à elisão da vogal /a/ no Porto (PE), a variável faixa etária foi selecionada como estatisticamente relevante nas duas rodadas de análise, concretizando um resultado surpreendente de condicionamento de variável extralinguística, visto que a hipótese inicial, baseada em estudos anteriores (cf. Seção 4.2), era de que não houvesse relevância estatística deste tipo de variável ao processo de elisão. Conforme pode ser verificado na Tabela 27 a seguir, o processo é favorecido quando analisada a produção de adultos jovens e adultos, com pesos relativos de 0,55 e 0,53, respectivamente, ao passo que não há favorecimento quando considerada a produção de jovens, cujo peso relativo encontrado foi 0,32.

Tabela 27 – Elisão da vogal /e/ no Porto (PE): Faixa Etária

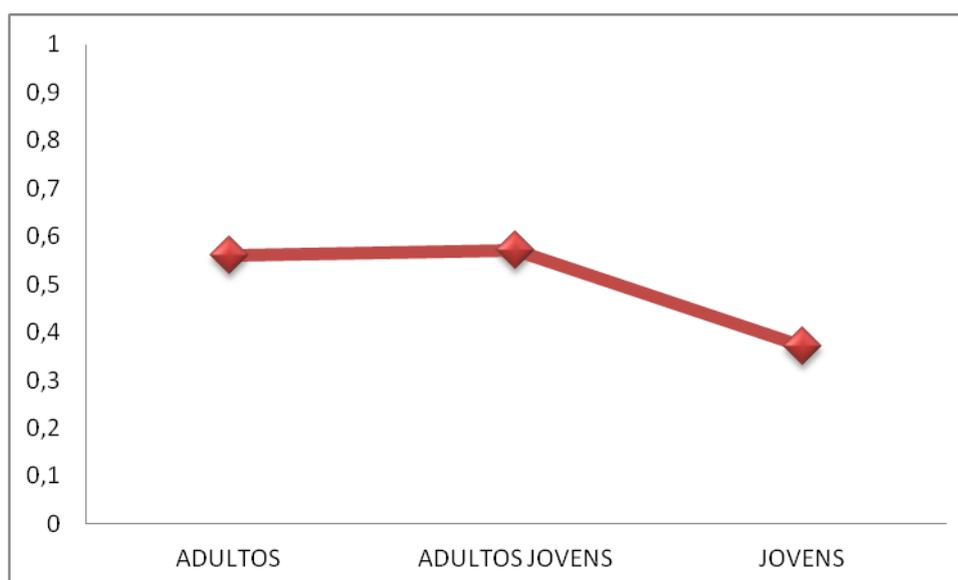
FATORES	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Adultos Jovens	629/734	86%	0,55
Adultos	359/433	83%	0,53
Jovens	253/488	49%	0,32
Total	1241/1655	75%	

Input 0,75

Significância 0.000

Fonte: A autora (2013)

A partir dos resultados apresentados na Tabela 27, o Gráfico 10 a seguir possibilita visualizar a evolução da regra entre as faixas etárias e verificar a queda de aplicação da elisão entre os informantes *adultos jovens* e os informantes *jovens*. Quando considerada a aplicação entre os informantes *adultos* e *adultos jovens* o comportamento é bastante aproximado.

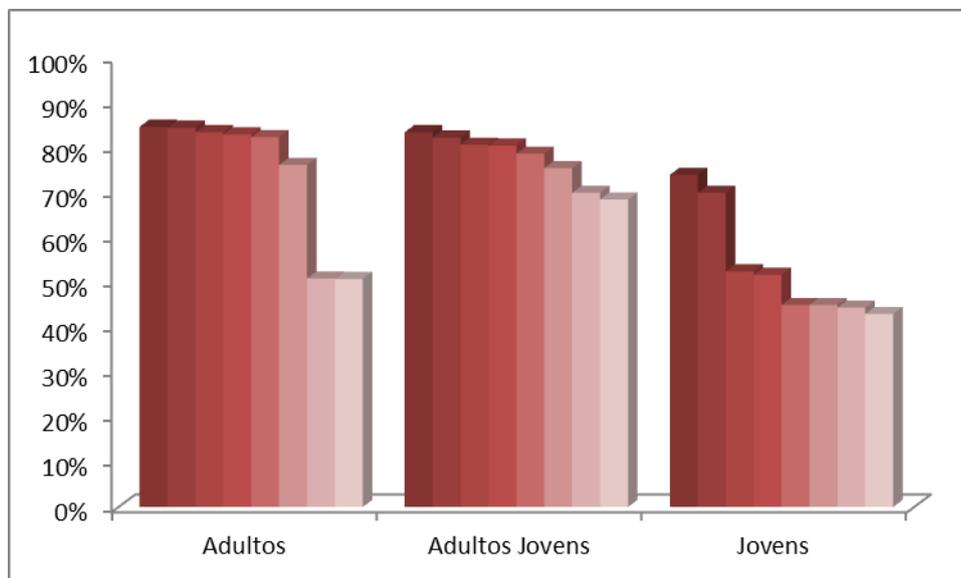
Gráfico 10 – Elisão da Vogal /e/ no Porto (PE): Faixa Etária

Fonte: A autora (2013)

A configuração da linha que representa a aplicação no Gráfico 10 torna claro o fato de que a hipótese inicial foi refutada, pois expressa um condicionamento extralinguístico significativo ao processo, assim como o revelado pelos resultados referentes à vogal /a/. Entretanto, para confirmar se o resultado não sofre a influência do comportamento individual de determinados informantes, ou, ainda, se o comportamento diferente do grupo apresentado pelos quatro informantes com perfis sociais descritos na Seção 6.4 se repete com relação à

elisão da vogal /e/, foi realizada uma rodada de análise com resultado da aplicação de cada informante, cujos resultados estão expressos no Gráfico 11 a seguir

Gráfico 11 – Elisão da Vogal /e/ no Porto (PE): Aplicação por Indivíduos



Fonte: A autora (2013)

O resultado da análise por indivíduo confirmou a aplicação regular da regra entre os informantes de cada faixa etária. Entre os informantes do grupo adultos jovens não há discrepâncias entre os comportamentos, visto que todos apresentam aplicação de aproximadamente 80%. Com relação às faixas etárias *adultos* e *jovens*, porém, há dois informantes com resultados discrepantes em cada faixa etária, a saber: dois informantes adultos cuja produção apresenta uma aplicação de elisão da vogal /e/ inferior ao grupo, e dois informantes jovens cuja produção reflete aplicação superior aos demais representantes do grupo. A identificação dos informantes revelou que, considerando a aplicação individual, há regularidade no resultado, visto que se tratam dos mesmos informantes com comportamento distinto de sua faixa etária, identificados na Seção 6.4.

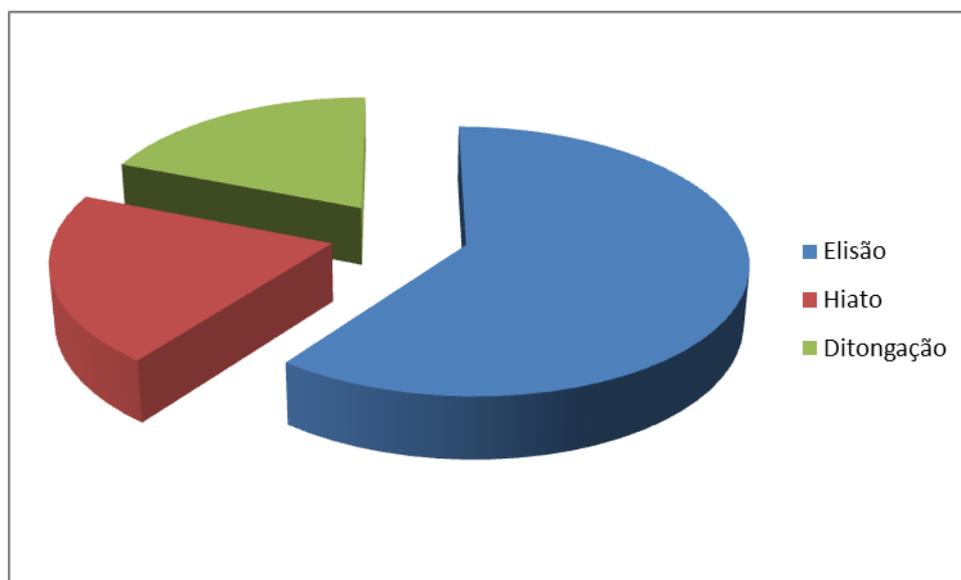
O resultado acima descrito, tanto no que diz respeito à regularidade do grupo, quanto no que tange à identificação dos mesmos resultados discrepantes para os informantes com perfil social descrito na Seção 6.4, corrobora a hipótese de que há uma interferência de propriedade linguística condicionada pelo papel social do informante conforme a sua faixa etária. A hipótese de que seja a taxa de elocução, supostamente mais baixa entre os jovens, a motivar este comportamento será investigada e analisada na Seção 6.7. Espera-se encontrar o mesmo panorama com relação à análise estatística da elisão da vogal /o/.

6.6 DESCRIÇÃO DA ANÁLISE ESTATÍSTICA DA ELISÃO DA VOGAL /o/ NO PORTO (PE)

6.6.1 Frequência Global

A análise estatística referente ao apagamento da vogal /o/ foi realizada a partir do registro de 1.471 ocorrências de vogal átona final seguida de vogal de qualidade fonética distinta inicial do vocábulo seguinte. O Gráfico 12 a seguir apresenta o resultado obtido para a análise da frequência global da regra em estudo, em que pode ser verificada a elisão em 59,7% das ocorrências, enquanto hiato e ditongação representam, respectivamente, 20,5 e 19,8 %.

Gráfico 12 – Elisão da vogal /o/ no Porto (PE): Frequência Global



Fonte: A autora (2013)

Diferente do resultado encontrado para a elisão da vogal /o/ em Porto Alegre (PB), em que a ditongação é a variante mais frequente, o resultado esperado para a análise da elisão da vogal /o/ no Porto (PE) era de que a tendência da língua portuguesa em evitar o hiato fosse resolvida em PE com o apagamento. Por conseguinte, a hipótese foi confirmada, visto que o apagamento foi a escolha mais recorrente entre os informantes que constituíram a amostra do Porto. Em contraponto, não era esperado que o hiato e a ditongação apresentassem uma frequência tão aproximada.

Considerando a alta frequência do apagamento da vogal /o/ na fala dos informantes do Porto e os resultados apresentados para a frequência global das variáveis dependentes em

estudo para Porto Alegre, nas Seções 6.1, 6.2 e 6.3, e para o Porto, nas Seções 6.4 e 6.5, confirma-se a hipótese de que a aplicação da regra da elisão é mais frequente na amostra do Porto (PE). Tais resultados são argumentos que corroboram as afirmações, encontradas em estudos anteriores (Seção 2.3), de que o português europeu apresenta maior tendência ao apagamento, além de, seguindo a perspectiva de que os apagamentos vocálicos são característicos de línguas de ritmo acentual (ABAURRE, 1981) (Seção 3.3), ser uma evidência de que PE seja mais acentual do que PB.

A subseção 6.6.2 a seguir apresenta a organização das rodadas de análise e as variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes para o processo de elisão da vogal /o/ no Porto (PE), resultados que, além de definirem o funcionamento do processo supracitado, serão argumentos para concluir sobre a hipótese de que os processos em estudo apresentem os mesmos condicionamentos nas duas variedades com amostras analisadas neste estudo.

6.6.2 Seleção de Variáveis

Assim como ocorreu com relação às análises apresentadas nas seções anteriores, durante a análise das ocorrências da variável que considera a elisão da vogal /o/ no Porto (PE), foi observada a relação pouco ortogonal entre os fatores das variáveis Distância entre os Acentos e Tipo de Sequência. Caso confirmada a hipótese de pouca ortogonalidade, a realização de uma rodada de análise considerando todas as variáveis é inviabilizada, já que o programa Goldvarb não opera adequadamente diante à má distribuição das ocorrências entre as células formadas pela iteração entre variáveis. Assim, antes de serem efetuadas as rodadas de análise estatística correspondentes à vogal /o/, foi efetuada uma Tabulação Cruzada, em que foi possível observar as células formadas pelo cruzamento entre os fatores das variáveis supracitadas e a livre distribuição de ocorrências entre as mesmas. O Quadro 9 apresenta o resultado de tal tabulação.

Quadro 9 – Elisão da Vogal /o/ no Porto (PE): Distância entre os Acentos e Tipo de Sequência

Tipo de Sequência	Distância entre os Acentos			
	Presença de clítico	Uma ou duas sílaba	Mais de duas sílabas	Total
Clítico+palavra lexical	66	0	0	66
Clítico+palavra funcional	4	0	0	4
Palavra lexical+clítico	140	0	0	140
Palavra lexical+palavra funcional	0	44	46	90
Palavra lexical+palavra lexical	0	282	257	539
Palavra funcional+clítico	130	0	0	130
Palavra funcional+palavra lexical	0	238	134	372
Palavra funcional+palavra funcional	0	94	36	130
Total	340	658	473	1471

Fonte: A autora (2013)

Conforme pode ser observado, os resultados da tabulação, apresentados no Quadro 9, confirmaram a relação pouco ortogonal entre os fatores das variáveis analisadas ao revelarem, dentre as 24 células totais, 12 células não preenchidas. O argumento que explica grande parte da situação apresentada é baseado em uma questão de funcionamento do sistema linguístico, visto que não há como registrar células de uma sequência envolvendo um clítico senão junto ao fator que considera a ausência de acento em uma das posições. Por outro lado, não há como identificar registros de mais de duas sílabas de distância entre os acentos em sequências que envolvam vocábulos não acentuados, ou seja, clíticos.

Esclarecidas as questões referentes à ortogonalidade e verificada a iteração entre as demais variáveis, a partir das quais há distribuição mais adequada de ocorrências entre as

células formadas, a decisão foi de realizar duas rodadas de análise estatística, a saber: uma em que o arquivo de condições considerou a variável Tipo de Sequência junto às demais variáveis e desconsiderou a variável Distância entre os Acentos, e outra em que foi considerada a variável Distância entre os Acentos em detrimento da variável Tipo de Sequência.

6.6.2.1 Primeira Rodada

Após a verificação sobre o caso de pouca ortogonalidade, a elaboração do arquivo de condições utilizado para a realização da primeira rodada de análise estatística considerou sete variáveis independentes, a saber: Traço Voz da Consoante Precedente, Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição, Tipo de Sequência, Fronteira Prosódica, Posição do Contexto no Período, além das variáveis extralinguísticas Gênero e Faixa Etária.

As variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes nos níveis do step-up nesta primeira rodada seguem listadas por ordem de seleção:

- Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição;
- Tipo de Sequência;
- Faixa Etária;
- Fronteira Prosódica.

As variáveis Traço Voz da Consoante Precedente, Posição do Contexto no Período e Gênero do Informante foram selecionadas pela análise regressiva step-down como não relevantes estatisticamente para o apagamento da vogal /o/.

6.6.2.2 Segunda Rodada

O arquivo de condições elaborado para a realização da segunda rodada do programa estatístico privilegiou a análise da variável Distância entre os Acentos. Para tanto, foi necessário excluir a variável Tipo de Sequência, cuja iteração com a variável contemplada não ocorre adequadamente.

Na ordem em que foram selecionadas durante a análise progressiva step-up, seguem as variáveis consideradas estatisticamente relevantes para o processo em estudo:

- Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição;
- Distância entre os Acentos;
- Faixa Etária;

- Fronteira Prosódica.

As variáveis Traço Voz da Consoante Precedente, Posição do Contexto no Período e Gênero do Informante, bem como ocorreu na primeira rodada, foram selecionadas como não relevantes estatisticamente pela análise regressiva step-down.

A comparação entre as duas rodadas aponta regularidade na seleção das variáveis, visto que, considerando as variáveis comuns entre as duas rodadas, não houve distinção entre as mesmas. Com relação às variáveis que não puderam ser consideradas em um mesmo momento de análise pelo programa estatístico, as duas foram selecionadas nas rodadas das quais fizeram parte, comprovando relevância estatística para o processo. Na seção a seguir, são apresentados resultados obtidos, relacionados às hipóteses que sustentaram as variáveis neste estudo.

6.6.3 Condicionamentos à Elisão de /o/ no Porto (PE): resultados estatísticos

Os resultados que serão apresentados a seguir para as variáveis linguísticas selecionadas como estatisticamente relevantes foram extraídos da iteração do último nível do step-up com significância mais próxima a 0.000. Os resultados serão apresentados pela ordem de seleção apresentada em 6.6.3 e 6.6.4.

6.6.3.1 Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição

A variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição foi a primeira variável selecionada na primeira rodada realizada pelo programa de análise estatística, única rodada da qual fez parte. Conforme os resultados, apresentados na Tabela 28 a seguir, o processo de apagamento da vogal /o/ é favorecido quando em segunda posição está a vogal [ẽ], com peso relativo de 0,71. Também revelaram-se favorecedoras ao processo quando em segunda posição as vogais [a], com aplicação de 0,65, [ĩ], com peso de 0,58 e [e], com peso relativo de 0,57. A vogal [ɛ], com pesos relativos de 0,53, tem aplicação neutra. As vogais [ə], [ɔ], [i] e [ã], cujos pesos relativos encontrados foram 0,42, 0,38, 0,38 e 0,18, respectivamente, comportam-se como bloqueadoras ao processo.

Tabela 28 – Elisão da Vogal /o/ no Porto (PE): Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição

FATORES	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
[ê] <i>mesmo emprego</i>	46/63	74,2%	0,71
[a] <i>número alto</i>	241/333	72,4%	0,65
[e] <i>outro educador</i>	141/207	68,1%	0,57
[ɛ] <i>como era</i>	213/323	65,9%	0,52
[i] <i>menino inteligente</i>	52/93	57,1%	0,58
[ə] <i>muito afável</i>	36/64	56,2%	0,42
[i] <i>quadro irreversível</i>	93/194	47,9%	0,38
[ɔ] <i>cinco horas</i>	3/7	42,9%	0,38
[ã] <i>quatro anos</i>	45/187	24,2%	0,18
Total	870/1471	59,3%	

Input 0,60

Significância 0.000

Fonte: A autora (2013)

A Tabela 28 revela resultados e encaminhamentos além do que é proposto com base nos pesos relativos. A primeira conclusão que se pode chegar observando os resultados é de que, com exceção à vogal [a], todas as vogais que mais favorecem o processo apresentam uma característica em comum: são vogais coronais. Considerando a hipótese inicial, que retoma os resultados obtidos por Vargas (2006) e Alencastro (2008) para a elisão da vogal /o/ nas três capitais da Região Sul do Brasil, ou seja, amostra representativa de PB, os resultados obtidos para o Porto apontam semelhança do processo quanto à aplicação nas duas variedades em estudo, visto que parece confirmar uma influência positiva das vogais coronais.

Ainda considerando as vogais coronais, há, apesar de um aparente favorecimento, um resultado que destoa. A observação da parte inferior da tabela permite verificar a presença da

vogal [i] como não favorecedora ao processo, ao passo que as demais coronais foram apontadas como favorecedoras. O trabalho com os dados, ou seja, o conhecimento sobre o tipo de ocorrência possível como item lexical em segunda posição, encaminhou a pesquisa, assim como nas seções anteriores, à relação entre a Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição e a incidência de acento sobre ela. A Tabela 29 a seguir apresenta os resultados obtidos a partir do cruzamento entre as variáveis em questão.

Tabela 29- Elisão da vogal /o/ no Porto (PE): Cruzamento entre as variáveis Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição e Acento da Vogal em Segunda Posição

Qualidade da Vogal em Segunda Posição	Acento da Vogal em Segunda Posição								
	Átona			Acento da Palavra			Acento da Frase Fonológica		
	A/T	%	P.R.	A/T	%	P.R.	A/T	%	P.R.
[ē]	43/60	71	0,71	-	-	-	-	-	-
[ə]	32/58	81	0,70	-	-	-	-	-	-
[ã]	27/36	75	0,69	11/94	11	0,079	7/57	12	0,082
[a]	237/318	74	0,68	3/11	27	0,29	1/5	20	0,181
[e]	35/47	74	0,63	106/159	66	0,56	1/3	33	0,34
[ĩ]	46/85	54	0,59	6/8	75	0,63	3/9	33	0,25
[ɛ]	-	-	-	204/308	66	0,55	7/8	87	0,059
[i]	81/144	56	0,55	8/33	24	0,15	5/22	22	0,125
[ɔ]	-	-	-	3/6	50	0,40	-	-	

Input 0,59

Significância 0,000

Fonte: A autora (2013)

A análise dos resultados apresentados na Tabela 29 permite confirmar o favorecimento do contexto de atonicidade ao fenômeno em estudo, visto que todos os pesos relativos de vogais átonas registradas em segunda posição estão acima do ponto neutro. Há de se ressaltar que, mesmo com relação às vogais [ã] e [i], sobre as quais o resultado da análise isolada da variável Qualidade da Vogal em Segunda Posição revelou desfavorecerem a regra em estudo, a aplicação em contexto átono está acima de 0,50, ou seja, há favorecimento.

Ao observar o número de ocorrências, é possível constatar que há, na amostra em estudo, maior concentração de [ã] e [i] acentuados, contexto em que são as vogais que mais desfavorecem o processo, o que explica o fato de serem, com relação à análise estatística da

variável Qualidade da Vogal em Segunda Posição, não favorecedores ao apagamento de /o/. Além disso, ainda considerando o contexto em que a vogal em segunda posição não é portadora de acento, os comportamentos das vogais [ã] e [a] são praticamente idênticos, com pesos relativos de 0,69 e 0,68. O mesmo ocorre com as vogais [i] e [ĩ], cujos pesos relativos de 0,59 e 0,55, respectivamente, são muito semelhantes.

Após a realização do mesmo procedimento para a investigação sobre a relevância da variável que considera a qualidade da vogal em segunda posição com relação à elisão das três vogais nas duas variedades em estudo, os resultados encontrados a partir do cruzamento realizado confirmam a hipótese de que há uma relação de dependência entre a variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição e a variável controle Acento da Vogal em Segunda Posição no que diz respeito à aplicação da regra de elisão em Porto Alegre e no Porto. Não há, pois, indícios para afirmar sobre a relevância do compartilhamento de traços entre vogais candidatas ao apagamento e vogais subsequentes.

Com relação ao acento, já consagrado como condicionador à regra, além de se acrescentar mais um argumento que corrobora o favorecimento ao contexto de atonicidade total e o bloqueio quando a vogal em segunda posição carrega o acento da frase fonológica, constitui-se a primeira evidência para confirmar a hipótese de que os condicionamentos ao processo são os mesmos, independente da variedade da língua portuguesa que está sendo tratada.

6.6.3.2 Fronteira Prosódica

A variável Fronteira Prosódica foi a segunda variável selecionada como estatisticamente relevante nas duas rodadas de análise estatística realizadas, corroborando o caráter principalmente prosódico atribuído à regra por estudos anteriores (Seção 3.3), e confirmando o condicionamento como uma generalidade entre as amostras de Porto Alegre e do Porto (cf. Seções 6.1, 6.2, 6.3, 6.4, 6.5, 6.6). Os resultados, apresentados na Tabela 30 a seguir, revelaram que a aplicação da regra é maior quando o contexto está em uma *mesma frase fonológica*, com peso relativo de 0,53. A diferença não parece, entretanto, relevante com relação ao fator *fronteira de frase fonológica*, cujo peso relativo é de 0,52. O bloqueio ocorre, como esperado na hipótese inicial, quando o contexto está em uma *fronteira de frase entonacional*, para a qual o peso relativo obtido foi de 0,25.

Tabela 30 – Apagamento da vogal /o/ em Fronteira de Vocábulo no Porto (PE):**Fronteira Prosódica**

FATORES	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Mesma Frase Fonológica <i>[Outro aspecto]φ[foi discutido]</i>	469/819	57,3	0,53
Fronteira de Frase Fonológica <i>[O menino] φ[arremessou o lápis]</i>	347/528	66	0,52
Fronteira de Frase Entonacional <i>[Eu gosto,]I[agora ainda mais,]I[do vinho]</i>	54/124	43,9	0,25
Total	870/1471	59,3	

Input 0, 60

Significância 0,000

Fonte: A autora (2013)

O resultado obtido confirma a hipótese que sustentou esta variável na análise. O fato de não haver uma diferença significativa de aplicação no interior da frase fonológica e em fronteira de duas frases confirma o favorecimento ao processo sob domínio prosódico independente da vogal ou da variedade do português a que se considera, visto que fica claro ser a frase fonológica o domínio preferencial à aplicação das regras de sândi, enquanto o bloqueio ocorre sempre em fronteira de *frases entonacionais*.

O resultado referente à *frase entonacional* confirma a análise fonológica de Frota (1998, p. 88), cuja afirmação é de que há preservação da sequência quando em fronteira de frases entonacionais. O estudo de Tenani (2002), sobre o PB, entretanto, revelou, a partir de verificação acústica, que a pausa é a única ruptura capaz de bloquear a aplicação da elisão.

Apesar de parecerem divergentes, os resultados podem corroborar a conclusão do estudo de Serra (2009) (Seção 3.3), em que, ao avaliar a percepção do informante sobre as fronteiras prosódicas em fala espontânea, os resultados revelam serem as fronteiras de sintagmas entonacionais de fato percebidas como tais pelos falantes em casos de rupturas, ou seja, em contextos em que a fronteira ocasiona pausas. Conforme a pesquisadora, nos casos em que não há ruptura os falantes identificam-nas como fronteiras de frase fonológica. Há, pois, indícios de que as afirmações de Bisol (1992, 1996 e 2002), Frota (1998) e Tenani (2002), bem como os resultados aqui obtidos, estejam de acordo com os resultados de Serra (2009), mas que não sejam diretamente comparáveis por apresentarem uma metodologia distinta.

Ao ter revelado relevância estatística para todas as regras variáveis em estudo e apresentar o mesmo contexto como favorecedor e o mesmo contexto como bloqueador, a variável Fronteira Prosódica merece ser investigada a partir de uma verificação acústica, conforme proposto na Seção 5.4 deste estudo. Para tanto, trechos das entrevistas de informantes das duas amostras serão submetidos ao PRAAT, a fim de se verificar se as estruturas prosódicas previstas pela Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 1986) encontram referências na produção em fala espontânea. Como evidências de rupturas prosódicas (SERRA, 2009), serão verificadas as pausas em fronteiras prosódicas previstas a partir da mesma metodologia utilizada para a classificação dos resultados aqui apresentados.

6.6.3.3 Tipo de Sequência

A variável Tipo de Sequência foi selecionada como estatisticamente relevante na primeira rodada de análise. Os resultados, apresentados na Tabela 31, revelaram os fatores *palavra funcional acentuada + clítico* e *palavra funcional acentuada + palavra lexical* como mais favorecedores ao processo, com pesos relativos de 0,62 e 0,60, respectivamente. Também apresentaram peso relativo acima do ponto de referência as ocorrências constituídas pela sequência de *palavra funcional acentuada + palavra funcional acentuada*, com 0,55, enquanto *palavra lexical + clítico*, com 0,52, tem aplicação ao redor do ponto neutro. Os fatores *palavra lexical + palavra lexical* e *palavra lexical + palavra lexical acentuada* não favorecem o processo de elisão, com peso relativo de 0,46, e as sequências formadas por *clítico + palavra lexical* são bloqueadoras ao processo, com aplicação de 0,068 em peso relativo.

Tabela 31 – Elisão da Vogal /o/ no Porto (PE): Tipo de Sequência

FATORES	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Palavra Funcional Acentuada + Clítico <i>quando as</i>	100/130	76,9	0,62
Palavra Funcional Acentuada + Palavra Lexical <i>como era</i>	263/372	70,7	0,60
Palavra Funcional Acentuada + Palavra Funcional Acentuada <i>como ele</i>	92/134	67,7	0,55
Palavra Lexical + Clítico <i>fazendo em</i>	92/140	65,7	0,52
Palavra Lexical + Palavra Funcional Acentuada <i>perigo aqui</i>	51/90	56,7	0,46
Palavra Lexical + Palavra Lexical <i>tenho amigos</i>	266/539	49,4	0,46
Clítico + Palavra Lexical <i>do elétrico</i>	10/66	15,5	0,068
Total	870/1471	59,3	

Input 0,602

Significância 0,000

Fonte: A autora (2013)

A partir da análise da Tabela 31, pode-se concluir que, seja qual for o tipo de vocábulo ocupante da segunda posição, a palavra funcional acentuada favorece o processo quando ocupante da primeira posição considerada. Quanto à palavra lexical, a presença de um clítico em segunda posição apresenta peso relativo acima do valor de referência, fato que deve estar relacionado à total ausência de acento entre as vogais envolvidas no contexto, visto que a primeira é, obrigatoriamente, átona e sobre a segunda conclui-se que não seja portadora de acento por compor um clítico. Com relação às sequências envolvendo *palavra lexical + palavra funcional acentuada* e *palavra lexical + palavra lexical*, não há diferença quando comparados os pesos relativos: ambas apresentaram o valor de 0,46 e não favorecem o processo. A falta de distinção no comportamento de tais fatores pode ocorrer por duas razões associadas, a saber: i) não há diferença prosódica entre os dois tipos de vocábulos ocupantes

da segunda posição, visto que ambos são acentuados; ii) não há perda de material fonético na segunda posição, fato que poderia bloquear o apagamento em palavras lexicais em benefício da preservação da informação morfosintática.

Assim como ocorreu com relação aos resultados descritos nas Seções anteriores, a hipótese inicial (VIGÁRIO, 1997) para a variável Tipo de Sequência não foi confirmada, visto que a sequência de palavras lexicais não é favorecedora e a relevância do tipo de vocábulo ao processo está mais associada à primeira posição. O resultado revelado para sequências envolvendo *clítico + palavra lexical*, único fator com registro de clítico na primeira posição, parece, mais uma vez (Seções 6.1, 6.2, 6.3, 6.4, 6.5), o mais relevante, visto que o bloqueio atribuído ao grupo clítico em primeira posição é um argumento relevante para corroborar resultados apresentados por Bisol (1996) e Veloso (2003), em que os monossílabos são apontados como bloqueadores do processo de elisão quando ocupantes da primeira posição. O bloqueio é atribuído ao fato de serem as vogais finais deste tipo de vocábulo, em sua maioria, portadoras de informações relacionadas ao gênero, que se perderiam no processo de apagamento. Cabe ressaltar que isto ocorre principalmente quando a posição em foco for ocupada por /a/ ou /o/.

Ao final da análise desta variável, com relação às três variáveis dependentes consideradas pela presente pesquisa e nas amostras das duas regiões, pode-se concluir que o condicionamento ao processo de elisão está mais relacionado à primeira posição, em que o clítico é bloqueador, enquanto palavras funcionais acentuadas e palavras lexicais não apresentaram diferenças relevantes, o que corrobora a falta de distinção prosódica entre elas. Tem de ser salientada a interferência da atuação de uma regra morfológica sobre a regra fonológica em estudo, visto que o bloqueio ocorre pela necessidade de preservação do material fonético que carrega informações morfológicas.

6.6.3.4 Distância entre os Acentos

Os resultados apresentados na Tabela 32 a seguir revelam que, entre os fatores da variável Distância entre os Acentos, mostrou-se mais favorecedor aquele que registrou contextos em que há *mais de duas sílabas* de distância entre os acentos dos vocábulos envolvidos, com peso relativo de 0,69. Os contextos envolvendo a presença de um clítico não podem ser considerados favorecedores ou desfavorecedores à regra, visto que sua aplicação é neutra, ou seja, peso relativo de 0,50. Os contextos em que há *uma ou duas sílabas* de distância entre o acento da palavra portadora da vogal candidata ao apagamento e o acento da palavra em segunda posição não favorecem a aplicação da regra, com peso relativo de 0,36.

Tabela 32 – Elisão da vogal /o/ no Porto: Distância entre os Acentos

FATORES	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Mais de duas sílabas <i>como antigamente</i>	330/473	69,8%	0,69
Presença de clítico <i>pego em</i>	245/396	61,9%	0,50
Uma ou duas sílabas <i>campo enorme</i>	295/602	49%	0,34
Total	870/1471	59,1%	

Input 0,59

Significância 0.000

Fonte: A autora (2013)

Assim como apresentado na descrição sobre as regras de elisão das vogais /a/ e /e/ no Porto (PE), os resultados encontrados para a elisão de /o/ na mesma amostra corroboram a hipótese, baseada em Cabré e Prieto (2005) em estudo sobre o Catalão, de que quanto maior a distância entre os acentos dos vocábulos maior a probabilidade de aplicação da regra de apagamento. O resultado, que pode ser considerado uma evidência do padrão rítmico, constitui também a principal distinção, até aqui encontrada, entre as duas variedades em estudo, visto que o favorecimento para a aplicação da elisão das três vogais em Porto Alegre ocorreu em contextos cuja distância entre os acentos era de uma ou duas sílabas.

A discussão sobre a variável Distância entre os Acentos será retomada na Seção 6.7, a fim de esclarecer a motivação para que haja tal distinção.

6.6.3.5 Faixa Etária

A variável Faixa Etária foi selecionada nas duas rodadas realizadas. O resultado é instigante, visto que o processo de elisão não havia apresentado condicionamento social em resultados obtidos por estudos à luz da Teoria da Variação para o PB (Seção 4.2), únicos referenciais variacionistas sobre o processo, devido à falta de estudos com amostras de PE.

A hipótese inicial considerou que o fenômeno, ainda que com aplicação mais elevada entre falantes de PE, permanecesse uma regra de variação estável, ou seja, que não houvesse indício de crescimento ou de decréscimo da regra entre os informantes que levam a variedade adiante: os mais jovens.

O resultado estatístico obtido a partir da amostra representativa do Porto (PE) com relação à vogal /o/, replicando os resultados obtidos para as demais vogais na região

supracitada, revelou que, diferentemente do esperado, a aplicação do apagamento é mais elevada entre adultos jovens e adultos, com pesos relativos de 0,57 e 0,56, respectivamente, e mais baixo entre os mais jovens, com peso relativo de 0,37. A Tabela 33 a seguir apresenta os números obtidos.

Tabela 33 - Elisão da vogal /o/ no Porto: Faixa Etária

FATORES	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Adultos Jovens	323/498	64,9%	0,57
Adultos	304/471	64,5%	0,56
Jovens	243/502	48%	0,37
Total	870/1471	59,3%	

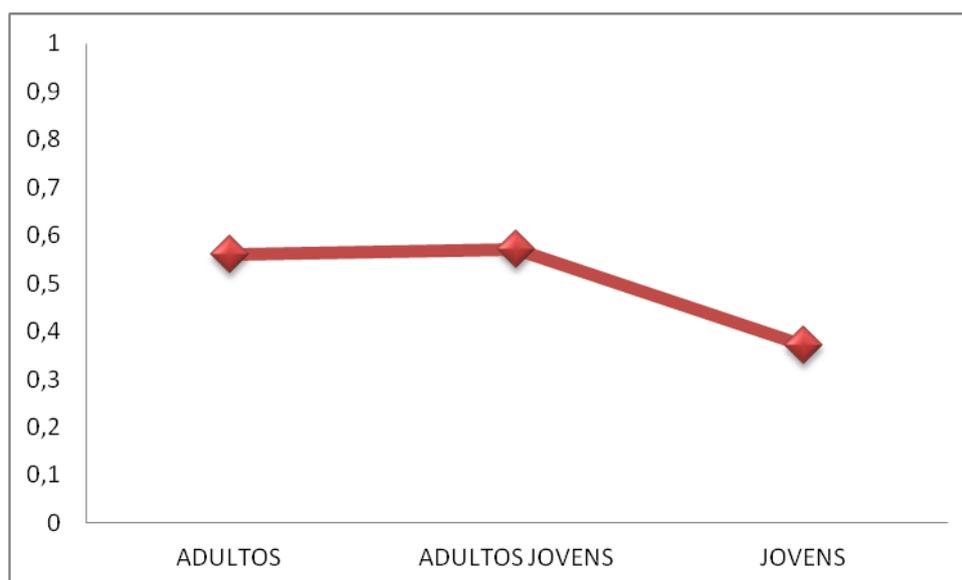
Input 0, 60

Significância 0,000

Fonte: A autora (2013)

O resultado que reflete o comportamento dos jovens com relação à regra é surpreendente, visto que a aplicação da elisão apresenta um decréscimo, que pode ser melhor visualizado no Gráfico 13.

Gráfico 13 – Elisão da vogal /o/ no Porto: Faixa Etária

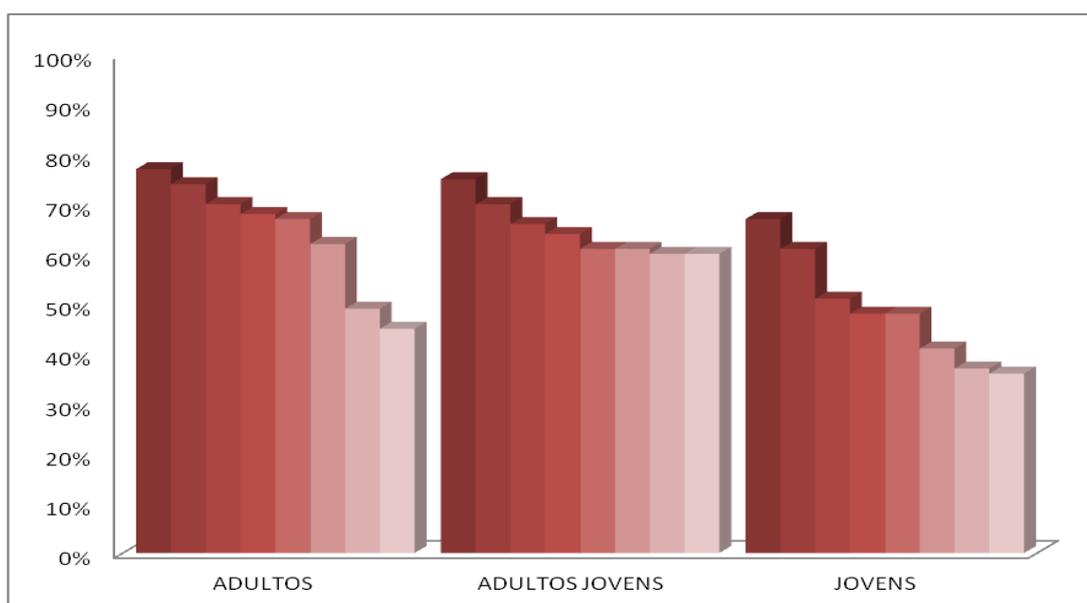


Fonte: A autora (2013)

O resultado expresso no Gráfico 13 evidencia que a hipótese inicial foi refutada, visto que há queda de aplicação do apagamento entre os informantes mais novos, enquanto os informantes adultos jovens e adultos apresentam comportamento muito semelhante com relação à elisão. Os resultados obtidos podem ser considerados indícios de uma mudança em progresso com relação ao apagamento da vogal /o/, ou seja, a elisão, forma mais recorrente, dá lugar a uma nova forma, neste caso a não aplicação do processo.

Ainda que não constituísse uma variável desta tese, para fins de controle, o código do informante foi registrado ao final de cada ocorrência a ele atribuída, o que possibilitou verificar se há alguma influência do comportamento individual sobre o resultado obtido por faixa etária e, ainda, se há algum comportamento individual que destoa do grupo. O Gráfico 14 apresenta o resultado percentual obtido através da análise por indivíduo.

Gráfico 14 – Elisão da vogal /o/ no Porto (PE): Análise por indivíduo



Fonte: A autora (2013)

O resultado da análise por indivíduo confirmou a aplicação regular da regra dentro do grupo. Não há discrepância com relação ao grupo que considera os adultos jovens, visto que todos os informantes apresentaram aplicação de apagamento igual ou superior a 60% das ocorrências por eles produzidas. Entre os adultos, entretanto, há dois informantes com aplicação abaixo do esperado para este grupo, com menos de 50% das ocorrências como casos de apagamento. O mesmo comportamento diferenciado ocorre com relação aos informantes mais jovens, entre os quais há dois casos de aplicação em mais de 60% das ocorrências.

Como a diferença encontrada está relacionada a apenas dois informantes de cada grupo, não se pode descartar que o comportamento de cada um deles esteja relacionado a características sociais, visto que o resultado apresentado pelos demais informantes confirma a regularidade do comportamento do grupo com relação à regra. A verificação sobre os informantes revelou serem os mesmos cujo perfil social foi apresentado na Seção 6.4 e que também foram identificados com comportamento distinto ao da sua faixa etária com relação à vogal /e/. Assim, reforça-se a hipótese de que o papel social do informante tenha influência sobre algum aspecto da linguagem que condiciona a produção da elisão.

A possibilidade de existir influência de uma variável extralinguística sobre o processo em estudo foi considerada remota no início da pesquisa, mas o resultado obtido para as três vogais com relação à amostra do Porto (PE) é relevante e, como tal, deve ser investigado, para que seja possível trabalhar com a certeza de ser um condicionamento que reflete o comportamento da faixa etária e não de determinados informantes. Conforme já considerado nas Seções 6.4 e 6.5, a análise apresentada na Seção 6.7 seguirá a investigação a partir do aspecto rítmico definido pela Taxa de Elocução (GONÇALVES, 2013). Cabe ressaltar que, com a confirmação do comportamento regular no que diz respeito ao processo, visto que em Porto Alegre a *Faixa Etária* não foi uma variável condicionadora e a análise por indivíduos revelou poucas exceções para o Porto, será mantida a amostra apresentada no Quadro 3 (Seção 5.4). Assim, além dos quatro informantes que apresentaram comportamento diferente dos demais informantes das faixas etárias em que se inserem, esta investigação será realizada a partir de 2 minutos produção contínua de fala de cada um dos 12 informantes de cada amostra.

6.6.4 Encaminhamentos à Análise Final

Ao final da apresentação dos resultados estatísticos referentes à amostra do Porto para as três variáveis dependentes em estudo, pode-se verificar generalidade quanto aos condicionamentos, porquanto as variáveis apontadas como estatisticamente relevantes para a elisão de /a/, /e/ e /o/ são coincidentes. No que diz respeito à variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição, assim como ocorreu em Porto Alegre, constatou-se a relação de dependência com a incidência de acento nessa posição e verificar que a qualidade da vogal não é relevante para a aplicação do processo.

Com relação à Fronteira Prosódica, a hipótese inicial foi confirmada, ao passo que a restrição à aplicação da elisão em fronteira de frase entonacional foi verificada a partir da análise das três vogais finais em exame. Tal fato encaminha, assim como ocorreu em Porto

Alegre, para a análise final, em que os resultados serão confrontados com a incidência de pausa em cada uma das fronteiras previstas a partir da Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 1986), a fim de verificar a relevância dos constituintes para o processo.

No que tange à variável Tipo de Sequência, também em consonância com os resultados obtidos a partir da amostra de Porto Alegre, pode-se afirmar que a relevância ao processo diz respeito à primeira posição, onde o clítico representa restrição, enquanto palavras funcionais e palavras lexicais são, em aspectos gerais, favorecedoras. O resultado não surpreende, visto que pode ser associado ao bloqueio revelado por monomorfemas em razão da preservação de informações morfológicas (BISOL, 1996; VELOSO, 2003). O resultado referente à Distância entre os Acentos também será analisado na Seção 6.7 deste Capítulo, visto que, ao apresentar resultado distinto ao encontrado em Porto Alegre, constitui a principal evidência para a discussão da diferença rítmica entre as variedades em exame neste estudo.

A Taxa de Elocução, que terá o resultado de análise apresentado na Seção 6.7, será, além de um argumento para a discussão sobre o ritmo de PB e PE, um aspecto de investigação para a discussão a respeito das diferentes aplicações de elisão entre as Faixas Etárias que constituem a amostra do Porto. A relevância da variável Faixa Etária para a amostra do Porto foi, pois, o elemento de contraste entre as duas amostras que mais surpreendeu, visto que não era esperado um condicionamento social à regra de elisão.

6.7 CONDICIONAMENTOS: ANÁLISE FINAL

Após a apresentação dos resultados referentes à análise estatística das ocorrências de elisão das vogais /a/, /e/ e /o/ em Porto Alegre e no Porto, foi possível confirmar a relevância dos aspectos prosódicos para o funcionamento das regras variáveis em estudo. Tem-se, pois, além da sacramentada importância do papel do acento – aqui discutida a partir do cruzamento entre a variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição e a Incidência de Acento sobre a Vogal em Segunda Posição –, a comprovação sobre a influência das variáveis linguísticas Distância entre os Acentos e Fronteira Prosódica, ambas selecionadas como estatisticamente relevantes para a elisão das três vogais em estudo nas duas amostras consideradas. O resultado supracitado, acrescido da seleção da variável Tipo de Sequência – em que se tem como unanimidade o papel do tipo de vocábulo em primeira posição – confirma a hipótese inicial deste estudo, em que se considerou encontrar os mesmos condicionamentos linguísticos para os processos nas duas regiões, ainda que fosse esperada a diferença de frequência da regra, o que de fato ocorreu.

O comportamento, sob o ponto de vista estatístico, do processo de elisão das vogais /a/, /e/ e /o/ em Porto Alegre e no Porto, ao revelar os mesmos condicionamentos para as regras nas duas regiões em análise, ofereceu mais uma evidência linguística concreta para a posição de que PB e PE ainda sejam variedades de uma mesma língua. Além dos condicionamentos, a similaridade entre os contextos preferenciais para a aplicação, isto é, entre os fatores de maior favorecimento, reforça a hipótese de que não há argumentos para afirmar sobre um novo sistema em PB, seja condicionado por crioulização, seja por influência de outras línguas em contato (Seção 1.1)

Para a análise dos resultados encontrados, cabe privilegiar a discussão da atuação das variáveis Distância entre os Acentos, Fronteira Prosódica e, com relação à amostra do Porto, Faixa Etária. Serão apresentados, ainda, os resultados da verificação acústica, a partir da qual foi medida a Taxa de Elocução e confrontada a marcação prevista da fronteira prosódica com a pausa, pista acústica principalmente relacionada à fronteira de frase entonacional, a fim de associá-los aos resultados já apresentados. Para tanto, em 6.7.1 a seguir, serão descritos e discutidos os resultados encontrados a partir da análise da variável Taxa de Elocução, à qual, além do ritmo das duas variedades, pretende-se associar o resultado obtido para a variável Faixa Etária na amostra do Porto (PE). Já em 6.7.2, serão relatados os resultados referentes à incidência de pausa em fronteiras prosódicas previstas e construída a discussão em comparação aos resultados obtidos a partir da análise estatística da variável, que considerou a Fronteira Prosódica com base na Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 1986) (cf. Seção 3.4). A comparação entre as duas amostras estará sempre presente, visto que constitui um dos principais objetivos deste estudo.

6.7.1 Taxa de Elocução

A amostra utilizada para a análise da Taxa de Elocução foi obtida a partir de verificação acústica da produção de sílabas por segundo em, aproximadamente, 2 minutos de fala de cada informante, conforme previsto na Seção 5.3. Diferente da amostra utilizada para a análise obtida a partir de registros de oitiva, a amostra da qual resultou a medida da Taxa de Elocução é resultante de material de dois informantes por sexo e por faixa etária de cada uma das variedades em estudo, conforme apresentado no Quadro 3 (Seção 5.3.1). A decisão por considerar uma amostra mais restrita foi baseada no comportamento regular apresentado pelo grupo quando realizada a análise da variável Faixa Etária no Porto e no fato de não haver relevância com relação à faixa etária em Porto Alegre. Cabe ressaltar que os informantes com comportamento diferente da sua faixa etária (Seções 6.4, 6.5 e 6.6) também tiveram a taxa de

elocução analisada, a fim de se verificar a hipótese de que haja uma relação com o papel social desempenhado pelos referidos informantes, que, por sua vez, estaria associado ao condicionamento linguístico suprasegmental, ou seja, influência da taxa de elocução dependente do papel social desempenhado pela faixa etária com a qual o informante se identifica.

A Tabela 34, a seguir, apresenta os resultados referentes à análise da taxa de elocução dos 12 informantes de Porto Alegre (PB).

Tabela 34 – Taxa de Elocução dos Informantes de Porto Alegre – RS (PB)

Informante	Faixa Etária	Gênero	Duração	Sílabas	TE
PA 1	Jovem	Feminino	121,18	565	4,66
PA 2	Jovem	Feminino	120,47	574	4,76
PA 3	Jovem	Masculino	124,60	576	4,62
PA 4	Jovem	Masculino	117,50	535	4,47
PA 5	Adulto Jovem	Feminino	123,29	591	4,79
PA 6	Adulto Jovem	Feminino	126,30	603	4,77
PA 7	Adulto Jovem	Masculino	129,12	613	4,74
PA 8	Adulto Jovem	Masculino	122,34	571	4,66
PA 9	Adulto	Feminino	127,40	607	4,76
PA 10	Adulto	Feminino	124,41	597	4,79
PA 11	Adulto	Masculino	126,67	589	4,65
PA 12	Adulto	Masculino	122,01	567	4,64
Média Geral					4,69

Fonte: A autora (2013)

Como pode ser verificado nos resultados apresentados na Tabela 34, não há um comportamento que evidencie a relação da taxa de elocução com o papel social representado pelo informante, pelo menos no que diz respeito à faixa etária e ao gênero que o caracterizam. Espera-se, ao apresentar os resultados referentes à amostra do Porto (PE), identificar um comportamento característico da faixa etária que justifique as diferenças de aplicação entre os jovens, além de uma média geral mais elevada da amostra, confirmando a hipótese de que a maior produção de elisão no Porto (PE) está associada à taxa de elocução, visto que não foram encontradas diferenças com relação aos condicionamentos durante a análise estatística. A Tabela 35 a seguir apresenta os resultados referentes aos 12 informantes do Porto (PE).

Tabela 35 – Taxa de Elocução dos Informantes do Porto (PE)

Informante	Faixa Etária	Gênero	Duração	Sílabas	TE
P 1	Jovem	Feminino	125,77	604	4,80
P 2	Jovem	Feminino	128,68	599	4,65
P 3	Jovem	Masculino	120,40	534	4,43
P 4	Jovem	Masculino	118,47	529	4,46
P 5	Adulto Jovem	Feminino	126,94	650	5,12
P 6	Adulto Jovem	Feminino	133,65	689	5,15
P 7	Adulto Jovem	Masculino	125,63	650	5,17
P 8	Adulto Jovem	Masculino	122,14	617	5,05
P 9	Adulto	Feminino	122,37	660	5,39
P 10	Adulto	Feminino	126,36	634	5,01
P 11	Adulto	Masculino	125,93	645	5,12
P 12	Adulto	Masculino	126,84	661	5,21
Média Geral					4,96

Fonte: A autora (2013)

Diferente do que ocorre em Porto Alegre, na amostra do Porto é possível verificar diferenças entre as faixas etárias no que diz respeito à taxa de elocução. Enquanto entre os jovens a TE mais alta é de 4,80 sílabas por segundo, não há aplicação inferior a 5,01 sílabas por segundo entre os adultos jovens e adultos. Este resultado é um indício para se confirmar a hipótese de que a TE é responsável pela queda da aplicação da elisão entre os jovens do Porto. Para que seja possível visualizar tal tendência de maneira mais clara, a Tabela 36 a seguir apresenta as médias da TE por faixa etária no Porto.

Tabela 36 – Taxa de Elocução Média por Faixa Etária no Porto (PE)

Faixa Etária	TE Média
Jovens	4,59 síl./s
Adultos Jovens	5,12 síl./s
Adultos	5,18 síl./s
Média Geral	4,96 síl./s

Fonte: A autora (2013)

A partir das médias apresentadas na Tabela 36, é possível verificar a diferença entre a faixa etária formada por jovens e as demais. A TE média entre os jovens é de 4,59 síl./s, enquanto adultos jovens e adultos apresentam uma média de 5,12 e 5,18 síl./s, respectivamente, medidas muito aproximadas.

A fim de comprovar que a diferença entre os grupos supracitados é significativa e que pode, pois, ser responsável pela menor aplicação de elisão entre os mais jovens, foi realizado um teste de significância com auxílio do programa SPSS versão 17.0. O teste paramétrico - *Anova Unifatorial* – foi o escolhido por se tratar de uma variável dependente intervalar (a Taxa de Elocução passa a ser uma variável dependente para a realização do teste) e por haver um design *inter-sujeitos*, onde foram comparados três grupos de indivíduos (jovens, adultos jovens e adultos). O resultado apontou significância para a diferença entre os grupos, mas, para identificar onde está a diferença significativa, foi necessária a realização de um *teste post-hoc*, que permite comparar os grupos em pares. O último teste confirmou a relação esperada, ou seja, que a diferença significativa ocorre quando comparadas as taxas de elocução de jovens e adultos jovens, e de jovens e adultos.

Na amostra representativa do Porto (PE), a motivação para a diminuição da TE e, consequentemente, a queda da produção de elisão entre os informantes mais jovens pode estar relacionada ao contato frequente de pessoas dessa faixa etária com estrangeiros. Todos os informantes jovens que constituíram a amostra são universitários, ou concluíram o nível superior recentemente, em uma cidade que recebe muitos estudantes em mobilidade acadêmica, principalmente brasileiros. Além do contato na própria universidade, é papel de muitos dos estudantes portuenses receberem alunos estrangeiros em suas casas e integrá-los em atividades comuns à faixa etária em que se encontram, o que pode corroborar a hipótese de que a fala mais lenta, de mais fácil compreensão, seja um processo de mudança encaminhado por uma estratégia de aproximação entre anfitriões – os portugueses – e visitantes através da língua.

A relação entre a taxa de elocução e variáveis extralinguísticas já foi discutida por Meireles e Silva (2011) (Seção 3.3), com o objetivo de se constatar o nível de influência da faixa etária e do gênero sobre a mudança linguística e de se verificar a possibilidade de fatores sociais atingirem o nível prosódico. Os resultados encontrados confirmaram a relação entre faixa etária e taxa de elocução e podem, também, ser associados aos resultados aqui encontrados para o Porto (PE), visto que foram os informantes mais velhos que apresentaram a taxa de elocução mais elevada. Devem-se considerar, entretanto, as diferenças metodológicas entre este estudo e o de Meireles e Silva (2011), pois os resultados são

provenientes de arquivos obtidos a partir de leitura de sentenças e foram associados pelos autores ao fato de pessoas mais velhas terem mais escolaridade e, portanto, mais fluência durante a leitura. Outra distinção relevante está relacionada às faixas etárias consideradas, visto que, enquanto os informantes mais jovens da amostra do Porto têm entre 20 e 35 anos, os mais velhos da amostra de Meireles e Silva (2011) estão em idades entre 17 e 22 anos. Ainda assim, a informação, comum aos dois estudos, de que a influência de fatores sociais pode atingir o nível prosódico da língua, é um contributo relevante para as pesquisas que consideram a atuação de questões extrínsecas ao sistema linguístico na constituição de regras linguísticas.

Após confirmar a relevância da taxa de elocução para a aplicação da elisão e a sua relação com a faixa etária em que se encontra o informante, cabe retomar a discussão sobre os quatro informantes, dois adultos e dois jovens, que apresentaram aplicação de elisão distinta da faixa etária em que se inserem (Seções 6.4, 6.5 e 6.6). A hipótese é de que haja uma relação com o papel social que desempenham, associado a atividades que não correspondem ao padrão de suas faixas etárias, conforme o perfil de cada um, descrito na Seção 6.4. A fim de confirmar a hipótese, foi realizada a verificação da Taxa de Elocução desses informantes, cujos resultados foram analisados separadamente dos resultados apresentados nas Tabelas 34 e 35 anteriores, visto que, ao se considerar os informantes supracitados como parte da amostra utilizada para a obtenção de médias de Taxa de Elocução, poder-se-ia ocasionar um viés nos resultados, ao passo que não são representativos de suas faixas etárias no que diz respeito à aplicação da elisão.

A Tabela 37, a seguir, apresenta os resultados da Taxa de Elocução dos quatro informantes do Porto que apresentaram um comportamento distinto do grupo de que fazem parte, se considerada a idade.

Tabela 37 – Taxa de Elocução dos Informantes do Porto (PE) com Comportamento Distinto à Faixa Etária

Informante	Faixa Etária	Gênero	Duração	Sílabas	TE
P – O	Jovens	Feminino	130,94	670	5,11
P – F	Jovens	Masculino	121,13	615	5,07
P – J	Adultos	Feminino	124,68	597	4,78
P – C	Adultos	Masculino	127,02	585	4,60
Média Geral					4,96

Fonte: A autora (2013)

Os resultados expressos na Tabela 37 revelam que, diferente do que ocorre com a amostra geral, entre os quatro informantes para os quais a análise estatística revelou aplicação de elisão diferente dos demais informantes das faixas etárias que representam, a TE é maior entre os dois mais jovens, enquanto os adultos apresentam TE mais baixa. Para que seja possível realizar a comparação, não só entre os quatro, como também com relação ao comportamento dos informantes da amostra geral, a Tabela 38 a seguir apresenta, além da TE de cada um dos 4 informantes em questão, a média da TE da faixa etária que representam.

Tabela 38 – Taxa de Elocução dos Informantes e Taxa de Elocução Média da Faixa Etária – Porto (PE)

Informantes	Faixa Etária	Gênero	TE – Informantes	TE – Faixa Etária
P – O	Jovens	Feminino	5,11	4,59
P – F	Jovens	Masculino	5,07	4,59
P – J	Adultos	Feminino	4,78	5,18
P – C	Adultos	Masculino	4,60	5,18
Média Geral				4,96

Fonte: A autora (2013)

A comparação entre os resultados da Tabela 38 corrobora a hipótese de que a aplicação de elisão mais elevada entre os informantes O e F está realmente associada à taxa de elocução mais elevada desses informantes com relação aos demais informantes da faixa etária em que se enquadram. Por outro lado, a taxa de elocução mais baixa entre os dois informantes adultos, J e C, pode ser a responsável pela aplicação mais baixa de elisão em comparação ao

resultado obtido entre os demais informantes adultos, para os quais a análise revelou a taxa de elocução superior.

A influência da elisão sobre a Taxa de Elocução encontra argumento não apenas nas relações referentes às diferenças etárias, visto que a aplicação mais elevada no Porto em comparação a Porto Alegre pode estar associada à TE mais alta na amostra da cidade portuguesa. Os resultados das médias gerais apresentadas nas Tabelas 34 e 35, respectivamente, indicam a TE média de 4,69 síl./s para Porto Alegre e de 4,96 síl./s no Porto. A afirmação sobre a significância deste resultado depende, entretanto, da realização de um teste com o programa SPSS.

A primeira etapa para a realização do teste de significância entre a TE média de Porto Alegre e a TE média do Porto consistiu na realização de testes de normalidade e de homogeneidade de variância, que apontaram distribuição normal dos dados. Assim, aplicou-se o teste paramétrico *T*, para amostras independentes. Conforme pode ser observado na Tabela 39 a seguir, o teste *T* para amostras independentes permitiu constatar que há diferenças significativas entre os informantes de Porto e os informantes de Porto Alegre no que se refere à taxa de elocução ($t(23) = 3,114; p = 0,005$).

Tabela 39 – Teste de Diferenças *T* para Amostras Independentes

	Porto Alegre (N = 12) <i>Média (DP)</i>	Porto (N = 13) <i>Média (DP)</i>	Valor do teste <i>t</i> (<i>df</i> = 23)	Valor de <i>p</i>
Taxa de Elocução	4,96 (0,29)	4,69 (0,09)	3,114	$p = 0,005 < 0,05$

Fonte: A autora (2013)

A constatação de que há diferença entre a taxa de elocução encontrada nas amostras de Porto Alegre e do Porto é um argumento para a confirmação de que a elisão é um fenômeno característico de produções mais rápidas, conseqüentemente, mais frequente no Porto (PE). Além da confirmação da hipótese, baseada em Frota (1997), de que taxas mais rápidas favorecem a elisão, o que justifica a diferença de frequência do processo nas duas amostras em análise, o resultado distinto para Porto Alegre (PB) e para o Porto (PE) constitui uma evidência para a discussão sobre o ritmo de PB e de PE.

Conforme discutido na Seção 3.3, a proposta de Abaurre (1981) relaciona o ritmo, mais silábico ou mais acentual, a processos fonológicos e à velocidade de produção das sentenças. Assim, conforme a autora, falas mais rápidas e processos de enfraquecimento ou se apagamento vocálico são relacionados ao ritmo acentual, enquanto ao ritmo silábico estão associadas produções mais lentas e que privilegiem processos de inserção vocálica, como a epêntese, comum no português brasileiro e pouco recorrente na variedade europeia. Os resultados aqui obtidos, corroboram, pois, a constatação do estudo de Abaurre (2001), visto que, na amostra do Porto, ocorre mais elisão e a taxa de elocução é mais alta, enquanto, na amostra de Porto Alegre, a relação é inversamente proporcional, já que ocorre menos elisão e a taxa de elocução média encontrada é significativamente mais baixa. A análise está, ainda, em conformidade com os resultados de Frota e Vigário (2000), também discutidos da Seção 3.3, que apontam a ocorrência de intervalos consonantais superiores em PE, o que caracteriza o ritmo acentual; por outro lado, PB foi classificado pelas autoras como de ritmo silábico, por apresentar intervalos vocálicos superiores.

A classificação do fenômeno de elisão como um processo característico de ritmo acentual e a confirmação de que é mais recorrente em taxas de elocução mais elevadas, considerando não só o resultado da comparação entre Porto Alegre e Porto, como também a diferença de aplicação entre as faixas etárias, parece ir de encontro ao resultado de Barbosa (2000), para o qual os fenômenos de ritmo acentual estão associados a taxas de elocução mais lentas. Com relação ao ritmo característico de PB e de PE, o autor realiza uma análise relativa, afirmando que PB é mais silábico, se comparado a línguas como o thai e o inglês britânico, caracterizadas como acentuais, enquanto PE é mais acentual do que o espanhol cubano e menos acentual do que o inglês americano e o sueco. Seguindo a estratégia de Barbosa (2000), poder-se-ia afirmar que, na amostra utilizada nesta tese, o português de Porto Alegre é menos acentual do que o português falado no Porto, o que constitui uma evidência para a discussão das diferenças rítmicas entre PB e PE. Para a comparação entre as duas pesquisas, entretanto, deve-se ressaltar a questão metodológica, visto que Barbosa (2000) trata de um resultado baseado em leitura, enquanto aqui foram tratadas ocorrências de fala espontânea.

6.7.2 Fronteira Prosódica: Previsão e Realização

Ao retomarem-se os resultados da análise estatística das ocorrências, destaca-se o bloqueio da fronteira de frase entonacional à elisão, enquanto as ocorrências registradas em uma mesma frase fonológica e aquelas em que as vogais envolvidas estão em fronteira de frase fonológica não apresentam distinções entre si no que diz respeito à aplicação. A fim de

verificar, assim como proposto pelo objetivo da variável, qual a motivação para o bloqueio ao processo em fronteiras de frase entonacional e se a estruturação prevista pela Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 1986) encontra referências na realização em fala espontânea, os mesmos arquivos de áudio submetidos à análise da taxa de elocução serviram para a verificação acústica da incidência de pausa em fronteiras previstas e no interior da frase fonológica, o que será tomado como indício da realização da fronteira. Cabe ressaltar que, como o objetivo é o de verificar a aplicação do modelo teórico e explicar o bloqueio à frase entonacional, foram verificadas todas as fronteiras previstas, ainda que não se tratassem de contextos para a aplicação da elisão. A Tabela 40 a seguir apresenta os resultados encontrados na amostra representativa de Porto Alegre (PB).

Tabela 40 – Realização das Fronteiras Prosódicas em Porto Alegre (PB): Incidência de Pausa

	Fronteiras Previstas	Ocorrência de Pausa	%	Contexto de Elisão	Ocorrência de Elisão	%
Fronteira de Frase Entonacional	719	567	78,8	87	08	9,1
Fronteira de Frase Fonológica	1128	310	27,5	203	124	61,1
Mesma Frase Fonológica	1756	263	14,9	678	421	62,1
Total	3603	1140	31,6	968	553	57,1

Fonte: A autora (2013)

Conforme pode ser observado na Tabela 40, a frequência da pausa em fronteiras de frase entonacional é mais alta, se comparada à ocorrência em fronteira de frase fonológica e no interior da frase fonológica. Entretanto, em fronteiras de frase fonológica e no interior de frases fonológicas, a pausa ocorre em 27,5% e 14,9% das ocorrências, respectivamente, constituindo uma evidência de reestruturação prosódica, já que não é prevista pelo modelo teórico nesses contextos.

Não se tem, neste estudo, a pretensão de realizar afirmações sobre a aplicação da Fonologia Prosódica em fala espontânea, mas motivar a investigação sobre a atuação das fronteiras em fenômenos estudados a partir de produções assim obtidas. Os resultados aqui apresentados, ao revelarem a ocorrência – ainda que menos frequente – de pausa em fronteiras abaixo da frase entonacional, corroboram o questionamento sobre o verdadeiro bloqueio à

elisão, ou seja, há bloqueio quando o contexto está onde a aplicação do modelo teórico prevê a fronteira de frase entonacional ou, ainda que se tenha previsto outra fronteira, o bloqueio coincide com a pausa?

Com relação à ocorrência de elisão, os resultados apontam que, assim como na análise estatística apresentada nas Seções 6.1, 6.2 e 6.3, a elisão não é favorecida em contextos formados em fronteira de frase entonacional. O questionamento proposto para a investigação da realização de fronteiras prosódicas, entretanto, não só diz respeito à incidência de pausa nas fronteiras prosódicas, mas também à relação que a realização dessas fronteiras tem com a ocorrência da elisão e, nos casos de não produção do fenômeno, ao fato de ser a fronteira prevista ou a realização da pausa que ocasiona o bloqueio. Na Tabela 41 a seguir são apresentados os números referentes à incidência da pausa em contextos em que a elisão não ocorre.

Tabela 41 – Fronteiras, Incidência de Pausa e a Elisão em Porto Alegre (PB)

	Contextos de Elisão	Não Aplicação	Pausa em Contextos de Não Aplicação	Percentual de Pausa em Contextos de Não Aplicação
Fronteira de Frase Entonacional	87	79	68	86,1
Fronteira de Frase Fonológica	203	79	32	40,5
Mesma Frase Fonológica	678	257	145	56,4
Total	1288	415	245	59%

Fonte: A autora (2013)

Os resultados apresentados na Tabela 41 refletem a relevância da pausa para o bloqueio da elisão. É diante de pausa que ocorre a maior parte do bloqueio ao processo, visto que a ruptura prosódica está presente em 59% dos contextos em que a elisão poderia ser aplicada e não ocorre. O resultado da verificação acústica de fronteiras prosódicas na amostra de Porto Alegre (PB) revela que a Fronteira de Frase Entonacional inibe o processo de elisão, mas o bloqueio pode estar principalmente associado à alta incidência de pausa. O elevado percentual de pausa também em fronteiras abaixo da frase entonacional corrobora, pois, a hipótese de que este é o principal condicionamento prosódico ao fenômeno em estudo, no que diz respeito à amostra de Porto Alegre. A Tabela 42 a seguir apresenta os resultados da verificação acústica sobre a pausa na amostra representativa do Porto (PE).

Tabela 42 – Realização das Fronteiras Prosódicas no Porto (PE): Incidência de Pausa

	Fronteiras Previstas	Ocorrência de Pausa	%	Contexto de Elisão	Ocorrência de Elisão	%
Fronteira de Frase Entonacional	786	559	71,1	76	10	13,1
Fronteira de Frase Fonológica	1213	321	26,5	210	156	74,3
Mesma Frase Fonológica	1761	234	13,2	683	567	83,01
Total	3760	1114	29,6	969	733	75,6

Fonte: A autora (2013)

Assim como ocorre para a amostra de Porto Alegre (PB), as ocorrências do Porto (PE) confirmam a maior incidência de pausa em fronteira de frase entonacional, embora em percentual menor do que em Porto Alegre (PB), fato que pode estar relacionado à taxa de elocução mais rápida entre os informantes do Porto (PE). A incidência de pausa em fronteiras de frase fonológica e no interior da frase fonológica também foi encontrada na amostra do Porto (PE) em 26,5% e 13,2%, respectivamente. Os percentuais, também mais baixos do que os encontrados para Porto Alegre (PB), podem ser considerados significativos, visto que não se tem a previsão de ruptura prosódica pela pausa nesses contextos. O resultado apresentado na Tabela 42 corrobora a hipótese de que a pausa seja a maior responsável pelo bloqueio à elisão.

Com relação à frequência da elisão em fronteiras, a menor aplicação em fronteira de frase entonacional, apontada pela análise estatística descrita nas Seções 6.4, 6.5 e 6.6, é confirmada, embora o resultado possa estar associado à maior incidência de pausa na fronteira supracitada. A fim de verificar se é a maior incidência de pausa a responsável pela não aplicação da elisão, principalmente em contextos de fronteira de frase entonacional, a Tabela 43 a seguir apresenta os números referentes à incidência da pausa em contextos em que a elisão não ocorre na amostra do Porto (PE).

Tabela 43 – Fronteiras, Incidência de Pausa e a Elisão no Porto (PE)

	Contextos de Elisão	Não Aplicação	Pausa em Contextos de Não Aplicação	Percentual de Pausa em Contextos de Não Aplicação
Fronteira de Frase Entonacional	76	66	57	86,4%
Fronteira de Frase Fonológica	210	54	39	72,2%
Mesma Frase Fonológica	683	116	94	81%
Total	969	236	198	83%

Fonte: A autora (2013)

Como se pode verificar, a relação da incidência de pausa em contextos em que a elisão não é aplicada é ainda maior na amostra do Porto (PE). O resultado, que aponta 83% de incidência de pausa em contextos de não aplicação, confirma a hipótese de que o bloqueio está mais relacionado a este tipo de ruptura prosódica do que ao tipo de fronteira em que está a ocorrência. Tal resultado, entretanto, instiga o questionamento sobre a diferença desta relação quando comparadas as amostras do Porto e de Porto Alegre, em que não há um percentual tão elevado quando associada a não ocorrência de elisão e a pausa.

Ainda que a verificação acústica tenha privilegiado a quantificação apenas do apagamento, sem considerar o que ocorre quando o processo não é aplicado, a análise estatística apresentada nas seções anteriores pode esclarecer o questionamento sugerido ao final do parágrafo anterior. Como pode ser percebido na apresentação da frequência global das regras de elisão de /a/, /e/ e /o/ nas duas amostras (Seções 6.1, 6.2, 6.3, 6.4, 6.5 e 6.6), enquanto os contextos de não aplicação, com relação a todas as vogais finais em Porto Alegre, resultam principalmente em ditongação, em que ocorre um processo de ressilabificação e a pausa não é possível, na amostra do Porto, o hiato, em que a presença da pausa é totalmente possível, só não é mais recorrente com relação à vogal final /e/.

É possível, pois, que os contextos de elisão, por serem resolvidos com a aplicação da ditongação em Porto Alegre (PB), não apresentem a mesma incidência de pausa encontrada no Porto (PE), em que o hiato é mais recorrente em contextos de não aplicação da elisão. Cabe considerar, após a análise apresentada, que, em fala espontânea, a pausa é um indício de bloqueio mais relevante do que a fronteira prosódica e que o status bloqueador, atribuído à fronteira de frase entonacional pela análise estatística, seja resultado da maior incidência de pausa nesse contexto.

Com relação à aplicação da hierarquia proposta por Nespor e Vogel (1986), em dados de fala espontânea, ainda que haja um questionamento em razão do número elevado de pausas em contextos em que foram previstas as fronteiras de frase fonológica e na mesma frase fonológica, a maior incidência ainda é em fronteiras de frase entonacional, conforme previsto pela teoria. Como já foi mencionado, não se pode, e não é o objetivo deste estudo, avaliar o funcionamento da proposta em dados de fala espontânea, mas oferecer subsídios para a discussão sobre como a estruturação prosódica ocorre na fala. A análise aqui construída revelou, através do registro de pausa – classificada pela teoria como indício acústico de fronteira de frase entonacional –, que a produção pode não ocorrer da forma como é prevista pela Fonologia Prosódica e que a fronteira prosódica não é tão relevante quanto a pausa para a aplicação da elisão.

6.7.3 Distância Entre os Acentos: Evidência Rítmica

A variável Distância entre os Acentos apresentou relevância estatística para todos os processos variáveis em estudo em ambas as amostras consideradas. Constituiu, entretanto, a principal diferença entre as amostras de Porto Alegre (PB) e do Porto (PE), visto que a elisão das vogais /a/, /e/ e /o/ na primeira é favorecida quando a distância entre os acentos é de *até duas sílabas*, enquanto na segunda o favorecimento ocorre quando há uma distância de *mais de duas sílabas*.

O tratamento da variável Distância entre os Acentos na seção final foi considerado relevante não só em razão de se tratar de uma diferença entre as duas variedades, mas por sustentar a hipótese de que é uma evidência do padrão rítmico de cada uma. Enquanto, em Porto Alegre, o apagamento é permitido com uma distância menor entre os acentos, o que indica a menor duração do grupo acentual, no Porto, é exigida a maior distância, para que haja a ressilabificação e seja apagada a vogal, indicando que o padrão rítmico da variedade requer a maior duração do grupo acentual. A confirmação dessa hipótese corroboraria o resultado referente à análise da Taxa de Elocução, apresentado na subseção 6.7.1, em que a amostra de Porto Alegre é considerada mais silábica com relação à amostra do Porto, considerada mais acentual. Os exemplos em (39) a seguir ilustram como funciona o processo em cada uma das amostras.

(39)

a) Porto Alegre – Aquela escola foi reformada. – Informante 4

[a.'kɛ.lɐ is.'kɔ.la] → [a.'kɛ.lis.'kɔ.lɐ]

b) Porto – Tive aquela educação de estudar imenso mesmo. – Informante 7

[a.'kɛ.lɐ i.du.ka.'sãw̃] → [a.'kɛ.li.du.ka.'sãw̃]

O processo de ressilabificação resultante do apagamento da vogal em primeira posição provoca uma reorganização acentual da nova palavra. Assim, o acento do vocábulo em primeira posição passa a ocupar a posição de acento secundário, enquanto o acento do vocábulo em segunda posição, localizado no pé mais à direita, ocupa a posição de acento principal. É essa relação que parece ocorrer de maneira distinta nas duas variedades, pois enquanto o português falado em Porto Alegre admite que, após o processo, haja apenas uma sílaba entre os acentos, no português do Porto a distância deverá ser igual ou superior a duas sílabas.

Um argumento em favor de que esta restrição está relacionada ao padrão rítmico da língua é encontrado em Abaurre e Galves (1998). Segundo as autoras, em vocábulos com apenas duas sílabas anteriores ao acento principal, enquanto o PB mantém o seu padrão de atribuição do acento secundário ao marcá-lo na primeira sílaba do vocábulo, o PE apresenta uma tendência a reduzir a vogal que portaria este acento. No vocábulo *referência*, por exemplo, a primeira sílaba é marcada com o acento secundário ('*re.fe.*'rên.cia) em PB, já em PE, a produção padrão não apresenta acento secundário e a primeira vogal sofre o processo de redução (r(e).fe.'rên.cia) (ABAURRE e GALVES, 1998, p. 06). Com a presença de uma palavra funcional monossilábica antes do mesmo vocábulo, entretanto, as autoras observaram que a nova palavra fonológica recebe, em PE, o acento secundário na vogal da palavra funcional monossilábica indexada, como em '*de.re.fe.*'rên.cia. Por outro lado, o PB continua a atribuir acento secundário à primeira sílaba da palavra lexical que constitui a palavra fonológica, como em *de.*'*re.fe.*'rên.cia. Os exemplos corroboram a distância preferencial de duas sílabas entre os acentos em PE, enquanto em PB a distância padrão é de uma sílaba, como exemplificam, ainda, os itens '*com.pa.ra.*'*ti.va* (PE) e *com.*'*pa.ra.*'*ti.va* (PB).

Conforme Abaurre e Galves (1998, p.16), enquanto PB tende a ter como restrição mais relevante a preservação da integridade da palavra, ou seja, a preservação da estrutura silábica, o PE, ao reduzir a vogal que em PB porta o acento secundário, tende a evidenciar o pé troqueado, privilegiando a redução em detrimento do acento secundário.

A análise do resultado estatístico da variável Distância entre os Acentos seria, pois, mais uma evidência de que, em comparação entre as duas variedades, o português de Porto Alegre é mais silábico e o português do Porto é mais acentual.

Sumariando, o Capítulo 6 deste estudo, ao apresentar, discutir e analisar o processo de elisão das vogais /a/, /e/ e /o/ em Porto Alegre (PB) e no Porto (PE), revelou que, embora tenha sido confirmada a hipótese de maior frequência do processo na variedade europeia, os condicionamentos apresentados pela análise estatística são os mesmos e caracterizam-se, principalmente, pelo aspecto prosódico. A análise da Taxa de Elocução, da influência da Faixa Etária no Porto, da Fronteira Prosódica e da variável Distância entre os Acentos possibilitou apontar evidências para a discussão dos padrões rítmicos de PB e PE, corroborando, respectivamente, as tendências ao ritmo silábico e ao ritmo acentual. A partir dos aspectos aqui discutidos, entende-se que, salvo a diferença rítmica, tratam-se de variedades de uma mesma língua, que apresentam os mesmos condicionamentos para a aplicação do processo fonológico descrito.

CONCLUSÃO

Ao final desta tese, destacam-se, principalmente, dois aspectos da pesquisa, a saber: a oportunidade de tratar, em um mesmo estudo e à luz da mesma metodologia, o fenômeno de elisão em variedades do português brasileiro e europeu, licenciando a comparação entre os resultados e oferecendo evidências para a discussão sobre as distinções entre PB e PE; e o exame de aspectos prosódicos, como a taxa de elocução e a fronteira prosódica, a partir de ocorrências de fala espontânea, o que possibilitou a análise da língua a partir de produção mais próxima ao vernáculo, em acordo com o paradigma funcionalista de investigação científico da língua.

A partir do embasamento teórico oferecido pela Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 1986) e pela Teoria da Variação (LABOV, 1972), e da revisão de estudos sobre o fenômeno da elisão, foram construídas as variáveis linguísticas e extralinguísticas que permitiram a análise estatística e discussão dos resultados. A hipótese sobre um condicionamento principalmente prosódico, confirmada pela seleção das variáveis Fronteira Prosódica, Distância entre os Acentos e pelo cruzamento entre a variável Qualidade Fonética da Vogal em Segunda Posição e a variável controle Acento da Vogal em Segunda Posição, foi apontada desde o início da pesquisa e os resultados associados revelaram evidências importantes para a discussão comparativa entre as variedades em estudo.

A confirmação de que, apesar da frequência mais elevada da elisão na fala dos informantes portuenses, a regra apresenta os mesmos condicionamentos linguísticos nas duas variedades em estudo, corrobora a hipótese de que PB e PE sejam ainda regidos pelo mesmo sistema linguístico. A busca pelo esclarecimento a respeito da aplicação mais elevada da regra no Porto, entretanto, salientou a mais discutida diferença entre as variedades europeia e brasileira da língua portuguesa: o ritmo. Foi na significância da diferença entre a taxa de elocução, encontrada a partir das médias de informantes de Porto Alegre e do Porto e com relevância comprovada pelo teste *t* (SPSS versão 17.0), que se justificou a elevada aplicação do fenômeno no Porto, em que a taxa de elocução é mais rápida. A partir dos resultados obtidos para as médias da taxa de elocução de cada uma das variedades, também foi possível oferecer a primeira evidência sobre o ritmo de ambas. Com base na proposta de Abaurre (1986), em que se tem os processos de apagamento e a maior velocidade de fala como características de línguas com padrão rítmico acentual, o resultado obtido concretizou uma evidência para afirmar que o português de Porto Alegre é mais silábico em comparação ao

português do Porto e que a relação é inversamente proporcional, visto que o padrão do Porto é mais acentual do que o padrão rítmico de Porto Alegre.

A variável Taxa de Elocução permitiu extrair, ainda, informações que esclareceram a motivação linguística para a distinção entre as faixas etárias constituídas por informantes mais velhos com relação aos jovens. Os resultados estatísticos referentes à elisão das vogais /a/, /e/ e /o/ no Porto apontaram que o processo não é favorecido pela fala de informantes mais jovens, enquanto entre adultos jovens e adultos a produção é elevada. Tal distinção foi justificada pela análise da Taxa de Elocução, cujos resultados possibilitaram concluir que há um decréscimo da produção de sílabas por segundo quando considerada a fala dos informantes mais jovens, ao passo que adultos jovens e adultos apresentam taxa de elocução mais elevada. A mesma metodologia foi responsável por esclarecer o comportamento diferente do grupo apresentado por 2 informantes adultos e 2 informantes jovens, visto que foi comprovada entre os dois primeiros a produção em uma taxa de elocução similar à encontrada para o grupo de jovens informantes do Porto, enquanto os dois mais jovens apresentaram taxa de elocução similar à encontrada para adultos jovens e adultos.

Cabe ressaltar que, embora não se tenha como confirmar a motivação social para a alteração do padrão de elocução entre os jovens portuenses, há indícios para se acreditar que esteja associada ao contato linguístico com estrangeiros no exercício do papel social como estudantes de uma universidade que tem a mobilidade acadêmica internacional como tradição. Com relação ao comportamento dos 4 informantes supracitados, associado a faixas etárias distintas àquelas em que se enquadram, acredita-se que também esteja relacionado ao papel social por eles desempenhado.

A variável Fronteira Prosódica, cuja análise estatística revelou o bloqueio à elisão em fronteira de frase entonacional, foi analisada a partir de verificação acústica. O objetivo era o de se observar a incidência de pausa, para a qual é atribuído o status de evidência acústica para a definição de fronteira de frase entonacional, e discutir o funcionamento da Fonologia Prosódica em estruturas provenientes de fala espontânea. O resultado da verificação acústica revelou, tanto para a amostra de Porto Alegre, quanto para a amostra do Porto, que a maior incidência de pausa ocorre, de fato, em fronteira de frase entonacional, embora tenham sido registradas pausas em fronteiras de frase fonológica e no interior da frase fonológica, contextos em que uma ruptura prosódica não é prevista. No que diz respeito ao bloqueio à elisão, há indícios de que esteja mais relacionado à pausa, independente da fronteira em que se encontra o contexto para aplicação, do que à estrutura prosódica.

É relevante salientar o fato de que não foi o objetivo desta tese oferecer uma posição sobre a aplicabilidade da Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 1986) em estudos cujo corpus seja constituído a partir de fala espontânea, mas sim o de oferecer indícios para que os estudos questionem o funcionamento da teoria para definir condicionamentos da ocorrência do fenômeno nesse tipo de discurso. Assim, o cruzamento de informações obtidas a partir da verificação acústica possibilitou realizar duas afirmações importantes acerca da relação entre a Fonologia Prosódica e o trabalho com a fala espontânea, a saber: i) na fala, pode ocorrer a reestruturação prosódica das estruturas previstas com base na relação sintaxe/fonologia, como em casos de pausas em fronteiras nas quais não é prevista; ii) a fronteira prevista pode não ser o aspecto mais relevante para o fenômeno, bem como ocorreu nesta pesquisa, em que a ocorrência de pausa é determinante.

O caráter prosódico do fenômeno de elisão foi corroborado pelo condicionamento da variável Distância entre os Acentos, que revelou a única distinção entre as duas amostras consideradas: enquanto, em Porto Alegre, o favorecimento se dá em contextos cuja distância entre os acentos dos vocábulos é de uma ou duas sílabas, no Porto, o processo é favorecido quando há mais de duas sílabas de distância entre os acentos. A partir da análise apresentada, foi possível concluir que a distinção está associada ao padrão de atribuição de acentos secundários das duas variedades e que diz respeito, também, à tendência rítmica de PB, que privilegia a preservação das estruturas silábicas portadoras de acento secundário, e de PE, que tem seu ritmo principalmente marcado pelo acento principal, primando pela regularidade do grupo acentual em detrimento da preservação da sílaba.

Além de evidências relevantes para a comparação entre PB e PE, principalmente no que diz respeito ao ritmo, e de evidências para o questionamento do funcionamento da proposta de Nespor e Vogel (1986) para a classificação de fronteiras prosódicas em fala espontânea, entende-se que o presente estudo contribui para o campo de pesquisa pela inédita descrição da elisão em uma variedade europeia do português à luz da Teoria da Variação (1972). A partir de tal descrição, foi possível não só identificar a frequência com relação às três vogais candidatas ao apagamento e aos principais condicionadores, como também o funcionamento da epêntese em contexto de elisão, forma já citada por Ellison e Viana (1995) e Seguro (2013), mas sobre a qual não foram encontrados outros registros.

No que tange à discussão sobre a unidade linguística entre PB e PE, proposta na Introdução deste estudo, após a análise dos resultados, não foi possível encontrar, nas amostras de Porto Alegre e do Porto, argumentos que sustentem a afirmação de que a variedade brasileira esteja caminhando rumo à concretização de um novo sistema. De

encontro às posições que defendem um novo sistema linguístico para o PB, os resultados desta pesquisa descrevem um processo variável de condicionamentos idênticos para as duas variedades em estudo. A frequência da regra mais elevada no Porto poderia fortalecer a posição sobre a mudança no sistema do PB, entretanto não há pesquisas anteriores a partir das quais seja possível confirmar a estabilidade da regra na variedade europeia, enquanto a comparação com resultados anteriores aponta o crescimento da aplicação da elisão entre os falantes de Porto Alegre. Assim, pode-se inferir sobre a atuação da tese da ancianidade da língua (NARO e SCHERRE, 2007), ou seja, de que não há em PB formas ou processos pelos quais PE não tenha passado e, por ser uma variedade mais “jovem”, a frequência esteja em processo de crescimento já alcançado pelo PE.

Por fim, entende-se ter alcançado o principal objetivo desta tese, que, além de descrever os processos de elisão nas duas variedades e apontar evidências para a comparação entre PB e PE – principalmente a partir da discussão sobre o padrão rítmico –, instigou a reflexão sobre aspectos metodológicos e fonológicos relevantes para a realização de pesquisas posteriores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B. M. **Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e causal do Português do Brasil.** Cadernos de Estudos Linguísticos, n. 2, p. 23-44, 1981.
- ABAURRE, M. B. M. **Acento frasal e processos fonológicos segmentais.** Letras de Hoje, n. 31(2), p. 41-50, 1996.
- ABAURRE, M. B. M. & GALVES, C. M. C. **As diferenças rítmicas entre o Português Europeu e o Português Brasileiro: uma abordagem otimalista e minimalista.** D.E.L.T.A., n. 14 (2), 1998.
- ABERCROMBIE, David. **Elements of general phonetics.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 1967.
- ALENCASTRO, A. P. M. **A elisão da vogal média /o/ em Porto Alegre – RS e Curitiba – PR.** Dissertação de Mestrado, PUCRS, 2008.
- ANDRADE, Ernesto d' and MATEUS, Maria Helena Mira. **The phonology of Portuguese.** New York : Oxford University, 2000.
- ANDRADE, E. **Aspects de la phonologie (Générative) du Portugais.** Lisboa: INIC, 1977.
- BAILEY, Guy and TILLERY, Jan. **Some Sources of Divergent Data in Sociolinguistics.** In: FOUGHT, Carmen. Sociolinguistic Variation: Critical Reflections. New York: Oxford University, 2004 b. 11 – 30.
- BARBOSA, Cláudia Soares. **A Elisão da Vogal Média /e/ no Sul do Brasil: Uma regra Variável.** Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre, 2005.
- BARBOSA, Cláudia Soares; BRESCANCINI, Cláudia Regina. **A elisão da vogal média /e/ no sul do Brasil.** Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 40, n.3, p. 39-56, 2005.
- BARBOSA, P.A. **“Syllable-timing in Brazilian Portuguese”:** Uma Crítica a Roy Major. Delta, vol. 16, nº 2, 369 – 402. 2000.
- BARBOSA, P. A. **Incursões em torno do ritmo da fala.** Campinas: Pontes Editores, 2006.

BISOL, Leda. **Sândi vocálico externo: degeminação e elisão**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, (23): 83-101, jul/dez 1992.

_____. **Sândi Externo: O Processo e A Variação**. In: KATO, Mary. (Org.). Gramática do Português Falado: Convergências. Campinas, SP, 1996, v. V, p. 55-96.

_____. **A elisão e a degeminação no VARSUL**. In: BISOL, Leda & BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.) Fonologia e variação: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. **Sandhi in Brazilian Portuguese**. Probus, Berlin, New York, n. 15, p. 177-200, 2003.

_____. **Harmonização Vocálica: efeito parcial e total**. Organon, Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 49-61, jan./jun. 2013.

BRESCANCINI, Cláudia Regina, BARBOSA, Cláudia Soares. **A elisão da vogal média /e/ no sul do Brasil**. Letras de Hoje. Porto Alegre: EDIPUCRS, P.39-56, SETEMBRO, 2005.

CABRÉ, T.; PRIETO, P. **Positional and metrical prominence effects on vowel sandhi in Catalan**. In: FROTA, S.; VIGÁRIO, M.; FREITAS, M. J. (eds.). Prosodies. Mouton de Gruyter: The Hague, p. 123-158, 2005.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Uma Reflexão Crítica sobre a Teoria Sociolinguística**. D.E.L.T.A., 26:1, 2010.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1968.

CASTILHO, A. T. . **História do português de São Paulo: apresentação**. Filologia e Linguística Portuguesa, v. 13, p. 7-16, 2011.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the Theory of Syntax**. Mass.: MIT, 1965.

CHOMSKY, Noam, HALLE, Morris. **The sound pattern of English**. New York: Harper and Row. xiv, 470 pages. Boston: MIT Press, 1968.

CLUP. **Arquivo Dialectal do CLUP**. Centro de Linguística da Universidade do Porto. Porto, 2012 Disponível em <http://cl.up.pt/arquivo>.

COELHO, Adolfo. **Os Dialectos Românicos ou Neolatinos na África, na Ásia e América**. Estudos Linguísticos Crioulos. Reedição de Artigos Publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Academia Internacional de Cultura Portuguesa, 1967.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

CRUZ, Marion Costa. **As Vogais Médias Pretônicas em Porto Alegre – RS: Um Estudo sobre o Alçamento sem Motivação Aparente**. Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre, 2010.

DUARTE, Luís Miguel. **História do Porto em BD**. Porto: Edições ASA, 2001.

DELGADO MARTINS, Maria Raquel. **Fonética do Português: Trinta Anos de Investigação**. Lisboa: Editora Caminho, 2002.

ELLISON, Mark; VIANA, Maria do Céu. **Antagonismo e Elisão das Vogais Átonas em PE**. In: Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, vol. III, Lisboa, APL, 1995.

FERNANDES, Ana Catarina Garcia. **Apagamento de Vogais Átonas em Trissílabos Proparoxítonos: um Contributo para a Compreensão da Supressão Vocálica em Português Europeu**. Dissertação de Mestrado, Porto, Universidade do Porto, 2007.

FOLKES, Paul. **Sociophonetics**. In: Brown, Keith (ed.). *Encyclopedia of Language and Linguistics*. 2nd ed. Amsterdam, 2006.

FROTA, S; VIGÁRIO, M. **Aspectos de prosódica comparada: ritmo e entonação no PE e no PB**. Lisboa: Universidade de Lisboa, ms. 1999.

FROTA, S. **Prosody and focus in European Portuguese**. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1998. Publicado por Garland Publishing (series Outstanding Dissertations on Linguistics) New York/London, 2000.

GALVES, C. M. C. . **A Colocação de Clíticos no Português Europeu**. In: VII ENCONTRO DA ANPOLL, 1994, Caxambu. ATAS DO VII ENCONTRO DA ANPOLL, 1994. v. 2. p. 889-902.

GIL, Luis Reyes. **Guia de Portugal**. The Key Guide. Publifolha, 2009.

GUY, G. R. **Language and social class**. In: NEWMeyer, F. J., pp. 37-63, 1989.

GONÇALVES, Cintia Schivinski. **Taxa de Elocução e de Articulação em Corpus Forense do Português Brasileiro**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

HAYES, B. **The Prosodic hierarchy in meter**. In: KIPARSKY, P.; YOUMANS, G. (Eds.) Rhythm and meter. Phonetics and phonology 1. New Yor: Academic Press, 1989, p. 201-260.

HOLM, John. **Pidgins and Creoles**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

HOUAISS, Antônio. (1985). **O português no Brasil**. Rio de Janeiro: UNIBRADE.

ITÔ, Junko. **Syllable Theory in Prosodic Phonology**. Tese (Doutorado, PhD) – University of Massachussets, 1986.

KLUNCK, Patrícia. **Alçamento da Vogais Médias Pretônicas sem Motivação Aparente**. Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre, 2007.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University Pensiylvania, 1972a. _____ . **Principles of Linguistic change**. Volume II: Social Factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LAVANDERA, B. R. **Where does the sociolinguistic stop?** In: Language Society 7. London, 1978. p. 171-182.

LAWRENCE, H. R. e; TAGLIAMONTE, S. A. **Goldvarb 2001: a multivariate analysis application for Windows**, 2001.

LEITE DE VASCONCELLOS, José. **Esquisse d'une Dialectologie Portugaise**. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa/Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987 [1901].

LIBERATO, Yara Goulart. **Alterações vocálicas em final de palavra e a regra da palatalização.** In: Yara Goulart Leberato e Mario A. Perni (Org.) *Ensaio de Lingüística*. Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 1978.

LUCCHESI, Dante. **As duas grandes vertente da história sociolingüística do Brasil.** D.E.L.T.A. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 17, n.1, p. 97-132, 2001.

LUCCHESI, Dante . **O contato entre línguas e o conhecimento da linguagem humana.** Revista do GELNE (UFC), João Pessoa, v. 5, n.1-2, p. 55-62, 2004.

LUDWIG-GAYER, Juliana Escalier. **Os processos de sândi externo: análise variacionista da fala de São Borja.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **As dimensões rítmicas da elisão em português arcaico.** Araraquara: FCL/UNESP, 1995.

MATEUS, Maria Helena Mira. **Aspectos da Fonologia Portuguesa.** Publicações do Centro de Estudos Filológicos de Lisboa. Lisboa, 1975.

_____. **A investigação em Fonologia do Português.** D.E.L.T.A., 17, Especial, 2001. (57 – 79).

_____. **Uma Política de Língua para o Português.** Lisboa: Edições Colibri, 2002.

_____. **A Mudança da Língua no Tempo e no Espaço.** In: Mateus e Bacelar (orgs.). *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa: Editorial Caminho, 2005.

MATEUS, Maria Helena Mira, BACELAR, Fernanda. **A língua portuguesa em mudança.** Lisboa: Editora Caminho, 2005.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **A diversidade do português brasileiro.** Estudos Linguísticos e Literários, Salvador, n.5, p. 35-45, 1986.

_____. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Sobre o Programa para a história da língua portuguesa (PROHPOR) e sua inserção no Projeto Nacional Para a história do Português Brasileiro (PHPB).**

Estudos Lingüísticos e Literários, v. 1, p. 53-64, 2006.

MEIRELLES, Alessandro R. **Self-organizing rhythms in Brazilian Portuguese: speech rate as a system perturbation.** Saarbrücken: VDM Verlag, 2009.

MEIRELLES, Alessandro R., SILVA, Jair de Almeida. **Estudo Sociofonético do Ritmo da Fala Capixaba.** Journal of Speech Sciences 1(1):3-13, 2011.

MORAIS BARBOSA, Jorge. **Études de phonologie portugaise.** 2ª ed. Évora: Universidade de Évora, 1983.

_____. **Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português.** Coimbra: Almedina, 1994.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Garimpo das origens do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NESPOR, Marina and VOGEL, Irene. **Prosodic Phonology.** Foris Publications, U.S.A: 1986.

NOLL, Volker. **O português brasileiro: formação e contrastes.** São Paulo: Globo, 2008.

PIKE, K. N. **The intonation of American English.** Michigan: Ann Arbor – University of Michigan Press, 1945.

POPLACK, Shana. **Deletion and disambiguation in Puerto Rican Spanish.** Language, n. 56, p. 371-385, 1980.

RODRIGUES, Maria Celeste. **Lisboa e Braga: Fonologia e Variação.** Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa. Lisboa, 2000.

RODRIGUES, Maria Celeste. **Lisboa e Braga: Fonologia e Variação.** Lisboa: FGT/ FCT, 2004.

SANKOFF, David. **Variable rules.** In: AMMON, Ulrich, DTTMAR, Norbert e MATTEIR, Klaus J. (eds.) Sociolinguistics: an international handbook of the science language and society. New York: Walter de Gruyter, 1988, p. 984-998.

SEGURA, Luisa (2013). **Variedades dialetais do português europeu**. In: E. B. P. Raposo et al. (orgs.). Gramática do Português. Volume 1. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 83-142.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 5 ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1992.

SELKIRK, E. O. **Prosodic domains in phonology: Sanskrit revisited**. In: ARONOFF, M; KEAN, M. L. (Eds) *Juncture*. Saratoga, Calif.: Anma Libri, 1980.

SERRA, Carolina R. **Realização e Percepção de Fronteiras Prosódicas no Português do Brasil: Fala Espontânea e Leitura**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

SOUSA DA SILVEIRA. **Fonética Sintática**. Rio de Janeiro: GB, 1971.

SPALDING, Walter. **Esbôço histórico do município de Pôrto Alegre**. Editora: Typographia do Centro S. A. Porto Alegre, 1940.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Analysing Sociolinguistic Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, F. **Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX**. In: Roberts, Ian & Mary A. Kato, pp. 69-102, 1993.

TENANI, Luciani. **Sândi vocálico e estrutura prosódica**. Estudos Lingüísticos, n. 31, São Paulo: Ed. Eletrônica, 2001.

_____. **Domínios Prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos**. Tese (Doutorado em Lingüística) - UNICAMP, Campinas, São Paulo: 2002.

_____. **Domínios Prosódicos no PB: evidências rítmica, entoacional e segmental**. Estudos lingüísticos XXXV, p.118 – 138, 2006.

VARGAS, Leticia . **A elisão da vogal média /o/ em Florianópolis – SC. Relatório de Atividades de Iniciação Científica**. PIBIC/CNPq. Porto Alegre, 2006.

VELOSO, João. **Schwa em European Portuguese: The Phonological Status de [i].** *Journées d' Études Linguistiques*. 27-28 juin, 2007. Nantes, France.

_____. **Considerações sobre o estatuto fonológico de [i] em Português Europeu.** *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literatura*. II série, vol. XXII, p. 621 – 632.

VELOSO, Brenda. **O sândi vocálico externo e a morfologia: análise de um corpus da variedade lingüística goiana.** *Letras de Hoje*. Porto Alegre. V. 38, n° 4, p. 339-346, dezembro, 2003.

VIEIRA, M. J. B. **As vogais médias postônicas: uma análise variacionista.** In: BISOL, Leda & BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

VIANNA, Paula. **Sândi Vocálico externo: o processo e a variação na cidade de Florianópolis – SC.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2009.

VIGÁRIO, M. **Aspectos da prosódia do Português Europeu.** Braga: Universidade do Minho, 1998.

WITTMANN, Luzia, PÊGO, Tânia & SANTOS, Diana. **Português do Brasil e de Portugal: alguns contrastes.** In *Actas do XI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (Lisboa, 2-4 de Outubro de 1995) (pp.465-487). Lisboa: APL, 1995.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) participante,

Eu, Ana Paula Mello Alencastro, professora, portadora do CPF 008875050-74, desenvolverei uma pesquisa para fins de desenvolvimento da tese “O APAGAMENTO DE VOGAIS EM FRONTEIRA DE VOCÁBULOS NO PORTUGUÊS: EVIDÊNCIAS PARA O TRATAMENTO DO FENÔMENO DE ELISÃO”, requisito final para obtenção do título de Doutora em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, localizada em Porto Alegre - RS.

A sua participação em meu trabalho envolve uma entrevista de experiência pessoal e a leitura de uma lista de frases de assunto aleatório, atividades das quais você poderá desistir a qualquer momento. A duração da entrevista e da leitura da lista de frases terá duração aproximada de 1 hora e 30 minutos e será registrada com o auxílio de um gravador de voz digital. A utilização dos dados obtidos através desses meios será unicamente científica, auxiliando na construção da referida.

Os resultados deste estudo serão publicados, mas seu nome não aparecerá e será mantido o mais rigoroso sigilo, através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo.

Desde já agradeço sua contribuição para o estudo proposto.

Atenciosamente,

Ana Paula Mello Alencastro - Pesquisadora

Telefone (51) 95742203

Cláudia Regina Brescancini – Orientadora

Telefone (51) 33203676

Comitê de Ética (PUCRS)

Telefone (51) 33203345

Porto Alegre, Março de 2012.

Consinto em participar da pesquisa,

Assinatura

Local e data

Comitê de Ética em Pesquisa
CEP - PUCRS

ANEXO B – FICHA SOCIAL DO INFORMANTE

Ficha Social do Informante

Nome: _____

Idade: _____

Sexo: () Feminino () Masculino

Escolaridade: _____

Endereço: _____

Naturalidade: _____

Data de Nascimento: _____

Profissão: _____

Estado Civil: _____

Morou em outra localidade? () Sim Não ()

Onde? _____ Quanto tempo? _____

Filhos: () Sim () Não

Quantos: _____

Sexo: _____

Escolaridade: _____

Sexo: _____

Escolaridade: _____

Sexo: _____

Escolaridade: _____

Entrevistador: _____

Data da Entrevista: __/__/__

Duração da Entrevista: _____